



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
LINGUÍSTICOS**



IAGO GUSMÃO SANTIAGO

**A NOMEAÇÃO NA BAHIA SETECENTISTA:
ESTUDO DA TOPONÍMIA DE BASE PORTUGUESA NO MAPA DA CAPITANIA DA
BAHIA DE TODOS OS SANTOS (1761-1807)**

O presente trabalho foi realizado com apoio da
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal
de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código
de Financiamento 001.

IAGO GUSMÃO SANTIAGO

**A NOMEAÇÃO NA BAHIA SETECENTISTA:
ESTUDO DA TOPONÍMIA DE BASE PORTUGUESA NO MAPA DA CAPITANIA DA
BAHIA DE TODOS OS SANTOS (1761-1807)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros.

Feia de Santana
2021

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado -UEFS

S226

Santiago, Iago Gusmão

A nomeação na Bahia setecentista: estudo da toponímia de base portuguesa no mapa da Capitania da Bahia de Todos os Santos (1761-1807) / Iago Gusmão Santiago. – 2021.

237 f.: il.

Orientadora: Liliane Lemos Santana Barreiros.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Feira de Santana, 2021.

1. Toponímia baiana. 2. Toponomástica descritiva. 3. Linguística histórica. 4. Cartografia – Bahia setecentista. 5. Capitania da Bahia de Todos os Santos. 6. Mecanismos de nomeação. I. Título. II. Barreiros, Liliane Lemos Santana, orient. III. Universidade Estadual de Feira de Santana.

CDU: 801:912(814.2)“1761/1807”

TERMO DE APROVAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO


IAGO GUSMÃO SANTIAGO

**A NOMEAÇÃO NA BAHIA SETECENTISTA:
ESTUDO DA TOPONÍMIA DE BASE PORTUGUESA NO MAPA DA CAPITANIA DA
BAHIA DE TODOS OS SANTOS (1761-1807)**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 23 de fevereiro de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Liliame Lemos Santana Barreiros – Orientadora
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)



Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros – Membro interno
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)



Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra – Membro externo
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me guiado até aqui, ter sido o meu sustento durante a escrita deste trabalho e pelo privilégio de estudar uma das maravilhas da Sua criação;

À minha esposa, Stephanne da Cruz Santiago, companheira na vida e na academia, por todo o apoio e amor doados, e pela leveza da sua companhia que tornou mais agradáveis os dias de trabalho intenso, desgaste físico e emocional;

À minha família, meus pai Reinaldo Oliveira Santiago e, em especial, minha mãe, Ana Célia Gusmão Santiago, pelo incentivo à leitura, por ter me feito sempre acreditar que seria capaz das conquistas que quisesse e pelas orações que me ajudaram nos momentos difíceis; aos meus irmãos pela confiança e ajuda;

À minha orientadora Liliane Lemos Santana Barreiros, pelos aconselhamentos, orientações, cuidados, confiança e palavras de ânimo nos momentos de dificuldade;

Ao professor Patrício Nunes Barreiros, meu primeiro orientador, pelas contribuições na minha formação como pesquisador, o estímulo e as sugestões para aprimoramento deste trabalho;

À professora Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, pela leitura cuidadosa do trabalho e as inestimáveis contribuições para o seu aprimoramento;

À CAPES, pelo incentivo financeiro tão importante que proporcionou dedicar-me exclusivamente a este trabalho;

À Biblioteca Nacional, pela disponibilização do acervo on-line;

Aos colegas e amigos do *Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais* (NeiHD) que fazem parte da minha trajetória, sempre dispostos a colaborar e compartilhar conhecimentos;

Aos grandes amigos que me acompanharam durante esse processo, seja por meio de conversas sobre a pesquisa ou sobre os altos e baixos da vida acadêmica. Em especial, a Aline de Freitas, Aislan Aquino, Dayane de Cássia, Lara Cardoso, Juliana Rocha, Sabrina Santana, Liz Mota, Kate Rayanny, Luciane Soares e Geovânio Nascimento.

Então levantou-se Jacó pela manhã de madrugada, e tomou a pedra que tinha posto por sua cabeceira, e a pôs por coluna, e derramou azeite em cima dela.

E chamou o nome daquele lugar Betel: o nome porém daquela cidade antes *era* Luz (BIBLIA, Gênesis, 28, 18-19).

[...] do hebr. *Beth El*, “casa de Deus” (MACHADO, 1981a, verbete).

RESUMO

A presente dissertação trata-se de um estudo toponímico em que foram analisados 212 topônimos de base portuguesa registrados em um mapa da Capitania da Bahia de Todos os Santos. O *corpus* foi extraído de três documentos que se encontram disponíveis no acervo digital da Biblioteca Nacional e cuja datação foi atribuída entre o período de 1761 a 1807 (HAVRE, 2019). O estudo desse *corpus* se justifica pelo fato de os mapas apresentarem marcas de oralidade na grafia dos topônimos e por registrarem um número expressivo de microtopônimos do interior baiano, o que não ocorre em obras cartográficas do período. A preparação dos dados para a análise foi realizada por meio da quadriculação e da transcrição dos topônimos com a indicação da localização nos mapas. Para a análise dos topônimos, foi elaborada uma ficha lexicográfico-toponímica idealizada para descrever os designativos nos níveis etimológico, grafo-fonético, morfossintático e semântico. Neste estudo, também é apresentada uma proposta de classificação dos mecanismos de nomeação voltada para a realidade brasileira. A pesquisa se encontra fundamentada nos princípios teórico-metodológicos da lexicologia (BIDERMAN, 2001; LARA, 2005), da toponomástica descritiva, no que concerne às discussões sobre a dinâmica toponímica (TRAPERO, 1995; SEABRA, 2004, 2006b; BARREIROS e BARREIROS, 2016; entre outros), da classificação da motivação semântica (DORION e HAMELIN, 1966; DICK, 1980; 1990; 1992; AGUILERA, 1999, entre outros), e da classificação dos mecanismos de nomeação (STEWART, 1954; 1970; 1975; TENT e BLAIR, 2011). Os três mapas contam com 411 ocorrências, que correspondem a 359 topônimos, dos quais apenas 212 são de base portuguesa, sendo os demais híbridos ou provenientes de outros estratos. Dos topônimos portugueses, 50 são acidentes de natureza física e 162 de natureza humana, nos quais foram identificados processos de mudança a nível fonético e morfossintático, além da presença de unidades dialetais inovadoras. Quanto às taxonomias, predominam as de natureza antropocultural, com 128 ocorrências, enquanto as de natureza física totalizam 84 ocorrências. Com relação aos mecanismos, foram identificados 86 processos de toponimização, 104 de descrição e 22 híbridos. A dissertação também conta com um *corpus toponymicum* listado no apêndice A. Por fim, destacam-se neste trabalho a contribuição descritiva da toponímia baiana do período colonial e a contribuição teórico-metodológica, a partir da proposta de análise dos mecanismos de nomeação.

Palavras-chave: Linguística Histórica. Toponomástica. Toponímia baiana. Cartografia. Mecanismos de nomeação.

ABSTRACT

The present dissertation is a toponymic study in which 212 Portuguese-based toponyms registered on a map of the Capitania da Bahia de Todos os Santos were analyzed. The corpus was extracted from three documents that are available in the digital collection of the Biblioteca Nacional and their dating was attributed between the period from 1761 to 1807 (HAVRE, 2019). The study of this corpus is justified by the fact that the maps present orality marks in the spelling of the toponyms and because they register an expressive number of microtoponyms from the inland areas of Bahia, which does not occur in cartographic works of the period. The preparation of the data for the analysis was carried out by means of rasterization and the transcription of the toponyms with the indication of the location on the maps. For the analysis of the toponyms, a lexicographic-toponymic form was created, idealized to describe the names in the etymological, graphic and phonetic, morphosyntactic and semantic levels. In this study, it is also presented a proposal to classify the naming mechanisms focused on the Brazilian reality. This research is based on the theoretical-methodological principles of lexicology (BIDERMAN, 2001; LARA, 2005), of descriptive toponomastics, with regard to discussions on toponymic dynamics (TRAPERO, 1995; SEABRA, 2004, 2006b; BARREIROS e BARREIROS, 2016; among others), the classification of semantic motivation (DORION and HAMELIN, 1966; DICK, 1980; 1990; 1992; AGUILERA, 1999, among others), and the classification of naming mechanisms (STEWART, 1954; 1970; 1975; TENT and BLAIR, 2011). The three maps have 411 occurrences, corresponding to 359 toponyms, of which only 212 are Portuguese-based, and the others are hybrids or from other strata. From the Portuguese toponyms, 50 are accidents of physical nature and 162 of human nature, in which processes of change were identified at the phonetic and morphosyntactic level, in addition to the presence of innovative dialect units. As for taxonomies, those of anthro-cultural nature predominate, with 128 occurrences, while those of physical nature total 84 occurrences. Regarding the mechanisms, were identified 86 processes of toponymization, 104 of description and 22 hybrids. This dissertation also has a toponymic corpus listed in the appendix A. Finally, the descriptive contribution of the Bahian toponymy of the colonial period and the theoretical-methodological contribution, based on the proposed analysis of the naming mechanisms, stand out in this work.

Keywords: Historical Linguistics. Toponomastics. Bahian toponymy. Cartography. Naming mechanisms.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Eixos vertical e horizontal da pesquisa toponímica	25
Figura 2 -	Eixos sincrônico e diacrônico da pesquisa toponímica	29
Figura 3 -	Procedimentos para a classificação taxonômica	53
Figura 4 -	Campo semântico da elevação do terreno em <i>El Escobenal</i>	55
Figura 5 -	Componentes semânticos dos mecanismos de nomeação	66
Figura 6 -	Título do <i>Mapa da Comarca dos Ilheos</i>	74
Figura 7 -	Mapa quadriculado	77
Figura 8 -	Ilustrações do ambiente físico próximo às formas <i>boqueirão</i>	192
Figura 9 -	Representação do ambiente físico próximo às formas <i>barra</i>	192
Figura 10 -	MCB1 quadriculado	218
Figura 11 -	MCB2 quadriculado	225
Figura 12 -	MCI quadriculado	233

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Modelo de ficha toponímica	78
Quadro 2 -	Categorias e propriedades morfossintáticas	80

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Terminologia relativa à classificação taxonômica	42
Tabela 2 -	Síntese das taxonomias de natureza física e antropocultural	50
Tabela 3 -	Ampliação das taxes de natureza física e antropocultural	51
Tabela 4 -	Taxes híbridas	60
Tabela 5 -	Tradução da tipologia toponímica do ANPS	67
Tabela 6 -	Proposta de classificação dos mecanismos de nomeação	71
Tabela 7 -	Símbolos correspondentes entre os mapas	76
Tabela 8 -	Acidentes físicos	189
Tabela 9 -	Acidentes humanos	190
Tabela 10 -	Topônimos reduzidos por acidente e taxonomia	193
Tabela 11 -	Características gráficas dos topônimos	194
Tabela 12 -	Tipologia dos processos fonéticos	195
Tabela 13 -	Casos de designação genérica	196
Tabela 14 -	Composição $^{gen}N_x [S_x] + ^{esp}N_x [Adj_x]$	196
Tabela 15 -	Estrutura dos específicos introduzidos por preposição	197
Tabela 16 -	Preposições na estrutura interna do topônimo	198
Tabela 17 -	Frequência das classes de palavra	199
Tabela 18 -	Frequência das taxonomias	201
Tabela 19	Topônimos com mais de um constituinte semântico	202
Tabela 20 -	Distribuição dos micromecanismos	206
Tabela 21 -	Transcrição dos topônimos do MCB1	219
Tabela 22 -	Transcrição dos topônimos do MCB2	226
Tabela 23 -	Transcrição dos topônimos do MCI	234

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Natureza dos acidentes nomeados	188
Gráfico 2 -	Léxico toponímico	191
Gráfico 3 -	Tipologia das abreviaturas	194
Gráfico 4 -	Classificação dos específicos	198
Gráfico 5 -	Taxonomias de natureza física e antropocultural	200
Gráfico 6 -	Macromecanismos identificados no <i>corpus</i>	203
Gráfico 7 -	Distribuição dos mesomecanismos descritivos	204
Gráfico 8 -	Distribuição dos mesomecanismos por toponimização	204

LISTA DE ABREVIATURAS

AF	Acidente Físico
AM	Acidente Humano
ANPS	<i>Australian National Placenames Survey</i>
ATB	Atlas Toponímico do Brasil
ATOBAH	Atlas Toponímico da Bahia
e.g.	<i>Exempli gratia</i> (por exemplo)
GdC	Guia de Caminhantes
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICOS	<i>International Congress of Onomastic Sciences</i>
MCB1	Mapa da Comarca da Bahia 1
MCB2	Mapa da Comarca da Bahia 2
MCI	Mapa da Comarca de Ilhéus
neiHD	Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais
red.	Redução
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNEB	Universidade do Estado da Bahia

LISTA DE SÍMBOLOS

X [X]	Detalhamento morfológico
[x]	Representação fonética
//	Representação fonológica
< >	Representação grafemática
« »	Representação semântica
>	Substituído por
<	Substituto de
()	Segmento conjecturado
~	Variação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 FUNDAMENTOS DA TOPONOMÁSTICA DESCRITIVA	19
2.1 OBJETIVO E FUNÇÃO DA TOPONOMÁSTICA DESCRITIVA	20
2.1.1 A descrição do diassistema toponímico	30
2.2 A DESCRIÇÃO SISTEMÁTICA DO SIGNIFICADO TOPONÍMICO	37
2.2.1 Breve panorama dos estudos toponímicos no Brasil	43
2.2.2 Desafios da classificação da motivação semântica	51
2.2.3 A descrição dos constituintes semânticos	59
2.2.4 A classificação dos mecanismos de nomeação	62
3 METODOLOGIA	73
3.1 CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> DA PESQUISA	73
3.2 FICHA TOPONÍMICA	77
4 ESTUDO DA TOPONÍMIA BAIANA SETECENTISTA	82
4.1 FICHAS TOPONÍMICAS	82
4.2 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS	188
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	207
REFERÊNCIAS	210
APÊNDICE A - <i>CORPUS TOPONYMICUM</i>	218

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação consiste em um estudo da toponímia baiana setecentista de base portuguesa, tendo como *corpus toponymicum* os topônimos registrados no *Mapa da Comarca da Bahia*, composto por três mapas produzidos entre os anos de 1761 e 1807, segundo a datação proposta por Havre (2019), disponíveis no *Acervo Digital da Biblioteca Nacional*. Para dar conta das especificidades dos dados encontrados, foi necessária uma descrição vertical dos designativos, considerando seus aspectos grafo-fonéticos, morfossintáticos, semânticos e etimológicos, com o intuito de evidenciar as marcas sociodialetais que perpassam estas unidades, bem como caracterizar a *scripta* dos mapas. O estudo dos topônimos presentes nos mapas mostra-se relevante para os estudos toponímicos na Bahia por apresentarem dados de microtopônimos do sertão baiano, algo raro nos mapas do período, além de formas variantes para topônimos já analisados a partir de outros *corpora*.

A onomástica é a disciplina linguística que se ocupa das questões teóricas e metodológicas que envolvem o estudo dos nomes e do processo de nomeação. Apesar da grande diversidade tipológica de nomes, a onomástica conta com duas disciplinas mais desenvolvidas: a antroponomástica, voltada ao estudo dos nomes próprios de pessoas, e a toponomástica, ao estudo dos nomes próprios de lugares. Assim, a toponomástica, subdisciplina da onomástica, tem por objeto de investigação uma das mais produtivas formas de nomeação e uma das que mais preserva, na estrutura de seus constituintes, os vestígios do complexo processo nominativo: a toponímia.

Segundo Marcato (2009, p. 10), a variação terminológica no nome das disciplinas ocorre desde as suas origens, prevalecendo, no italiano, o uso de antroponímia, em lugar de antroponomástica, e toponomástica, em lugar de toponímia. Segundo Hough (2016, p. 3), o termo toponomástica é recomendado na lista de termos onomásticos, produzida pelo *International Congress of Onomastic Sciences (ICOS 2011)*, com a intenção de desfazer a ambiguidade entre a disciplina e o objeto. Da mesma forma, Marcato (2009, p. 105, grifo da autora) destaca que “[...] segundo a orientação terminológica atual deve-se distinguir entre *toponímia* (a documentação) e *toponomástica* (o estudo)”¹. No Brasil, o uso dos termos antroponímia e toponímia para referir-se à disciplina tem prevalecido, porém, alguns autores já têm optado pela nomenclatura mais atual, como é feito neste trabalho. Quanto aos adjetivos utilizados para caracterização do estudo, considera-se, por analogia, duas possibilidades

¹ Texto original: “[...] secondo l’orientamento terminologico attuale si dovrebbe distinguere tra toponimia (la documentazione) e toponomastica (lo studio)”.

produtivas de designação: ‘estudo toponomástico’, com ênfase na disciplina, em comparação com ‘estudo lexicológico’, ‘dialeológico’; e estudo toponímico, com ênfase no objeto, como em ‘estudo lexical’, ‘dialetoal’.

A pesquisa toponímica consolidou-se como disciplina autônoma no início do século XX, a partir da publicação de *Les noms de lieux* de Aubert Dauzat (1926), alcançando um alto grau de desenvolvimento na década de 1950, com diversos centros na América e na Europa. No Brasil, após uma larga tradição de estudos etimológicos, Maria Vicentina Dick, em sua tese intitulada *A Motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxonômicos* (1980), introduz uma abordagem propriamente onomástica, com um método de classificação taxonômica direcionado à realidade toponímica brasileira. Desde então, em diversos estados brasileiros, iniciou-se a elaboração das variantes estaduais do *Atlas Toponímico do Brasil* (ATB), que se fundamentam metodologicamente nas pesquisas realizadas e nos procedimentos adotados pela autora, para quem a preocupação central encontrava-se nos eixos dialeológico, etimológico e taxonômico:

Pode-se dizer, portanto, que o *Atlas Toponímico do Brasil* tem como proposta o levantamento dos topônimos estaduais, corporificados nos elementos da paisagem, em suas distintas distribuições tipológicas. Representa assim, a parte prática da pesquisa onomástica, do ponto de vista dialeológico (estratos lexicais presentes no português do Brasil), etimológico e taxionômico (categorias motivadoras) (DICK, 2007, p. 154).

Os estudos toponímicos da Bahia se iniciam com a tese de doutorado de Ricardo Tupiniquim Ramos (2008), intitulada *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudanças*, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), primeiro centro de estudos toponímicos. No entanto, uma agenda sistemática de estudo dos nomes de lugares só foi iniciada em 2015, com a criação do *Atlas Toponímico da Bahia* (ATOBAH), variante estadual do ATB, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus I, sob a coordenação da Profa. Dra. Celina Márcia de Souza Abbade. Outros estudos toponímicos vêm sendo desenvolvidos na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), sob a coordenação da Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros, e na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus VI, pelo Prof. Dr. Ricardo Tupiniquim Ramos. Os estudos toponímicos até então, desenvolvidos na Bahia, apresentam dois enfoques principais: a descrição dos designativos atuais na toponímia baiana, a partir do mapeamento pelos territórios de identidade, e a descrição dos designativos em outros períodos históricos, por intermédio de uma perspectiva documental.

No *Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais* (neiHD), localizado na UEFS, foram desenvolvidos alguns estudos toponímicos sob a orientação de Liliane Barreiros, segundo duas linhas: uma documental e a outra de campo. A documental, resultante da parceria entre o ATOBAH e o projeto *Estudos Lexicais no Acervo de Eulálio Motta* (CONSEPE/UEFS 137/2017), que toma por base os documentos do escritor Eulálio Motta presentes em seu acervo pessoal, sendo possível destacar, dentro desta linha, os trabalhos de Barreiros e Barreiros (2016), com os causos populares; Santiago (2018), com os textos publicados no jornal *Mundo Novo*, semanário do interior baiano; e Trindade (2020), com o *corpus* dos panfletos. Já a pesquisa de campo consiste num estudo bilíngue da toponímia feirense, em língua portuguesa e em libras, vinculada ao projeto de pesquisa *Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras* (CONSEPE 044/2018), dos quais é possível destacar as pesquisas realizadas por Jesus (2019), que analisou os bairros de Feira de Santana, e Ferreira (2019), com o estudo do centro comercial da cidade.

Além da análise da toponímia setecentista registrada nos mapas, a presente dissertação contribui para o desenvolvimento dos estudos toponímicos na Bahia com uma discussão acerca da metodologia empregada na descrição toponímica, com algumas considerações sobre a análise vertical dos topônimos, em diversos níveis linguísticos; a classificação taxonômica, a partir da motivação semântica; e uma proposta de estudo dos mecanismos de nomeação. Com respeito à classificação da motivação semântica, discute-se sobre a necessidade de uma abordagem funcional do significado toponímico, mais próxima do significado utilizado pelo nomeador, considerando o fator dialetológico não apenas a nível de distribuição diatópica de formas, mas também das variações semânticas que estas formas podem apresentar. Por outro lado, a introdução dos estudos acerca dos mecanismos de nomeação, proposta rejeitada por Dick (1990; 1992), possibilita a compreensão sobre as maneiras de nomear, considerando os diversos tipos de descrição linguística utilizados pelos nomeadores e as modalidades não descritivas de nomeação, especialmente, os deslocamentos dentro do próprio diassistema toponímico.

A dissertação está estruturada em cinco seções. A primeira consiste nesta *Introdução*. Na segunda, intitulada *Fundamentos da toponomástica descritiva*, discute-se sobre os princípios teórico-metodológicos que norteiam a toponomástica descritiva, o seu objetivo e a sua função na condição de disciplina linguística (cf. subseção 2.1 *Objetivo e função da toponomástica descritiva*); as questões metodológicas que devem ser observadas na descrição sistemática dos processos de nomeação, preocupação metodológica central para a

demonstração dos padrões nominativos de cada área geográfica (cf. subseção 2.3 *A descrição sistemática do significado toponímico*). O objetivo desta seção é apresentar as principais questões teórico-metodológicas que envolvem a toponomástica descritiva, bem como uma revisão crítica das categorias teóricas essenciais para o estudo apresentado.

Na terceira seção, intitulada *Metodologia*, é explicado o método utilizado para a realização do estudo toponímico proposto. A seção se subdivide em duas subseções: na primeira, são explicitados os procedimentos adotados na constituição do *corpus* da pesquisa: o estudo filológico do mapa e as normas para a transcrição dos topônimos (cf. subseção 3.1 *Constituição do corpus da pesquisa*); na segunda, é apresentada a ficha toponímica utilizada e os níveis de análise considerados para, posteriormente, compará-los na análise quantitativa (cf. subseção 3.2 *Ficha toponímica*). Nessa seção, são explicitadas questões mais pontuais com respeito ao método e às tomadas de decisões voltados à toponomástica histórica com base em fontes cartográficas.

Nas duas últimas seções são apresentados e discutidos os resultados da dissertação. Na quarta seção, intitulada *Estudo da toponímia baiana setecentista*, são apresentados os resultados da pesquisa. Na subseção 4.1, intitulada *Fichas toponímicas*, apresenta-se as fichas toponímicas preenchidas e ordenadas pela ordem de ocorrência. Na subseção 4.2, intitulada *Discussão e análise dos dados*, apresenta-se a análise quantitativa dos topônimos considerando todos os níveis de análise presente nas fichas toponímicas, com o intuito de determinar as formas predominantes e os diferentes padrões designativos presentes no *corpus toponymicum*. Na quinta e última seção, intitulada *Considerações finais*, discute-se sobre as contribuições desta pesquisa e perspectivas futuras. Por fim, no *Apêndice A*, apresenta-se o *corpus toponymicum*, contendo todas as 411 ocorrências dos topônimos identificados nos mapas.

2 FUNDAMENTOS DA TOPONOMÁSTICA DESCRITIVA

Os estudos toponímicos, assim como os demais estudos onomásticos, sempre tiveram lugar no âmbito da investigação linguística, ainda que não fosse o mais adequado. Na linguística dos oitocentos, a avalanche dos estudos históricos impulsionou a análise etimológica e fonética com o intuito de deslindar as relações de parentesco entre as línguas e, neste contexto, os topônimos que alcançaram a condição de fóssil linguístico² tornaram-se a matéria prima ideal para fomentar diversas hipóteses sobre o contato linguístico e cultural que desencadeou a ramificação das línguas na Europa. Na linguística moderna, principalmente a partir da década de 1950, os estudos toponímicos ganham novo fôlego e o topônimo passa a ser visto como uma unidade linguística funcional, não apenas um fóssil que armazena informações para o estudo histórico de uma língua, mas um integrante de uma categoria linguística mais complexa: o nome. Atualmente, a área tem adquirido um imenso prestígio na esfera dos estudos lexicais, reintroduzindo a categoria dos nomes de lugar no centro das discussões linguísticas, culturais, sociais e históricas que envolvem a formação, o funcionamento e a mudança lexical, além de lidar com problemas propriamente onomásticos, como o estudo do fenômeno da nomeação.

Nesta seção, serão abordadas questões cruciais para a pesquisa em toponomástica, a iniciar pela circunscrição do seu campo de atuação. Qual o lugar da toponomástica dentro dos estudos linguísticos? Qual é o seu objetivo? Qual o seu método específico que lhe assegura um lugar como disciplina autônoma? Um olhar para a larga tradição desenvolvida no decorrer do século XX ajuda a responder estas questões, ou, pelo menos, apontar alguns direcionamentos. Nesse sentido, discute-se o caráter transversal do signo toponímico, que pode ser analisado tomando como ponto de partida a forma do significante, passando pelos elementos que constituem a estrutura do seu significado e chegando aos fatores que restringem o seu emprego no discurso. Assume-se, assim, que apenas a análise conjunta dos mais variados níveis de descrição dos topônimos pode levar a uma compreensão globalizante da nomeação toponímica e do uso dos topônimos nos atos de fala.

Em seguida, na *subseção 2.2*, intitulada *A descrição sistemática do significado toponímico*, se discutirá sobre o processo epistemológico de desenvolvimento de uma noção sistemática nos estudos toponímicos e os fundamentos para a formação dos princípios

² Fósseis linguísticos são lexias que se tornaram improdutivas em uma língua a partir de um determinado período (CRYSTAL, 1988). Os fósseis linguísticos dependem diretamente de uma interpretação etimológica como é o caso de lexias do Tupi antigo.

taxonômicos, cujas abordagens começaram a ser estruturadas a partir da década de 1950: Stewart (1954; 1970; 1975), nos Estados Unidos; Salazar-Quijada (1975), na Venezuela; Dick (1980; 1990; 1992), no Brasil; Tent e Blair (2011), na Austrália, entre outros. As diferentes abordagens alternam entre o estudo dos mecanismos semânticos de nomeação³ e o estudo da motivação semântica, sendo esta última adotada por Dick para a realidade brasileira. A análise desse processo servirá de base para uma reflexão metodológica: é produtivo realizar uma análise integral dos aspectos linguísticos do topônimo, que descreva, de forma conjunta, tanto a motivação semântica como os mecanismos de nomeação? A partir dessa discussão, se busca encontrar novos horizontes teóricos e metodológicos para os estudos toponímicos na Bahia e no Brasil.

2.1 OBJETIVO E FUNÇÃO DA TOPONOMÁSTICA DESCRITIVA

A função da linguística é descrever, analisar e explicar a natureza da linguagem humana. A linguística se subdivide em disciplinas voltadas à análise dos níveis de articulação do seu objeto. A lexicologia é a disciplina que se ocupa do nível lexical das línguas, seja descrevendo o léxico de uma determinada língua ou comparando as estruturas lexicais de línguas distintas, discriminando as semelhanças e as diferenças existentes. Tomando como base essas descrições, ela propõe teorias explicativas e determina as universalidades e as relatividades que modelam o nível lexical. A lexicologia transita entre todas as modalidades de linguística, partindo do levantamento e análise inicial em atos de fala, textos orais ou escritos, para o estudo de todo o inventário lexical de uma variedade linguística ou de todo o diassistema em questão. Compete também à lexicologia observar o léxico do ponto de vista cognitivo, descrevendo o seu papel no processamento da linguagem no cérebro.

A tarefa de descrever e analisar o léxico de uma língua histórica, ou seja, os conjuntos léxicos funcionais que constituem um diassistema linguístico, não é simples. Diferente dos níveis da gramática, que são mais suscetíveis a substituições do que ampliações, o léxico é um sistema aberto (BIDERMAN, 2001), capaz de incluir novos itens e remover outros de acordo com as necessidades dos falantes e os contatos interculturais, por meio dos quais “armazena e acumula as mudanças sociais e culturais representativas de uma sociedade” (BARREIROS, 2017, p. 112), o que torna constante a necessidade de novas descrições. Além de dinâmico, o léxico é um componente heterogêneo, composto por uma série de unidades com

³ Algumas abordagens consideram também o fator etimológico para a constituição de modelos taxonômicos.

funcionalidades distintas que exigem métodos de investigação e modelos teóricos específicos. Essa diversidade nos componentes do léxico levou ao surgimento de disciplinas especializadas, como a terminologia, a fraseologia e a onomástica, ora incluídas como subdisciplinas da lexicologia, na condição de disciplina nuclear, ora pensadas como disciplinas autônomas pelos respectivos especialistas.

A nomeação é a força motora que organiza e reorganiza o universo conceitual, constituindo, assim, o léxico das línguas naturais. Couto (2013) ressalta que as línguas se constituem, filogenética e otogeneticamente, em um processo onomasiológico, em que os falantes, partindo dos conceitos e das coisas ao seu redor, criam novos signos linguísticos por meio do processo de nomeação. Esse processo altamente complexo que, de modo simultâneo, categoriza, avalia e registra as impressões geradas da interação entre o nomeador, a língua e o universo extralinguístico, é um dos mecanismos centrais da faculdade da linguagem e uma das ferramentas pelas quais os falantes podem exercer livremente a criatividade linguística tão evidenciada nos postulados de Chomsky. A nomeação é, portanto, o indício das limitações de um determinismo semântico e da autonomia dos falantes no exercício da língua.

A onomástica é a disciplina que se ocupa da categoria lexical dos nomes e do processo de nomeação. A abrangência da sua atuação vai desde as categorias exclusivamente onomásticas, topônimos, antropônimos, etnônimos, astrônimos etc., às nomeações em um sentido *lato*, ajudando a compreender as performances mais corriqueiras de renovação lexical que consistem em atitudes semasiológicas, de onde derivam as “as polissemias, as sinonímias, as ambiguidades, as paráfrases e toda uma série de recursos que enriquecem a língua” (COUTO, 2013, p. 280). Todavia, o seu principal objetivo é a caracterização teórica dos nomes próprios, definindo o que são os nomes, qual a sua função e como atuam na estrutura das línguas naturais, bem como tentar formular hipóteses explicativas para o processo de nomeação, averiguando relações de causalidade na atribuição de um dado nome a um ente específico, atividade que pode conduzir a identificação de universais nominativos. Para esse fim, é necessário descrever e analisar as diversas formas de nomeação, nomes próprios de pessoas, lugares, corpos celestes, mitos, personagens literários, identificar padrões de nomeação e explicar, sempre que possível, os motivos subjacentes à nomeação, discutindo aspectos cognitivos, sociais, históricos, culturais e ideológicos. A investigação sistemática desses aspectos é o que tem contribuído para a formulação de uma teoria dos nomes (STEWART, 1953).

Segundo Lara (2006, p. 243), a onomástica é uma disciplina “[...] desprezada pela linguística moderna que, no entanto, constitui um dos temas de interesse da vida social”⁴. Essa marginalização foi decorrente de inúmeros fatores, como a dificuldade de enquadramento da própria lexicologia na linguística estrutural, que se deu, principalmente, sob a forma de semântica estrutural, na Europa, sem encontrar grandes expoentes na linguística estadunidense da primeira metade do século XX, que apresentava uma tendência a abordagens formalistas a-semânticas; o fato dos nomes, assim como as unidades fraseológicas, não poderem ser estruturados a partir dos mesmos critérios semânticos aplicados às unidades lexicológicas; e a grande aproximação da onomástica à etimologia, disciplina dissociada da linguística sincrônica devido ao seu objeto essencialmente histórico. Segundo Hough (2016, p. 1, grifo nosso):

O estudo dos nomes, conhecido como “onomástica”, é uma disciplina antiga e jovem. Desde a Grécia antiga, os nomes são considerados centrais no estudo da linguagem, lançando luz sobre como os humanos se comunicam e organizam seu mundo. [...] **A investigação das origens do nome, por outro lado, é mais recente, não se desenvolvendo até o século XX em algumas áreas, estando ainda hoje em estágio formativo em outras.** Aqui, a ênfase está na etimologia, rastreando sistematicamente a derivação de nomes individuais no tempo, e os dados resultantes forneceram uma rica base de evidências para a investigação de tópicos históricos e linguísticos. Relativamente novo é o estudo de nomes na sociedade, que se baseia em técnicas da sociolinguística e vem ganhando força gradualmente nas últimas décadas.⁵

A toponomástica, assim como os demais ramos da onomástica, esteve marginalizada no quadro teórico da linguística moderna. No entanto, dita marginalização diz respeito à falta de integração desses estudos às teorias de linguística geral, que dificilmente reservavam em seu escopo um espaço para os nomes próprios de lugar, mas não deve ser pensada como sinônimo de improdutividade. Desde os estudos toponímicos desenvolvidos por Dauzat (1926), na França, com o lançamento da sua obra *Les noms de lieux*, uma vasta quantidade de estudos foi realizada ao longo do século XX, em diversos países da Europa. Na América,

⁴ Texto original: “[...] desairada por la lingüística moderna que, sin embargo, constituye uno de los temas de interés de la vida social”.

⁵ Texto original: “[The] study of names, known as ‘onomastics’, is both an old and a young discipline. Since Ancient Greece, names have been regarded as central to the study of language, throwing light on how humans communicate with each other and organize their world. [...] The investigation of name origins, on the other hand, is more recent, not developing until the twentieth century in some areas, and being still today at a formative stage in others. Here the emphasis is on etymology, systematically tracing the derivation of individual names back through time, and the resulting data have provided a rich evidence base for the investigation of historical and linguistic topics. Relatively new is the study of names in society, which draws on techniques from sociolinguistics and has gradually been gathering momentum over the last few decades”.

pode-se destacar a ampla contribuição das pesquisas canadenses, impulsionadas pelo trabalho dos geógrafos da *Société de Géographie de Québec*, fundada em 1877, e estadunidenses, filiados a *American Dialect Society*, da qual se emanciparam somente em 1951 com a fundação da *American Name Society*.

Para Lara (2006), a onomástica, por conseguinte, a toponomástica, são disciplinas filiadas à etimologia. Tal perspectiva diz muito sobre a tendência das pesquisas desenvolvidas ao longo da história dos estudos toponímicos, entretanto, é limitado diante do alcance teórico e descritivo que a disciplina adquiriu atualmente. Para Durkin (2009, verbete), a etimologia é:

[o] rastreamento da forma e significado da história de uma palavra, onde há uma dúvida sobre um estágio na história de uma palavra ou onde o registro documental falha; (uma explicação ou explicação hipotética para) a forma e a história do significado de uma palavra”⁶.

Segundo o autor, a etimologia não corresponde à semântica histórica, e atua diferente das demais disciplinas históricas, como fonologia, sintaxe e morfologia, já que é muito difícil se atingir uma explicação satisfatória sobre a história de um item lexical mobilizando apenas um nível linguístico. Nesse sentido, a etimologia se dedica a aplicação “[...] no nível de **uma palavra individual**, de métodos e percepções extraídas de muitas áreas diferentes da linguística histórica, a fim de produzir um relato coerente da história dessa palavra”⁷. (DURKIN, 2009, p. 3, grifo nosso). Nesse sentido, a função do estudo etimológico está na identificação de relações genealógicas entre itens lexicais, observando as conexões entre o significante e o significado destes itens ao longo da história, com o intuito de formular uma hipótese sobre a sua origem e de elucidar os significados de formas linguísticas desconhecidas.

A toponomástica, por outro lado, tem por objeto de estudo a toponímia, o conjunto de topônimos, nomes próprios de lugar, que recobrem uma determinada área geográfica. Os estudos toponímicos contribuem exponencialmente para a teoria onomástica devido à grande quantidade de pesquisas desenvolvidas com os nomes próprios de lugar e a facilidade de interpretação da motivação subjacente a esta categoria, se comparada com a antroponímia, por exemplo. As questões relacionadas ao processo de nomeação e ao funcionamento dos nomes são também demandas da toponomástica teórica que, no entanto, manifesta estas

⁶ Texto original: “The tracing of the form and meaning history of a word, where there is a doubt about a stage in a word’s history, or where the documentary record fails; (an account of or hypothesized explanation for) the form and meaning history of a word”.

⁷ Texto original: “[...] the application, at the level of an individual word, of methods and insights drawn from many different areas of historical linguistics, in order to produce a coherent account of that word’s history”.

preocupações de modo direcionado ao seu objeto. Ao selecionar um lugar como *locus* de pesquisa, a disciplina parte do *designatum*, a ‘coisa’ nomeada⁸, para o significante, numa perspectiva onomasiológica, ocupando-se em descrever e analisar todas as formas linguísticas usadas para designá-lo.

Nesse percurso, o estudo toponímico lida com topônimos de proveniências diversas e que se encontram sobrepostos ou paralelos na linha temporal, muitas vezes, sem nenhuma relação genealógica. Ou seja, a toponomástica não se ocupa de estudar apenas relações genealógicas na toponímia, mas considera os processos de nomeação como um fenômeno de língua funcional e não apenas de língua histórica (TRAPERO, 1995), mesmo apesar da necessidade de explorar questões etimológicas no âmbito dos estudos toponímicos, graças ao seu aspecto essencialmente fossilizador de formas linguísticas. Nesse sentido, considera-se que, de fato, a toponomástica surge com uma forte filiação à etimologia, mas também a outras disciplinas voltadas ao estudo do léxico, como a dialetologia e a terminologia e, atualmente, possui o seu objeto particular de análise: o nome de lugar, na condição de signo onomástico.

A toponomástica se estrutura em duas esferas: a toponomástica teórica e a descritiva. A toponomástica teórica se ocupa das questões como a explicação do nome próprio, como fato linguístico e sociocultural; da toponímia, como um sistema linguístico funcional; e da nomeação de lugar, como um processo cognitivo que compartilha mecanismos com outras formas de nomeação, ou seja, observa a nomeação de forma abstrata, independente de um diassistema linguístico. A toponomástica descritiva, por outro lado, se ocupa da descrição da toponímia de uma área, considerando cada estrato linguístico que a compõe. Nesse contexto, a toponomástica descritiva dialoga com a teórica ao adequar os métodos teórico-descritivos à realidade toponímica local, estabelecendo, assim, modelos que fornecerão as bases para os problemas de toponomástica teórica. A pesquisa em toponomástica descritiva é uma tarefa que mobiliza diversos níveis de abstração⁹ linguística do sintagma toponímico, num *continuum* que vai da esfera do significante à do significado, e deve atender satisfatoriamente a duas dimensões: a vertical e a horizontal (cf. figura 1).

⁸ Mesmo quando não há a identificação precisa do *designatum*, por falta de dados documentais, a identificação do tipo do acidente nomeado permite compreender as diferentes formas de nomear acidentes diversos, físicos e humanos: rios, ilhas, fazendas, vilas.

⁹ Os níveis de abstração referidos não correspondem aos níveis de articulação das línguas naturais, como é o caso do nível etimológico, ou a subdivisões de um mesmo nível, como ocorre com os mecanismos e a motivação, ambos pertencentes ao nível semântico.

Figura 1 - Eixos vertical e horizontal da pesquisa toponímica



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

A pesquisa vertical consiste na análise de um topônimo nos mais variados níveis de abstração linguística do objeto: grafo-fonético, morfossintático, etimológico, semântico-motivacional, semântico-mecanístico e discursivo. O estudo de cada um destes níveis é de extrema relevância para a compreensão da constituição sócio-histórica da toponímia de uma área geográfica. A depender das questões propostas diante de um topônimo, é válida a exploração de parte ou apenas um dos níveis de análise, no entanto, é necessário lembrar que algumas questões só podem ser respondidas satisfatoriamente a partir da descrição e análise conjunta de mais de um nível. De modo geral, diversos níveis de análise são explorados nas fichas lexicográfico-toponímicas utilizadas nos subprojetos regionais do ATB, porém, em muitos casos, as informações mais aprofundadas se restringem aos dados históricos, já que a ênfase é a caracterização do perfil designativo de cada área geográfica delimitada a partir do aspecto semântico-motivacional.

O nível grafo-fonético corresponde à análise das formas escritas, para delas decodificar os processos fonéticos envolvidos, e das formas sonoras, quando os dados são coletados a partir de gravações de áudio. A análise grafo-fonética, além de auxiliar os estudos etimológicos, que se voltam a reconstrução de formas para determinar a filiação etimológica, possibilita a sistematização de fenômenos fonéticos que atingem o significante toponímico ao longo da história. Por outro lado, o estudo dos aspectos fonéticos permite distinguir as variantes populares dos topônimos, geralmente desconsideradas pelos órgãos oficiais, e o estudo das formas gráficas possibilita a revisão das formas registradas em fontes secundárias, como as enciclopédias do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que apresentam a forma gráfica atualizada de alguns topônimos de outros períodos históricos.

O morfossintático é o nível das estruturas composicionais dos designativos que permite analisar os padrões de formação dos topônimos em uma língua, ou seja, da organização interna de seus constituintes. A estrutura morfossintática dos topônimos pode seguir fórmulas composicionais da língua do nomeador para compor estruturas no ato da nomeação, como o uso de sintagmas preposicionais, a exemplo de *Conceição do Galo* (AH¹⁰, BA), *Conceição da Feira* (AH, BA), bem como reutilizar estruturas fixas já estabelecidas nesta língua, sendo apenas uma transposição simples de uma unidade do léxico para o diassistema toponímico, como *Deus me livre* (AH, BA), *Pela Beirão* (AH, BA), *Nos convém* (AH, BA), sendo, portanto, resultado de um reaproveitamento de uma lexia e não uma construção própria do ato designativo. No entanto, com exceção do uso de unidades fraseológicas, as barreiras entre a composição e a toponimização nem sempre são tão nítidas. O que cabe à toponomástica descritiva em termos de morfossintaxe é descrever as estruturas composicionais, verificar a frequência e também observar como os processos formativos interferem no nível semântico. Há também processos de derivação próprios da nomeação de lugares, com a utilização de sufixos com significado locativo, como as formas em *-landia*, *-vila*, como *Teofilândia* (AH, BA) e *Agrovila 9* (AH, BA), ou com significados diversos, como o caso da formação de diminutivos em *Camisãozinho* (AF, BA). A análise morfossintática também contribui para a resolução de problemas etimológicos e a descrição dos processos predominantes na mudança toponímica.

O etimológico é o nível que abrange a descrição dos estratos linguísticos que compõem a toponímia e a pesquisa etimológica dos topônimos com um alto grau de opacidade. Pesquisar os aspectos etimológicos possibilita o resgate de informações para, em seguida, interpretar os aspectos semânticos e os mecanismos de nomeação ocultados pela falta de acesso ao significado. Explorar aprofundadamente esse nível exige domínio das teorias e métodos da etimologia, assim como o conhecimento dos diversos estratos linguísticos que integraram a toponímia de um território. Geralmente, os toponimistas se utilizam de pesquisas etimológicas para subsidiar a análise toponímica e obter informações como o étimo do topônimo e o estrato linguístico de onde este étimo provém. No caso do português brasileiro, o conhecimento das línguas originárias, nos períodos pré-colonial, colonial e pós-colonial; das línguas europeias, dos períodos de ocupação e de migração de europeus; e das línguas negroafricanas, dos diversos estratos de povos escravizados trazidos do continente africano, são de extrema relevância para a análise desse nível.

¹⁰ Dick (1990) utiliza a sigla AH para identificar exemplos de acidentes humanos e AF para acidentes físicos.

O nível semântico-motivacional corresponde à esfera do significado dos itens lexicais cristalizados no significante toponímico. É, na tradição toponomástica das línguas românicas, um dos níveis de análise mais privilegiados, contando com abordagens sistemáticas diversas: Dick (1990; 1992), no Brasil, Salazar-Quijada (1985) na Venezuela, Trapero (1995) e García Arias (1995), na Espanha, Marcato (2009), na Itália, dentre outros. A análise do nível semântico-motivacional se dá por meio do emprego de modelos taxonômicos que categorizam os topônimos com base na interpretação do significado recuperado a partir do significante toponímico. Muitas vezes, para a interpretação dos designativos, é necessário transcender a análise do étimo próximo, ou seja, o significado próximo ao do léxico funcional do denominador, e considerar informações sócio-históricas, já que existem diversos outros fatores que condicionam o processo de seleção semântica e que não podem ser recuperados apenas pelo estudo intralinguístico. Todavia, nem sempre é possível recuperar estas informações contextuais pela falta de registro, escassez ou dificuldade de acesso a fontes documentais. O uso desses modelos taxonômicos possibilita uma descrição semântica e o mapeamento geolinguístico da realidade toponímica de um território e das influências provenientes do ambiente.

O semântico-mecanístico é o nível dos mecanismos de nomeação, que correspondem ao ‘como’ um denominador utiliza os itens lexicais para compor o sintagma toponímico. É um nível altamente complexo, exclusivo da análise onomástica, e também depende tanto da análise do significado como de fatores extralinguísticos. O primeiro toponimista a discutir os mecanismos de nomeação foi Stewart (1954), ao propor um modelo sistemático a partir das categorias que antes eram descritas isoladamente pelos toponimistas. Atualmente, diversas propostas têm sido apresentadas visando superar limitações da proposta de Stewart (1954) ou adequar a análise dos mecanismos à realidade local. A abordagem não foi introduzida no território brasileiro, principalmente, pela oposição de Dick (1990;1992) ao modelo apresentado por Stewart, no entanto, o modelo passou por diversos ajustes ao longo dos anos, um deles feito pelo próprio autor (STEWART, 1975), sendo a proposta mais recente a apresentada pelos toponimistas australianos Tent e Blair (2011).

O discursivo é o nível das especificidades discursivas do uso de um topônimo, no qual são observados se existem fatores que o condicionam, como situação comunicativa formal/informal, gêneros textuais, assunto, usos metafóricos, além da morfossintaxe externa do topônimo, observando o seu comportamento dentro das sentenças. É um nível que, apesar de ser extremamente relevante, é pouco explorado no âmbito dos estudos toponímicos. Uma

das dificuldades para a análise desse nível é a necessidade de se consultar fontes documentais diversas para observar as diferenças de uso em cada língua funcional materializada em tipos específicos de documentação. No caso do contexto sintático externo, é necessária uma documentação em que os topônimos figurem em um contexto, não servindo a essa finalidade os topônimos extraídos de cartas geográficas, dicionários ou outros tipos de documentos em que apareçam isoladamente. A análise também possibilita a sistematização de outras formas de toponímia paralelas ou alternativas que transcendem à dicotomia oficial/popular.

A pesquisa horizontal, por outro lado, concentra-se na descrição de todo um diassistema toponímico, seja ele local, regional, nacional, observando os mesmos processos em diversos *designata* para determinar os padrões nominativos de uma área geográfica. Algumas das questões de pesquisa da toponomástica só podem ser analisadas do ponto de vista horizontal, como a cosmovisão de um grupo sociocultural, a decisão de nomear, registrando os espaços que são ou não nomeados, a existência de tipos marcados de topônimos que tendem a ser mantidos ou substituídos, entre outras questões. Outras dependem de uma interação entre o vertical e o horizontal, como o desenvolvimento de hipóteses explicativas sobre a nomeação ou a renomeação de um lugar ou o detalhamento da variação e mudança toponímica.

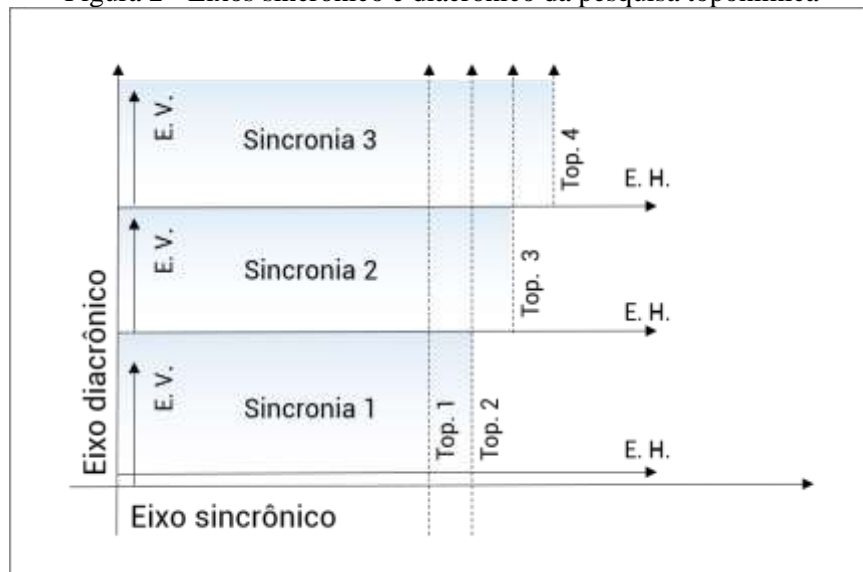
A extensão do *corpus toponymicum*, conjunto de topônimos compilados para a pesquisa, e o tempo disponível para a execução da proposta também são fatores determinantes para a escolha de uma abordagem majoritariamente vertical ou horizontal. A pesquisa vertical que se debruça sobre todos os níveis de análise toponímica denomina-se plena, as pesquisas vertical e horizontal que se debruçam sobre apenas um ou parte dos níveis de análise denominam-se parciais. A pesquisa horizontal também pode ser considerada plena caso dê conta de uma área geográfica que pode ser isolada das demais por critérios linguísticos, geográficos, históricos, sociais e culturais. Quanto mais detalhada for a análise dos níveis em uma pesquisa vertical, mais reduzida será a extensão do *corpus toponymicum*. Há também a abordagem híbrida, que mescla parcialmente questões verticais e horizontais, é o estudo das formas de difusão de um designativo dentro de um território, como o feito por Seabra (2006a) ao estudar os nomes contendo a forma *gualacho*.

Tanto a pesquisa vertical, como a horizontal podem ser aplicadas no eixo sincrônico e diacrônico. Em uma pesquisa vertical diacrônica, é possível explorar todos os níveis de análise em cada estágio designativo identificado, desde o primeiro momento de nomeação de um lugar, observando as diferentes formas atribuídas a ele ao longo do tempo, tanto as que se

sobrepõem, como as formas paralelas. Já em uma pesquisa horizontal, é possível comparar um ou mais níveis de análise, tanto em sincronia, como na proposta de Dick (1992), quanto em diacronia, como na abordagem adotada por Ramos (2008). Todavia, é necessário considerar que a distinção entre sincronia e diacronia, problema também complexo para outros domínios da linguística, apresenta grandes desafios para a toponomástica descritiva, dada a dificuldade que se tem para determinar o momento do surgimento de um topônimo, visto que os decretos datam apenas a oficialização e nem sempre a origem de um nome, que pode ser proveniente de deslocamento de um topônimo mais antigo, por exemplo.

Dessa forma, é mais seguro determinar as diferentes fases da toponímia a partir de seus registros documentais datados, distinguindo, assim, as formas mais antigas e as mais inovadoras a partir do aparecimento destas nos *corpora*, mapeando as divergências temporais que permeiam a formação da toponímia atual. A exploração completa, tanto do eixo horizontal como do vertical, de forma sincrônica e diacrônica, é o objetivo final da pesquisa toponímica e configura-se como a agenda universal da toponomástica descritiva.

Figura 2 - Eixos sincrônico e diacrônico da pesquisa toponímica



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Para além dos eixos vertical e horizontal, sincrônico e diacrônico, a pesquisa toponímica deve ser pensada em graus de transdisciplinaridade. É possível realizar uma investigação toponímica que se ocupe de uma descrição puramente intralinguística, no entanto, não se pode perder de vista que há uma grande limitação explicativa nesse tipo de abordagem. O toponimista, considerando as perguntas que se propõe a responder, necessita dialogar com áreas afins, como a geografia, a história, a antropologia, a sociologia, a biologia,

assim como as áreas da linguística que possuem mais experiência no cruzamento fatores intra e extralinguísticos, como a sociolinguística, a dialetologia e a etnolinguística. A abordagem estabelecida, além de possibilitar uma compreensão mais ampla dos fatos, contribuirá para o desenvolvimento mútuo das disciplinas.

2.1.1 A descrição do diassistema toponímico

Pensar a língua como um sistema, noção central dos postulados saussurianos, foi essencial para a consideração do caráter estruturado da linguagem articulada. No entanto, a noção de sistema encontra-se vinculada ao princípio de uniformidade que termina por sobrepor uma norma linguística sobre as demais, ainda que o critério não seja o grau de prestígio social. Conceber a língua como um sistema homogêneo implica no isolamento das categorias e fatores externos que condicionam e modificam esse sistema, possibilitando uma abstração que permite um maior controle teórico-descritivo, já que formas variantes não se encaixariam no modelo. Essa abstração, no entanto, pode dar conta de mecanismos universais das línguas, mas é limitada em descrever as diferenças geradas na interação entre tais mecanismos e os contextos socioculturais em que se encontram os falantes. Segundo Weinreich (1954, grifo do autor):

Independentemente de toda a sua heterogeneidade, a linguística estrutural define uma língua como um sistema organizado. [...] Mas como a organização deve ter um escopo finito, um dos principais problemas em uma descrição linguística estrutural é a delimitação de seu objeto, o sistema específico descrito. Somente em casos ideais, o linguista pode afirmar estar descrevendo uma ‘linguagem’ inteira no sentido não técnico da palavra. Na prática, ele deve delimitar seu objeto para algo menos. Uma das etapas que ele executa é classificar determinados itens em seus dados como intercalações de outros sistemas, ou seja, como elementos ‘sincronicamente estranhos’ (por exemplo, *bon mot* em uma frase em inglês). Outro passo é garantir que apenas uma variedade do agregado de sistemas que o leigo chama de ‘linguagem’ seja descrita. Essas etapas são tomadas para garantir que o material descrito seja uniforme. Este parece ser um requisito fundamental da descrição estrutural¹¹ (WEINREICH, 1954, p. 388-389).

¹¹ Texto original: Regardless of all its heterogeneity, structural linguistics defines a language as an organized system. [...] But since organization must have a finite scope, one of the major problems in a structural linguistic description is the delimitation of its object, the particular system described. Only in ideal cases can the linguist claim to be describing a whole ‘language’ in the non-technical sense of the word. In practice he must delimit his object to something less. One of the steps he takes is to classify certain items in his data as intercalations from other systems, i.e. as ‘synchronically foreign’ elements (e.g. *bon mot* in an otherwise English sentence). Another step is to make certain that only one variety of the aggregate of systems which the layman calls a ‘language’ is described. These steps are taken in order to insure that the material described is uniform. This seems to be a fundamental requirement of structural description.

O princípio de uniformidade que, segundo Weinreich (1954), foi adotado pela descrição estrutural não consegue depreender a complexidade das línguas naturais. Por conta disso, a noção de diassistema apresentada pelo autor é relevante pois introduz no escopo descrição linguística a ideia de que, apesar de haver um núcleo compartilhado de traços linguísticos pela maioria dos falantes de uma língua, existem outras características que se restringem a comunidades de falantes específicas, constituindo pequenos sistemas em relação de integração. Em termos de língua, esse núcleo compartilhado corresponde ao que Coseriu (1980) chama de língua histórica, “língua constituída historicamente como unidade ideal e identificada como tal pelos seus próprios falantes e pelos falantes de outras línguas” (COSERIU, 1980, p. 110), e.g. português, francês, espanhol. Em termos de dialeto, é possível pensar, dentro de um diassistema linguístico mais abrangente, como o da língua portuguesa, em pequenos diassistemas observáveis à medida que a língua é estratificada em grupos linguísticos menores, como o do português brasileiro, angolano e europeu, ou dentro do próprio português brasileiro, um português nordestino ou baiano, nesses contextos, pode-se falar em línguas funcionais.

Do ponto de vista das línguas minoritárias e minorizadas, principalmente pelos mecanismos colonialistas, a dicotomia língua histórica/língua funcional não é tão nítida. Isso porque o núcleo desse diassistema não passou por um processo de fixação por parte da intervenção das políticas linguísticas que fomentaram os mecanismos que convergência, “[...] letramento, normalização, controle administrativo centralizado, escolarização, mídia¹²” (ROMAINE, 2000, p. 9, tradução nossa), havendo certa dificuldade em se estabelecer fronteiras linguísticas em situações de multilinguismo. Nesses casos, inclusive, o termo língua histórica é demasiado limitado, já que a maioria destas línguas não se encontram historicizadas, ou seja, satisfatoriamente documentadas e descritas.

Para além da dicotomia língua/dialeto, Coseriu (1980) define diassistema linguístico como “um conjunto mais ou menos complexo de ‘dialetos’, ‘níveis’ e ‘estilos de língua’” (COSERIU, 1980, p. 112), considerando que a questão da diversidade linguística sistemática não é só gerada apenas por fatores diatópicos, mas que também atinge níveis diastráticos e diafásicos. Além disso, os próprios microssistemas se entrecruzam dentro do diassistema, causando diferenças mais marcadas no interior de uma comunidade de fala. Assim, é necessário considerar que essa heterogeneidade não se restringe apenas a constituição de uma

¹² Texto original: [...] literacy, standardization, centralized administrative control, schooling, media.

língua histórica, mas se estendem a cada língua funcional existente, possibilitando outras formas de estratificação internas. Segundo Coseriu (1980):

Observe-se ainda, que, normalmente, nenhum desses ‘sistemas’ é (mais ou menos) homogêneo, quando considerado de um só ponto de vista: para cada dialeto se podem estabelecer diferenças diastráticas e diafásicas (e daí níveis e estilos de língua); para cada nível, diferenças diatópicas e diafásicas (dialeto e estilos) e para cada estilo, diferenças diatópicas e diastráticas (dialeto e níveis). Outrossim, os limites entre níveis e entre estilos de língua podem ser diferentes segundo os vários dialetos, e os limites entre os estilos podem também ser diferentes conforme os vários níveis (COSERIU, 1980, p. 113).

O diassistema linguístico pode ser descrito em cada nível de análise das línguas naturais, assim, é possível delimitar as fronteiras, as isoglossas, a nível fonético-fonológico, morfológico, semântico e lexical. O léxico é uma parte do diassistema linguístico composta pela integração de lexias, unidades lexicais abstratas, que apresentam certa estabilidade quanto ao significante e ao significado. Essas entidades virtuais do léxico são compostas por um paradigma de formas que se manifestam em atos de fala concretos, as formas de palavra (POLGUÈRE, 2018). Além das relações associativas que ligam as formas de palavra que compõem uma mesma lexia, há outras redes associativas que estabelecem conexões entre cada lexia armazenada na memória. Tais relações se constituem por processos de cognição e ordenação da realidade (BIDERMAN, 2001), orientado por um contexto sociocultural que delimita os limites de cada léxico funcional, o léxico modelado dentro de um universo de discurso, que compõe o diassistema lexical de uma língua.

A toponímia é uma esfera do léxico das línguas direcionada à demarcação linguística de áreas geográficas. Ela consiste em uma estrutura de nomenclaturas que nasce da busca por ordenação, descrição e delimitação do espaço geográfico, sendo um reflexo das relações que os falantes com ele estabelecem. Esse conjunto de nomes resulta de um processo complexo em que estágios designativos se somam ou se sobrepõem, preservando em seus significantes as cosmovisões de grupos linguísticos e socioculturais diversos. As formas de designar, bem como as categorias semânticas selecionadas variam entre as comunidades de fala dentro de um diassistema, como também de língua para língua, principalmente pela gama de condicionantes sociais e culturais que delineiam a estrutura de cada língua ou dialeto.

Trapero (1995), ao indagar se a toponímia é uma questão de língua histórica ou de língua funcional, destaca a relevância de se considerar o fenômeno em seu duplo aspecto: “[a] toponímia de qualquer lugar se apresenta como o resultado de múltiplas línguas funcionais

sucedidas no tempo¹³” (TRAPERO, 1995, p. 24). Em cada uma destas línguas funcionais, subsistemas de uma língua histórica, é possível identificar contribuições para a toponímia de um território, provenientes de comunidades de fala diversas. A toponímia é, portanto, um produto dos léxicos funcionais de grupos linguísticos e socioculturais que ocuparam uma determinada área geográfica em diferentes momentos históricos. Na toponímia brasileira, por exemplo, o período de dominação territorial portuguesa deixou fortes vestígios do léxico católico utilizado pelos colonizadores, refletidos na hierotoponímia e, especialmente, na hagiotoponímia difundida em todo o território explorado.

Cada estrato formador da toponímia consiste em uma língua funcional, sendo necessário compreendê-los em suas especificidades. Essas especificidades podem se manifestar na esfera do significado, questão que será abordada na seção 2.2 *A descrição sistemática do significado toponímico*, mas se mostram de forma mais evidente no âmbito do significante, que registra as formas lexicais próprias de uma região fixadas pelo ato denominativo, bem como os modos de pronunciar próprios de uma comunidade de fala que transformam o significante, seja pela nomeação espontânea já condicionada por processos fonéticos, seja pela acomodação fonológica. Segundo Seabra (2004):

Os nomes de lugares, como parte integrante da língua usada por uma comunidade, estão sujeitos, como todos seus outros elementos, a variações decorrentes da hesitação de uso entre diversas formas de um mesmo vocábulo. Essas variações costumam ser de ordem analógica, fonética, morfossintática, lexical e, ainda, ocorrer nas chamadas reduções ou elipses (SEABRA, 2004, p. 343).

Há diversas formas de variação dentro do diassistema toponímico que podem se dar a partir de relações dinâmicas entre as esferas oficial/oficial, oficial/popular e popular/popular. A toponímia oficial, entendida como “[n]ome do local consagrado por uma decisão da autoridade coronímica apropriada¹⁴” (DORION; POIRIER, 1975, verbete). Entende-se por ‘consagrado’ o processo de oficialização de um nome que, muitas vezes, já está em uso na região e é aceito pelos órgãos oficiais, como também o que ocorre quando os órgãos oficiais decidem não adotar um determinado topônimo, ocasionando a substituição destes nomes, por um processo de nomeação sistemática, nos termos de Dauzat (1926). Esse processo de mudança sistemática pode ocorrer por questões diversas, seja por conflitos socioculturais,

¹³ Texto original: La toponimia de cualquier lugar se nos ofrece como el resultado de múltiples lenguas funcionales sucedidas en el tiempo.

¹⁴ Texto original: Nom de lieu qui a été consacré par une décision de l'autorité choronymique appropriée.

como ocorreu com a massiva sobreposição de hagiotopônimos a camada toponímica originária, no Brasil, como por razões administrativas, conforme ocorreu com *Itabira* (AH, BA), que passou a chamar-se *Itapura* após o Decreto-lei nº 5.901, de 21 de outubro de 1943, emitido por Getúlio Vargas, que “estabeleceu normas para eliminar a repetição de topônimos de cidades e vilas no país” (BARREIROS; BARREIROS, 2016, p. 245).

Esse processo de intervenção nem sempre resulta em mudanças, mas desencadeia um processo de variação que provoca a coexistência de dois ou mais nomes oficiais, denominados nomes alternativos (DORION; POIRIER, 1975). A pesquisa em documentos históricos brasileiros, na cartografia, dicionários e outros tipos de documentação oficial tem evidenciado o registro de formas variantes para diversos designativos oficiais, como no *Livro do Tombo*, editado por Vicente (2013), por exemplo, no qual há uma série de designações para a capital Salvador: *Cidade da Bahia* ou *Cidade do Salvador da Bahia de todos os santos*. Os topônimos alternativos podem entrar em desuso, prevalecendo uma das formas oficiais, como ocorreu com Salvador (AH, BA), ou resultar na legitimação das formas concorrentes pelos órgãos oficiais.

Já a toponímia popular, ou não oficial, abrange “[...] nomes de lugares criados e usados pelo povo e que não provêm de uma imposição oficial¹⁵” (DORION; POIRIER, 1975, verbete). A toponímia popular pode, em alguns contextos, ser a única possibilidade designativa existente, em comunidades isoladas e comunidades rurais, por exemplo. Quando a toponímia popular convive com a toponímia oficial, ou com outro topônimo popular, fala-se de toponímia paralela, “[...] dois ou mais corônimos diferentes que designam um mesmo local” (DORION; POIRIER, 1975, verbete). A designação paralela é um fenômeno muito frequente na toponímia pelo fato da diversidade de estratos linguísticos que se estabelecem em um território e pela variedade dentro de cada um destes estratos, além das relações identitárias e ideológicas que perpassam a ação de nomear. Os topônimos paralelos podem diferenciar-se por questões fonéticas ou por terem sido gerados a partir de processos nominativos distintos.

A toponímia paralela pode resultar de um processo de concorrência lexical, mas também pode se formar a partir de processos morfossintáticos de redução ou acréscimo de elementos em um esmo sintagma toponímico, *Feira de Santana* ~ *Feira* (AH, BA), ou de mudanças fonéticas, e.g. *Tanquinho* ~ *Tanquim* (AH, BA). As variantes fonéticas de um topônimo, apesar de serem, muitas vezes, ignoradas, carregam marcas que denunciam a sua

¹⁵ Texto original; Se dit des noms de lieux créés et employés par le peuple et qui ne proviennent pas d'une imposition officielle. Dans certains cas, les choronymes populaires peuvent devenir officiels.

proveniência histórica, geográfica e social. Nesse sentido, Machado Filho (2014), ao discutir sobre a noção de variante nos estudos lexicais, ressalta a importância de não apenas considerar como variante lexical as oposições “etimologicamente causadas na seleção da norma para um determinado significante linguístico, como nos casos de *aipim* e *macaxeira*” (MACHADO FILHO, 2014, p. 256, grifo do autor), mas também os desvios da pronúncia padrão. Os distanciamentos lexicais ocorridos por processos fonéticos são responsáveis pela ramificação de formas que, em outro período histórico, consistiam em um mesmo item lexical. Segundo o autor:

Como se poderá facilmente observar na consulta à documentação remanescente, a história do português está repleta de exemplos de elementos lexicais que se distanciaram de sua base léxico-genética, em função dos usos normais (no sentido de norma linguística), a ponto de inviabilizarem, ao homem comum, o reconhecimento de se tratar de unidades de mesma etimologia. Os primeiros exemplos do *Quadro 1* refletem isso, com precisão: *artigo* e *artelho* não devem ser facilmente identificados por um não especialista ou não estudioso do português como lexias de mesmo étimo (MACHADO FILHO, 2014, p. 269, grifo do autor).

A diversidade de formas geradas na dialeção lexical que transforma o significante dos topônimos é, portanto, de grande relevância para a descrição do diassistema toponímico. Mas é necessário lembrar que esses processos de diferenciação podem preceder ao ato nominativo e se fixarem ou sucederem depois dele, num processo de acomodação fonológica, causando a competição de designativos, em que uma variante popular pode apresentar uma frequência significativa a ponto de ser adotada pelos órgãos oficiais, como *Santa Anna* > *Sant’Anna* > *Santana*, em *Santana do Camisão* (AH, BA). Para descrever essas variantes toponímicas, deve-se realizar procedimentos diversos que vão depender do estado de língua que se pretende descrever. Para o estado sincrônico atual, é necessária a realização de pesquisas de campo, seguindo os princípios e métodos de coleta de dados já utilizados por disciplinas como a sociolinguística e a dialetologia. Em se tratando de uma descrição de caráter sócio-histórico, para além da esfera fonético-fonológica, os aspectos grafo-fonéticos do topônimo passam a configurar a base da descrição, associados a exploração dos aspectos discursivos.

Além da complexidade funcional, a toponímia é um fato complexo em termos de língua histórica, já que, devido a sua formação resultante do contato entre diversos estratos linguísticos, salvo em alguns casos de microtoponímia em comunidades isoladas, cuja estrutura designativa é a própria do grupo, ela resulta em um diassistema multilíngue.

Enquanto o léxico das línguas incorpora os estratos sobrepostos em sua estrutura semântica, permitindo uma manutenção do significado, ao longo do tempo, a toponímia caminha em direção à opacidade, podendo apenas ser analisada por meio da recuperação do significado próximo ao período da nomeação. Em vista disso, enquanto o significado de uma forma léxica pode ser analisado em cada fase de mudança, no qual é possível observar o acréscimo e a perda de semas, o significado do topônimo só pode ser objeto de análise com base no étimo correspondente ao estrato que o derivou.

Por conta disso, a observação do aspecto funcional da toponímia (TRAPERO, 1995) é essencial para a compreensão do diassistema toponímico. No caso do Brasil, por exemplo, é possível delimitar, de forma mais nítida, um sistema da língua Bororo, que revela aspectos próprios da cultura nominativa desse povo, enquanto é mais complexo delimitar se alguns topônimos de origem Tupi foram atribuídos pelos próprios nativos brasileiros ou pelo colonizador, responsável pela distribuição dos nomes em regiões do país onde não foram atestadas a presença de falantes nativos de Tupi no local (SAMPAIO, 1987 [1901]). Para tanto, seria necessário considerar os dados históricos capazes de direcionar a delimitação do perfil nominativo Tupi de um perfil de nomeação Tupi sob a ótica do colonizador. Buscar delinear esse conjunto de diassistemas linguísticos não é uma tarefa fácil, mas é essencial para a toponomástica descritiva, pois apenas dessa forma será possível depreender a interferência legítima dos fatores socioculturais no processo nominativo.

Descrever o diassistema toponímico implica também em se debruçar sobre a diversidade documental que o registra, na busca pela rejeição de uma abordagem prescritiva que se baseia em fontes secundárias. Segundo Lyons (1987), a linguística, na condição de ciência, deve ser essencialmente descritiva, opondo-se a qualquer forma de prescrição na busca por “descobrir e registrar as regras segundo as quais se comportam os membros de uma comunidade linguística sem tentar impor-lhes outras regras ou normas, de correção exógenas” (LYONS, 1987, p. 54). Ao tentar descrever a toponímia a partir de fontes oficiais ou secundárias, mesmo que de forma indireta, o toponimista adota uma postura projetiva que apresenta uma versão uniformizada da realidade toponímica, apagando as marcas socioculturais que a permeiam. Esse tipo de descrição também deixa lacunas com respeito à microtoponímia, que é, em grande medida, dependente da tradição oral (MARCATO, 2008). Por conta disso, não se deve perder de vista o caráter essencialmente histórico da disciplina, na acepção mais ampla do termo, que deve considerar a necessidade de trabalhar com uma descrição linguística situada no tempo e no espaço, a partir de dados datados e localizados

(MATTOS E SILVA, 2008) e de uma consistente base filológica, que irá assegurar a documentação e a boa interpretação dos dados (GARCÍA ARIAS, 1995).

Nesse contexto, é função da toponomástica descritiva, dedicar-se a descrever não apenas um sistema toponímico homogêneo, baseando-se na documentação de caráter oficial, mas toda a diversidade designativa fixada em um diassistema toponímico. Para dar conta dessa diversidade designativa, é necessário buscar os parâmetros das formas oficiais e populares, por meio da investigação em fontes documentais variadas: documentos escritos representativos da diversidade dentro da própria toponímia oficial, os casos de topônimos alternativos, e documentos escritos e orais como fonte da toponímia popular, com o intuito de descrever os casos de toponímia paralela ou de designação popular única. Já no domínio da diversidade de estratos linguísticos, buscar observar o perfil nominativo de cada grupo línguocultural, observando-o em suas singularidades e não apenas como substrato do diassistema linguístico hegemônico.

2.2 A DESCRIÇÃO SISTEMÁTICA DO SIGNIFICADO TOPONÍMICO

Uma série de fatores condiciona o processo nominativo. Tais fatores são altamente complexos e resultam em um desafio para a toponomástica descritiva, visto que reconstituir por completo elementos como percepção e intencionalidade do nomeador é algo praticamente impossível. Por conta disso, a toponomástica busca, por meio da análise dos aspectos semânticos e contextuais que envolvem a nomeação, tangenciar as circunstâncias que convergiram para que ela ocorresse de uma forma e não de outra. A análise de cada topônimo resulta, portanto, numa hipótese explicativa a ser corroborada pelos dados linguísticos e, sempre que possível, sócio-históricos, tendo em vista que estes nem sempre se encontram registrados na documentação disponível. Algumas dessas hipóteses são constituídas por meio de uma investigação localizada que observa o comportamento de um topônimo ou mais topônimos atribuídos a um *designatum*. Outras, apenas podem ser formuladas na observação do diassistema toponímico como um todo, por meio da análise dos designativos de toda uma área geográfica, e algumas, mais complexas, devem transcender o nível toponímico e adentrar os domínios da teoria onomástica, estabelecendo um contraste com o estudo de outros tipos de nomes próprios.

As noções contemporâneas sobre o aspecto funcional do topônimo, em sua condição de nome, propriamente dito, bem como a visão sistemática da toponímia, não se constituíram

rapidamente, mas resultaram de um longo processo que se iniciou no final do século XIX¹⁶ e se estendeu pela primeira metade do século XX. Nesse período, a visão sistemática dos processos de nomeação não estava no escopo dos estudos toponímicos. Os primeiros estudos onomásticos podem ser localizados no domínio europeu, onde, por meio do confronto de documentos históricos, se descobriu que havia “[...] variações incontáveis nas formas dos nomes de lugar: variações ortográficas, fonéticas, semânticas, variações no espaço e no tempo¹⁷” (DORION e HAMELIN, 1966, p. 197, tradução nossa). A partir de então, a observação da toponímia como documentação histórica foi predominante nos estudos toponímicos durante a primeira metade do século XX. Esse tipo de abordagem, de ênfase etimológica e com fins dialetológicos, partia do princípio de que o topônimo preservava, em sua forma, elementos capazes de elucidar aspectos sobre constituição histórica das línguas, permitindo a reconstituição de leis fonéticas ou fenômenos de regressão (DAUZAT, 1926). A proeminência do aspecto histórico, porém, marginalizava a investigação do topônimo como um fato linguístico funcional. Independente das razões que conduziram à consolidação do modelo, seja pela falta de percepção do topônimo como fenômeno linguístico autônomo, noção que parece ter sido adquirida, gradativamente, ao longo das pesquisas realizadas, seja pela ausência de interesse em explorá-lo em detrimento da explicação de fatos históricos das línguas, esse tipo de abordagem não poderia ser considerado necessariamente onomástica.

De fato, a incursão etimológica na toponímia possibilitou a formulação de diversas hipóteses sobre a formação histórica das línguas e ainda é indispensável para a pesquisa toponímica. No entanto, o que se pretende pôr em evidência é que a toponomástica que se fazia nesse período não considerava a substância do seu objeto, ou seja, ao se debruçar sobre a análise do topônimo, os toponimistas estavam menos interessados nos aspectos fenomenológicos que o geraram do que na reconstrução dos significados primitivos e na história das línguas que foram preservadas em sua estrutura. Por outro lado, Dorion e Hamelin (1966) ressaltam que no âmbito da geografia tampouco se produziu uma abordagem significativa, predominando uma tendência pragmática, voltada para controlar o uso e a aplicação dos nomes de lugares em seus países, que em muito se distanciava da abordagem linguística. Nesse cenário, a toponomástica se enquadrava em uma condição de subdisciplina, cujos métodos empregados, próprios de outras áreas, apenas focalizavam o topônimo em um dos seus muitos aspectos, ora de fóssil, ora o de designativo geográfico, observando-os de

¹⁶ Sobre os trabalhos desenvolvidos nesse período é possível mencionar os estudos de Flechia (1880), na Itália, por um viés etimológico, e Longnon (1878; 1891), na França, voltado à geografia histórica.

¹⁷ Texto original [...] variations innombrables des formes des noms de lieux: variations orthographiques, phonétiques, sémantiques, variations dans l’espace comme dans le temps.

forma parcial, sem considerar o conjunto das suas particularidades. Por conta disso, Dorion e Hamelin (1966) afirmam que:

A toponímia tradicional é, em nossa opinião, extremamente fragmentária em sua óptica, modesta demais em seus objetivos; ela não é a ciência completa que gostaríamos que fosse, ela não possui essa versatilidade essencial ao seu desenvolvimento como ciência autônoma (DORION; HAMELIN, 1966, p. 196, tradução nossa)¹⁸.

Ao observar o desenvolvimento dos estudos onomásticos até meados do século XX, George Stewart (1953) também destacou algumas demandas que deveriam ser incluídas na agenda da disciplina. Segundo o autor, a preocupação da onomástica não deveria estar concentrada na análise de nomes individuais ou de um grupo de nomes, e.g. topônimos, antropônimos, mas as pesquisas realizadas deveriam convergir para o desenvolvimento do que chamou de teoria dos nomes. Nesse sentido, a abordagem dos nomes de lugar, além de transcender a abordagem etimológica, deveria ser vista como parte de uma categoria maior. A toponomástica, portanto, não se concentraria apenas em descrever as formas de nomear lugares, mas deveria buscar estabelecer semelhanças e diferenças existentes entre a nomeação de topônimos e as demais categorias de nomes, subsidiando, assim, uma teoria da nomeação. Partindo desse princípio, Stewart (1953) tece duras críticas ao trabalho desenvolvido até então na Europa e nos Estados Unidos:

Às vezes usamos o termo onomatologia, mas se esse termo se refere a uma ciência de nomes e não a meras aglomerações de informações sobre nomes individuais, é uma ciência que dificilmente se pode dizer que existe. Mesmo pela interpretação mais liberal, uma ciência sem filosofia e sem teoria dificilmente merece esse nome. A esse respeito, os estudiosos europeus foram negligentes por terem dedicado suas energias quase totalmente à mera etimologia. Os estudiosos americanos também, com todo um continente de nomes a dominar, geralmente também se dedicam a cortar árvores individuais e não a examinar a floresta. Na teoria do nome, temos um campo rico e pouco explorado que não é apenas interessante por si só, mas também é importante para orientar os estudos de nomes individuais¹⁹ (STEWART, 1953, p. 75-76, tradução nossa).

¹⁸ Texto original: La toponymie traditionnelle est, à notre avis, extrêmement fragmentaire dans ses optiques, trop modeste dans ses objectifs; elle n'est pas la science complète que nous voudrions qu'elle soit, elle n'a pas cette polyvalence essentielle à son développement comme science autonome.

¹⁹ Texto original: We sometimes use the term onomatology, but if this term refers to a science of names and not to mere agglomerations of information about individual names, it is a science that can scarcely be said to exist. Even by the most liberal interpretation a science without a philosophy and without a theory is scarcely worthy of the name. In this respect European scholars have been remiss in that they have devoted their energies almost wholly to mere etymology. American scholars also, with a whole continent of names to subdue, have also generally devoted themselves to hewing down individual trees and not to surveying the forest. In the theory of

A título de exemplo, serão retomados dois trabalhos realizados no domínio francês, o de Dauzat (1926) e o de Rostaing (1945). Albert Dauzat é considerado o precursor da toponomástica moderna, com a publicação do clássico *Les noms de Lieux*, em 1926. Na obra, o autor apresenta uma discussão ampla sobre as relações do estudo dos nomes de lugares com a história, a etimologia e a linguística e ressalta que as contribuições no âmbito da linguística são: a possibilidade de localizar ou confirmar o deslocamento das fronteiras linguísticas sobre um território; informações gramaticais e sintáticas sobre os estratos linguísticos; o suporte para a reconstituição de algumas leis fonéticas (DAUZAT, 1926). Ele também observa algumas formas recorrentes de nomeação, além de substituições que classifica como espontâneas, resultantes de mudanças de língua, e sistemáticas, por intervenção oficial. O restante da obra, a maior parte, dedica-se a análise histórica das transformações linguísticas ocorridas e as formas de nomear alguns tipos de acidentes. Na introdução de sua obra, Dauzat (1926), ao tratar do significado dos topônimos, ressalta o seu caráter fóssil, designando-os como “palavras antigas”, e o seu esvaziamento semântico com o passar do tempo:

Como os nomes das pessoas, mas de maneira ainda mais notável, os nomes dos lugares se apresentam como palavras antigas, com significado preciso, cristalizadas e esterilizadas mais ou menos rapidamente, esvaziadas de seu significado original²⁰ (DAUZAT, 1926, p. 1, tradução nossa).

Rostaing, em sua obra, *Les noms de lieux*, de 1945, seguindo os passos de Dauzat, dedica-se a discutir os aspectos sócio-históricos da formação da toponímia francesa. Para ele, a toponomástica se propõe a pesquisar “o significado e a origem dos nomes dos lugares e também para estudar suas transformações²¹” (ROSTAINING, 1980 [1945], p. 5). Apesar de se propor a um estudo do significado toponímico, na obra, a ênfase etimológica, que implicava também em um excesso de preocupação fonética, deixou a análise semântica do processo de nomeação novamente à margem das discussões. A abordagem de processos morfológicos é bem detalhada, mas se restringe à elucidação do significado dos sufixos. Todavia, em alguns contextos, o autor observa questões referentes ao processo de nomeação, como a necessidade de distinção toponímica, o que justifica o uso de nomes de cores ou de características próprias do lugar; o uso de antropônimos na nomeação, de formas apelativas simples; nomes derivados

naming we have a rich and little exploited field that is not only interesting in itself, but is also important in giving direction to the studies of individual names.

²⁰ Texto original: De même que les noms de personnes, mais d’une façon encore plus remarquable, les noms de lieux se présentent à nous comme d’anciens mots à sens précis, cristallisés et stérilisés plus ou moins rapidement, vidés de leur sens originaire.

²¹ Texto original: [...] la signification et l’origine des noms de lieux et aussi d’étudier leurs transformations.

de habitações; nomes religiosos etc. Nota-se, nesse sentido, que na obra de Rostaing (1980 [1945]) já há um avanço na observação de influências ambientais na nomeação, apresentados de forma mais sistemática e detalhada do que em Dauzat (1926).

Em Dauzat (1926) e Rostaing (1980 [1945]) percebe-se nitidamente a tendência etimológica criticada pelos toponimistas na segunda metade do século XX. Havia, portanto, nesse período uma necessidade de se apresentar modelos descritivos que dessem conta do nível funcional do topônimo, do seu aspecto nominativo, e demonstrassem padrões encontrados na toponímia de uma área geográfica. O que não significa que as pesquisas de Dauzat e Rostaing deveriam perder a sua validade, pelo contrário, a análise feita permitiu a solução ou o levantamento de problemas etimológicos a serem discutidos no âmbito da toponímia francesa, etapas indispensáveis para o estudo dos processos de nomeação. Dauzat (1926) também trouxe grandes contribuições do ponto de vista metodológico, ao pensar numa orientação geográfica, o método das áreas, para um estudo sistemático da toponímia, e ambos os autores contribuíram para pensar o processo histórico da formação do diassistema toponímico. Dorion e Hamelin (1966) também não desconsideram a necessidade das pesquisas empreendidas no nível etimológico, todavia destacam que o escopo dos estudos dos nomes de lugar deveria ser ampliado:

Mas deve-se mencionar que a coronímia genética, para não permanecer fragmentada, deve, além de estudar a origem “linguística” dos nomes de lugares e sua evolução, procurar explorar todos os campos semânticos internos a partir da qual cada um dos topônimos mudou, no espaço e no tempo, para descobrir a explicação e até a justificativa geográfica, histórica e folclórica... Nesta perspectiva, a coronímia é dedicada a estudo da relação entre um local e a maneira como é tradicionalmente referido²² (DORION; HAMELIN, 1966, p. 203, tradução nossa).

O período posterior à década de 1950 foi permeado por insatisfações com os pressupostos teóricos e metodológicos da toponomástica desenvolvida na primeira metade do século XX. Mas foi esse cenário de insatisfações que proporcionou um salto qualitativo nos métodos empregados na toponomástica descritiva nas décadas seguintes. De um lado, é possível destacar a busca por uma abrangência maior acerca do fenômeno da nomeação de lugares, o que implicava no estudo sistemático dos diversos níveis de nomes de lugar. Surgem

²² Texto original: Mais il faut mentionner que la choronymie génétique, pour ne pas demeurer fragmentaire, doit, en plus d'étudier l'origine “linguistique” des noms de lieux et leur évolution, s'attacher à explorer tous les champs sémantiques à l'intérieur desquels chacun des toponymes s'est mû, dans l'espace comme dans le temps, s'attarder à en découvrir l'explication et même la justification géographique, historique, folklorique... Dans cette optique, la choronymie se consacre à l'étude de la relation entre un lieu et la manière par laquelle, traditionnellement, on s'y réfère.

nesses contextos, a proposta de Dorion e Hamelin (1966), corroborada pelas Nações Unidas, na segunda conferência sobre normalização de nomes geográficos, em 1972, de estabelecer uma disciplina mais ampla, que se encarregaria do estudo de todas as categorias de nomes de lugar: hidrônimos, orônimos, topônimos, corônimos etc. Essa disciplina seria, nos termos da época, a coronímia, disciplina que “[...] estuda os nomes de diferentes partes do espaço. O objetivo desta ciência vai, quanto ao aspecto dimensional, de fatos específicos ou lineares a espaços muito vastos, até extraterrestres[...]²³ (DORION; POIRIER, 1975, verbete, tradução nossa). No entanto, na bibliografia recente, se tornou mais comum o uso do termo toponímia, e em seguida, toponomástica para referir-se a disciplina geral dos nomes de lugar.

Nesse mesmo período, começa a se formar a terminologia tradicionalmente utilizada na análise do nível semântico. Dorion e Hamelin (1966), ao tratar dos problemas terminológicos resultantes de uma abordagem classificatória sistemática, ponderam sobre a possibilidade de criação de novos termos para dar conta das diferentes realidades observadas. Com respeito à natureza semântica dos nomes descritivos, por exemplo, os autores ressaltavam a necessidade de uma fixação terminológica: “[s]e os corônimos descrevem a forma da terra, a vegetação do lugar, sua fauna, deveríamos falar de morfônimo ou morfocorônimo, botônimo ou fitocorônimo, zoônimo ou zoocorônimo?”²⁴ (DORION; HAMELIN, 1966, p. 203-204, tradução nossa). Na década seguinte, Dorion e Poirier (1975) apresentaram em seu *Lexique des termes utiles a l'étude des noms de lieux* um inventário ampliado com algumas das categorias taxonômicas que serviram de base para diversos modelos de análise:

Tabela 1 - Terminologia relativa à classificação taxonômica

Taxonomia	Abrangência
Antropocorônimo/Antropotopônimo	Nomes de pessoas
Astrotoponímia	Nomes de astro
Etnocorônimo	Nomes de etnias
Hagioronímia/Hagiotoponímia	Nomes de santo
Mitocorônimo	Entidades mitológicas
Neocorônimo	Outro nome geográfico
Fitocorônimo	Nomes de plantas
Teocorônimo	Nomes de deuses
Zoocorônimo	Nomes de animais

Fonte: Dorion e Poirier (1975).

²³ Texto original: étudie les noms des différentes parties de l'espace. L'objet de cette science va, quant à l'aspect dimensionnel, de faits ponctuels ou linéaires jusqu'à de très vastes espaces, même extra-terrestres.

²⁴ Texto original: Selon que les choronymes décrivent la forme du terrain, la végétation du lieu, sa faune, devrât-on parler de morphonyme ou de morphochoronyme, de botanyme ou de phytochoronyme, de zoonyme ou de zoochoronyme?

A fórmula terminológica utilizada pelos toponimistas para designar categorias toponímicas mais frequentes, cuja classificação da categoria designativa é feita por meio da junção de radicais, de origem grega ou latina, que especificam a classe genérica, e.g., fito-, zoo-, morfo-, com o termo ‘corônimo’, e depois ‘topônimo’, difundiu-se rapidamente e pesquisadores de outros países adotaram abordagens taxonômicas sistemáticas voltadas para a realidade designativa de cada território geográfico: Salazar-Quijada (1985), na Venezuela, Marcato (2009), na Itália, Dick (1980; 1990; 1992), no Brasil, Trapero (1995)²⁵ e García Arias (1995), na Espanha. Por conta disso, considera-se que o modelo proposto por esses autores resulta de uma tendência terminológica da pesquisa toponímica que emergiu nas décadas de 1960 e 1970, no contexto das línguas românicas. Porém, as propostas taxonômicas mencionadas apresentam um sistema descritivo mais detalhado do que o inventário apresentado por Dorion e Poirier (1975), com uma quantidade maior de taxes, adequando-se às realidades toponímicas de cada país. Diferentes da pesquisa etimológica pura, esses modelos observam o topônimo como uma categoria linguística funcional, que serve, ao mesmo tempo, como um instrumento de descrição, categorização e de expressão, e a toponímia como um diassistema semanticamente estruturado que deve ser descrito de forma sistemática.

2.2.1 Breve panorama dos estudos toponímicos no Brasil

Os estudos acerca da toponímia brasileira também contam uma produção vasta que tem possibilitando discutir a tradição da toponomástica no Brasil. Com base nesses trabalhos, é possível distinguir três tendências de desenvolvimento da pesquisa toponímica no território brasileiro: a tendência enciclopédica, caracterizada pela publicação de obras lexicográficas de caráter descritivo sobre aspectos geográficos e históricos dos acidentes nomeados; a tendência etimológica, que introduz os estudos etimológicos da origem dos topônimos, com uma grande ênfase nas línguas originárias; e a tendência onomástica, propriamente dita, em que o topônimo e o processo de nomeação passam a ser observado como fatos linguísticos funcionais, tendo como marco inicial a publicação da tese de Dick (1980). A seguir, será apresentada uma visão panorâmica, porém não exaustiva, de alguns dos trabalhos mais expoentes desenvolvidos dentro dessas três tendências.

²⁵ Apesar do autor não propor novas taxes para as realidades identificadas que não possuíam uma terminologia estabelecida, ele agrupa estas realidades em categorias.

Na tendência enciclopédica, encontra-se um grupo de atividades voltadas à elaboração de obras lexicográficas de cunho global que apresentam uma relação exaustiva da toponímia do território. A maioria dessas obras não demonstram preocupação de natureza linguística, restringindo-se a apresentar, em algumas ocasiões, informações sobre questões etimológicas e topônimos paralelos. Em lugar disso, são apresentadas descrições de aspectos físicos e dados históricos dos *designata*. Isso acontece pelo fato de terem sido elaboradas com a intenção de fazer conhecido o território brasileiro desde uma perspectiva econômica, projetando uma imagem atrativa do Brasil nos países da Europa, e, assim, atrair colonos para povoar os sertões (MOURA, 1945).

Essa tendência, apesar de adotar o topônimo como objeto de estudo, não pode ser considerada propriamente onomástica por duas razões: pelo fato das pesquisas não terem sido desenvolvidas por especialistas, carecendo de informações relevantes, tanto do ponto de vista linguístico, já que os trabalhos não se dedicavam a analisar linguisticamente os topônimos em nenhum dos níveis, como do ponto de vista lexicográfico, por não haver uma teoria subjacente, considerando que esses trabalhos precedem o surgimento da metalexigrafia, na década de 1970. Apesar disso, as obras ainda podem interessar a toponomástica histórica por se tratarem de formas de registro datadas dos designativos acompanhadas de informações sobre os respectivos *designata*, além de auxiliar na identificação de acidentes encontrados em documentos históricos. Atualmente, não há um levantamento completo das obras que seguem essa tendência, mas é possível traçar uma visão panorâmica partir de algumas produções expoentes.

No século XIX, pode-se mencionar três grandes obras. A primeira delas, *Corografia Brasileira*, foi preparada pelo padre Manuel Aires de Casal e impressa em dois tomos, no Brasil, no ano de 1817. A obra conta com uma introdução descritiva de vários aspectos do território americano e brasileiro, como fauna, flora, riquezas minerais, os povos originários etc., além das seções sobre cada província do Brasil. Não apresenta as informações em artigos, mas em formas de capítulos. A segunda, o *Diccionario geographico historico e descriptivo do imperio do Brazil*, foi elaborada pelo francês M. Milliet de Saint-Adolphe e traduzida ao português por Caetano Lopes de Moura, que também contribuiu para a obra com observações e adições, sendo publicado em dois tomos, na França, no ano de 1845. A obra apresenta a macroestrutura de um dicionário, organizando os artigos semasiologicamente, mas a microestrutura não é bem delimitada, apresentando informações diversas. A terceira, o *Apontamentos para o Diccionario geographico do Brazil*, elaborada por Alfredo Moreira

Pinto, foi publicada em três volumes, datados de 1894, 1896 e 1999, seguidos do *Suplemento aos apontamentos para o dicionário geográfico do Brasil*, publicado em 1935. Trata-se da obra lexicográfica do gênero mais completa elaborada no Brasil, trazendo além de uma lista exhaustiva de designativos, informações diversas: históricas, geográficas, políticas, econômicas dos acidentes.

No século XX, ainda é possível mencionar a coletânea de vocabulários geográficos do IBGE, publicada nas décadas de 1940 e 1950, que contava com um exemplar dedicado a cada estado brasileiro e às cidades e vilas de todo o território nacional intitulado *Vocabulário Geográfico das Cidades e Vilas do Brasil* (1950). No entanto, a coleção se restringe a apresentação dos topônimos, seguidos da sua localização, não trazendo nenhuma informação sobre os acidentes. Uma coletânea mais completa, do ponto de vista qualitativo, foi a *Enciclopédia dos municípios brasileiros*, publicada entre 1957 e 1964, que apresenta uma série de informações sobre os *designata* e traz algumas informações sobre o histórico dos designativos e algumas informações de grande relevância para o estudo dos processos de nomeação dos municípios. Relacionado à toponímia baiana, é possível mencionar o volume dedicado à Bahia na coletânea do IBGE, *Vocabulário geográfico do Estado da Bahia* (1944), e o os volumes XX e XXI da *Enciclopédia dos municípios brasileiros* (1958a; 1958b;), analisados por Correia (2017), mas a obra mais significativa foi o *Esboço do Dicionário Geográfico e Histórico da Bahia*, publicado em 1920, no diário oficial, apresentado uma lista exhaustiva de designativos do estado, tanto de acidentes físicos, como humanos, junto a informações enciclopédicas diversas.

Na tendência etimológica, o viés descritivo dos aspectos dos *designata* dá lugar à interpretação etimológica. Nesse momento, o topônimo começa a ser observado em seu aspecto fóssil e analisado sob o prisma da linguística histórica, seguindo uma linha semelhante a desenvolvida na Europa. A ênfase, portanto, desloca-se do lugar nomeado para a observação dos estratos linguísticos preservados pelos significantes toponímicos. As análises feitas nessa perspectiva foram, gradativamente, incluindo em seu escopo consideração sobre as relações existentes entre nome e ambiente no processo de nomeação, entre étimo e *designatum*, sendo possível notar certa preocupação com problemas onomásticos, mesmo que restrita a questões etimológicas pontuais.

Assim, o aspecto predominante dessa abordagem é a descrição da toponímia brasileira apenas pela proveniência linguística, buscando interpretar etimologicamente os topônimos e não compreender os processos de nomeação. Além disso, essa tendência buscou trabalhar

apenas com uma parcela da toponímia, voltando-se, principalmente, para as línguas originárias, não se interessando pelos diversos estratos formativos do diassistema toponímico brasileiro. Os trabalhos realizados seguindo essa tendência resultaram em produções que subsidiaram a pesquisa com línguas originárias brasileiras durante todo o século XX e as investigações recentes sobre a toponímia do Brasil. Segundo Dick (1994), na toponomástica no Brasil *in statu nascendi*:

[...] o ponto vital e ordenador de todo o questionamento que se colocava era a preocupação latente com a dialetologia indígena brasileira, especialmente a Tupi. A Toponímia nascente conformava, porém, um duplo objetivo: não só o ensino de suas básicas e de seus fundamentos gerais, segundo os modelos assentados pelo ramo europeu da onomástica, mas, principalmente, a função instrumental de um marcador vocabular brasílico (estudo etimológico dos topônimos Tupis), cuja frequência, no sistema lexical português, sempre atingiu índices expressivos nos mais variados itens semânticos (a exemplo de zoonímia, fitonímia, hidronímia geomorfonímia, ergonímia) (DICK, 1994, p. 435).

Dessa tendência é possível mencionar a obra clássica de Theodoro Sampaio, *O Tupi na geografia nacional*, que teve a sua primeira edição publicada em 1901 e pode ser considerada como marco inicial da pesquisa toponímica no Brasil de viés etimológico. Na obra, o autor faz uma discussão histórica sobre o Tupi, o seu processo de dialeção, distribuição territorial e a sua predominância como língua geral no período colonial. Essa representatividade do Tupi e a sua apropriação por parte dos colonizadores, que adotaram o Tupi como segunda língua, principalmente com intenções religiosas, segundo o autor, se vê aparente na geografia nacional, na qual há a presença de designativos de proveniência Tupis até mesmo em lugares habitados por outros povos. Para Sampaio (1987 [1901]), é devido ao uso por parte dos colonizadores que “no planalto Central, onde dominam povos de outras raças, as denominações dos vales, rios e montanhas e até das povoações são pela maior parte da língua geral” (SAMPAIO, 1987 [1901], p. 71).

O autor também se debruça sobre as mudanças ocorridas nas lexias incorporadas ao português por meio de transformações fonéticas. No capítulo III, ele destaca o contato entre o Tupi e o português e demonstra os processos fonéticos que transformaram formas Tupis em lexias da língua portuguesa, causando desdobramentos de diversas procedências. A partir dessas análises, o autor demonstra o método etimológico empregado na reconstituição dos significados toponímicos. Dentre os desafios encontrados para a pesquisa etimológica dos nomes de lugares, Sampaio (1987 [1901]) alerta para tendência em tupinizar um topônimo

proveniente de outra língua originária ou latinizar uma forma de origem Tupi. Para evitar esses desvios nas análises, o autor apresenta um método para a interpretação etimológica adequada destes topônimos, que segue os seguintes procedimentos: identificar a grafia primitiva em documentos primários e em dados orais; reconstruir a sua forma originária seguindo o método filológico; decompor o item lexical e restaurá-lo etimologicamente; considerar o caráter descritivo da nomeação Tupi. A partir desses critérios, ele apresenta um estudo etimológico de diversos nomes geográficos do país e, ao final da obra, um extenso vocabulário de lexias para a interpretação da toponímia brasileira de origem Tupi. Entretanto, conforme ressalta Edelweiss (1987 [1955]), os estudos sobre o Tupi avançaram muito desde a publicação da primeira edição de *O Tupi na geografia nacional*, sendo necessário alguns retoques, que Edelweiss, responsável pela quarta edição, limitou-se a fazer em forma de notas de rodapé.

Em 1961, Armando Levy Cardoso publica sua obra *Toponímia Brasília*, com análise de topônimos derivados de outras línguas originárias do território amazônico, especialmente os de procedência Caribe, Aruaque e Bororo. A pesquisa apresentou diversas contribuições para os estudos toponímicos do Brasil, tanto do ponto de vista descritivo da toponímia amazônica, cumprindo o objetivo de “[...] esclarecer alguns étimos menos conhecidos da toponímia Brasília” (CARDOSO, 1961, p. 13), como metodológico, já que o autor faz algumas críticas à tendência Tupi nos estudos toponímicos, a qual denomina tupimania que, segundo Cardoso (1961, p. 13), consistia em “[...] um verdadeiro sestro de querer explicar com etimologias tupís todas as denominações indígenas [...]”. Cardoso (1961) também criticou a falta de uma pesquisa mais abrangente que explore todo o território brasileiro, instigando, dessa forma, a articulação de uma agenda de caráter nacional.

Motivado pela pesquisa toponímica de Cardoso e sua rejeição à tupimania, em 1965, Drumond publica *Contribuição do Bororo à toponímia Brasília*, com um estudo de cento e onze topônimos nomeados pelo povo Bororo, realizado a partir de fontes cartográficas e outros documentos históricos. Na pesquisa, Drumond identificou oitenta e seis topônimos provenientes de nomes de animais, observando que a caça, atividade fundamental na sociedade do Bororo, projetava sua relevância também na toponímia. A partir disso, o autor correlacionou o lugar onde os designativos foram fixados ao antigo território de caça do Bororo. Nota-se, portanto, que a preocupação em compreender os motivos subjacentes à nomeação dos lugares, discutindo, para além da questão etimológica, a relação entre a toponímia e a realidade sociocultural, consistia em um elemento propriamente onomástico

presente na abordagem Drumond. Mesmo assim, o autor considerava que as metodologias que haviam sido empregadas, até então, nos estudos toponímicos brasileiros não eram apropriadas (DRUMOND, 1990 [1984], p. 11), ressaltando a falta de abrangência dos trabalhos realizados.

A pesquisa com as línguas africanas, no entanto, não teve o mesmo espaço no cenário dos estudos toponímicos de viés etimológico. Renato Mendonça, em *Influência africana no português do Brasil* (1935), discute aspectos etnográficos e linguísticos dos povos negroafricanos trazidos ao Brasil e aborda a questão das heranças em diversos níveis linguísticos. A obra também apresenta um vocabulário, contendo informações etimológicas e a distribuição geográfica dos lexemas, e um pequeno atlas toponímico, elaborado por Carlos Marie Cantão com a colaboração de Renato de Mendonça, com topônimos derivados de línguas negroafricanas, a primeira dessa natureza a ser elaborada no Brasil, segundo Cantão (1935, p. 253). Para a elaboração das cartas, não foi adotada uma escala, com o intuito de evidenciar topônimos que não apareceriam em mapas de grande escala. Na obra, não foram considerados também designativos de etimologia duvidosa e algumas etimologias carecem de reparação (CASTRO, 2012), o que tornaria as cartas mais extensas.

Após uma vasta tradição de estudos toponímicos sob um viés etimológico, inicia-se a tendência onomástica que tem como marco inicial o trabalho desenvolvido por Backheuser (1950), o primeiro a tratar a toponímia como um elemento funcional da língua, observando padrões designativos no território brasileiro. Todavia, é com o trabalho de Dick (1980) que a toponomástica brasileira passa por uma verdadeira mudança paradigmática, motivada pelos novos direcionamentos surgidas nos Estados Unidos e Canadá, na segunda metade do século XX. Essa nova tendência se manifesta em um duplo aspecto: um direcionamento onomástico, preocupado com a teoria da nomeação dos lugares e como modelos descritivos para a caracterização dos arquétipos toponímicos, e um direcionamento geolinguístico, voltado à sistematização de uma agenda de pesquisa que abrangesse todo o território nacional e resultasse na produção do *Atlas Toponímico do Brasil* (ATB).

No direcionamento onomástico, é possível mencionar as contribuições de Dick (1990; 1992) para a articulação de uma teoria dos nomes próprios de lugar baseada na realidade brasileira, discutindo as especificidades do topônimo como unidade de análise linguística, a relevância do estudo da motivação semântica para explicar os processos de nomeação, a interferência dos ambientes físico e antropocultural nesses processos etc. Essas discussões possibilitaram a construção de uma teoria propriamente brasileira a respeito da toponímia que

possibilitou a estruturação de um modelo de análise sistemática dos topônimos. Já no direcionamento geolinguístico, ressalta-se a proposição de uma agenda nacional de pesquisa baseada na descrição toponímica a partir de uma estratificação geográfica por estado.

O modelo apresentado por Dick (1980; 1990; 1992) para a realidade brasileira apresenta o maior número de *taxes*, dentre as propostas elencadas, pelo fato de ter sido desenvolvido para abranger um território de dimensões continentais e pela ênfase dada a observação de categorias do ambiente que são comumente registradas na toponímia nacional. Inicialmente, em 1975, a autora estabeleceu um modelo contendo 19 *taxes*, que foram expandidas para 27, em sua proposta final, considerando um *corpus* amplo de topônimos (DICK, 1992). Para o estabelecimento das taxonomias, a autora partiu do princípio de que o ambiente condiciona a motivação semântica, intervindo substancialmente na estrutura do diassistema toponímico, tornando-a um reflexo das práticas culturais das sociedades que estiveram no território nomeado, bem como da sua percepção das características próprias desse território.

Backheuser (1950), ao observar a relevância dos aspectos ambientais na formação da toponímia brasileira, divide os topônimos em classes segundo as influências de natureza física, social e política. Segundo o autor, a origem dos topônimos pode ser buscada no ambiente, “[...] em palavras de índole mineralógica, geológica, botânica, zoológica, orográfica, hidrográfica e litorânea, bem como em ocorrências da própria geografia humana, quer dos caminhos, quer dos empreendimentos sedentários” (BACKHEUSER, 1950, p. 195). Nesse mesmo direcionamento, Dick (1980; 1990) apresenta um aprofundamento sobre o diálogo existente entre língua e ambiente, ancorando-se nos postulados de Sapir (1968), para quem o acervo lexical de uma língua se constitui um indicador sensível da cultura, condicionado pelas relações de relevância que aspectos do ambiente físico e antropocultural têm em uma determinada sociedade. Assim, como pode ser visto a seguir (cf. tabela 2), o modelo taxonômico foi organizado com o objetivo de abarcar esses dois campos de condicionamento do ambiente, o físico e o antropocultural.

Tabela 2 – Síntese das taxonomias de natureza física e antropocultural

Natureza	Taxonomia	Abrangência
Física	Astrotopônimos	Corpos celestes
	Cardinotopônimos	Posições geográficas
	Cromotopônimos	Escala cromática
	Dimensiotopônimos	Características dimensionais
	Fitotopônimos	Vegetação
	Geomorfotopônimos	Formas topográficas
	Hidrotopônimos	Acidentes hidrográficos
	Litotopônimos	Minais
	Meteorotopônimos	Fenômenos atmosféricos
	Morfotopônimos	Formas geométricas
	Zootopônimos	Animais
Antropocultural	Animotopônimos	Vida psíquica
	Antropotopônimos	Nomes próprios individuais
	Axiotopônimos	Títulos e dignidades
	Corotopônimos	Nomes de cidades, estados, países etc.
	Cronotopônimos	Que encerram indicadores cronológicos
	Ecotopônimos	Habitações de um modo geral
	Ergotopônimos	Elementos da cultura material
	Etnotopônimos	Elementos étnicos
	Dirrematopônimos	Frases ou enunciados linguísticos
	Hierotopônimos	Nomes sagrados de diferentes crenças.
	Historiotopônimos	Movimentos de cunho histórico-social
	Hodotopônimos	Vias de comunicação rural ou urbana
	Númerotopônimos	Adjetivos numerais
	Poliotopônimos	Constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade etc.
	Sociotopônimos	Atividades profissionais, locais socialização
Somatopônimos	Partes do corpo humano	

Fonte: Dick (1992).

As taxes apresentadas por Dick foram ampliadas ao longo das pesquisas realizadas nos atlas regionais, na medida em que novas realidades se tornaram mais salientes. Algumas das novas taxes podem apresentar afinidades com taxes preexistentes, como é o caso dos estematopônimos, produto de um processo nominativo motivado pelos sentidos, que se assemelham aos cromotopônimos, orientados pelo sentido da visão, ambas categorias ligadas à percepção do nomeador. Outras, por outro lado, são incorporadas para dar conta de modalidades mais independentes, é o que ocorre com os igneotopônimos ou os necrotopônimos. Além disso, há ampliações que apresentam um direcionamento voltado para especificidades semânticas de uma taxe, como o faz Isquerdo (1996), ao diferenciar os animotopônimos eufóricos e disfóricos. A seguir, é possível observar algumas das novas taxes incorporadas ao modelo taxonômico de Dick (1992):

Tabela 3 - Ampliação das taxas de natureza física e antropocultural

Taxonomia	Abrangência	Pesquisador
Acronimotopônimos	Siglas	Francisquini (1998)
Grafematopônimos	Letras	Francisquini (1998)
Estematopônimos	Impressões sensoriais	Francisquini (1998)
Higietopônimos	Higiene	Francisquini (1998)
Necrotopônimos	Morte/restos mortais	Francisquini (1998)
Ignetopônimos	Fogo	Carvalho (2010)
Mariotopônmo	Nomes de Maria	

Fonte: Francisquini (1998) apud Aguilera (1999); Carvalho (2010).

O modelo apresentado pela autora foi responsável por uma mudança paradigmática nos estudos toponímicos no Brasil, proporcionando um método de descrição que pudesse ser aplicado em todo o território, com a identificação das bases semânticas e as relações sócio-linguístico-culturais predominantes na toponímia brasileira. Apesar da abrangência e do seu alto potencial descritivo, já atestado em diversos estados brasileiros, a aplicação da proposta tem suscitado algumas questões que merecem atenção neste trabalho: a uniformidade nos procedimentos de classificação semântica, pois há questões de aplicabilidade que ainda não são um consenso entre toponimistas; a limitação no eixo sintagmático, já que a classificação abrange, geralmente, apenas um dos constituintes; a ausência de uma abordagem voltada aos mecanismos de nomeação no Brasil.

2.2.2 Desafios da classificação da motivação semântica

As principais questões de caráter metodológico giram em torno dos critérios de classificação da motivação semântica. A primeira diz respeito à classificação a partir de aspectos estritamente semânticos, sem considerar fatores externos. A proposta inicial, apresentada por Dick (1980; 1990), consiste em um método aplicável a todas as realidades toponímicas distribuídas no território brasileiro, pautada, principalmente, no argumento de que a ausência de fontes documentais não deve ser um empecilho para a análise da motivação semântica de um designativo. O modelo taxonômico evitaria “um contínuo retorno ao passado histórico, por vezes tão difícil de ser desvendado, principalmente quando as fontes de informação são escassas ou desconhecidas” (DICK, 1990, p. 52). Assim, o toponimista poderia descrever a realidade do *corpus toponymicum* selecionado, mesmo quando as informações acerca dos condicionantes socioculturais não puderem ser recuperadas. Porém, a aplicação do modelo, por vezes, esbarra na limitação imposta pela ausência de dados acerca

dos significados das formas, salientando a necessidade de uma pesquisa mais aprofundada de reconstituição dos étimos para que se possa dar continuidade à classificação.

Contra uma abordagem puramente interna, é válido argumentar que nem sempre é possível realizar uma classificação sem informações extralinguísticas. Isso ocorre com topônimos compostos por homônimos, como a lexia *largo*, que pode designar tanto o adjetivo, o que o colocaria na categoria de dimensiotopônimo, como o acidente, o transformando em um sociotopônimo (DICK, 1992). Nessas situações, em que pode haver ambiguidade semântica é necessário recorrer a informações contextuais que ajudem a determinar qual é o étimo candidato é o legítimo. Em contrapartida, o uso de informações contextuais deve ser visto com cautela, já que, quando exploradas de forma equivocada, podem trazer certo grau de subjetivação para a classificação toponímica, perdendo a objetividade da proposta inicial.

É o que ocorre com o exemplo de *Rosário do Ivaí*, classificado por Lima (1998 apud Aguilera 1999) como um hierofitotopônimo, pelo fato do constituinte *rosário* designar um objeto religioso, mas ter sido a presença de uma planta na fauna local, denominada *lágrima-de-nossa-senhora*, *biurá* ou *lágrima-de-santa-maria*, utilizada para a produção de terços, a motivação para a escolha do nome. Todavia, a motivação externa, a intenção de referenciar a presença da planta no local, não se encontra manifestada em forma de motivação semântica, ou seja, o designativo da planta não foi incorporado ao sintagma toponímico, mas apenas a forma *rosário*. Nesse sentido, os dados contextuais são de extrema relevância para a confirmação do étimo próximo, evitando as possibilidades de enquadrá-lo em uma outra taxa, como antropotopônimo ou hagiotopônimo, originado de um processo de redução de Nossa Senhora do Rosário, mas não deveriam implicar em alterações na taxonomia.

Deve-se considerar, portanto, que a função do argumento extralinguístico é a de justificar uma hipótese explicativa em contextos nos quais existe mais de uma possibilidade de étimo próximo a ser considerada, não podendo fundamentar hipóteses livres que não respeitem os princípios de classificação taxonômica, que deve sempre tomar como base a estrutura do signo toponímico, como demonstrado na figura 3:

Figura 3 - Procedimentos para a classificação taxonômica



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

O primeiro procedimento, a identificação do significante, trata-se da descrição dos aspectos fonéticos que servirão de base para as hipóteses a serem levantada no procedimento seguinte. Pode ser uma atividade simples, quando se trata de uma análise de topônimos provenientes do português moderno, porém, complexa, quando os designativos são derivados de outros estratos linguísticos, cuja etimologia não se encontra dicionarizada, ou de estágios anteriores do próprio português, sendo necessária a identificação de metaplasmos e a reconstrução fonética. O segundo, a identificação dos étimos, consiste na determinação dos possíveis significados para o significante analisado por meio da pesquisa bibliográfica em dicionários, enciclopédias, documentos históricos. O terceiro, a formulação da hipótese nominativa, se dá por meio da consulta a dados intralinguísticos, características do próprio diassistema toponímico, verificando o que lhe é comum e estranho ao seu padrão designativo, e extralinguísticos, informações históricas, geográficas, sociais, culturais, quando possível, a respeito do lugar nomeado. O quarto procedimento, o enquadramento taxonômico, resulta na atribuição de uma taxe pré-existente a partir da hipótese formulada ou descrição de uma nova realidade semântica, considerando a possibilidade da criação de uma nova taxe ou subtaxe, a depender da representatividade do *corpus toponymicum* analisado e/ou do fenômeno observado dentro dele.

Um exemplo elucidativo que demonstra a complexidade da análise taxonômica envolvendo, inclusive, estratos linguísticos distintos é o de *Tucano* (AH, BA). O nome do município, cuja grafia imediatamente remete a dois étimos candidatos, o nome da tribo do noroeste amazônico ou da ave americana, conforme salienta Correia (2017), não provém de nenhuma das duas possibilidades, e sim da forma *tocano*, «moradores de tocas», lexia

documentada em registros do século XIX para referir-se aos primeiros moradores da localidade. Nesse caso, por tratar-se de um etnônimo, o topônimo corresponde a um etnotopônimo, mas poderia ser classificado como um zootopônimo, caso se identificasse alguma relação com o animal, como a sua presença na região, ou, até mesmo, como um etnotopônimo, sendo classificado corretamente, pelos argumentos errados, caso a relação estabelecida fosse com a tribo dos Tucanos sobre a qual, segundo Correia (2007), não há registros documentados de migração para essa região.

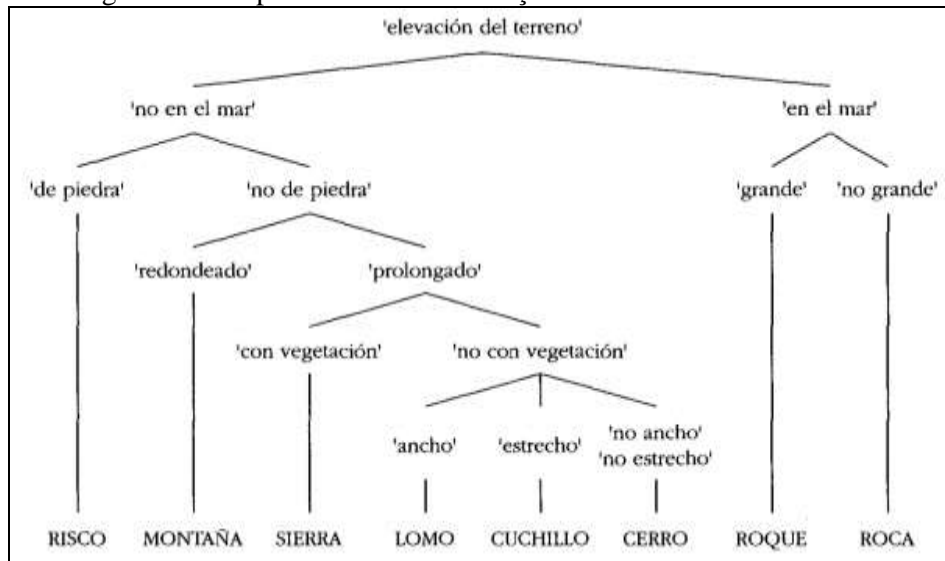
Outro problema que pode conduzir a um enviesamento da classificação semântica é a não especificação do étimo considerado como legítimo, se ele é o étimo próximo ou o distante. O étimo próximo ou imediato é a forma que antecede imediatamente uma unidade lexical, diferente dos étimos distantes ou remotos, que correspondem aos demais estágios precedentes, porém não diretamente ligados (DURKIN, 2009, verbete). A escolha do étimo a ser analisado interfere substancialmente nos resultados alcançados. Para Tent e Blair (2011), o étimo distante não é relevante para a classificação semântica do topônimo, visto que o seu significado não auxilia na compreensão do processo de nomeação, apenas elucida aspectos da formação histórica da toponímia. Esse princípio levou os australianos a considerarem apenas os étimos próximos na classificação toponímica: “[...] interpretações de topônimos no banco de dados ANPS seguem o princípio de que apenas a etimologia imediatamente anterior é registrada para cada topônimo”²⁶ (TENT; BLAIR, 2011, p. 81, tradução nossa).

A relevância do étimo próximo se liga a outra questão descritiva: o significado dialetal. A toponímia se forma a partir do léxico funcional do nomeador, com suas peculiaridades semânticas e marcas socioculturais. Para Trapero (1995), a interpretação adequada do significado dos topônimos perpassa por uma análise semântica dialetal, tanto do léxico total do nomeador, constituído pelo que chama de topônimos secundários, unidades que não são próprias da designação geográfica, como dos topônimos primários, que correspondem aos termos genéricos, ou seja, o léxico específico da toponímia: “em todas partes há rios, e montanhas, e vales, e planícies, e terras de trabalho, e terras não cultivadas, etcétera, mas em cada lugar se denominam de maneira particular”²⁷ (TRAPERO, 1995, p. 72). Para demonstrar essa variabilidade, Trapero (1995) investigou a distinção feita entre alguns acidentes geográficos em *El Escobenal*, (AH, ES) na zona de Tenerife, identificando a diferenciação feita pelos falantes da localidade, conforme pode ser visto na figura a seguir:

²⁶ Texto original: [...] toponym interpretations in the ANPS Database follow the principle that only the immediately-preceding etymology is recorded for each toponym.

²⁷ Texto original: [...] en todas partes hay ríos, y montañas, y valles, y llanos, y tierras de labor, y tierras incultas, etcétera, mas en cada lugar se denominan de manera particular.

Figura 4 - Campo semântico da elevação do terreno em El Escobenal



Fonte: Trapero (1995).

A interferência dessa variação é evidenciada por Cunha (2004 [1965]) ao debruçar-se sobre o problema semântico que envolve a nomeação do *Rio de Janeiro*, uma baía que recebeu um nome de rio, enquanto a *Bahia de Todos os Santos* recebeu um nome correspondente ao seu acidente. A hipótese de Cunha (2004 [1965]) é de que o nome havia sido atribuído pelos marinheiros, para os quais a lexia *rio* não apresentava um significado correspondente ao de «rio», mas ao de «baía», ou mesmo de «lugar de encontro entre água doce e salgada». Essa hipótese vai de encontro à afirmação dos historiadores que sempre justificaram a nomeação pelo argumento de um erro de percepção do acidente cometido pelos portugueses, ao não explorarem a baía, o que os levou a acreditar estar diante de um rio. Segundo a hipótese de Cunha (2004 [1965]), a divergência toponímica entre os topônimos *Rio de Janeiro* (AH, RJ) e *Bahia* (AH, BA), nomeados em uma mesma sincronia, apresentam divergências por conta de uma variação diastrática e não de um erro nominativo.

A aproximação do significado legítimo, no entanto, é uma tarefa mais fácil de executar no estudo dos topônimos recém estabelecidos, por meio da análise do léxico dos falantes do território nomeado. Nesse contexto, inclusive, as pesquisas dialetológicas trazem um grande contributo para uma interpretação aproximada da realidade semântica dos topônimos. Porém, há muitos obstáculos quando o assunto é a toponímia proveniente de um processo de nomeação ocorrido em outros períodos históricos, dado o distanciamento da realidade linguística atual. Nesse caso, a toponomástica deve recorrer aos estudos históricos referentes aos períodos próximos do evento nominativo, assim como a obras lexicográficas que descrevam a realidade sociodialetal. O grande desafio nesse quesito é a escassez e, muitas

vezes, a limitação descritiva de tais obras que nem sempre dão conta das especificidades semânticas dos designativos. É também uma alternativa a realização de pesquisas de campo em comunidades rurais que apresentam grande potencial em conservar formas em desuso nos centros urbanos.

Outra problemática delicada para a discussão metodológica nos estudos toponímicos é o desenvolvimento de hipóteses sustentadas em etimologia popular. Na etimologia popular, que surge de uma explicação criada pelos falantes diante de um significante opaco, há questões interessantes para a toponomástica, principalmente, do ponto de vista das relações culturais e identitárias constituídas entre os falantes e o nome do lugar, porém, no quesito semântico, deve-se sempre verificar a existência de outras possibilidades explicativas para, por meio do confronto histórico, construir uma hipótese nominativa mais confiável. A explicação popular deve ser considerada como critério classificatório apenas quando demonstrar verossimilhança na estrutura do relato e compatibilidade com o contexto sócio-histórico.

Por outro lado, a etimologia popular pode ser vista como um mecanismo de ressemantização do topônimo, motivado pelo alto grau de opacidade que podem atingir alguns designativos, e também deve ser estudado como tal. Segundo Seabra (2006a), “os nomes de lugares, assim como os nomes de pessoas são ‘designadores rígidos’ já que representam ou são os próprios referentes em uma situação de comunicação” (SEABRA, 2006b, p. 1956). Essa rigidez designativa coloca o significado dos seus constituintes em um plano secundário no momento da comunicação, tornando-os sensíveis à opacização no eixo temporal. Com o tempo, a geração que conhecia os fatos que desencadearam a nomeação dá lugar a outras gerações de falantes, provocando transformações nas comunidades de fala. Como consequência, essas transformações nas redes sociais promovem “uma impermeabilidade em muitos de seus topônimos – tratam-se dos arquivos opacos” (SEABRA, 2006b, p. 1957). Com o objetivo de superar essa opacidade e apropriar-se cultural e socialmente do nome, os falantes constroem relatos para atribuir um significado ao significante toponímico a partir da análise dos seus fonemas, promovendo a mudança semântica.

A questão do étimo próximo também foi responsável por desdobramentos nos modelos taxonômicos de Dick, como a criação da subtaxe dos hagiotopônimos aparentes, cujo étimo não é um nome de santo, mas de personalidades políticas e eclesiásticas (LIMA, 1998 apud AGUILERA, 1999), ou a inclusão dos corotopônimos, conforme relata Dick (2006):

[...] a estrutura gramatical do sintagma Cabo Verde (lexia composta) é formada pelo conjunto substantivo-adjetivo cabo verde. Aplicado ao Município (sul do Estado), torna-se uma lexia complexa ou textualizada, no dizer de Pais [sic] [...] Nesse caso o topônimo integrará não uma categoria descritiva de nomes nem um índice cromático desvinculado de outras considerações culturais e, sim, o que chamamos, na teoria, de nomes transplantados, deslocados ou transferidos de seu lugar de origem para outros pontos distantes, formando uma seqüência nominal: Cabo Verde – África (lexia primária), – Cabo Verde – Minas Gerais, Brasil (lexia secundária). Inclui-se, assim, na taxionomia dos corotopônimos (nomes aplicados a regiões de espaços diferenciados, como países, territórios, cidades do mundo ou nacionais) (DICK, 2006, p. 108).

Por outro lado, nota-se que a categoria dos nomes deslocados necessita de uma atenção maior. Dick (1992, p. 32) define os corotopônimos como “topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes. Ex.: Brasil (AH AM); Europa (AH, AC); Amazonas (AH, BA); Uruguai (AH, MG)”. Isso implica na consideração do fenômeno do deslocamento apenas em nível de macrotoponímia, desconsiderando esses processos na microtoponímia. No caso do topônimo *Camisão* (AH, BA), por exemplo, o seu significado em língua portuguesa remete a um etnônimo, na acepção de «homem rústico», o que o enquadra no grupo dos etnotopônimos, no entanto, sabe-se que, no município que foi nomeado com este designativo, anteriormente havia uma aldeia denominada *Camisão* e há uma serra no seu território que também apresenta o mesmo designativo, ambos os topônimos documentados antes da sua fundação. Nesse sentido, o étimo próximo desse topônimo não seria mais um substantivo comum, mas de outro topônimo. Seria mais adequado classificá-lo como um ergotopônimo ou como um corotopônimo, já que se trata de um deslocamento?

Aguilera (1999) classifica também como corotopônimos os casos em que um acidente humano está localizado ao lado de um acidente físico do mesmo nome. Segundo a autora:

No caso dos homônimos, normalmente há um nome comum para o acidente físico (AF) e o acidente humano (AH). No Paraná é muito frequente a reiteração do nome do rio na denominação de cidades, vilas ou povoados cortados por ele, como Cambé, Apucarana, Tibigi (rios e municípios) e os pesquisadores mencionados optaram por classificar primeiramente o AF, sobretudo os cursos d'água, considerando o fator cronológico, isto é, a sua anterioridade em relação ao acidente humano, e posteriormente, classificar o AH, como corotopônimo por homenagear aquele acidente (AGUILERA, 1999, p. 133).

A proposta da autora seria a mais acertada, visto que, o argumento cronológico é quase sempre seguro. Todavia, a dinâmica dos deslocamentos na toponímia bem mais complexa, já que eles ocorrem também nos constituintes secundários do elemento específico. Nesses casos,

geralmente, há um processo híbrido de nomeação em que o nomeador, ao mesmo tempo, descreve um acidente do lugar e reutiliza o seu elemento específico. Esse tipo de nomeação toma como base acidentes de natureza física e antropocultural. Como exemplo de topônimos de natureza física, pode-se mencionar o geomorfotopônimo *Morro do Chapéu* (AH, BA), sendo *Chapéu* o nome do morro adjacente, e o hidrotopônimo *Ribeirão Preto* (AH, SP), sendo *Preto* o nome do ribeirão que atravessa a cidade. A maior evidência do deslocamento está no fato dos dois acidentes nomeados apresentarem outros estágios designativos anteriores aos apresentados. Nos topônimos de natureza antropocultural têm-se os hierotopônimos *Praça da Sé* (AH, BA), sendo *Sé* o nome de uma igreja adjacente, ou *Terreiro de Jesus*, sendo *Jesus* um dos constituintes do nome do colégio adjacente denominado *Colégio dos Meninos de Jesus*. Em ambos os casos ocorre o mesmo processo de toponimização de elementos genéricos.

Aos topônimos analisados se poderia atribuir uma classificação semântica de acordo com o significado depreendido do seu significante, um geomorfotopônimo, um hidrotopônimo um hierotopônimo e hagiopônimo, mas, nesses casos, se perderia a descrição do mecanismo que os gerou. Em contrapartida, se a classificação tomasse como referência o processo de deslocamento, os topônimos *Morro do Chapéu* e *Ribeirão Preto* não poderiam ser classificados como corotopônimos, já que o método de análise semântica considera para a classificação apenas o núcleo ou o primeiro elemento do sintagma. Nos casos de *Camisão*, *Praça da Sé* e *Terreiro de Jesus*, nos quais há a possibilidade de classificação como corotopônimos devido à ausência do elemento genérico no nome derivado, a limitação se apresentaria pela impossibilidade de classificação do étimo identificado.

Nota-se que a ampliação do alcance da taxa corotopônimo para deslocamentos em microtoponímia ressaltaria o processo de movimentação de lexias na toponímia local, mas traria limitações para a descrição das categorias semânticas, sua distribuição e irradiação. Seabra (2006a, p. 141), ao analisar a presença da forma *gualacho*, em Minas Gerais, observa que o designativo nomeia “[...] além de rios, campos, fazendas e lugarejos ao seu entorno”. O significado do designativo, segundo Machado (1894 apud Seabra, 2006a), deriva do Tupi *Yguarachue*, que quer dizer «poço do carumbé quebrado», sendo assim, um hidrotopônimo. A presença desse topônimo em acidentes humanos próximos aos hidrotopônimos são indícios de deslocamentos, no entanto, a classificação de *gualacho* como um corotopônimo, apagaria a representação da irradiação e distribuição hidrotoponímica.

O que se pretende elucidar é que há limites para a análise da motivação semântica, os quais são impostos pela própria estrutura dos significantes toponímicos. O modelo

taxonômico elaborado por Dick (1980; 1990; 1992) para a realidade brasileira buscou estabelecer critérios gerais para a classificação das formas individualmente, sendo difícil conciliar esse tipo de análise com outra de caráter relacional, como é o caso dos deslocamentos. Nesse direcionamento, acredita-se que a categoria de corotopônimo deve manter a abrangência atribuída por Dick (1992), restringindo-se aos deslocamentos a nível de macrotoponímia, partindo do princípio de que topônimos distantes não traduzem a realidade linguística local, mas apresentam como referente a representação mental do outro acidente nomeado.

2.2.3 A descrição dos constituintes semânticos

Além dos problemas de classificação, a abrangência das taxonomias semânticas para o eixo sintagmático vem evocando algumas inquietações. Tradicionalmente, a aplicação das *taxes* tem sido feita sempre no primeiro componente ou o núcleo do elemento específico, desconsiderando os demais constituintes do sintagma toponímico e ocultado a existência de padrões de composição semântica. Para discutir esse procedimento, é necessário compreender o princípio de que a nomeação é um processo que não se restringe a escolha do primeiro elemento, pelo contrário, a composição de um topônimo implica na seleção de um nome e de predicativos que o especificam. Em inglês, esse processo fica mais evidente devido a inversão da ordem dos constituintes, que fazem com que os modificadores apareçam diante dos elementos modificados, tanto o primeiro constituinte do específico, como o genérico. O topônimo *Black River* (Rio Negro, AF, EUA), ao ser modificado para designar outro acidente, tornou-se *Big Black River* (Grande Rio Negro, AF, EUA). Os casos dos específicos com mais de um constituinte, ressaltados por Stewart (1970), muito comuns em português e em inglês, demonstram o quanto o agrupamento de elementos no eixo sintagmático é relevante no processo de nomeação.

Ramos (2008), ao analisar 15 hagiopônimos dos municípios baianos oficializados em 1827, resalta um padrão formativo em sete deles, a combinação entre um hagiônimo e um nome deslocado, proveniente de cursos de água da região e de aldeias originárias do local. Com base nesse padrão, o autor discute a possibilidade de haver “uma subcategoria especial de hagiopônimos estruturalmente dotados de corônimos (hagiocorotopônimos?)” (RAMOS, 2008, p. 167-168). A presença desses deslocamentos ao final do sintagma toponímico, sinalizados por Ramos (2008), evidencia um outro aspecto importante: considerando a

facilidade que há em haver problemas de homonímia entre hagiotoponímicos, já que há nomes de santos recorrentes, como Santa Ana, por exemplo, presente em *Santa Anna do Camisão* (AH, BA) *Santa Anna dos Olhos de Água* (AH, BA) *Ilha de Santa Anna* (AF, BA), há uma tendência na nomeação hagiotoponímica em inserir uma lexia referente a um elemento local como traço distintivo, tendência já existente em Portugal.

Aguilera (1999) também destaca a relevância de alguns componentes secundários dos sintagmas toponímicos e menciona as considerações de Lima (1998 apud Aguilera, 1999), sobre algumas composições semânticas que poderiam derivar taxonomias híbridas, destacando alguns exemplos, apresentados na tabela 4:

Tabela 4 - Taxes híbridas

Taxonomia	Abrangência	Exemplo
Geomorfo-hagiotoponímicos	Formas topográficas + Nomes de santo	Porto Natal
Geomorfozootopônimo	Formas topográficas + Nomes de animais	Barra do Jacaré
Numerogeotopônimo	Números + Formas topográficas	Quatro Barras

Fonte: Lima (1998 apud Aguilera 1999).

A ampliação taxonômica poderia ser um caminho a ser seguido, mas a constituição de novas nomenclaturas pode conduzir a uma inflação terminológica na área, dificultando o acesso ao conhecimento desenvolvido a não toponimistas, já que muitas composições toponímicas passam por esse processo de hibridismo semântico. Nesse sentido, acredita-se que uma classificação taxonômica unida à descrição semântica dos constituintes possa ser uma solução mais simplificada e que implicará na não incorporação de terminologias híbridas além das propostas taxonômicas gerais.

A descrição semântica dos constituintes deve partir da análise de cada item detentor de significado lexical ou discursivo do elemento específico, as mesmas categorias consideradas para a classificação semântica, representando-os em cada sema toponímico por meio do radical da taxe correspondente, seguindo a fórmula: «T1 + T2 + Tn...». Ao adotar esse modelo, no caso de um topônimo de extensão considerável, como *Ponta da Serra do Camisão* (AH, BA), será possível propor uma descrição semântica integral, «geomorfo + etno», ou como em *Santa Anna dos Olhos de Água* (AH, BA), «hagio + hidro», considerando que *Ponta da Serra* e *Olhos de Água* são sintagmas fixos, portanto, um único constituinte semântico cada. Para além da descrição de formas analíticas, uma classificação taxonômica distribuída possibilita uma descrição semântica de nomeações que envolvem processos morfológicos de

formação. Os topônimos *Varge Grande* (AH, BA) e *Varginha* (AH, BA), por exemplo, ao mesmo tempo, ressaltam formas topográficas e descrevem as dimensões destas formas, ambos apresentando a mesma estrutura semântica: «geomorfo + dimensio».

No caso dos topônimos de línguas originárias, a situação implica em algumas ponderações, visto que, muitas vezes, um elemento constituinte do sintagma corresponde ao elemento genérico na língua em que foi nomeado. A forma *y*, «água» ou «rio», por exemplo, é um genérico no Tupi antigo, presente em diversos acidentes hidrográficos e acidentes humanos do país. Apesar de aparecer em posição final e preso ao específico, já que o Tupi é uma língua de estrutura sintética, como ocorre em *Piraí* (AF, SC), se considerada a função exercida, *y* continua sendo um elemento genérico. Nesse sentido, nos contextos em que *y* for um genérico, não haverá detalhamento semântico, como em *Piraí*, que apresenta um único constituinte semântico, «zoo». Mas em outros casos, nos quais a forma não se refere a um curso de água, não sendo, portanto, um genérico, como em *Piraí do Norte* (AH, BA), deve-se detalhá-lo junto aos demais constituintes: «zoo + hidro + cardino».

Do ponto de vista qualitativo, a abordagem possibilita uma descrição mais detalhada da dinâmica toponímica, visto que componentes semânticos permanecem durante muito tempo nos designativos de uma localidade, porém, por figurarem como formantes secundários, nem sempre se encontram evidenciados na classificação taxonômica. Isso acontece com os designativos do município de Ipirá, cujo componente *Camisão*, proveniente dos nomes atribuídos pelos portugueses à serra do *Camisão* e à aldeia *Camisão*, acidentes nomeados antes do seu povoamento, foi incorporado em todos os designativos, com exceção do último: *Fazenda Ponta da Serra do Camisão* > *Santa Anna do Camisão* > *Sant'anna do Camisão* > *Camisão* > *Ipirá*. A demarcação semântica desse processo só se revela com a classificação semântica dos constituintes: «geomorfo + etno» > «hagio + etno» > «etno» > «hidro + zoo».

Mas é na aplicação quantitativa que a abordagem se mostra ainda mais eficaz, pois torna possível a identificação de padrões semânticos predominantes na toponímia de uma região, na primeira ou em qualquer outra posição que ocupe no sintagma. Dessa forma, é possível ver a difusão da hagiotoponímia, na condição de segundo constituinte do sintagma toponímico, como ocorre com os topônimos *Riacho de Santana* (AH, BA), «hidro + hagio», *Vila Bela de Santo Antonio das Queimadas* (AH, BA), «animo + hagio + igneo», ou das diversas composições com animotopônimos: *vila Bela das Palmeiras* (AH, BA), «animo + fito» *Mundo Novo* (AH, BA), «animo + crono».

Diferente da formulação de taxonomias híbridas, a descrição dos constituintes permite uma uniformização das representações cartográficas, um detalhamento maior nos atlas toponímicos e a constituição de atlas mais descritivos que interpretativos. No caso da classificação semântica, por exemplo, ainda é uma discussão entre toponimistas se ela deve ser feita pelo primeiro elemento, pelo núcleo do sintagma ou por uma análise sociosemiótica, por meio da qual se verificaria “qual dos elementos teria maior peso semântico no ato da nomeação” (AGUILERA, 1999, p. 131). Com a classificação distribuída, é possível compor uma carta geográfica com a representação dos elementos constituintes primários e dos constituintes secundários, demonstrando a distribuição de uma taxa como primeiro ou segundo constituinte do termo específico. A interpretação dessa descrição pura ficaria a cargo do toponimista que poderá considerar os dados sob diferentes perspectivas.

2.2.4 A classificação dos mecanismos de nomeação

O sistema taxonômico apresentado por Dick (1990; 1992), como mencionado, é proporcional a extensão territorial que pretende abranger: o território brasileiro em suas dimensões continentais. Por conta disso, acredita-se que, dificilmente haveria uma proposta taxonômica mais reduzida que desse conta da diversidade semântica presente em todo o território nacional, inclusive, a grande maioria das propostas taxonômicas encontram desafios nesse quesito. Trata-se de um modelo que se mostra abrangente do ponto de vista da descrição das relações entre toponímia e ambiente, bem como dos motivos semânticos comumente selecionados e a sua distribuição geográfica, mas não dá conta sozinha de descrever todos os aspectos semânticos que orientam a nomeação.

Os nomes de lugar surgem de um processo complexo de nomeação. Dick (1990) ressalta o duplo aspecto motivado da nomeação, a motivação para nomear, a parte não linguística do processo, e a motivação semântica, a sua dimensão linguística. Na primeira, o nomeador é motivado a atribuir um nome a um determinado lugar. Essa intencionalidade do nomeador, condicionada por fatores sócio-históricos, culturais, psicológicos, ideológicos, resulta em uma atividade mental que relaciona processos cognitivos gerais à cognição linguística, em sentido estrito. Na esfera linguística, o nomeador seleciona dentro do seu léxico mental, no caso das nomeações espontâneas, ou do léxico disponível, em casos sistemáticos de nomeação, as unidades mobilizadas por essa atividade cerebral para compor o sintagma toponímico.

No entanto, além da motivação externa, intencionalidade, e a motivação linguística, seleção lexical, existem os mecanismos de nomeação que consistem no *modus operandi* do processo de nomeação (TENT; BLAIR, 2011). Enquanto a motivação semântica refere-se ao significado das bases lexicais utilizadas no processo de nomeação, o mecanismo de nomeação refere-se ao processo cognitivo que gerou a nomeação, ou seja, a forma como o nomeador mobiliza o significado destes itens a fim de alcançar o seu objetivo, quer por meio da composição de uma descrição direta do lugar ou da reutilização de outro nome. Para Stewart (1954), o estudo dos mecanismos de nomeação consiste em um campo essencial na pesquisa onomástica, em detrimento da motivação externa e os fatores psicológicos subjacentes à nomeação, que não podem ser sistematicamente analisados. Enquanto a análise da motivação semântica apresenta uma maior importância do ponto de vista dialetológico e sociocultural, o estudo dos mecanismos de nomeação se mostra relevante sob um viés cognitivo.

A rejeição a uma abordagem sistemática dos mecanismos no Brasil teve início na filiação de Dick às taxonomias usadas por Dorion e Hamelin (1966), Dorion e Poirier (1975) e a maioria dos toponimistas americanos e europeus que buscavam descrever os aspectos semânticos da seleção lexical. A atitude da autora foi justificável, num primeiro momento, em que se fez necessário adotar um modelo para descrever uma realidade linguística ainda não explorada. Além disso, as categorias empregadas por Stewart (1954) diferiam muito das usadas para as línguas latinas e tinham sido pensadas para um diassistema toponímico que difere da realidade brasileira em muitos aspectos, tanto do ponto de vista linguístico, quanto cultural, fatores que poderiam ter contribuído para a escolha.

Algumas das críticas feitas por Dick ao modelo foram extremamente relevantes. É o caso dos *eufemistic names*, que representavam uma projeção futura, categoria criticada pela autora por conta da insegurança nas causas determinativas e que foi removida pelo próprio Stewart (1975), ao apresentar uma reformulação do modelo, provavelmente pela sua difícil aplicabilidade. Em seguida, outros problemas foram apontados no método reformulado de Stewart (1975), por Tent e Blair (2011), que destacaram casos de sobreposição de algumas *taxes*, assim como categorias muito amplas e outras muito restritas. Características essas que, inclusive, também podem ser identificadas na proposta de Dick (1992), como é o caso dos locais de culto, que são, ao mesmo tempo, hierotopônimos e sociotopônimos, ou na desproporção entre as *taxes* hierotopônimo, que abrange uma enorme quantidade de elementos, e os hodotopônimos, que apenas agrupam as vias de comunicação. De fato,

estabelecer um modelo descritivo sem sobreposições e com uma distribuição proporcional das categorias é um problema que a toponomástica ainda não conseguiu superar.

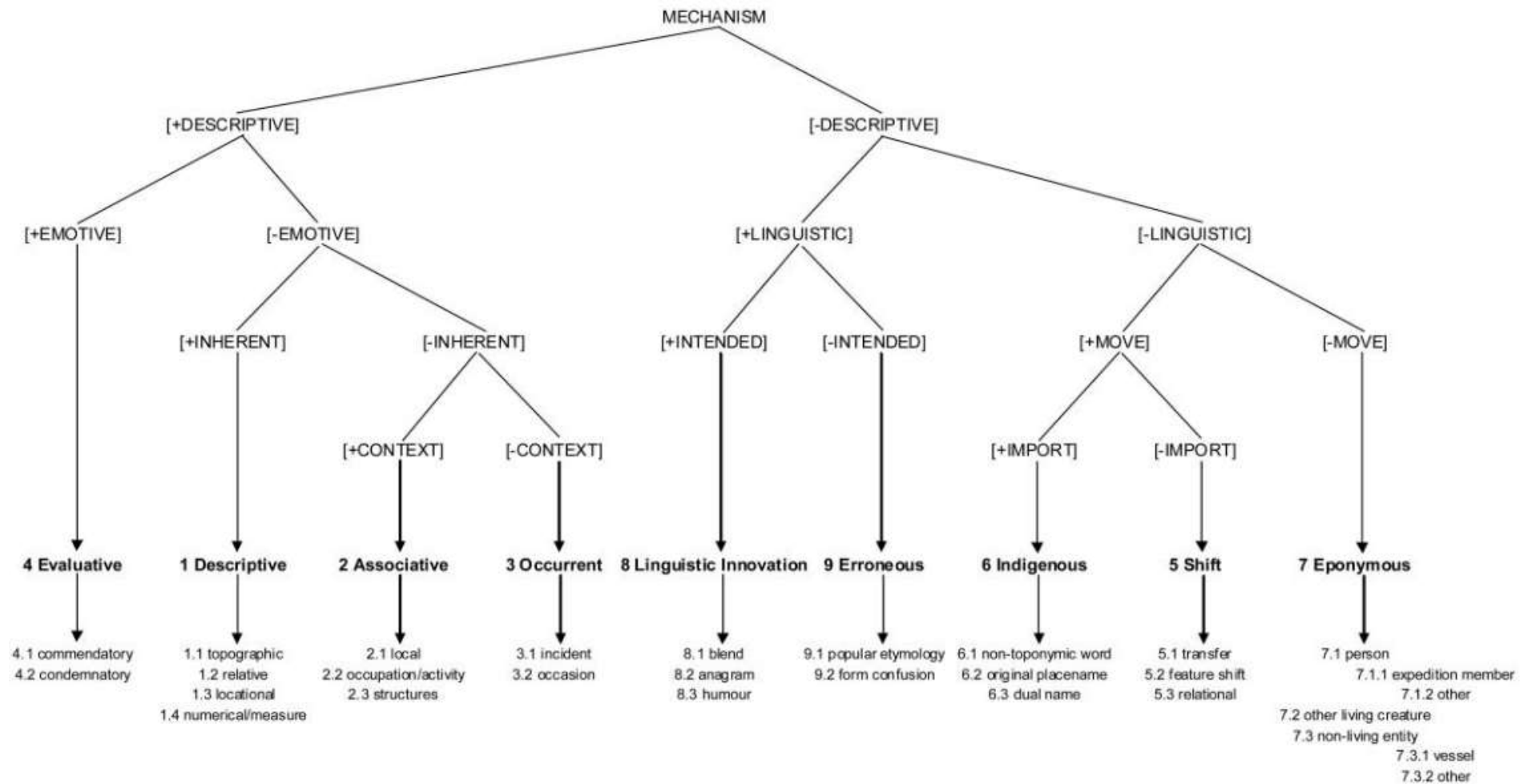
Dick (1992) também argumenta que categorias de Stewart (1954), como *folk etymologies*, etimologias populares, *manufactured names*, nomes fabricados, poderiam não ser encontrados em todos os sistemas onomásticos, o que não foi confirmado nem tampouco negado pelas pesquisas posteriores. Sobre a atuação da etimologia popular na toponímia brasileira, é possível mencioná-la como um mecanismo de mudança, atuando no processo de ressignificação de topônimos opacos. A forma *Camisão*, como já foi discutido neste trabalho, corresponde a dois designativos atribuídos a dois acidentes próximos em períodos anteriores a sua nomeação, a Serra do *Camisão* e à Aldeia *Camisão*, no entanto, a explicação mais difundida se baseia em um relato popular do ‘homem do camisão’, considerado o primeiro habitante da localidade, fato não comprovado historicamente (IBGE, 1958a). Assim, o topônimo apresenta dois estágios semânticos: um proveniente do deslocamento do nome de um acidente adjacente e outro da ressignificação estabelecida pela população local com base na análise seu significante, provocada pela opacização do primeiro mecanismo.

A necessidade de um contínuo retorno ao passado histórico também foi tomado como argumento contrário à adoção do estudo dos mecanismos (DICK, 1990), porém, com a aplicação do modelo de Dick, notou-se que uma abordagem dissociada da pesquisa sócio-histórica apresenta muitas limitações, devendo ser executada apenas quando não houver documentação disponível. Em contrapartida, as principais informações sobre os mecanismos de nomeação podem ser encontradas na própria estrutura linguística do topônimo, em sua relação com o léxico mental do nomeador, onomástico e não onomástico, que resulta do diassistema linguístico em que está inserido.

O estudo dos mecanismos de nomeação, proposta de Stewart (1975), por outro lado, passou por diversas análises e reformulações, cujo direcionamento mais recente foi o estruturado pelos pesquisadores australianos do *Australian National Placenames Survey* (ANPS), Tent e Blair (2011). A iniciativa dos toponimistas partiu do princípio de que um modelo taxonômico de classificação baseado nos mecanismos de nomeação deveria evitar sobreposições, imprecisões e ambiguidades. Para elaboração das taxonomias, os autores consideraram dez modelos de classificação toponímica propostos por pesquisadores de localidades e abordagens distintas, voltadas a toponímia geral e toponímia de línguas originárias. Em seguida, eles apresentam com detalhes os problemas encontrados na forma como as propostas sistematizam as categorias toponímicas e propõem um método de

organização das taxes que parte da análise dos componentes semânticos dos mecanismos de nomeação, tendo como escopo o banco de dados de topônimos australianos do ANPS. O resultado foi a identificação de oito componentes semânticos básicos que se organizam de forma binária (cf. figura 5), com base nos quais foi possível distinguir nove categorias nominativas na toponímia australiana, apresentados na tabela 5:

Figura 5 - Componentes semânticos dos mecanismos de nomeação



Fonte: Elaborada por Trent e Blair (2011).

Tabela 5 - Tradução da tipologia toponímica do ANPS

0	Desconhecido – onde o significado, referência, referente ou origem do topônimo é desconhecido
1	Descritivo – indicado uma característica inerente ao acidente
1.1	Topográfica – descrevendo a aparência física de uma característica qualitativa ou metaforicamente (e.g. <i>Cape Manifold, Steep Point, Point Perpendicular, Broken Bay, Mount Dromedary, Pigeon House Mountain, Cape Bowling Green, Pudding-pan Hill</i>).
1.2	Relativo – indicando a posição de um acidente em relação a outro, cronológica ou espacialmente (e.g. <i>South Island vs North Island, North Head vs South Head, Groupe de l’Est vs Groupe de l’Ouest, Old Adaminaby</i>).
1.3	Locacional – indicando o local ou a orientação de um acidente (e.g. <i>Suyt Caap, Cape Capricorn, South West Cape</i>)
1.4	Numérico/Medição – medindo ou contando elementos de um acidente nomeado (e.g. <i>Three Isles, Three Mile Creek, The 2 Brothers, Cape Three Points</i>)
2	Associativo – indicando algo que está sempre ou frequentemente associado ao acidente ou ao seu contexto físico
2.1	Local – indicando algo de natureza topográfica, ambiental ou biológica visto ou associado ao acidente (e.g. <i>Lizard Island, Shark Bay, Palm Island, Green Island, Botany Bay, Magnetic Island, Cornelian Basin, Oyster Bay, Bay of Isles, Ocean Beach</i>)
2.2	Ocupação/atividade – indicando uma ocupação ou atividade habitual associada ao elemento (e.g. <i>Fishermans Bend</i>)
2.3	Estruturas – indicando uma estrutura fabricada associada ao recurso (e.g. <i>Seven Huijsien “Sete Casas”, Telegraph Point</i>)
3	Ocorrência – registrando um evento, incidente, ocasião (ou data) ou ação associada ao acidente
3.1	Incidente – registrando um evento, incidente ou ação associada ao acidente (e.g. <i>Cape Keerweer “Cabo Dar a Volta,” Indian Head</i> – onde Cook avistou pessoas aborígenes na praia, <i>Cape Tribulation</i> – onde o navio de Cook atingiu um recife, <i>Smokey Cape</i> – onde Cook relatou ter visto fogueiras nativas)
3.2	Ocasião – reconhecer uma época ou data associada ao acidente e.g. <i>Whitsunday Islands, Pentecost Island, Trinity Bay, Paasavonds land “Terra da véspera de Páscoa,” Restoration Island, Wednesday Island, St Patrick’s Head, Ile du Nouvel-An “Ilha do ano novo”</i>)
4	Avaliativo – refletindo a reação emocional do nomeador ou uma forte conotação associada ao acidente
4.1	Recomendatório – refletindo/propondo uma resposta positiva ao acidente (e.g. <i>Hoek van Goede Hoop “Ponto da Boa Esperança” Fair Cape, Hope Islands, Ile de Remarque “Ilha Notável”</i>)
4.2	Condenatório – refletindo/propondo uma resposta negativa ao acidente (e.g. <i>Mount Disappointment, Passage Epineux “Passagem Tortuosa,” Baie Mauvaise “Bahia Ruim”</i>)
5	Deslocamento – uso de um topônimo, no todo ou em parte, de outro local ou acidente
5.1	Transferência – transferido de outro local (e.g. <i>Pedra Brancka, Rivier Batavia, ‘t Eijlandt Goeree, Orfordness, River Derwent, Lion Couchant, Cap du Mont-Tabor</i>)
5.2	Deslocamento adjacente ²⁸ – copiado de um recurso adjacente de um tipo diferente (e.g. <i>Cape Dromedary</i> , próximo a <i>Mount Dromedary, Pointe de Leeuwin</i> , adjacente a <i>‘t Land van Leeuwin, Cap Frederick Hendrick</i> , ao redor de <i>Frederick Hendrix Baaij</i>)
5.3	Relacional - usando um qualificador dentro do topônimo para indicar orientação de um topônimo adjacente do mesmo tipo de acidente (e.g. <i>East Sydney < Sydney, North Brisbane < Brisbane</i>)
6	Índigena – importando um topônimo ou palavra indígena para o sistema Introduzido
6.1	Palavra não toponímica – importar uma palavra indígena, não sendo um topônimo (e.g. <i>Charco Harbour</i> de “carvão” ou <i>yir-ké</i> “uma exclamação de surpresa”)
6.2	Nome do local original – importando o topônimo indígena já usado para esse local ou acidente (e.g. <i>Parramatta, Turrumurra</i>)
6.3	Dual name – restaurando um topônimo indígena original como parte de um processo de dupla nomeação (e.g. <i>Uluru/Ayers Rock, Kata Tjuta/Mount Olga</i>)

²⁸ O termo original é *feature shift*, “deslocamento do acidente”, optou-se por adotar uma terminologia mais objetiva em português.

-
- 7 **Epônimo** – comemorando ou homenageando uma pessoa ou outra entidade nomeada usando um nome próprio, título ou substituto de epônimo como topônimo
 - 7.1 **Pessoa(s)** – usando o nome apropriado de uma pessoa ou grupo para nomear um acidente
 - 7.1.1 **Membro da expedição** - onde a pessoa nomeada é membro da expedição (e.g. *Tasman Island, Point Hicks, Crooms River, Labillardiere Peninsula, Huon River*)
 - 7.1.2 **Outros** – onde o acidente recebe o nome de uma pessoa eminente, patrono, oficial, nobre, político, membro da família ou amigo etc. (e.g. *Maria Island, Anthonio van Diemensland, Cape Byron, Terre Napoleon, Cap Molière, Prince of Wales Island, Princess Royal’s Harbour, Cap Dauphin, Ile de la Favourite*)
 - 7.2 **Outra entidade viva** – usando o nome próprio de uma entidade viva não humana para nomear um recurso (e.g. *Norseman* nome de um cavalo, *Banana* nome de um boi)
 - 7.3 **Entidade não viva** – usando o nome próprio de uma entidade não viva para nomear um recurso (e.g. *Endeavour River, Arnhem Land, Tryall Rocks, Cap du Naturaliste, Pointe Casuarina, Pantjallingns hoek after the Nova Hollandia*)
 - 7.3.1 **Navio** – nomeado após um navio, geralmente um associado à “descoberta” (e.g. *Endeavour River, Arnhem Land, Tryall Rocks, Cap du Naturaliste, Pointe Casuarina, Pantjallingns hoek* depois *Nova Hollandia*)
 - 7.3.2 **Outro** – nomeado após uma entidade não viva nomeada (e.g. *Agincourt Reefs* depois da batalha, *Vereenichde Rivier* depois do *Dutch United Provinces*)
-
- 8 **Inovação linguística** – introdução de uma nova forma linguística, através da manipulação da linguagem
 - 8.1 **Blend** – mistura de dois topônimos, palavras ou morfemas (e.g. *Australind*, de “*Australia*” + “*India*”; *Lidcombe*, de “*Lidbury*” + “*Larcombe*”)
 - 8.2 **Anagrama** – usando as letras de outro topônimo para criar uma nova forma anagmática (e.g. *Nangiloc* reverso de “*Colignan*”)
 - 8.3 **Humor** – usando um jogo de linguagem com a intenção humorística de criar um novo topônimo (e.g. *Bustmegall Hill, Doo Town*)
-
- 9 **Errado** – introdução de uma nova forma através de transmissão ilegível, erro de ortografia, significado incorreto etc.
 - 9.1 **Etimologia popular** – interpretação incorreta da origem de um topônimo, levando a uma corrupção da forma linguística (e.g. *Coal and Candle Creek* from Indigenous “*Kolaan Kandhal*”)
 - 9.2 **Confusão de forma** – alteração da forma linguística, de um mal-entendido ou má transmissão da origem.

Fonte: Trent e Blair (2011, tradução nossa).

O modelo taxonômico organizado, apesar de tomar como critério os mecanismos de nomeação, apresenta subtaxes relacionadas a motivações frequentes no diassistema onomástico australiano. É o caso de taxes contidas no campo dos epônimos (cf. item 7), como os nomes de navios, de membros da expedição e de outras entidades vivas, que traduzem contextos bem específicos de nomeação e nem sempre são aplicados em outros diassistemas toponímicos. Todavia, assim como a Austrália, o Brasil passou por um processo de colonização estabelecido por vias marítimas, não sendo improvável a ocorrência desse fenômeno. Um olhar para essas categorias, ainda não identificadas na toponímia brasileira, revela novas demandas de pesquisa, como a necessidade de se investigar os nomes dos navios que aqui aportaram para verificar se essa tendência nominativa também se faz presente em nosso contexto. Por outro lado, é possível notar que tipos designativos como a

hagiotoponímia, bem expressiva na toponímia brasileira, não aparecem no modelo, o que já revela caminhos denominativos divergentes.

É possível também notar que alguns dos traços identificados se encontram evidenciados nas taxes de Dick (1992), como o «+DESCRITIVO», em especial, a descrição de caráter «+EMOTIVO» apresentada por Isquierdo (1996), o «+MOVIMENTO» representado pelos corotopônimos. Algumas outras taxes se apresentam no domínio de mais de um mecanismo como é o caso dos historiotopônimos, que podem fazer parte do mecanismo ocorrente (cf. item 3), topônimos relacionados a eventos históricos do lugar, ou a categoria membro da expedição (cf. item 7.1), que podem ser nomes históricos, dependendo do momento da nomeação.

Todavia, o modelo também se mostra limitado, mais pela limitação explicativa diante da complexidade do fenômeno nominativo do que por problemas de estruturação. No caso das categorias «-LINGUÍSTICO», por exemplo, é possível encontrar a taxe epônimos que resulta de uma sobreposição de traços negativamente marcados, «-DESCRITIVO», «-LINGUÍSTICO», «-MOVIMENTO». A ausência de um traço positivo deixa uma lacuna sobre o tipo de mecanismo utilizado na nomeação. Os epônimos são uma categoria obscura, que pode transitar entre dois tipos distintos de mecanismos: «+CONTEXTO», quando surgir a partir de uma pessoa que habitava no local, num processo espontâneo de nomeação; ou o que se poderia chamar de «+APORTE», o aporte de um nome de outro subsistema onomástico, quando se tratarem de outros tipos de nomeações em que o antropônimo não partiu de uma forma de descrição metonímica do local. O mesmo não ocorre com o erro, «-PRETENDIDO», que evidencia o processo de desvio da motivação que o gerou.

Outra limitação é com relação às línguas originárias, consideradas apenas como itens incorporados ao sistema toponímico da língua inglesa. Essa atitude provoca um apagamento da participação das línguas originárias na constituição do diassistema toponímico, assim como impossibilita a identificação dos mecanismos empregados pelos povos originários que, conforme ficou demonstrado pelas pesquisas realizadas ao longo da tradição da toponomástica brasileira, apresentam uma forte tendência descritiva, seja do tipo associativo, «+CONTEXTO», descrevendo elementos presentes no terreno, como os zootopônimos atribuídos pelos Bororo, ou um descritivo direto, «+INERENTE», como cromotopônimos Tupis, comuns nos designativos de acidentes hidrográficos.

Da mesma forma que ocorrem com frequência hibridismos de elementos lexicais na construção de sintagmas toponímicos, não é diferente com os mecanismos. No caso já

destacado dos hagiopônimos é possível notar os traços «+APORTE» «+MOVIMENTO», e.g. *Sant'anna do Camisão*. Segundo Stewart (1954, p. 12, tradução nossa):

Como uma discussão sobre formas de nomear, no entanto, não pode escapar da consideração de um motivo, pode-se destacar também os motivos que naturalmente resultam em mistos. Teoricamente, pode-se supor que um único motivo e, portanto, um único mecanismo seja sempre predominante, mas mesmo assim quando um membro tiver duas razões para nomeação, ele nem sempre declara e, sem dúvida, nem sempre pode saber qual era o predominante²⁹.

Apesar de ter sido constituído a partir dos mecanismos, o modelo do ANPS também apresenta subtaxes pautadas na motivação semântica. Nesse sentido, não se pretende adotar integralmente o modelo apresentado, já que o modelo de Dick (1992) tem se mostrado eficaz na descrição da realidade brasileira. O objetivo dessa discussão é o de extrair do modelo de Tent e Blair (2011) as categorias gerais para uma descrição dos mecanismos de nomeação da toponímia brasileira, a partir das quais serão propostas subcategorias por meio da aplicação do modelo ao *corpus toponymicum* deste trabalho. Nesse sentido, apresenta-se, na tabela 6, um modelo de mecanismos de nomeação, ordenando-os hierarquicamente em três categorias (macro, meso e micro), a partir de adaptações dos mecanismos reunidos na proposta de Tent e Blair (2011): a remoção de algumas categorias, e.g. epônimo, inovação linguística e erro; fusão de outras, e.g. relativo e locacional; ou divisão, e.g., local, dividido em local e adjacente, e deslocamento, dividido em vertical e horizontal; e a inserção de novos mecanismos que não foram abrangidos pelo modelo, e.g. introdução, por acomodação e laudatória, e designação genérica.

²⁹ Texto original: Since a discussion of the ways of naming, however, cannot entirely escape a consideration of motive, one can also point out that mixed motives naturally result in mixed mechanisms. Theoretically, one might assume that a single motive and therefore a single mechanism is always predominating, but even when a namer gives us two reasons for the naming, he does not always state, and doubtless he cannot always know, which was the predominating one.

Tabela 6 - Proposta de classificação dos mecanismos de nomeação

Macromecanismos	Mesomecanismos	Micromecanismos
Descrição Indica uma característica observada no acidente	Inerente Característica própria do lugar nomeado	Designação genérica Designa o acidente utilizando apenas o elemento genérico Topográfica Descreve características do acidente de forma literal ou metafórica Estrutural Descreve o acidente em relação a outro(s) acidente(s) equivalentes, enquadrando-o dentro de um conjunto nominativo Referencial Descreve o acidente a partir de pontos de referência espaciais ou temporais
	Associativa Característica associada ao lugar nomeado	Local Descreve características do local onde se encontra o acidente Adjacente Descreve elementos físicos adjacentes ao local Manufaturado Descreve acidentes humanos presentes no acidente ou em locais adjacentes Sociocultural Atividades sociais e culturais retratadas de forma direta ou indireta
	Avaliativa Característica atribuída a partir da avaliação do acidente	Positiva Avalia positivamente o acidente Negativa Avalia negativamente o acidente
	Ocorrência Fato ocorrido relacionado ao acidente, seja pontual ou contínuo	Incidente Descreve o incidente ou elementos associados Ocasião Descreve a data ou o período associado ao incidente
Toponimização Utilização de lexias pertencentes ao léxico toponímico, onomástico ou do universo de discurso a que pertence o nomeador	Deslocamento Toponimização de um outro nome de lugar	Transferido Proveniente de um local distante Vertical Proveniente de um acidente integrado ao novo acidente nomeado Horizontal Proveniente de um acidente adjacente
	Introdução Toponimização de um outro nome ou derivado	Acomodação Proveniente de nomes próprios do local ou adjacências: antropônimos, títulos, etnônimos etc. Laudatória Proveniente de nomes de não residentes do local ou de nomes sagrados, com a intenção de homenagear

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Os macromecanismos referem-se aos mecanismos elementares de nomeação: a descrição, que resulta da composição do texto toponímico, propriamente dito, descrevendo propriedades do lugar ou a ele relacionadas; a toponimização, em que uma lexia passa de outro subsistema de origem, como antroponímico, hagianímico, toponímico, para nomear um lugar. Os macromecanismos refletem as leis gerais do processo nominativo e, por isso, não

são, aparentemente, suscetíveis à ampliação. Os mesomecanismos, por outro lado, consistem em um primeiro nível de especificação das formas em que ocorrem os macromecanismos, sendo mais suscetíveis à ampliação, à medida que novos micromecanismos são descobertos, ressaltando novas propriedades. Os micromecanismos são o nível mais detalhado de descrição e o mais suscetível a ampliação a partir da identificação de novas modalidades. Seria possível pensar também em nanomecanismos, no entanto, a descrição destas propriedades exageradamente especificadas se mostraria útil apenas em abordagens direcionadas ao estudo de um micromecanismo em particular.

A introdução de uma metodologia voltada ao estudo dos mecanismos de nomeação na tradição toponomástica brasileira possibilitará, dentre outros aspectos, a observação das diferentes maneiras de utilização de uma mesma categoria denominativa para diferentes finalidades, bem como a descrição simultânea de categorias que se sobreponham na análise baseada apenas na motivação semântica, como é o caso dos corotopônimos. O destaque dado aos processos de toponimização, em especial, os deslocamentos, possibilitará uma descrição mais ampla da dinâmica interna do diassistema toponímico, tanto em sincronia, como em diacronia, evidenciando não só os movimentos, mas as categorias semânticas que se movimentaram. Assim, a análise conjunta dos mecanismos de nomeação e da motivação semântica pode fazer emergir novas questões de pesquisa e novas realidades denominativas antes não evidenciadas.

3 METODOLOGIA

A pesquisa consiste em um estudo toponímico de 212 topônimos de natureza diversa, como nomes de fazenda, vilas, freguesias, cursos de água, ilhas, referentes ao território das duas comarcas da *Capitania da Bahia de todos os Santos: a Comarca da Bahia de Todos os Santos* e a *Comarca dos Ilheos*. Para a constituição do *corpus*, foi realizada uma pesquisa de base documental, tomando por fonte um conjunto de três mapas referentes ao território mencionado, cuja autoria é atribuída a Anastasio de Santa Anna e se encontram disponíveis na *Biblioteca Nacional Digital*³⁰. Para a análise dos dados, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, por meio da consulta a dicionários, enciclopédias, livros e demais publicações especializadas nas áreas de toponomástica e etimologia, além de outras fontes bibliográficas de áreas auxiliares, como história e geografia.

No eixo temporal, buscou-se adotar um enfoque sincrônico, por meio da descrição de apenas um estágio do diassistema toponímico, considerando, todavia, a impossibilidade de uma abordagem estritamente sincrônica da toponímia. Devido à fixação e opacização dos topônimos, processos responsáveis por preservar formas de outros estágios nominativos sem inovações semânticas, por um longo período de tempo, bem como sua função locativa, o que motiva a nomeação de cunho relacional, se faz necessário, nesse tipo de análise, observar a diacronia manifesta na sincronia, buscando descrever a diversidade de camadas denominativas. A análise se restringiu, portanto, aos topônimos em uso no *corpus*, deixando de fora do seu escopo outros estágios designativos, a não ser quando a própria estrutura do sintagma evidenciou estes estágios, nas mudanças por redução do sintagma ou de caráter fonético.

3.1 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* DA PESQUISA

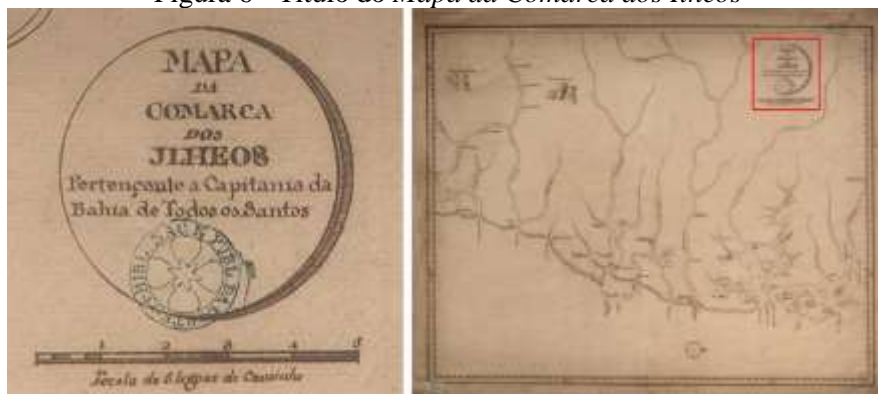
O *corpus toponymicum* foi extraído de um conjunto de três mapas, de autoria desconhecida, cuja elaboração estima-se ter ocorrido entre o final do século XVIII e o início do século XIX. Dois dos mapas se referem à Comarca da Bahia de Todos os Santos: o primeiro, intitulado *Mapa da Comarca da Bahia de Todos os Santos sua divisão desde o rio Jiquiriça até o rio Real pela parte do Norte*, doravante MCB1; e o segundo, *Mapa da Comarca da Bahia de Todos os Santos seguindo a continuação della para o poente*,

³⁰ Link: <http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital/>.

doravante MCB2. Segundo Havre (2009), a grosso modo, é possível dizer que a linha divisória entre as duas áreas retratas pelos mapas pode ser traçada da cidade de Água Fria, ao norte, e a Ilha de Itaparica, ao Sul. O terceiro mapa refere-se à Comarca dos Ilheos, intitulado *Mapa da Comarca dos Ilheos*, doravante MCI. Os dois primeiros mapas coincidem no registro de alguns logradouros, enquanto o terceiro apenas os localizados nas proximidades do *Rio Jiquiriçá*.

A Biblioteca Nacional apresenta uma datação global que abrange o período entre os anos de 1700 e 1799, apesar de, segundo Havre (2019), os Anais de 1881-1882 sugerirem um parentesco com um mapa datado de 1807, cujo original se encontra no Arch. Militar com o nome de Anastasio de S. Anna³¹, o mesmo autor do *Guia de Caminhantes*, doravante GdC, obra composta por uma série de mapas do território brasileiro, datada de 1817. No entanto, Havre (2019, n.p.), a partir da análise de aspectos estruturais dos mapas estima que “as informações que podem ser obtidas dos documentos apontam que eles foram certamente realizados entre 1761 e 1807”. A datação inicial foi feita a partir do título do MCI (cf. figura 6), que apresenta a informação de que a Comarca de Ilheos pertencia à Capitania da Bahia de Todos os Santos, fato que, como constata Havre (2019), aconteceu apenas em 1761. A datação final foi fixada a partir da identificação de uma relação genética existente entre os sistemas de coordenadas instalados, a adoção do meridiano caboverdiano, tanto no mapa do Arch. Militar e quanto no mapa anônimo. A ausência e a presença de designativos são considerados na avaliação, no entanto, não permitiram levantar hipóteses conclusivas sobre a datação. Por conta disso, assume-se que o *corpus toponymicum* registrado nos mapas como referentes à toponímia setecentista.

Figura 6 - Título do *Mapa da Comarca dos Ilheos*



Fonte: Biblioteca Nacional Digital.









































³¹ Não há muitas informações a respeito do suposto autor dos mapas, apenas que o GdC foi produzido na Bahia e que ele era denominado de ‘o pardo’.

O estudo dos topônimos registrados nos mapas é relevante tanto do ponto de vista variacional, pelo fato de apresentarem algumas alterações gráficas que refletem variações fonéticas ocorridas no período, como da microtoponímia do sertão baiano, já que apresenta designativos que não se encontram registrados em outros mapas, como o GdC, por exemplo. Segundo Havre (2019):

Na Bahia, um dos primeiros focos da colonização portuguesa, a maioria dos documentos do início do período colonial se limitam à representação da costa e do entorno imediato da Baía de Todos os Santos. Os primeiros cartogramas remontam ao século XVI, mas os limites geográficos ultrapassam raramente, do lado ocidental, a vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, fundada em 1698. Para conhecer o território além deste ponto, torna-se necessário recorrer a mapas regionais ou continentais, cuja escala não permite maior detalhamento. Durante todo este tempo, o sertão é cenário de desconhecimento, de guerra e de seca mas, ao mesmo tempo, sofre uma enorme pressão pela ampliação e pelo controle das terras (HAVRE, 2019, n.p.)

Nos mapas, não são apresentadas legendas ou notas contendo informações sobre os símbolos utilizados. Havre (2019, n.p.) sinaliza que há uma “[...] progressão lógica na elaboração dos símbolos, partindo de um simples círculo, no qual são acrescentados detalhes [...]”, esta progressão segue a lógica de representação mais simplificada para acidentes de menor proporção, como as fazendas, e mais complexa para os conglomerados maiores como as freguesias e vilas. O autor também destaca que alguns dos símbolos utilizados também podem ser encontrados no GdC. Partindo da necessidade de interpretação dos símbolos usados para classificar os tipos de acidentes, foi realizada uma análise dos mapas para observar a correspondência entre os símbolos neles contidos e os utilizados no GdC. O resultado da análise mostrou certa convergência entre os símbolos. Todavia, sempre que possível, foi realizada uma pesquisa bibliográfica complementar para confirmar a natureza dos *designata*. A seguir, apresenta-se a lista de acidentes, seguidos do símbolo utilizado em cada mapa, quando ocorreram, e os símbolos encontrados no GdC:

Tabela 7 - Símbolos correspondentes entre os mapas

Acidente	MCB1	MCB2	MCI	GdC
Arcebispos		-	-	
Vilas				
Arraiais				
Freguesias e povoações			-	
Capelas			-	
Fazenda				
Sítios				
Fortes e destacamentos				
Rios				
Estradas			-	
Caminhos	-		-	
Serras (montanhas)	-			

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Para a transcrição dos três mapas, utilizou-se uma metodologia semelhante à descrita por Carvalho (2013) para a preparação do *corpus toponymicum* do Mato Grosso em cartas topográficas. O primeiro passo foi o quadriculamento do material, marcando as quadriculas horizontais com números (1...n) e as verticais com letras do alfabeto para auxiliar na localização dos topônimos. Por não haver muitos pontos de concentração de topônimos nos

mapas, não foi necessário um número elevado de quadros, sendo feitos apenas até o número 12 na horizontal e até a letra J na vertical (cf. figura 7). No que diz respeito à transcrição, foi realizada quadro a quadro, seguindo da esquerda para a direita, de cima para baixo, buscando respeitar a grafia utilizada, sem a inserção de nenhuma intervenção de ordem gráfica e com a reprodução dos diacríticos tais como aparecem.

Figura 7 - Mapa quadriculado



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

A transcrição dos topônimos foi organizada da seguinte forma: a primeira coluna contendo o número do topônimo; a segunda, o registro do designativo conforme aparece no documento, com a transcrição completa do sintagma toponímico e a preservação das características da grafia, como letras minúsculas, hipossegmentação, acentuação, abreviaturas etc. – utilizou-se o operador () para indicar leitura conjecturada; a terceira, um fragmento do fac-símile para permitir a revisão do topônimo transcrito; e a quarta, com a identificação da quadricula em que o topônimo se encontra seguindo o sistema letra-número, e.g. A-12. A transcrição completa do *corpus toponymicum* presente nos mapas pode ser vista no apêndice A.

3.2 FICHA TOPONÍMICA

A ficha toponímica utilizada foi pensada em atender a todos os níveis de análise dos designativos dentro dos limites impostos pelo *corpus* da pesquisa. Por tratar-se de um mapa, não foi possível analisar as ocorrências de topônimos dentro de uma sentença ou texto, ou, por

ser baseado em um único documento, de outros contextos enunciativos. Todavia, considera-se que o nível discursivo também pode ser explorado a partir de textos não verbais presentes no documento, já que estes elementos não linguísticos são parte indissociável do discurso cartográfico. Nesse sentido, a exploração do nível discursivo ficou restrita à análise da representação do acidente no mapa, observando os aspectos físicos que são registrados em seu entorno, a localização de acidentes adjacentes que podem trazer explicações sobre o processo de nomeação e os símbolos utilizados para indicar as categorias dos acidentes.

A ficha toponímica (cf. quadro 1) apresenta três aspectos principais. O primeiro é a identificação, em que consta o número e a localização do topônimo nos mapas, seguindo o sistema sigla-quadro (e.g. MCB1-A2); a entrada lexical; o tipo do acidente; o elemento genérico e o específico, conforme a grafia registrada no documento; outras ocorrências e a localização das ocorrências. O segundo, a análise linguística, em que é feita descrição progressiva do topônimo nos níveis selecionados: a informação etimológica; a análise de fenômenos grafo-fonéticos; morfossintáticos; a classificação da motivação, do mecanismo identificado. E o terceiro refere-se às informações enciclopédicas, quando identificadas outras informações sobre os designativos na bibliografia consultada, no item outras inform.

Quadro 1 - Modelo de ficha toponímica

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.:	QUA.:
Entrada		Acidente	
Genérico		Específico	
Ocorrências		QUA.:	
Etimologia	Étimo: Léxico toponímico: Histórico das formas:		
Grafo-fonética	Grafia: Mudança fonética:		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática:		
Motivação	Estrutura semântica: Taxonomia:		
Mecanismo	Macromecanismo: Mesomecanismo: Micromecanismo:		
Outras inform.			

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

I. Entrada: Trata-se de uma entrada invertida, formada a partir da primeira forma de palavra de referência lexical ou discursiva do elemento específico, seguida das demais formas de palavra que compõem sintagma toponímico. O elemento genérico aparecerá separado por vírgula, junto às formas de referência gramatical que precedem o específico, e.g. *Itaparica,*

Ilha de. A entrada é padronizada a partir do desdobramento das abreviaturas, reversão de processos de hiper e hipossegmentação, normalização e atualização gráfica.

II. Acidente: Informa-se a natureza do acidente, se humano ou físico, e especifica-se o tipo de acidente, e.g. Humano/Fazenda.

III. Genérico: Informa-se o constituinte do sintagma toponímico que designa o tipo do acidente nomeado, respeitando a grafia apresentada no *corpus*. A ausência do elemento genérico no *corpus*, é indicada com n/e (não encontrado).

IV. Específico: Informa-se o(s) constituinte(s) do sintagma toponímico que individualiza(m) o acidente nomeado, que pode corresponder a uma forma de palavra, a junção de duas formas de palavra, em um processo de integração semântica, ou a utilização de um sintagma congelado³², respeitando a grafia apresentada no *corpus*. Nesse item, estão inclusas as formas de palavra de referência gramatical, como os artigos que introduzem o específico e as preposições que ligam o específico ao genérico. A ausência do elemento específico no topônimo registrado no *corpus* é indicada com n/e (não encontrado).

V. Ocorrências: Informa as outras ocorrências do mesmo topônimo no *corpus*. Neste item, considera-se apenas a repetição de um mesmo nome e não a ocorrência de uma mesma lexia para acidentes diferentes.

VI. Localização: Apresenta a localização das ocorrências utilizando o código estabelecido (e.g. MCB1-A2).

VII. Etimologia: Apresenta-se dados etimológicos referentes apenas ao étimo próximo do topônimo. Registra-se a definição do étimo próximo de cada constituinte do elemento específico, seja uma forma de palavra ou um sintagma congelado. Apenas as unidades de referência lexical e discursiva são consideradas na análise etimológica. Quando o étimo próximo corresponde a um nome, apresenta-se as informações sobre o seu *designatum*, sempre que possível. As informações a respeito do étimo próximo são retiradas de dicionários da época estudada e de períodos adjacentes, bem como de vocabulários dialetais e de

³² Sequência linear de formas de palavra que não apresentam flexibilidade em sua estrutura ou composicionalidade semântica (POLGUÈRE, 2018).

universos de discurso, além de outras fontes que possibilitem a recuperação do significado não registrado nos dicionários, quando possível. Indica-se também se os constituintes são provenientes do léxico toponímico primário, elementos genéricos, ou secundário, léxico geral (TRAPERO, 1995). Em seguida, apresenta-se o histórico das formas, quando houver.

VIII. Grafo-fonética: Descreve-se aspectos gráficos e fonéticos dos topônimos. Do ponto de vista gráfico, primeiro, classifica-se as abreviaturas segundo a forma de abreviação tomando como base a tipologia apresentada por Flexor (2008). Registra-se também os usos especiais de grafemas em relação à forma encontrada nos dicionários da época, indicando os sinais gráficos entre parêntesis uncinados <>, e.g., <J> em lugar de <I>. Do ponto de vista fonético, descreve-se os processos (COUTINHO, 1976; VIARO, 2014) identificados em relação à forma registrada nos dicionários da época. Utiliza-se a sigla n/e (não encontrado) quando não são identificadas alterações grafo-fonéticas em relação à forma dicionarizada. Na análise quantitativa, observa-se, do ponto de vista grafemático, a frequência das abreviaturas, que implicam diretamente na frequência de fenômenos fonéticos, e dos padrões gráficos adotados no *corpus*; e do ponto de vista fonético, a frequência dos processos identificados.

XIX. Morfossintaxe: Descreve-se toda a estrutura morfossintática do sintagma toponímico, englobando os elementos genérico e específico. Detalha-se os processos composicionais utilizando o modelo adotado por Seabra (2004), com algumas adaptações, indicando a classe gramatical, o gênero e o número das formas de palavra que integram o sintagma toponímico, bem como processos de composição e sufixação no interior delas. A descrição das formas de palavra que compõem o específico, estrutura interna do elemento genérico e do específico, é feita entre colchetes, e.g. N_m [S_{sing}]. No quadro 2, são apresentadas as categorias morfológicas descritas:

Quadro 2 - Categorias e propriedades morfossintáticas

Classes	Propriedades
A (artigo)	^{esp} X (específico)
Adj (adjetivo)	^{gen} X (genérico)
Adv (advérbio)	Suf _{aum} (aumentativo)
Antr (antropônimo)	Suf _{dim} (diminutivo)
N (nome)	X [X _{pl}] (plural)
NC (nome composto)	X [X _{sing}] (singular)
Num (numeral)	X _f (feminino)

Prep (preposição)	X _m (masculino)
Pron (pronome)	Ø (ausência)
Qv (qualificativo)	+ (composição)
R (Radical)	
Suf (sufixo)	
V (verbo)	

Fonte: Adaptado de Seabra (2004).

Quanto a estrutura morfossintática, optou-se em não apenas classificar os topônimos em simples e compostos, como se faz tradicionalmente (DICK, 1992), mas descrever os processos derivacionais que ocorrem em todo o sintagma toponímico, tanto em sua estrutura interna, as relações de integração dentro do elemento específico; como na estrutura externa, nas relações entre o elemento específico e o genérico. A partir da descrição morfossintática, se realiza a análise da composição dos sintagmas, como presença/ausência de elemento genérico, as classes componentes, gênero e a presença/ausência de preposição ou artigo.

X. Motivação: Descreve-se a função dos constituintes semânticos do sintagma toponímico, a partir das taxes apresentadas por Dick (1992) e suas respectivas ampliações. Um constituinte semântico pode ser um sufixo, o -inho em *Currallinho*, «ergo + dimensio», uma forma de palavra, *Fromigas*, «zoo», ou um sintagma congelado, *São João* «hagio». Após a descrição dos constituintes semânticos, atribui-se uma taxe pelo núcleo do sintagma.

XI. Mecanismo: Classifica-se o sintagma toponímico, segundo o mecanismo de nomeação, com base as categorias apresentadas neste trabalho, elaboradas a partir da proposta de Tent e Blair (2011), que foram distribuídas em três campos: macro, meso e micromecanismos.

XII. Outras inform.: Apresenta-se informações enciclopédicas sobre o acidente nomeado, com base na bibliografia consultada. Nesse item, também constam informações relevantes presentes nos mapas.

4 ESTUDO DA TOPONÍMIA BAIANA SETECENTISTA

4.1 FICHAS TOPONÍMICAS

A seguir, apresentam-se as 212 fichas toponímicas preenchidas com a descrição e a classificação dos topônimos de base portuguesa inventariados. As fichas encontram-se organizadas seguindo o critério de ocorrência nos mapas. Cada ficha é referente a um único acidente, havendo, em caso de homonímia, uma ficha diferente para cada designativo, considerando que as informações enciclopédicas e os mecanismos de nomeação podem variar de um topônimo para outro.

4.1.1 Armação

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 1	QUA.: MCB1-A3
Entrada	Armação	Acidente	Humano/Armação
Genérico	Armação	Específico	n/e
Ocorrências	Armação	QUA.:	MCB2-I3
Etimologia	Étimo: <u>Armação</u> : Lugar onde as baleias capturadas eram levadas para a fabricação de azeite (ELLIS, 1958). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e		
Grafo-fonética	Grafia: MCB1-A3: <ão> para ditongo nasal [ãw] MCB2-I3: <ão> para ditongo nasal [ãw] Mudança fonética: n/e		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} Ø		
Motivação	Estrutura semântica: «socio» Taxonomia: sociotopônimo		
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: inerente Micromecanismo: designação genérica		
Outras inform.	Trata-se de uma designação genérica, em que não é atribuído um elemento específico ao topônimo, algo comum em acidentes pouco frequentes. As armações eram muito comuns do período colonial. Segundo Ellis (1958), haviam duas armações na Bahia de Todos os Santos, uma em Itapoã e outra em Itaparica, todavia, segundo a autora, a armação de Itaparica estaria em frente à Salvador, não correspondendo ao topônimo registrado no MCB1.		

4.1.2 São João

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 2	QUA.: MCB1-A3
Entrada	São João	Acidente	Humano/Freguesia ou povoação	
Genérico	n/e	Específico	S. João	
Ocorrências	S. João	QUA.:	MCB2-I3	
Etimologia	<p>Étimo: <u>São João</u>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>são</i>, o mesmo que santo, homem santificado ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789b), + <i>João</i>, prenome de <i>João Batista</i>, santo do hagiológico católico (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: MCB1-A3: abrev. por siglagem simples <S.>; <áo> para ditongo nasal [ãw] MCB2-I3: abrev. por siglagem simples <S.>; <ão> para ditongo nasal [ãw] Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [QV _{sing} + Antr _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio» Taxonomia: hagiotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: vertical</p>			
Outras inform.	Machado (1981) ressalta que a popularidade do santo contribuiu para a produtividade do nome na antroponímia e na toponímia e que a forma <i>S. João</i> tem proveniência popular na toponímia. O nome é, provavelmente, um deslocamento já que as freguesias recebiam os nomes das igrejas a partir das quais se formavam.			

4.1.3 Conceição

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 3	QUA.: MCB1-A3
Entrada	Conceição	Acidente	Humano/Freguesia ou povoação	
Genérico	n/e	Específico	Conceição	
Ocorrências	Conceição	QUA.:	MCB2-J3	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Conceição</u>: Hagiônimo, red. de <i>Nossa Senhora da Conceição</i>, invocação de Maria (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: Nossa Senhora da Conceição > Conceição</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: MCB1-A3: <ão> para ditongo nasal [ãw] MCB2-J3: <aó> ditongo nasal [ãw] Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «maria» Taxonomia: mariotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: vertical</p>			
Outras inform.	O nome é, provavelmente, um deslocamento já que as freguesias recebiam os nomes das igrejas a partir das quais se formavam.			

4.1.4 Vera Cruz

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 4	QUA.: MCB1-A4
Entrada	Vera Cruz	Acidente	Humano/Freguesia ou povoação	
Genérico	n/e	Específico	Vera Cruz	
Ocorrências	Vera Cruz	QUA.:	MCB2-J4	
Etimologia	<p>Étimo: <i>Vera Cruz</i>: Junção de <i>vero</i>, aquilo que é verdadeiro (SILVA, 1789b), + <i>cruz</i>, instrumento de castigar criminosos; no meio cristão, trata-se de um símbolo sagrado digno de veneração por ter morrido em uma Jesus Cristo; <i>vera cruz</i> (SILVA, 1789a).</p> <p>Léxico toponímico: secundário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e</p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} Ø + ^{esp} NC _f [Adj _{sing} + S _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «animo + hiero»</p> <p>Taxonomia: hierotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização</p> <p>Mesomecanismo: deslocamento</p> <p>Micromecanismo: vertical</p>			
Outras inform.	Vera Cruz foi o primeiro nome atribuído ao território brasileiro. Além disso, a primeira igreja do local foi levantada sob a invocação do Senhor da Vera Cruz (IBGE, 1958a). Sendo, portanto, um caso de deslocamento vertical.			

4.1.5 Maria Vicência

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 5	QUA.: MCB1-A4
Entrada	Maria Vicência	Acidente	Humano/Arraial	
Genérico	n/e	Específico	M. ^a Vicência	
Ocorrências	M. ^a Vicência	QUA.:	MCB2-J4	
Etimologia	<p>Étimo: <i>Maria Vicência</i>: prenome composto, junção de <i>Maria</i>, prenome de origem religiosa, muito produtivo na antroponímia portuguesa, + <i>Vicência</i>, prenome português de origem latina (MACHADO, 1981).</p> <p>Léxico toponímico: secundário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: MCB1-A4: abrev. por letra sobrescrita <M.^a>; <ç> em lugar de <c></p> <p>MCB2-J4: abrev. por letra sobrescrita <M.^a>; <ç> em lugar de <c></p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} Ø + ^{esp} NC _f [Antr _{sing} + Antr _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «antropo»</p> <p>Taxonomia: antropotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização</p> <p>Mesomecanismo: introdução</p> <p>Micromecanismo: acomodação</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.6 Penha

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 6	QUA.: MCB1-A4
Entrada	Penha	Acidente	Humano/Freguesia ou povoação
Genérico	n/e	Específico	Penha
Ocorrências	Penha	QUA.:	MCB2-J4
Etimologia	<p>Étimo: <u>Penha</u>: red. do Hagiônimo <i>Nossa Senhora da Penha</i>, de <i>Nossa Senhora de Penha de França</i>, santa cultuada tanto em Portugal como na Espanha (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: Nossa Senhora da Penha > Penha</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «maria» Taxonomia: mariotopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: vertical</p>		
Outras inform.	Há uma igreja de pedra da invocação de Nossa Senhora da Penha cuja origem remonta a 1560 (IBGE, 1958b).		

4.1.7 São Lourenço

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 7	QUA.: MCB1-A4
Entrada	São Lourenço	Acidente	Humano/Freguesia ou povoação
Genérico	n/e	Específico	S. Lourenço
Ocorrências	S. Lour. ^{co}	QUA.:	MCB2-J4
Etimologia	<p>Étimo: <u>São Lourenço</u>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>são</i>, o mesmo que santo, homem santificado ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789b), + <i>Lourenço</i>, nome de mártir hispânico (210?-258), santo do hagiológico católico (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: MCB1-A4: abrev. por siglagem simples <S.>; <c> em lugar de <ç> MCB2-J4: abrev. por siglagem simples <S.>; abrev. por letra sobrescrita <Lour.^{co}> Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [QV _{sing} + Antr _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio» Taxonomia: hagiotopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: vertical</p>		
Outras inform.	A Igreja de São Lourenço, de construção barroca, data de 1610 e está tombada ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IBGE, 1958a).		

4.1.8 São João

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 8	QUA.: MCB1-A4
Entrada	São João	Acidente	Humano/Arraial
Genérico	n/e	Específico	S. Joaõ
Ocorrências	S. Joaõ	QUA.:	MCB2-J4
Etimologia	<p>Étimo: <u>São João</u>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>são</i>, o mesmo que santo, homem santificado, ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789b), + <i>João</i>, prenome de <i>João Batista</i>, santo do hagiológico católico (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: MCB1-A4: abrev. por siglagem simples <S.>; <aõ> para ditongo nasal [ãw] MCB2-J4: abrev. por siglagem simples <S.>; <aô> para ditongo nasal [ãw] Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [Q _v _{sing} + Antr _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio» Taxonomia: hagiotopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: vertical</p>		
Outras inform.	Machado (1981) ressalta que a popularidade do santo contribuiu para a produtividade do nome na antroponímia e na toponímia e que a forma <i>S. João</i> tem proveniência não culta na toponímia. O GdC registra a existência de uma capela de São João no local. Sendo, portanto, um deslocamento vertical.		

4.1.9 Madre de Deus

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 9	QUA.: MCB1-A5
Entrada	Madre de Deus	Acidente	Humano/Arraial
Genérico	n/e	Específico	M ^e de Deos
Ocorrências	M. ^e de Deos	QUA.:	MCB2-I5
Etimologia	<p>Étimo: <u>Madre de Deus</u>: Hagiônimo, <i>Mãe de Deus</i>, Maria, junção de <i>madre</i>, mãe no sentido espiritual ou moral (BLUTEAU, 1728), + <i>Deus</i>, referindo-se ao deus judaico-cristão (BLUTEAU, 1728). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: MCB1-A5: abrev. por letra sobrescrita <M^e>; <eo> para ditongo oral [ew] MCB2-I5: abrev. por letra sobrescrita <M.^e>; <eo> para ditongo oral [ew] Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _f [S _{sing} + Prep + S _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «maria» Taxonomia: mariotopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: horizontal</p>		
Outras inform.	Há uma igreja de invocação de Madre de Deus próxima à ilha onde se encontra o acidente.		

4.1.10 Ponta do Lobato

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 10	QUA.: MCB1-A5
Entrada	Lobato, Ponta do	Acidente	Físico/Ponta	
Genérico	P. ^{ta}	Específico	do Lobato	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: Lobato: Antropônimo português. Do latim <i>lobato</i>, filho de lobo (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por letra sobrescrita <P.^{ta}> Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Prep + A _{sing} + Antr _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «antropo» Taxonomia: antropotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: introdução Micromecanismo: acomodação</p>			
Outras inform.	Vasco Rodrigues Lobato é o sobrenome de um antigo proprietário de engenho no território da cidade de Salvador (BRANDÃO; ABBADE, 2016). Apesar da ponta não estar localizada no mesmo território onde hoje é o bairro do Lobato, supõe-se que a nomeação esteja relacionada à família do proprietário.			

4.1.11 Ilha do Medo

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 11	QUA.: MCB1-A5
Entrada	Medo, Ilha do	Acidente	Físico/Ilha	
Genérico	J.	Específico	do Medo	
Ocorrências	J. do Medo	QUA.:	MCB2-I5	
Etimologia	<p>Étimo: Medo: Sentimento de temor e inquietação diante de algum mal (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: MCB1-A5: abrev. por siglagem simples <J.>; <J> em lugar de <I> MCB1-I5: abrev. por siglagem simples <J.>; <J> em lugar de <I> Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Prep + A _{sing} + S _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «animo» Taxonomia: animotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: avaliativa Micromecanismo: negativa</p>			
Outras inform.	Ilha adjacente à ilha de Itaparica, pequena, rasa e povoada unicamente por coqueiros (SAINT-ADOLPHE, 1845b). O fato de a ilha não ser habitada pode ter sido a motivação para a escolha do nome.			

4.1.12 Ilha dos Frades

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 12	QUA.: MCB1-A5
Entrada	Frades, Ilha dos	Acidente	Físico/Ilha	
Genérico	Ilha	Específico	dos Frades	
Ocorrências	J. dos Frades	QUA.:	MCB2-J5	
Etimologia	Étimo: <i>Frade</i> : Religioso de ordem mendicante não monástica (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: MCB1-A5: <J> em lugar de <I> MCB2-J5: abrev. por siglagem simples <J.>; <J> em lugar de <I> Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Prep + A _{pl} + Q _{vpl}]			
Motivação	Estrutura semântica: «hiero» Taxonomia: hierotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: ocorrência Micromecanismo: incidente			
Outras inform.	Há um relato não oficial da morte de dois frades na ilha após serem encontrados pelos Tupinambás (SEIXAS, 2007).			

4.1.13 Ilha de Maria Guarda

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 13	QUA.: MCB1-A6
Entrada	Maria Guarda, Ilha de	Acidente	Físico/Ilha	
Genérico	J.	Específico	de M. ^a guarda	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <i>Maria guarda</i> : Junção de <i>Maria</i> , nome da mãe de Jesus Cristo (MACHADO, 1981) + <i>guarda</i> , vigiar, defender como guarda, algum posto (BLUTEAU, 1728). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: abrev. por siglagem simples <J.>; <J> em lugar de <I>; abrev. por letra sobrescrita <M. ^a >; consoante minúscula <g> em posição inicial de forma de palavra Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} NC _f [Prep + Antr _{sing} + V _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «maria + animo» Taxonomia: mariotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: introdução Micromecanismo: laudatória			
Outras inform.	Há a possibilidade de se tratar de uma estrutura pré-fabricada, no entanto, a construção não foi identificada nos dicionários consultados, podendo somente ser analisada a partir das duas formas de palavra de que é composta.			

4.1.14 Ilha das Fontes

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 14	QUA.: MCB1-A6
Entrada	Fontes, Ilha das	Acidente	Físico/Ilha	
Genérico	J.	Específico	das Fontes	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Fonte</u> : Origem de onde a água deriva e corre (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: abrev. por siglagem simples <J.>; <J> em lugar de <I> Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _f [Prep + A _{pl} + S _{pl}]			
Motivação	Estrutura semântica: «hidro» Taxonomia: hidrotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: inerente Micromecanismo: topográfica			
Outras inform.	n/e			

4.1.15 Vila de Santo Amaro

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 15	QUA.: MCB1-A7
Entrada	Santo Amaro, Vila de	Acidente	Humano/Vila	
Genérico	Villa	Específico	de S. ^{to} Amaro	
Ocorrências	Villa de S. Amaro	QUA.:	MCB2-I7	
Etimologia	Étimo: <u>Santo Amaro</u> : Hagiônimo, junção do qualificativo <i>santo</i> , homem santificado ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789b), + <i>Amaro</i> , santo patrono dos galegos a trabalharem em Portugal (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: MCB1-A7: consoante geminada <ll>; abrev. por letra sobrescrita <S. ^{to} > MCB2-I7: consoante geminada <ll>; abrev. por siglagem simples <S.> Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} NC _m [Prep + QV _{sing} + Antr _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «hagio» Taxonomia: hagiopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: vertical			
Outras inform.	O nome é devido a existência de uma capela fundada no local dedicada a Santo Amaro (IBGE, 1958b).			

4.1.16 Engenhos

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 16	QUA.: MCB1-A7
Entrada	Engenhos	Acidente	Humano/Fazenda ou engenho	
Genérico	Engenhos	Específico	n/e	
Ocorrências	Engenhos	QUA.:	MCB2-I8	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Engenho</u>: Estabelecimento agrícola destinado à cultura da cana e à fabricação de açúcar (BEAUREPAIRE-ROHAN, 1889). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{pl}] + ^{esp} Ø			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «socio» Taxonomia: sociotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: inerente Micromecanismo: designação genérica</p>			
Outras inform.	A disposição dos ícones no mapa evidencia que o designativo foi utilizado para representar um conjunto de fazendas em que funcionavam engenhos.			

4.1.17 Engenho do Conde

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 17	QUA.: MCB1-A7
Entrada	Engenho do Conde	Acidente	Humano/Fazenda ou engenho	
Genérico	Eng. ^o	Específico	do Conde	
Ocorrências	Eng. ^o do Conde	QUA.:	MCB2-J7	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Conde</u>: Título de honra que tem a sua graduação entre os viscondes e marqueses (SILVA, 1789a). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: MCB1-A7: abrev. por letra sobrescrita <Eng.^o> MCB2-J7: abrev. por letra sobrescrita <Eng.^o> Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Prep + A _{sing} + QV _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «axio» Taxonomia: axiotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: introdução Micromecanismo: acomodação</p>			
Outras inform.	O topônimo refere-se ao Conde de Linhares, D. Fernando de Noronha, proprietário do engenho (IBGE, 1958b).			

4.1.18 Rosário

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 18	QUA.: MCB1-A7
Entrada	Rosário	Acidente	Humano/Fazenda ou engenho	
Genérico	n/e	Específico	Rozario	
Ocorrências	Rozario	QUA.:	MCB2-J7	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Rosário</u>: Hagiônimo, red. de <i>Nossa Senhora do Rosário</i>, uma das invocações de Maria (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: Nossa Senhora do Rosário > Rosário</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: MCB1-A7: <z> em lugar de <s> MCB2-J7: <z> em lugar de <s> Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _m [S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «maria» Taxonomia: mariotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: horizontal			
Outras inform.	Na entrada <i>Santo Amaro Saint-Adolphe</i> (1945b) menciona uma série de igrejas presentes na vila vizinha, dentre elas a de Nossa Senhora do Rosário: “além d’ela acha-se decorada com outras muitas, como são as de N. S. do Amparo e do Rosário” (SAINT-ADOLPHE, 1845b, p. 504).			

4.1.19 Brotas

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 19	QUA.: MCB1-A7
Entrada	Brotas	Acidente	Humano/Igreja ou capela	
Genérico	n/e	Específico	Brotas	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Brotas</u>: Hagiônimo, red. de <i>Nossa Senhora de Brotas</i>, invocação de Maria, cultuada em Portugal (CORREIA, 2010). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: Nossa Senhora de Brotas > Brotas</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{pl}]			
Motivação	Estrutura semântica: «maria» Taxonomia: mariotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: introdução Micromecanismo: laudatória			
Outras inform.	O GdC registra o acidente com o símbolo de capela, o que foi considerado para a classificação do acidente.			

4.1.20 Colônia

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 20	QUA.: MCB1-A7
Entrada	Colônia	Acidente	Humano/Fazenda ou engenho	
Genérico	n/e	Específico	Colônia	
Ocorrências	Colônia	QUA.:	MCB2-J7	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Colônia</u>: Povoação nova, feita por gente enviada de outra parte (SILVA, 1789a).</p> <p>Léxico toponímico: primário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e</p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «poli»</p> <p>Taxonomia: poliotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição</p> <p>Mesomecanismo: associativa</p> <p>Micromecanismo: sociocultural</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.21 Vila de São Francisco

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 21	QUA.: MCB1-A7
Entrada	São Francisco, Vila de	Acidente	Humano/Vila	
Genérico	Villa	Específico	de S. Franc. ^o	
Ocorrências	Villa de S. Francisco	QUA.:	MCB2-J7	
Etimologia	<p>Étimo: <u>São Francisco</u>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>são</i>, o mesmo que santo, homem santificado, ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789b), + <i>Francisco</i>, de <i>Francisco de Assis</i>, frade católico e santo do hagiológico católico (MACHADO, 1981).</p> <p>Léxico toponímico: secundário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: MCB1-A7: consoante geminada <ll>; abrev. por siglagem simples <S.>; abrev. por letra sobrescrita <Franc.^o></p> <p>MCB2-J7: consoante geminada <ll>; abrev. por siglagem simples <S.></p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} NC _m [Prep + Qv _{sing} + Antr _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio»</p> <p>Taxonomia: hagiopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização</p> <p>Mesomecanismo: deslocamento</p> <p>Micromecanismo: vertical</p>			
Outras inform.	A vila surgiu em um território, antes pertencente ao Conde de Linhares, doado a ordem dos franciscanos, a partir da fundação de uma igreja e um convento dedicados a São Francisco em 1636 (IBGE, 1958b).			

4.1.22 Lagoa

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 22	QUA.: MCB1-A7
Entrada	Lagoa	Acidente	Humano/Fazenda ou engenho	
Genérico	n/e	Específico	Lagoa	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: Lagoa: Grande lago de águas vertentes (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} Ø + ^{esp} N _f [S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «hidro» Taxonomia: hidrotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente			
Outras inform.	Bluteau (1728) diferencia lagoa de lago pelo fato de a primeira não possuir nascente, tendo uma tendência a secar com a estiagem, enquanto o segundo, por possuir uma nascente, dificilmente seca.			

4.1.23 Vila de Água Fria

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 23	QUA.: MCB1-A11
Entrada	Água Fria, Vila de	Acidente	Humano/Vila	
Genérico	Villa	Específico	de Aguafria	
Ocorrências	Villa de Agua Fria	QUA.:	MCB2-I11	
Etimologia	Étimo: Água Fria: Junção de <i>água</i> , corpo líquido transparente, sem cheiro, cor ou sabor (SILVA, 1789a), + <i>frio</i> , sensação que causa o ar mais que fresco, a neve etc. (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: primário: <i>água</i> + secundário: <i>fria</i> Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: MCB1-A11: consoante geminada <ll>; união gráfica entre formas de palavra MCB2-I11: consoante geminada <ll>; separação gráfica entre formas de palavra Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} NC _f [Prep + S _{sing} + Adj _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «hidro + estema» Taxonomia: hidrotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente			
Outras inform.	Vila criada em 1710 e notável pelo colégio de domínio dos padres jesuítas (IBGE, 1958a).			

4.1.24 Ponta de Santo Antônio

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 24	QUA.: MCB1-B3
Entrada	Santo Antônio, Ponta de	Acidente	Físico/Ponta	
Genérico	Ponta	Específico	de S. ^{to} Antonio	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Santo Antônio</u>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>santo</i>, homem santificado, ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789b) + <i>Antônio</i>, de <i>Santo Antônio de Pádua</i>, santo natural de Lisboa (MACHADO, 1981).</p> <p>Léxico toponímico: secundário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por letra sobrescrita <S.^{to}></p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} NC _m [Prep + Qv _{sing} + Antr _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio»</p> <p>Taxonomia: hagiopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização</p> <p>Mesomecanismo: deslocamento</p> <p>Micromecanismo: vertical</p>			
Outras inform.	Francisco Pereira Coutinho, o donatário da capitania da Bahia de Todos os Santos, foi o primeiro a povoar o local, em 1535. Já havia, nos primeiros anos de povoação, uma capela dedicada a Santo Antônio da Barra, de onde o nome se originou (IBGE, 1958b).			

4.1.25 Baixos do Rio Vermelho

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 25	QUA.: MCB1-B3
Entrada	Rio Vermelho, Baixos do	Acidente	Físico/Baixos	
Genérico	Baixos	Específico	do R. Vermelho	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Rio Vermelho</u>: Junção de <i>rio</i>, água corrente por entre margens e em grande cópia (SILVA, 1789b), + <i>vermelho</i>, cor do sangue, da púrpura e das rosas (BLUTEAU, 1728h).</p> <p>Léxico toponímico: primário: <i>rio</i> + secundário: <i>vermelho</i></p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por siglagem simples <R.></p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{pl}] + ^{esp} NC _m [Prep + A _{sing} + S _{sing} + Adj _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hidro + cromo»</p> <p>Taxonomia: hidrotônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição + toponimização</p> <p>Mesomecanismo: inerente + deslocamento</p> <p>Micromecanismo: referencial + vertical</p>			
Outras inform.	O nome provém do rio adjacente. Há diversos rios do Brasil com o específico Vermelho, sendo motivado tanto pela coloração das águas, quanto das areias (MACHADO, 1981).			

4.1.26 Forte de Santo Antônio

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 26	QUA.: MCB1-B4
Entrada	Santo Antônio, Forte de	Acidente	Humano/Forte
Genérico	F.	Específico	de S. ^{to} Ant ^o
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>Santo Antônio</u>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>santo</i>, o mesmo que <i>santo</i>, homem santificado, ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789b), + <i>Antônio</i>, de <i>Antônio de Pádua</i>, santo natural de Lisboa (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por siglagem simples <F.>; por letra sobrescrita <S.^{to}> e <Ant^o> Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} NC _m [Prep + QV _{sing} + Antr _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio» Taxonomia: hagiotopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: horizontal</p>		
Outras inform.	Sua construção se iniciou em 1536, mas foi concluída apenas em 17 de setembro de 1772. A fortaleza teve um papel relevante em diversos conflitos, como na luta contra os na guerra da Independência e na Sabinada. Em 2 de dezembro de 1839 passou a servir como base para o farol. Já havia, nos primeiros anos de povoação, uma capela a Santo Antônio da Barra, de onde o nome provavelmente se originou (IBGE, 1958b).		

4.1.27 Barra

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 27	QUA.: MCB1-B4
Entrada	Barra	Acidente	Humano/Arraial
Genérico	n/e	Específico	Barra
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>Barra</u>: Entrada para algum porto por entre dois lados de terra firme (SILVA, 1789a). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «geomorfo» Taxonomia: geomorfotopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente</p>		
Outras inform.	O lugar recebeu este nome devido à presença de uma barra na Ponta de Santo Antônio.		

4.1.28 Vitória

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 28	QUA.: MCB1-B4
Entrada	Vitória	Acidente	Humano/Arraial
Genérico	n/e	Específico	Vitoria
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>Vitória</u>: Hagiônimo, red. de <i>Nossa Senhora da Vitória</i>, uma das invocações de Maria (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: Nossa Senhora da Vitória > Vitória</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} Ø + ^{esp} N _f [S _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «maria» Taxonomia: mariotopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: vertical</p>		
Outras inform.	Não se sabe ao certo sobre o período de inauguração da Igreja de Nossa Senhora da Victória, porém, uma data apontada é de 1625, após a vitória contra os holandeses em 1624 (IBGE, 1958b).		

4.1.29 Forte do Mar

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 29	QUA.: MCB1-B4
Entrada	Mar, Forte do	Acidente	Humano/Forte
Genérico	Forte	Específico	do Mar
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>Mar</u>: Porção de água salgada que banha as costas (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Prep + A _{sing} + S _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hidro» Taxonomia: hidrotopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: local</p>		
Outras inform.	O forte possui forma circular e a muralha mede doze metros de altura. Está localizado em um ilhéu dentro do ancoradouro do porto, o que explica o nome recebido, em referência a sua posição. A construção do forte se iniciou em 1623 e foi concluída em 1630, sendo reformado de 1650 a 1772 (IBGE, 1958b).		

4.1.30 Forte de Monserrate

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 30	QUA.: MCB1-B4
Entrada	Monserrate, Forte de	Acidente	Humano/Forte	
Genérico	F.	Específico	de Monserrate	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Monserrate</u>: Hagiônimo, red. de <i>Nossa Senhora de Monserrate</i>, uma das invocações de Maria (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: Nossa Senhora de Monserrate > Monserrate</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por siglagem simples <F.>; consoante geminada <ss> Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Prep + N _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «maria» Taxonomia: mariotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: horizontal</p>			
Outras inform.	O forte está localizado na ponta de mesmo nome, na península de Itapagipe. A sua construção teve início em 1586, mas foi concluída apenas em 1722. O nome do forte e da ponta provém da igreja dedicada a Nossa Senhora de Monte Serrate (IBGE, 1958b).			

4.1.31 Forte do Rio Vermelho

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 31	QUA.: MCB1-B4
Entrada	Rio Vermelho, Forte do	Acidente	Humano/Forte	
Genérico	Forte	Específico	do R. Verm ^o	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Rio vermelho</u>: Junção de <i>rio</i>, água corrente por entre margens e em grande cópia (SILVA, 1789b) + <i>vermelho</i>, cor do sangue, da púrpura e das rosas (BLUTEAU, 1728). Léxico toponímico: primário: <i>rio</i> + secundário: <i>vermelho</i> Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por siglagem simples <R.>; abrev. por letra sobrescrita <Verm^o> Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} NC _m [Prep + A _{sing} + S _{sing} + Adj _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hidro + cromo» Taxonomia: hidrotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição + toponimização Mesomecanismo: associativa + deslocamento Micromecanismo: adjacente + horizontal</p>			
Outras inform.	O nome provém do rio adjacente. Há diversos rios do Brasil com o específico Vermelho, sendo motivado tanto pela coloração das águas, quanto das areias (MACHADO, 1981).			

4.1.32 Dique

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 32	QUA.: MCB1-B4
Entrada	Dique	Acidente	Humano/Dique	
Genérico	Dique	Específico	n/e	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Dique</u> : Defesa ou reparo artificial para reter ou represar águas (SILVA, 1789a). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} Ø			
Motivação	Estrutura semântica: «hidro» Taxonomia: hidrotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: inerente Micromecanismo: designação genérica			
Outras inform.	O Dique está localizado entre as colinas de Brotas e Nazaré (IBGE, 1958).			

4.1.33 Forte da Passagem

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 33	QUA.: MCB1-B4
Entrada	Passagem, Forte da	Acidente	Humano/Forte	
Genérico	F.	Específico	da Passagem	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Passagem</u> : Lugar onde se atravessa um rio, quer a vau, que embarcado (BEAUREPAIRE-ROHAN, 1889). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: Passagem > Passage			
Grafo-fonética	Grafia: abrev. por siglagem simples <F.> Mudança fonética: transformação: desnasalização da sílaba no final da forma de palavra em contexto postônico [zem] > [ze]			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} N _f [Prep + A _{sing} + S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «hodo» Taxonomia: hodotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente			
Outras inform.	O forte fica em Itapagipe, próximo a uma passagem. É também chamado de São Bartolomeu da Passagem (IBGE, 1958b).			

4.1.34 Boqueirão

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 34	QUA.: MCB1-B5
Entrada	Boqueirão	Acidente	Físico/Boqueirão	
Genérico	Boqueirão	Específico	n/e	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Boqueirão</u>: Braço de mar entre uma ilhota e uma costa esbarrancada (SOUZA, 1939). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: <ão> para ditongo nasal [ãw] Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} Ø			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hidro» Taxonomia: hidrotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: inerente Micromecanismo: designação genérica</p>			
Outras inform.	Existem muitos significados para a forma <i>boqueirão</i> , todavia, a definição selecionada corresponde com a paisagem ilustrada no mapa.			

4.1.35 Madre de Deus

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 35	QUA.: MCB1-B5
Entrada	Madre de Deus	Acidente	Físico/Ilha	
Genérico	n/e	Específico	Madre de Deus	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Madre de Deus</u>: Hagiônimo, <i>Mãe de Deus</i>, Maria, junção de <i>madre</i>, mãe no sentido espiritual ou moral + <i>Deus</i>, referindo-se ao deus judaico-cristão (BLUTEAU, 1728). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: <eo> para ditongo oral [ew] Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} Ø + ^{esp} NC _f [S _{sing} + Prep + S _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «maria» Taxonomia: mariotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: horizontal</p>			
Outras inform.	No verbete <i>Boqueirão</i> Saint-Adolphe (1845a) afirma haver uma igreja dedicada à Madre de Deus no acidente adjacente.			

4.1.36 Santo Estevão

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 36	QUA.: MCB1-B6
Entrada	Santo Estevão	Acidente	Humano/Fazenda ou engenho
Genérico	n/e	Específico	S. ^{to} Estevão
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>Santo Estevão</u>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>santo</i>, homem santificado ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789b), + <i>Estevão</i>, primeiro mártir do cristianismo (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por letra sobrescrita <S.^{to}>; <ão> para ditongo nasal [ãw] Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	<p>Estrutura morfossintática: ^{gen}∅ + ^{esp}NC_m [QV_{sing} + Antr_{sing}]</p>		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio» Taxonomia: hagiotopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: introdução Micromecanismo: laudatória</p>		
Outras inform.	<p>Apesar de estar com o símbolo utilizado para sítio, trata-se de um engenho (PINHO, 1982).</p>		

4.1.37 Engenho Velho

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 37	QUA.: MCB1-B6
Entrada	Velho, Engenho	Acidente	Humano/Fazenda ou engenho
Genérico	Eng ^o	Específico	Velho
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>Velho</u>: Não novo, não moderno (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por letra sobrescrita <Eng^o> Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	<p>Estrutura morfossintática: ^{gen}N_m [S_{sing}] + ^{esp}N_m [Adj_{sing}]</p>		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «crono» Taxonomia: cronotopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: inerente Micromecanismo: referencial</p>		
Outras inform.	<p>n/e</p>		

4.1.38 Engenho das Almas

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 38	QUA.: MCB1-B6
Entrada	Almas, Engenho das	Acidente	Humano/Fazenda ou engenho	
Genérico	Eng. ^o	Específico	das Almas	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <i>Alma</i>: Hagiônimo, red. de <i>São Miguel das Almas</i>, invocação de <i>São Miguel</i>, um dos três arcanjos mais conhecidos (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: São Miguel das Almas > Almas</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por letra sobrescrita <Eng^o> Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} N _f [Prep + A _{pl} + S _{pl}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio» Taxonomia: hagiotoponímico</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: vertical</p>			
Outras inform.	Há uma capela no engenho de invocação de São Miguel das Almas (PINHO, 1982). Variantes dessa invocação também se fazem presente em Minas Gerais: <i>São Miguel e Almas</i> , <i>São Miguel e Almas dos Arripiados</i> (CARVALHO, 2014).			

4.1.39 Nossa Senhora do Monte

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 39	QUA.: MCB1-B6
Entrada	Nossa Senhora do Monte	Acidente	Humano/Freguesia ou povoação	
Genérico	n/e	Específico	N. Snr ^a do Monte	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <i>Nossa Senhora do Monte</i>: Hagiônimo, junção de <i>Nossa Senhora</i>, referente a Maria, mãe de Jesus Cristo (MAIA, 1966), + <i>monte</i>, porção de terra notavelmente elevada do nível da outra que a rodeia (SILVA, 1789a). Léxico toponímico: secundário: <i>Nossa Senhora</i> + primário: <i>monte</i> Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por siglagem simples <N.>; abrev. por letra sobrescrita <Snr^a> Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _f [Pron _{sing} + QV _{sing} + Prep + A _{sing} + S _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «maria + geomorfo» Taxonomia: mariotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização + descrição Mesomecanismo: deslocamento + associativa Micromecanismo: vertical + local</p>			
Outras inform.	Trata-se de uma invocação de Maria que segue a estrutura <i>Nossa Senhora</i> + topônimo adjacente, tal como ocorre com <i>N. S. da Penha</i> e <i>N. S. de Monserrate</i> , e não um sintagma pré-fabricado. Segundo Dias (2015) a Igreja foi erigida no Monte Tamarari, por isso a presença da forma <i>monte</i> na invocação.			

4.1.40 Engenho de Água

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 40	QUA.: MCB1-B6
Entrada	Água, Engenho de	Acidente	Humano/Fazenda ou engenho	
Genérico	Eng ^o	Específico	d'Água	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Água</u> : Corpo líquido transparente, sem cheiro, cor ou sabor (SILVA, 1789a). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: de Água > d'Água			
Grafo-fonética	Grafia: abrev. por letra sobrescrita <Eng ^o > Mudança fonética: subtração: elisão da vogal [e] no final de forma de palavra e contexto pretônico			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} N _f [Prep + S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «hidro» Taxonomia: hidrotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente			
Outras inform.	O mapa registra um curso de água próximo ao acidente.			

4.1.41 Nossa Senhora do Socorro

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 41	QUA.: MCB1-B6
Entrada	Nossa Senhora do Socorro	Acidente	Humano/Freguesia ou povoação	
Genérico	n/e	Específico	N. Snr. ^a do Socorro	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Nossa Senhora do Socorro</u> : Hagiônimo, forma red. de títulos atribuídos a Maria, como <i>N. S. do Bom Socorro</i> ou <i>N. S. do Perpétuo Socorro</i> (CARVALHO, 2014). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: abrev. por sigla em simples <N.>; abrev. por letra sobrescrita <Snr. ^a > Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _f [Pron _{sing} + QV _{sing} + Prep + A _{sing} + S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «maria» Taxonomia: mariotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: vertical			
Outras inform.	O acidente conta com uma igreja da invocação de Nossa Senhora do Socorro (SAINT-ADOLPHE, 1845b).			

4.1.42 Pouco Ponto

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 42	QUA.: MCB1-B7
Entrada	Pouco ponto	Acidente	Humano/Fazenda ou engenho	
Genérico	n/e	Específico	Pouco ponto	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Pouco Ponto</u>: Junção de <i>pouco</i>, o contrário de muito; pequena quantidade, em número, extensão, massa, volume (SILVA, 1789b), + <i>ponto</i>, consistência do açúcar após a cocção (BLUTEAU, 1728).</p> <p>Léxico toponímico: secundário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: consoante minúscula <p> em posição inicial de forma de palavra</p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [Adv + S _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «dirremato»</p> <p>Taxonomia: dirrematotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição</p> <p>Mesomecanismo: associativa</p> <p>Micromecanismo: sociocultural</p>			
Outras inform.	O lugar está na região de São Sebastião do Passé, onde funcionavam diversos engenhos de açúcar no período colonial (PINHO, 1982), contexto sociocultural que supostamente motivou o nome.			

4.1.43 Água Funda

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 43	QUA.: MCB1-B10
Entrada	Água Funda	Acidente	Humano/Arraial	
Genérico	n/e	Específico	Água Funda	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Água Funda</u>: Junção de <i>água</i>, corpo líquido transparente, sem cheiro, cor ou sabor, + <i>funda</i>, parte inferior e mais baixa de corpos tridimensionais, fundo de um tanque, lagoa (SILVA, 1789a).</p> <p>Léxico toponímico: primário: <i>água</i> + secundário: <i>funda</i></p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e</p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _f [S _{sing} + Adj _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hidro + dimensio»</p> <p>Taxonomia: hidrotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição</p> <p>Mesomecanismo: associativa</p> <p>Micromecanismo: adjacente</p>			
Outras inform.	O acidente se encontra próximo a um braço do Rio Pojuca.			

4.1.44 Brotas

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 44	QUA.: MCB1-C4
Entrada	Brotas	Acidente	Humano/Freguesia ou povoação
Genérico	n/e	Específico	Brotas
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>Brotas</u>: red. de <i>Nossa Senhora de Brotas</i>, invocação de Maria, cultuada em Portugal (CORREIA, 2010). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: Nossa Senhora de Brotas > Brotas</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{pl}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «maria» Taxonomia: mariotopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: vertical</p>		
Outras inform.	No local foi fundada uma Igreja em 1772 com a invocação de Nossa Senhora de Brotas, tendo como relato de origem um milagre semelhante ao que ocorrera na vila portuguesa (DÓREA, 2006; CORREIA, 2010).		

4.1.45 São Brás

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 45	QUA.: MCB1-C4
Entrada	São Brás	Acidente	Humano/Arraial
Genérico	n/e	Específico	S. Braz
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>São Brás</u>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>são</i>, o mesmo que santo, homem santificado, ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789b), + <i>Brás</i>, santo martirizado na Armênia em 316 (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por siglagem simples <S.>; <z> em lugar de <s>. Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [QV _{sing} + Antr _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio» Taxonomia: hagiotopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: vertical</p>		
Outras inform.	A ermida de São Brás existe desde 1587, confirmando, assim, o deslocamento do nome (CASTORE, 2013).		

4.1.46 Armação

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 46	QUA.: MCB1-C4
Entrada	Armação	Acidente	Humano/Armação	
Genérico	n/e	Específico	n/e	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Armação</u>: Lugar onde as baleias capturadas eram levadas para a fabricação de azeite (ELLIS, 1958). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: <ão> para ditongo nasal [ãw] Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} Ø			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «socio» Taxonomia: sociotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: inerente Micromecanismo: designação genérica</p>			
Outras inform.	Trata-se de uma designação genérica, em que não é atribuído um elemento específico ao topônimo, algo comum em acidentes pouco frequentes. As armações eram muito comuns no período colonial. Esta, provavelmente, corresponde à armação de Itapoã mencionada por Ellis (1958).			

4.1.47 Rio das Pedras

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 47	QUA.: MCB1-C4
Entrada	Pedras, Rio das	Acidente	Físico/Rio	
Genérico	R.	Específico	das Pedras	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Pedra</u>: Corpo sólido, duro, que resulta de partículas térreas agregadas (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por siglagem simples <R.> Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} N _f [Prep + A _{pl} + S _{pl}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «lito» Taxonomia: litotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: inerente Micromecanismo: topográfica</p>			
Outras inform.	Há um conjunto de pedras na foz do rio, o que pode ter motivado a nomeação.			

4.1.48 Pedra de São Tomé

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 48	QUA.: MCB1-C4
Entrada	Pedra de São Tomé	Acidente	Físico/Pedra
Genérico	Pedra	Específico	de S. Tomê
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>São Tomé</u>: Junção do qualificativo <i>são</i>, o mesmo que santo, homem santificado, ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789b), + <i>Tomé</i>, forma popular de <i>Tomás</i>, referente ao apóstolo <i>São Tomás</i> (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por siglagem simples <S.>; acento circunflexo <ê> para vogal tônica aberta [ɛ] Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} NC _m [Prep + QV _{sing} + Antr _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio» Taxonomia: hagiotopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: introdução Micromecanismo: acomodação</p>		
Outras inform.	<p>O padre jesuíta Simão de Vasconcellos afirmou haver relatos dos autóctones de que São Tomé os havia visitado e revelado coisas da outra vida. Como sinal dessas visitas, haviam ficado pegadas em rochas, uma das delas na praia de Itapoã, a qual o padre relatou ter visto com os próprios olhos: “em outro pedaço de recife, ou lagem, huma pégada de homem perfeitíssima, metida de impressão na sustância da pedra, e a parte posterior pera a terra a anterior pera a agoa” (VASCONCELLOS, 1865, p. 103). Nesse sentido, a introdução do hagiônimo se dá num processo de acomodação a partir do relato.</p>		

4.1.49 Lençóis

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 49	QUA.: MCB1-C4
Entrada	Lençóis	Acidente	Físico/Lençóis
Genérico	Lençoes	Específico	n/e
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>Lençóis</u>: de <i>Lençoes d'areya</i>, porções de areia semelhantes a lençóis estendidos (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: <oe> para ditongo oral [oj] Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} Ø		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «geomorfo» Taxonomia: geomorfotopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: inerente Micromecanismo: designação genérica</p>		
Outras inform.	n/e		

4.1.50 Praia Grande

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 50	QUA.: MCB1-C5
Entrada	Praia Grande	Acidente	Humano/Arraial
Genérico	n/e	Específico	Praia grande
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>Praia Grande</u>: Junção de <i>praia</i>, a porção de terra junto ao mar (PINTO, 1832), + <i>grande</i>, oposto a pequeno (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: primário: <i>praia</i> + secundário: <i>grande</i> Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: consoante minúscula <g> em posição inicial de forma de palavra Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _f [S _{sing} + Adj _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «geomorfo + dimensio» Taxonomia: geomorfotopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição + toponimização Mesomecanismo: associativa + deslocamento Micromecanismo: adjacente + horizontal</p>		
Outras inform.	n/e		

4.1.51 São Tomé

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 51	QUA.: MCB1-C5
Entrada	São Tomé	Acidente	Humano/Arraial
Genérico	n/e	Específico	S. Tome
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>São Tomé</u>: Junção do qualificativo <i>são</i>, o mesmo que santo, homem santificado, ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789b), + <i>Tomé</i>, forma popular de <i>Tomás</i>, referente ao apóstolo <i>São Tomás</i> (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por siglagem simples <S.> Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [QV _{sing} + Antr _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio» Taxonomia: hagiopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: vertical</p>		
Outras inform.	Há uma capela de invocação de São Tomé, confirmando, assim, o deslocamento do nome (SAINT-ADOLPHE, 1845b).		

4.1.52 Ilha da Maré

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 52	QUA.: MCB1-C5
Entrada	Maré, Ilha da	Acidente	Físico/Ilha	
Genérico	Ilha	Específico	da Maré	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Maré</u> : O movimento de fluxo e refluxo que se observa nas águas do mar (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: <J> em lugar de <I>; acento circunflexo <ê> para vogal tônica aberta [ɛ] Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _f [Prep + A _{sing} + S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «meteor» Taxonomia: meteorotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: ocorrência Micromecanismo: incidente			
Outras inform.	O movimento das marés é desencadeado por condições atmosféricas próprias do lugar, que determinam as altas e baixas em épocas e horários específicos.			

4.1.53 Campinas

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 53	QUA.: MCB1-C5
Entrada	Campinas	Acidente	Humano/Arraial	
Genérico	n/e	Específico	Campinas	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Campinas</u> : Campo dilatado sem árvores (SILVA, 1789a). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{pl}]			
Motivação	Estrutura semântica: «geomorfo» Taxonomia: geomorfotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: local			
Outras inform.	n/e			

4.1.54 São Miguel

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 54	QUA.: MCB1-C5
Entrada	São Miguel	Acidente	Humano/Freguesia ou povoação
Genérico	n/e	Específico	S. Miguel
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>São Miguel</u>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>são</i>, o mesmo que santo, homem santificado, ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789b), + <i>Miguel</i>, um dos três arcanjos mais conhecidos (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por siglagem simples <S.> Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [QV _{sing} + Antr _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio» Taxonomia: hagiopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: vertical</p>		
Outras inform.	O acidente conta com uma igreja da invocação de São Miguel (IBGE, 1958b).		

4.1.55 Santo Antônio

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 55	QUA.: MCB1-C5
Entrada	Santo Antônio	Acidente	Humano/Arraial
Genérico	n/e	Específico	S. ^{to} Antonio
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>Santo Antônio</u>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>santo</i>, homem santificado, ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789b), + <i>Antônio</i>, de <i>Santo Antônio de Pádua</i>, santo natural de Lisboa (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por letra sobrescrita <S.^{to}> Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [QV _{sing} + Antr _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio» Taxonomia: hagiopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: introdução Micromecanismo: laudatória</p>		
Outras inform.	n/e		

4.1.56 Cova do Defunto

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 56	QUA.: MCB1-C5
Entrada	Cova do Defunto	Acidente	Humano/Fazenda ou engenho
Genérico	n/e	Específico	Cova do defunto
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>Cova do Defunto</u>: Junção de <i>cova</i>, abertura profunda na terra + <i>defunto</i>, corpo morto, cadáver (SILVA, 1789a). Léxico toponímico: primário: <i>cova</i> + secundário: <i>defunto</i> Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: consoante minúscula <d> em posição inicial de forma de palavra Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _f [S _{sing} + Prep + A _{sing} + S _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «geomorfo + necro» Taxonomia: geomorfotopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição + toponimização Mesomecanismo: associativa + deslocamento Micromecanismo: adjacente + horizontal</p>		
Outras inform.	n/e		

4.1.57 São Paulo

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 57	QUA.: MCB1-C6
Entrada	São Paulo	Acidente	Humano/Fazenda ou engenho
Genérico	n/e	Específico	S. Paulo
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>São Paulo</u>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>são</i>, o mesmo que santo, homem santificado, ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789b), + <i>Paulo</i>, apóstolo dos gentios e mártir cristão (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por siglagem simples <S.> Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [QV _{sing} + Antr _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio» Taxonomia: hagiopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: horizontal</p>		
Outras inform.	O GdC registra um rio adjacente com o mesmo nome.		

4.1.58 Engenho

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 58	QUA.: MCB1-C6
Entrada	Engenho	Acidente	Humano/Fazenda ou engenho	
Genérico	Engenho	Específico	n/e	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Engenho</u> : Estabelecimento agrícola destinado à cultura da cana e à fabricação de açúcar (BEAUREPAIRE-ROHAN, 1889). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} Ø			
Motivação	Estrutura semântica: «socio» Taxonomia: sociotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: inerente Micromecanismo: designação genérica			
Outras inform.	n/e			

4.1.59 Candeias

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 59	QUA.: MCB1-C6
Entrada	Candeias	Acidente	Humano/Igreja ou capela	
Genérico	n/e	Específico	Candeas	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Candeias</u> : Hagiônimo, red. de <i>Nossa Senhora das Candeias</i> , da qual se realiza a festa da purificação denominada candelária (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: Nossa Senhora das Candeias > Candeias			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} Ø + ^{esp} N _f [S _{pl}]			
Motivação	Estrutura semântica: «maria» Taxonomia: mariotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: introdução Micromecanismo: laudatória			
Outras inform.	O GdC registra uma capela dedicada à Nossa Senhora das Candeias no local.			

4.1.60 Lagoinhas

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 60	QUA.: MCB1-C10
Entrada	Lagoinhas	Acidente	Humano/Freguesia ou povoação	
Genérico	n/e	Específico	Lagoinhas	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Lagoinha</u>: Junção de <i>lagoa</i>, grande lago de águas vertentes (SILVA, 1789b), + sufixo diminutivo <i>-inha</i>. Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{pl} [R + suf _{dim}]]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hidro + dimensio» Taxonomia: hidrotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: local</p>			
Outras inform.	Segundo o IBGE (1958a) o lugar recebeu o nome devido a presença de pequenas lagoas na região.			

4.1.61 Santo Amaro

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 61	QUA.: MCB1-D4
Entrada	Santo Amaro	Acidente	Humano/Freguesia ou povoação	
Genérico	n/e	Específico	S. ^{to} Amaro	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Santo Amaro</u>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>santo</i>, homem santificado, ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789b), + <i>Amaro</i>, santo patrono dos galegos a trabalharem em Portugal (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por letra sobrescrita <S.^{to}> Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [QV _{sing} + Antr _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio» Taxonomia: hagiopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: vertical</p>			
Outras inform.	O acidente conta com uma igreja da invocação de Santo Amaro do Ipitanga (IBGE, 1958b).			

4.1.62 Flamengo

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 62	QUA.: MCB1-D4
Entrada	Flamengo	Acidente	Humano/Sítio
Genérico	n/e	Específico	Flamengo
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	Étimo: <u>Flamengo</u> : Gentílico, natural de Flandres (SILVA, 1789a). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e		
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} Ø + ^{esp} N _m [S _{sing}]		
Motivação	Estrutura semântica: «etno» Taxonomia: etnotopônimo		
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: introdução Micromecanismo: acomodação		
Outras inform.	O nome faz alusão à presença de flamengos no Brasil no período colonial, ligada, de maneira geral, à prática do comércio e financiamentos (BEHRENS, 2013). O nome é o mesmo da praia adjacente, todavia, supõe-se que o nome da praia tenha derivado do nome do sítio que, provavelmente, era propriedade de um flamengo.		

4.1.63 Pedra Busca Vida

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 63	QUA.: MCB1-D4
Entrada	Busca Vida, Pedra	Acidente	Físico/Pedra
Genérico	n/e	Específico	busca Vida
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	Étimo: <u>Busca Vida</u> : Granjear com que se subsista (SILVA, 1789a). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: Busca a Vida > Busca Vida		
Grafo-fonética	Grafia: consoante minúscula em posição inicial de forma de palavra Mudança fonética: subtração: crase da vogal [a] no final de forma de palavra com a preposição [a] em contexto pretônico		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} NC _f [V _{sing} + S _{sing}]		
Motivação	Estrutura semântica: «dirremato» Taxonomia: dirrematotopônimo		
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: sociocultural		
Outras inform.	n/e		

4.1.64 Porto

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 64	QUA.: MCB1-D4
Entrada	Porto	Acidente	Humano/Arraial
Genérico	n/e	Específico	Porto
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	Étimo: <u>Porto</u> : Lugar que dá passada, entrada para a terra (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e		
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _m [S _{sing}]		
Motivação	Estrutura semântica: «geomorfo» Taxonomia: geomorfotopônimo		
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente		
Outras inform.	n/e		

4.1.65 Rio de Joanes

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 65	QUA.: MCB1-D4
Entrada	Joanes, Rio de	Acidente	Físico/Rio
Genérico	Rio	Específico	de Joannes
Ocorrências	Rio de Joanne	QUA.:	MCB1-D5
Etimologia	Étimo: <u>Joanes</u> : Topônimo português que nomeia diversos lugares, proveniente da forma genitiva de <i>Joane</i> ou do antropônimo (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: Joannes > Joanne		
Grafo-fonética	Grafia: consoante geminada <nn> Mudança fonética: subtração: apócope da consoante [s] em coda silábica no final da forma de palavra e contexto postônico		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Prep + N _{sing}]		
Motivação	Estrutura semântica: «coro» Taxonomia: corotopônimo		
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: transferido		
Outras inform.	Ribeirão que nasce em um distrito da Vila de São Francisco, passa pela Vila de Abrantes e desagua no mar a 3 léguas ao nordeste de Itapuã (SAINT-ADOLPHE, 1845a).		

4.1.66 Passagem

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 66	QUA.: MCB1-D5
Entrada	Passagem	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Passage	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Passagem</u> : Lugar onde se atravessa um rio, quer a vau, que embarcado (BEAUREPAIRE-ROHAN, 1889). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: Passagem > Passage			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: transformação: desnasalização da sílaba no final da forma de palavra em contexto postônico [zem] > [ze]			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «hodo» Taxonomia: hodotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente			
Outras inform.	O sítio está localizado à margem de um rio.			

4.1.67 Passagem

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 67	QUA.: MCB1-D5
Entrada	Passagem	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Passage	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Passagem</u> : Lugar onde se atravessa um rio, quer a vau, que embarcado (BEAUREPAIRE-ROHAN, 1889). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: Passagem > Passage			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: transformação: desnasalização da sílaba no final da forma de palavra em contexto postônico [zem] > [ze]			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «hodo» Taxonomia: hodotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente			
Outras inform.	O sítio está localizado à margem de um rio.			

4.1.68 Barra

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 68	QUA.: MCB1-D5
Entrada	Barra	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Barra	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: Barra: Entrada para algum porto por entre dois lados de terra firme (SILVA, 1789a). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} Ø + ^{esp} N _f [S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «geomorfo» Taxonomia: geomorfotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente			
Outras inform.	Há uma barra próxima ao sítio.			

4.1.69 Vila de Abrantes

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 69	QUA.: MCB1-D5
Entrada	Abrantes, Vila	Acidente	Humano/Vila	
Genérico	Villa	Específico	de Abrantes	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: Abrantes: Topônimo português do distrito de Santarém (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: consoante geminada <ll> Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _f [Prep + N _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «coro» Taxonomia: corotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: transferido			
Outras inform.	n/e			

4.1.70 Feira

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 70	QUA.: MCB1-D7
Entrada	Feira	Acidente	Humano/Freguesia ou povoação	
Genérico	n/e	Específico	Feira	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Feira</u> : Lugar onde, dentro de um período determinado, são vendidos produtos, artes e mercancias (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «socio» Taxonomia: sociotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: sociocultural			
Outras inform.	n/e			

4.1.71 Bonfim

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 71	QUA.: MCB1-D7
Entrada	Bonfim	Acidente	Humano/Arraial	
Genérico	n/e	Específico	Bomfim	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Bonfim</u> : Hagiônimo, de <i>Bom Jesus do Bonfim</i> (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: Senhor do Bomfim > Bonfim			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _m [S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «hagio» Taxonomia: hagiopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: vertical			
Outras inform.	O acidente conta com uma igreja da invocação do Senhor do Bonfim.			

4.1.72 Passagem

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 72	QUA.: MCB1-D8
Entrada	Passagem	Acidente	Humano/Arraial	
Genérico	n/e	Específico	Passage	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Passagem</u> : Lugar onde se atravessa um rio, quer a vau, que embarcado (BEAUREPAIRE-ROHAN, 1889). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: Passagem > Passage			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: transformação: desnasalização da sílaba no final da forma de palavra em contexto postônico [3em] > [3e]			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «hodo» Taxonomia: hodotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente			
Outras inform.	n/e			

4.1.73 Mata

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 73	QUA.: MCB1-D8
Entrada	Mata	Acidente	Humano/Arraial	
Genérico	n/e	Específico	Matta	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Matta</u> : Bosque de árvores silvestres (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: consoante geminada <tt> Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «fito» Taxonomia: fitotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente			
Outras inform.	n/e			

4.1.74 Santa Ana

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 74	QUA.: MCB1-D9
Entrada	Santa Ana	Acidente	Humano/Freguesia ou povoação
Genérico	n/e	Específico	S. ^{ta} Anna
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>Santa Ana</u>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>santa</i>, mulher santificada ou canonizada pela Igreja (SILVA, 1789b), + <i>Ana</i>, mãe de Maria, segundo os evangelhos apócrifos (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por letra sobrescrita <S.^{ta}>; consoante geminada <nn> Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _f [QV _{sing} + Antr _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio» Taxonomia: hagiopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: vertical</p>		
Outras inform.	O acidente conta com uma igreja da invocação de Santa Ana (SAINT-ADOLPHE, 1945a).		

4.1.75 Outeiro Redondo

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 75	QUA.: MCB1-D9
Entrada	Outeiro Redondo	Acidente	Humano/Sítio
Genérico	n/e	Específico	Oiteiro Redondo
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>Outeiro Redondo</u>: Junção de <i>outeiro</i>, alto de terra que se levanta de alguma planície, colina; <i>outeiro</i>, + <i>redondo</i>, que tem figura circular, esférico (PINTO, 1832). Léxico toponímico: primário: <i>outeiro</i> + secundário: <i>redondo</i> Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [S _{sing} + Adj _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «geomorfo + morfo» Taxonomia: geomorfotônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição + toponimização Mesomecanismo: associativa + deslocamento Micromecanismo: adjacente + horizontal</p>		
Outras inform.	n/e		

4.1.76 Ponta da Espera

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 76	QUA.: MCB1-E5
Entrada	Espera, Ponta da	Acidente	Físico/Ponta	
Genérico	P. ^{ta}	Específico	da Espera	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Espera</u> : Ato de esperar (SILVA, 1789a). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: abrev. por letra sobrescrita <P. ^{ta} > Mudança fonética:			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _f [Prep + A _{sing} + S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «animo» Taxonomia: animotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: sociocultural			
Outras inform.	n/e			

4.1.77 Monte Gordo

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 77	QUA.: MCB1-E6
Entrada	Monte Gordo	Acidente	Humano/Arraial	
Genérico	n/e	Específico	Monte gordo	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Monte Gordo</u> : Junção de <i>monte</i> , porção de terra notavelmente elevada do nível da outra que a rodeia, + <i>gordo</i> , referência metafórica a pessoa ou animal que tem muita banha e se torna avultado com ela (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: primário: <i>monte</i> + secundário: <i>gordo</i> Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: consoante minúscula <g> em posição inicial de forma de palavra Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [S _{sing} + Adj _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «geomorfo + dimensio» Taxonomia: geomorfotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição + toponimização Mesomecanismo: associativa + deslocamento Micromecanismo: adjacente + horizontal			
Outras inform.	n/e			

4.1.78 Torre d'Ávila

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 78	QUA.: MCB1-E6
Entrada	Torre d'Ávila	Acidente	Humano/Vila	
Genérico	n/e	Específico	Torre d'Ávila	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Torre d'Ávila</u>: Junção de <i>torre</i>, edifício forte fabricado para se acolher do inimigo e de lá o ofenderem (SILVA, 1789b), + <i>d'Ávila</i>, sobrenome do fundador <i>Garcia d'Ávila</i> (SAINT-ADOLPHE, 1845b). Léxico toponímico: primário: <i>torre</i> + secundário: <i>d'Ávila</i> Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _f [S _{sing} + Prep + Antr _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «eco + antropo» Taxonomia: ecotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição + toponimização Mesomecanismo: associativa + deslocamento Micromecanismo: manufaturado + vertical</p>			
Outras inform.	A vila foi fundada pelo colonizador e bandeirante Garcia d'Ávila (SAINT-ADOLPHE, 1845b, p. 717).			

4.1.79 Malheiros

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 79	QUA.: MCB1-E10
Entrada	Malheiros	Acidente	Humano/Arraial	
Genérico	n/e	Específico	Malheiros	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Malheiro</u>: Fabricante de malhas (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _m [S _{pl}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «socio» Taxonomia: sociotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: sociocultural</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.80 Prazeres

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 80	QUA.: MCB1-G9
Entrada	Prazeres	Acidente	Humano/Arraial	
Genérico	n/e	Específico	Prazeres	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Prazeres</u>: Hagiônimo, red. de <i>Nossa Senhora dos Prazeres</i>, um dos epítetos de Maria (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: Nossa Senhora dos Prazeres > Prazeres</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _m [S _{pl}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «maria» Taxonomia: mariotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: vertical</p>			
Outras inform.	O acidente conta com uma igreja da invocação de Nossa Senhora dos Prazeres (IBGE, 1958a).			

4.1.81 Rio Real

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 81	QUA.: MCB1-H12
Entrada	Real, Rio	Acidente	Físico/Rio	
Genérico	Rio	Específico	Real	
Ocorrências	Rio Real	QUA.:	MCB1-J11	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Real</u>: De rei ou soberano (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Adj _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «axio» Taxonomia: axiotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: introdução Micromecanismo: laudatória</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.82 Vila Estância

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 82	QUA.: MCB1-H12
Entrada	Estância, Vila	Acidente	Humano/Vila	
Genérico	Villa	Específico	Estância	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <i>Estância</i> : Lugar onde se está, ou para descansar do caminho: rancho (SILVA, 1789). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: consoante geminada <ll>; <ç> antes de <i> Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _f [S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «eco» Taxonomia: ecotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: manufaturado			
Outras inform.	n/e			

4.1.83 Vila da Abadia

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 83	QUA.: MCB1-I10
Entrada	Abadia, Vila da	Acidente	Humano/Vila	
Genérico	Villa	Específico	da Abadia	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <i>Abadia</i> : Hierônimo, red. de <i>Nossa Senhora da Abadia</i> , também conhecida por <i>Santa Maria do Bouro</i> , seu lugar de origem, em Portugal (CARVALHO, 2014). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: Nossa Senhora da Abadia > Abadia			
Grafo-fonética	Grafia: consoante geminada <ll> Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _f [Prep + A _{sing} + S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «maria» Taxonomia: mariotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: vertical			
Outras inform.	Uma capela da invocação de Nossa Senhora da Abadia foi construída no século XVII (IBGE, 1958a).			

4.1.84 Terra Caída

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 84	QUA.: MCB1-I11
Entrada	Terra Caída	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Terra Cahida	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Terra caída</u> : Desmoronamento que se dá nos barrancos de terra em margens durante enchentes (SOUZA, 1939). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: <hi> em lugar de <í> Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _f [S _{sing} + Adj _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «meteoro» Taxonomia: meteorotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: ocorrência Micromecanismo: incidente			
Outras inform.	Apesar de apresentar a forma <i>terra</i> , o fenômeno se dá por causa de condições atmosféricas específicas.			

4.1.85 Rio Velho

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 85	QUA.: MCB2-A2
Entrada	Velho, Rio	Acidente	Físico/Rio	
Genérico	Rio	Específico	Velho	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Velho</u> : Não novo, não moderno (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Adj _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «crono» Taxonomia: cronotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: inerente Micromecanismo: referencial			
Outras inform.	n/e			

4.1.86 Pedra Redonda

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 86	QUA.: MCB2-A6
Entrada	Pedra Redonda	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Pedra Redonda	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Pedra redonda</u>: Junção de pedra, corpo sólido, e duro, que resulta de partículas térreas agregadas, e unidas mais, ou menos fortemente, + <i>redonda</i>, rotundo, de figura circular (SILVA, 1789b).</p> <p>Léxico toponímico: primário: <i>pedra</i> + secundário: <i>redonda</i></p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e</p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _f [S _{sing} + Adj _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «lito + morfo»</p> <p>Taxonomia: litotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição + toponimização</p> <p>Mesomecanismo: associativa + deslocamento</p> <p>Micromecanismo: adjacente + horizontal</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.87 Serra

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 87	QUA.: MCB2-A10
Entrada	Serra	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Serra	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Serra</u>: Monte de penedia, com picos, e quebradas, ou boqueirões (SILVA, 1789b).</p> <p>Léxico toponímico: primário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e</p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «geomorfo»</p> <p>Taxonomia: geomorfotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição</p> <p>Mesomecanismo: associativa</p> <p>Micromecanismo: local</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.88 Conceição

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 88	QUA.: MCB2-A10
Entrada	Conceição	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Conceição	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Conceição</u>: Hagiônimo, red. de <i>Nossa Senhora da Conceição</i>, invocação de Maria (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: Nossa Senhora da Conceição > Conceição</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: <aõ> para ditongo nasal [ãw] Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «maria» Taxonomia: mariotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: introdução Micromecanismo: laudatória</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.89 Vargem Grande

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 89	QUA.: MCB2-A11
Entrada	Vargem Grande	Acidente	Humano/Arraial	
Genérico	n/e	Específico	Varge grande	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Varge grande</u>: Junção de <i>vargem</i>, campo, planície cultivada, semeada; campo plano, sem altibaixos, + <i>grande</i>, oposto a pequeno, em quantidade, ou extensão ou qualquer qualidade (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: primário: <i>vargem</i> + secundário: <i>grande</i> Histórico das formas: Vargem Grande > Varge Grande</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: consoante minúscula <g> em posição inicial de forma de palavra Mudança fonética: transformação: desnasalização da sílaba no final da forma de palavra em contexto postônico [zem] > [ze]</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _f [S _{sing} + Adj _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «geomorfo + dimensio» Taxonomia: geomorfotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição + toponimização Mesomecanismo: associativa + deslocamento Micromecanismo: local + horizontal</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.90 Rio do Bom Jesus

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 90	QUA.: MCB2-B2
Entrada	Bom Jesus, Rio	Acidente	Físico/Rio
Genérico	Rio	Específico	do Bom Jezus
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	Étimo: <u>Bom Jesus</u> : Hagiônimo, um dos epítetos de Jesus Cristo (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e		
Grafo-fonética	Grafia: <z> em lugar de <s> Mudança fonética: n/e		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} NC _m [Prep + Adj _{sing} + Antr _{sing}]		
Motivação	Estrutura semântica: «hagio» Taxonomia: hagiotopônimo		
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: introdução Micromecanismo: laudatória		
Outras inform.	n/e		

4.1.91 Boqueirão

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 91	QUA.: MCB2-B7
Entrada	Boqueirão	Acidente	Humano/Sítio
Genérico	n/e	Específico	Boqueirão
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	Étimo: <u>Boqueirão</u> : Abertura ou garganta nas serras por onde passam os rios (SOUZA, 1939). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e		
Grafo-fonética	Grafia: <ão> para ditongo nasal [ãw] Mudança fonética: n/e		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _m [S _{sing}]		
Motivação	Estrutura semântica: «geomorfo» Taxonomia: geomorfotopônimo		
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente		
Outras inform.	O acidente fica ao lado do rio Peruaçu, o que explica a lexia selecionada.		

4.1.92 Retiro

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 92	QUA.: MCB2-B8
Entrada	Retiro	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Ritiro	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Retiro</u>: Casa situada aos fundos de uma fazenda onde ficam vigias; rancho para a guarda de gado hibernado (SOUZA, 1939). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: Retiro > Ritiro</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: <i> em lugar de <e> Mudança fonética: transformação: alteamento da vogal por assimilação em contexto pretônico [e] > [i]</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _m [S _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «eco» Taxonomia: ecotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: manufaturado</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.93 Brejos

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 93	QUA.: MCB2-B8
Entrada	Brejos	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Brejos	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Brejo</u>: Terreno úmido, lodoso, alagadiço, que serve para arrozais (SILVA, 1789a). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _m [S _{pl}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «geomorfo» Taxonomia: geomorfotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: local</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.94 Rosário

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 94	QUA.: MCB2-B9
Entrada	Rosário	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Rozario	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Rosário</u>: Hagiônimo, redução de <i>Nossa Senhora do Rosário</i>, uma das invocações de Maria (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: Nossa Senhora do Rosário > Rosário</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: <z> em lugar de <s> Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _m [S _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «maria» Taxonomia: mariotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: introdução Micromecanismo: laudatória</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.95 Boqueirão

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 95	QUA.: MCB2-B9
Entrada	Boqueirão	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Boqueiraõ	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Boqueirão</u>: Abertura ou garganta nas serras por onde passam os rios (SOUZA, 1939). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: <aõ> para ditongo nasal [ãw] Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _m [S _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «geomorfo» Taxonomia: geomorfotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente</p>			
Outras inform.	O acidente fica ao lado do Rio do Peixe e do Rio Jacuípe, o que explica a lexia selecionada.			

4.1.96 Candeias

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 96	QUA.: MCB2-B10
Entrada	Candeias	Acidente	Humano/Arraial	
Genérico	n/e	Específico	Candeas	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Candeia</u>: Arbusto tortuoso utilizado como archote no sertão; <i>Lychnophora</i> (MOREIRA, 1862). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{pl}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «fito» Taxonomia: fitotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente</p>			
Outras inform.	O arraial está localizado nas proximidades de onde hoje fica o município de Riachão do Jacuípe, no qual há um distrito chamado Candeal. Supõe-se que o nome provenha da mesma motivação, a presença de candeias na região.			

4.1.97 Vargem da Cruz

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 97	QUA.: MCB2-B11
Entrada	Vargem da Cruz	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Varge da Cruz	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Varge da Cruz</u>: Junção de <i>vargem</i>, campo, planície cultivada, semeada; campo plano, sem altibaixos (SILVA, 1789b), + <i>cruz</i>, instrumento de castigar criminosos; no meio cristão, trata-se de um símbolo sagrado digno de veneração por ter morrido em uma Jesus Cristo; <i>vera cruz</i> (SILVA, 1789a). Léxico toponímico: primário: <i>vargem</i> + secundário: <i>cruz</i> Histórico das formas: Vargem da Cruz > Varge da Cruz</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e Mudança fonética: transformação: desnasalização da sílaba no final da forma de palavra em contexto postônico [zem] > [ze]</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _f [S _{sing} + Prep + A _{sing} + S _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «geomorfo + hiero» Taxonomia: geomorfotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição + toponimização Mesomecanismo: associativa + deslocamento Micromecanismo: local + horizontal</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.98 Papagaio

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 98	QUA.: MCB2-B11
Entrada	Papagaio	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Papagaio	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Papagaio</u>: Ave de bico revoltoso que imita a fala humana (SILVA, 1789b).</p> <p>Léxico toponímico: secundário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e</p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _m [S _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «ZOO»</p> <p>Taxonomia: zootopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição</p> <p>Mesomecanismo: associativa</p> <p>Micromecanismo: adjacente</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.99 Pedra Branca

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 99	QUA.: MCB2-C5
Entrada	Pedra branca	Acidente	Humano/Aldeia	
Genérico	n/e	Específico	Pedra branca	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Pedra Branca</u>: Junção de pedra, corpo sólido, e duro, que resulta de partículas térreas agregadas e unidas mais ou menos fortemente (SILVA, 1789b), + <i>branco</i>, de cor semelhante ao papel comum, a cal e a neve (SILVA, 1789a).</p> <p>Léxico toponímico: primário: <i>pedra</i> + secundário: <i>branca</i></p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: consoante minúscula em posição inicial de forma de palavra</p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _f [S _{sing} + Adj _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «lito + cromo»</p> <p>Taxonomia: litotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição + toponimização</p> <p>Mesomecanismo: associativa + deslocamento</p> <p>Micromecanismo: adjacente + horizontal</p>			
Outras inform.	Trata-se de uma aldeia do povo cariri (IBGE, 1958b).			

4.1.100 Caranguejo

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 100	QUA.: MCB2-C5
Entrada	Caranguejo	Acidente	Humano/Igreja ou capela	
Genérico	n/e	Específico	Carangejo	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Caranguejo</u> : Espécie de marisco com pernas que se cria no mar ou mangues (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: <g> em lugar do dígrafo <gu> antes de <e> Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _m [S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «ZOO» Taxonomia: zootopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: horizontal			
Outras inform.	Há um rio com o nome Caranguejo próximo ao acidente.			

4.1.101 Cruz

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 101	QUA.: MCB2-C7
Entrada	Cruz	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Cruz	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Cruz</u> : Instrumento de castigar criminosos; no meio cristão, trata-se de um símbolo sagrado digno de veneração por ter morrido em uma Jesus Cristo; <i>vera cruz</i> (SILVA, 1789a). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «hieró» Taxonomia: hierotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente			
Outras inform.	É provável a presença de uma Cruz no local, como era comum haver nas proximidades de estabelecimentos rurais e estradas (IBGE, 1958a; 1958b).			

4.1.102 Curralinho

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 102	QUA.: MCB2-C7
Entrada	Curralinho	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Curralinho	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Curral</u> : Cercado de paus para recolher gado e apanhar peixes (SILVA, 1789a) + sufixo diminutivo <i>-inho</i> . Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _m [S _{sing} [R + suf _{dim}]]			
Motivação	Estrutura semântica: «ergo + dimensio» Taxonomia: ergotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: manufaturado			
Outras inform.	n/e			

4.1.103 Poço

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 103	QUA.: MCB2-C8
Entrada	Poço	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Poço	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Poço</u> : Cova onde se junta água proveniente de alguma fonte (SILVA, 1789b) Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _m [S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «hidro» Taxonomia: hidrotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente			
Outras inform.	n/e			

4.1.104 Rio do Peixe

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 104	QUA.: MCB2-C9
Entrada	Peixe, Rio do	Acidente	Físico/Rio	
Genérico	Rio	Específico	do Peixe	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Peixe</u> : Animal que vive na água com barbatanas, guelras, espinhas (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Prep + A _{sing} + S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «ZOO» Taxonomia: zootopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente			
Outras inform.	n/e			

4.1.105 Paulista

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 105	QUA.: MCB2-C11
Entrada	Paulista	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Paulista	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Paulista</u> : Natural de São Paulo (BEAUREPAIRE-ROHAN, 1889). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _m [S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «etno» Taxonomia: etnotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: horizontal			
Outras inform.	Há um rio chamado Paulista na região (IBGE, 1958a).			

4.1.106 Rio do Caranguejo

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 106	QUA.: MCB2-D4
Entrada	Caranguejo, Rio do	Acidente	Físico/Rio
Genérico	Rio	Específico	do Caranguejo
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	Étimo: <u>Caranguejo</u> : Espécie de marisco com pernas que vive no mar ou mangues (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: Caranguejo > Carangeijo		
Grafo-fonética	Grafia: <g> em lugar do dígrafo <gu> antes de <e> Mudança fonética: adição: ditongação na sílaba tônica, formando o ditongo decrescente [ej]		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Prep + A _{sing} + S _{sing}]		
Motivação	Estrutura semântica: «ZOO» Taxonomia: zootopônimo		
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente		
Outras inform.	n/e		

4.1.107 Candéal

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 107	QUA.: MCB2-D7
Entrada	Candéal	Acidente	Humano/Sítio
Genérico	n/e	Específico	Candial
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	Étimo: <u>Candéal</u> : Área onde crescem candeias, arbustos tortuosos utilizados como archote no sertão; <i>Lychnophora</i> (MOREIRA, 1862). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: Candéal > Candial		
Grafo-fonética	Grafia: <i> em lugar de <e> Mudança fonética: transformação: alteamento da vogal por dissimilação em contexto pretônico [e] > [i]		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _m [S _{sing}]		
Motivação	Estrutura semântica: «fito» Taxonomia: fitotopônimo		
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente		
Outras inform.	n/e		

4.1.108 Barra

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 108	QUA.: MCB2-D7
Entrada	Barra	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Barra	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Barra</u>: Bancos ou coroa de areia e de outros sedimentos trazidos pelo rio e depositados nas suas bocas (SOUZA, 1939). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «geomorfo» Taxonomia: geomorfotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente</p>			
Outras inform.	O acidente se encontra próximo a um rio.			

4.1.109 Carro Quebrado

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 109	QUA.: MCB2-D8
Entrada	Carro quebrado	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Carro quebrado	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Carro quebrado</u>: Junção de <i>carro</i>, instrumento de carregar, consta de rodas, leito, apeiro etc., é tirado por bois ou cavalos (SILVA, 1789a), + <i>quebrado</i>, p. pass. de quebrar, separar, desunir as partes de um corpo inteiro (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: consoante minúscula <q> em posição inicial de forma de palavra Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [S _{sing} + Adj _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «dirremato» Taxonomia: dirrematotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: ocorrência Micromecanismo: incidente</p>			
Outras inform.	O lugar encontra-se próximo a uma estrada. Supõe-se que o nome provenha do avario de carros no trecho próximo ao Sítio devido às más condições da estrada ou às características próprias do terreno.			

4.1.110 Santa Ana do Camisão

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 110	QUA.: MCB2-D10
Entrada	Santa Ana do Camisão	Acidente	Humano/Freguesia ou povoação	
Genérico	n/e	Específico	S. ^{ta} Anna do Camisão	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Santa Ana do Camisão</u>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>santa</i>, mulher santificada ou canonizada pela Igreja (SILVA, 1789b), + <i>Ana</i>, mãe de Maria, segundo os evangelhos apócrifos (MACHADO, 1981), + <i>camisão</i>, sinônimo de campônio, tabaréu, homem rústico (SOUZA, 1939).</p> <p>Léxico toponímico: secundário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por letra sobrescrita <S.^{ta}>; consoante geminada <nn>; <z> em lugar de <s>; <ão> para ditongo nasal [ãw]</p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _f [QV _{sing} + Antr _{sing} + Prep + A _{sing} + S _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio + etno»</p> <p>Taxonomia: hagiopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização</p> <p>Mesomecanismo: deslocamento</p> <p>Micromecanismo: vertical</p>			
Outras inform.	É um caso de deslocamento duplo, em que a forma <i>Santa Ana</i> provém da igreja presente no local e <i>Camisão</i> da aldeia de autóctones adjacente (IBGE, 1958a).			

4.1.111 Cercado

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 111	QUA.: MCB2-E3
Entrada	Cercado	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Cercado	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Cercado</u>: Lugar limitado por tapumes para a criação de animais ou isolar terra destinada ao cultivo: roça (SOUZA, 1939).</p> <p>Léxico toponímico: primário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e</p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _m [S _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «ergo»</p> <p>Taxonomia: ergotônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição</p> <p>Mesomecanismo: associativa</p> <p>Micromecanismo: manufaturado</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.112 Cana Braba

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 112	QUA.: MCB2-E3
Entrada	Cana Braba	Acidente	Humano/Sítio
Genérico	n/e	Específico	Cana braba
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>Cana braba</u>: Junção de cana, planta que nasce em lugares húmidos e possui uma haste e espadanhas, + <i>braba</i>, não cultivada, difícil de andar (SILVA, 1789a).</p> <p>Léxico toponímico: secundário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: consoante minúscula em posição inicial de forma de palavra</p> <p>Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _f [S _{sing} + Adj _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «fito + animo»</p> <p>Taxonomia: fitotopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição</p> <p>Mesomecanismo: associativa</p> <p>Micromecanismo: adjacente</p>		
Outras inform.	Trata-se de uma forma fixa utilizada para designar um tipo específico de cana, não sendo, provavelmente, uma composição feita no ato nominativo.		

4.1.113 Lagoa Seca

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 113	QUA.: MCB2-E6
Entrada	Lagoa Seca	Acidente	Humano/Sítio
Genérico	n/e	Específico	Lagoa Seca
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>Lagoa seca</u>: Junção de <i>lagoa</i>, grande lago de águas vertentes, + <i>seca</i>, não húmido ou molhado, enxuto, sem água (SILVA, 1789b).</p> <p>Léxico toponímico: primário: <i>lagoa</i> + secundário: <i>seca</i></p> <p>Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e</p> <p>Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _f [S _{sing} + Adj _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hidro + estema»</p> <p>Taxonomia: hidrotopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição + toponimização</p> <p>Mesomecanismo: associativa + deslocamento</p> <p>Micromecanismo: adjacente + horizontal</p>		
Outras inform.	n/e		

4.1.114 São José

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 114	QUA.: MCB2-E6
Entrada	São José	Acidente	Humano/Freguesia ou povoação
Genérico	n/e	Específico	S. Joze
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>São José</u>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>são</i>, o mesmo que santo, homem santificado, ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789b), + <i>José</i>, esposo de Maria e pai putativo de Jesus Cristo (MACHADO, 1981).</p> <p>Léxico toponímico: secundário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por siglagem simples <S.>; <z> em lugar de <s></p> <p>Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [QV _{sing} + Antr _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio»</p> <p>Taxonomia: hagiotopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização</p> <p>Mesomecanismo: deslocamento</p> <p>Micromecanismo: vertical</p>		
Outras inform.	O acidente conta com uma igreja da invocação de São José (SAINT-ADOLPHE, 1945a).		

4.1.115 Salgado

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 115	QUA.: MCB2-E7
Entrada	Salgado	Acidente	Humano/Sítio
Genérico	n/e	Específico	Salgado
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>Salgado</u>: Coisa que tem sal naturalmente ou que se tem deitado sal (BLUTEAU, 1728).</p> <p>Léxico toponímico: secundário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e</p> <p>Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _m [Adj _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «estema»</p> <p>Taxonomia: estematopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização</p> <p>Mesomecanismo: deslocamento</p> <p>Micromecanismo: horizontal</p>		
Outras inform.	Há um riacho com o mesmo nome a 300 metros de distância da sede de Santo Estevão (IBGE, 1958b).		

4.1.116 Candeia

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 116	QUA.: MCB2-E7
Entrada	Candeia	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Candeia	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Candeia</u> : arbusto tortuoso utilizado como archote no sertão; <i>Lychnophora</i> (MOREIRA, 1862). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: Candea > Candeia			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: adição: ditongação na sílaba tônica, formando o ditongo decrescente [ej]			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «fito» Taxonomia: fitotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente			
Outras inform.	n/e			

4.1.117 Lagoa Seca

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 117	QUA.: MCB2-E7
Entrada	Seca, Lagoa	Acidente	Físico/Lagoa	
Genérico	Lagoa	Específico	Seca	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Seca</u> : Não úmido ou molhado, enxuto, sem água (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _f [Adj _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «estema» Taxonomia: estematopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: inerente Micromecanismo: topográfica			
Outras inform.	n/e			

4.1.118 Boa Vista

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 118	QUA.: MCB2-E7
Entrada	Boa Vista	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Boa Vista	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Boa Vista</u>: Junção de Boa, que tem utilidade, préstimo; coisa serena (SILVA, 1789a), + <i>vista</i>, ação de ver; o aspecto que as coisas oferecem (SILVA, 1789b).</p> <p>Léxico toponímico: secundário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e</p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _f [Adj _{sing} + S _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «animo + estema»</p> <p>Taxonomia: estematopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição</p> <p>Mesomecanismo: avaliativa</p> <p>Micromecanismo: positiva</p>			
Outras inform.	Diversas serras e montanhas do Brasil receberam o nome de Boa Vista (SAINT-ADOLPHE, 1945a). O nome foi, provavelmente, motivado por conta de elevações no terreno.			

4.1.119 Porteira

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 119	QUA.: MCB2-E8
Entrada	Porteira	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Porteira	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Porteira</u>: Portelo ou cancela de um cerrado (AULETE; VALENTE, 1881b).</p> <p>Léxico toponímico: secundário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e</p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «ergo»</p> <p>Taxonomia: ergotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição</p> <p>Mesomecanismo: associativa</p> <p>Micromecanismo: manufaturado</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.120 Antas

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 120	QUA.: MCB2-E8
Entrada	Antas	Acidente	Humano/Sítio
Genérico	n/e	Específico	Antas
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <i>Anta</i>: Animal quadrúpede com tamanho de um bezerro de seis meses, semelhante ao porco, porém com a cabeça maior, nas patas dianteiras tem quatro unhas e nas traseiras três e um princípio de quarta unha (SILVA, 1789a). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{pl}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «ZOO» Taxonomia: zootopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente</p>		
Outras inform.	n/e		

4.1.121 Santo Estevão

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 121	QUA.: MCB2-E8
Entrada	Santo Estevão	Acidente	Humano/Arraial
Genérico	n/e	Específico	S. ^{to} Estevão
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <i>Santo Estevão</i>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>santo</i>, homem santificado ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789b), + <i>Estevão</i>, primeiro mártir do cristianismo (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por letra sobrescrita <S.^{to}>; <ão> para ditongo nasal [ãw] Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [Q _v _{sing} + Antr _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio» Taxonomia: hagiopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: horizontal</p>		
Outras inform.	O nome foi deslocado de um acidente mais antigo que ficou conhecido como Santo Estevão Velho (IBGE, 1958b).		

4.1.122 Sobrado

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 122	QUA.: MCB2-E8
Entrada	Sobrado	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Sobrado	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Sobrado</u> : Designação da casa do senhor de engenho (SOUZA, 1939). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _m [S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «eco» Taxonomia: ecotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: manufaturado			
Outras inform.	n/e			

4.1.123 Sítio Novo

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 123	QUA.: MCB2-E9
Entrada	Novo, Sítio	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	Sítio	Específico	Novo	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Novo</u> : Que foi feito há pouco; oposto a antigo, velho (SILVA, 1789a). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Adj _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «crono» Taxonomia: cronotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: inerente Micromecanismo: referencial			
Outras inform.	n/e			

4.1.124 Lamarão

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 124	QUA.: MCB2-E9
Entrada	Lamarão	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Lamarão	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Lamarão</u>: Lagoa formada nas depressões do terreno nos tempos da chuva (SOUZA, 1939). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: <ão> para ditongo nasal [ãw] Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _m [S _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «meteoro» Taxonomia: meteorotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: ocorrência Micromecanismo: incidente</p>			
Outras inform.	O fenômeno está sujeito a períodos de chuva.			

4.1.125 Montanhas de São Paulo

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 125	QUA.: MCB2-F1
Entrada	São Paulo, Montanhas de	Acidente	Físico/Montanhas	
Genérico	Montanhas	Específico	de S. Paulo	
Ocorrências	Montanhas de S. Paulo	QUA.:	MCI-G12	
Etimologia	<p>Étimo: <u>São Paulo</u>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>são</i>, o mesmo que santo, homem santificado ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789b), + <i>Paulo</i>, apóstolo dos gentios e mártir cristão (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por siglagem simples <S.> Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{pl}] + ^{esp} NC _m [Prep + QV _{sing} + Antr _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio» Taxonomia: hagiopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: introdução Micromecanismo: laudatória</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.126 Ribeirão

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 126	QUA.: MCB2-F3
Entrada	Ribeirão	Acidente	Físico/Ribeirão	
Genérico	Ribeirão	Específico	n/e	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Ribeirão</u> : Riacho de maior curso e volume (SOUZA, 1939). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: <ão> para ditongo nasal [ãw] Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} Ø			
Motivação	Estrutura semântica: «hidro» Taxonomia: hidrotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: inerente Micromecanismo: designação genérica			
Outras inform.	Trata-se de uma designação genérica pois o acidente nomeado é um curso de água.			

4.1.127 Rio do Tanque

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 127	QUA.: MCB2-F4
Entrada	Tanque, Rio do	Acidente	Físico/Rio	
Genérico	Rio	Específico	do Tanque	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Tanque</u> : Açude, grande reservatório de água nas fazendas ou nos campos, feitos pela mão do homem, para a quadra das secas (SOUZA, 1939). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Prep + A _{sing} + S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «hidro» Taxonomia: hidrotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente			
Outras inform.	O GdC registra um tanque nas adjacências do rio.			

4.1.128 São Felipe

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 128	QUA.: MCB2-F5
Entrada	São Felipe	Acidente	Humano/Freguesia ou povoação
Genérico	n/e	Específico	S. Felipe
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>São Felipe</u>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>são</i>, o mesmo que santo, homem santificado, ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789b), + <i>Felipe</i>, apóstolo de Jesus Cristo natural de Betsaida (CARVALHO, 2014). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por siglagem simples <S.> Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [QV _{sing} + Antr _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio» Taxonomia: hagiotopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: vertical</p>		
Outras inform.	O acidente conta com uma capela da invocação de São Felipe e São Tiago, fundada 1681 (IBGE, 1958b).		

4.1.129 Lagoa do Torto

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 129	QUA.: MCB2-F6
Entrada	Torto, Lagoa do	Acidente	Físico/Lagoa
Genérico	Lagoa	Específico	do Torto
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>Torto</u>: O que não é direito; retorcido (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Prep + A _{sing} + S _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «morfo» Taxonomia: morfotopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente</p>		
Outras inform.	O adjetivo <i>torto</i> aparece introduzido por preposição, o que leva a interpretar que não se trata de um predicativo da lagoa, mas de algum elemento adjacente. O adjetivo geralmente designa a configuração tortuosa de rios, caminhos e estradas (MACHADO, 1981).		

4.1.130 Lagoa do Cocão

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 130	QUA.: MCB2-F6
Entrada	Cocão, Lagoa do	Acidente	Físico/Lagoa
Genérico	Lagoa	Específico	do Cocão
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	Étimo: <u>Cocão</u> : Madeira do Brasil de que fazem caibros (SILVA, 1789a). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e		
Grafo-fonética	Grafia: <ão> para ditongo nasal [ãw] Mudança fonética: n/e		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Prep + A _{sing} + S _{sing}]		
Motivação	Estrutura semântica: «fito» Taxonomia: fitotopônimo		
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente		
Outras inform.	n/e		

4.1.131 Almas

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 131	QUA.: MCB2-F6
Entrada	Almas	Acidente	Humano/Freguesia ou povoação
Genérico	n/e	Específico	Almas
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	Étimo: <u>Almas</u> : Substância espiritual do corpo dos homens e animais (SILVA, 1789a). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e		
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{pl}]		
Motivação	Estrutura semântica: «animo» Taxonomia: animotopônimo		
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: vertical		
Outras inform.	Havia no lugar um grande cruzeiro em que se faziam orações. A tradição local afirma que o nome provém de uma expressão utilizada pelos viajantes ao referir-se ao local: “lá, ou ali, na cruz das almas” (IBGE, 1958a).		

4.1.132 Conceição

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 132	QUA.: MCB2-F7
Entrada	Conceição	Acidente	Humano/Fazenda ou engenho	
Genérico	n/e	Específico	Conceição	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Conceição</u>: Hagiônimo, red. de <i>Nossa Senhora da Conceição</i>, invocação de Maria (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: Nossa Senhora da Conceição > Conceição</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: <ão> para ditongo nasal [ãw] Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «maria» Taxonomia: mariotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: introdução Micromecanismo: laudatória</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.133 Cruz do Sodré

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 133	QUA.: MCB2-F8
Entrada	Cruz do Sodré	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Cruz do Sudré	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Cruz do Sodré</u>: Junção de <i>cruz</i>, instrumento de castigar criminosos; no meio cristão, trata-se de um símbolo sagrado digno de veneração por ter morrido em uma Jesus Cristo; <i>vera cruz</i> (SILVA, 1789a), + <i>Sodré</i>, sobrenome português de proveniência inglesa (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: Cruz do Sodré > Cruz do Sudré</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: <u> em lugar de <o> Mudança fonética: transformação: alteamento da vogal por dissimilação em contexto pretônico [o] > [u]</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _f [S _{sing} + Prep + A _{sing} + Antr _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hiero + antro» Taxonomia: hierotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição + toponimização Mesomecanismo: associativa + introdução Micromecanismo: sociocultural + acomodação</p>			
Outras inform.	É provável a presença de uma Cruz no local, como era comum haver nas proximidades de estabelecimentos rurais e estradas (IBGE, 1958a; 1958b).			

4.1.134 Vieira

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 134	QUA.: MCB2-F8
Entrada	Vieira	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Vieira	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Vieira</u> : Sobrenome português (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: acento circunflexo em vogal <î> átona Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [Antr _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «antropo» Taxonomia: antropotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: introdução Micromecanismo: acomodação			
Outras inform.	n/e			

4.1.135 Brotas

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 135	QUA.: MCB2-F8
Entrada	Brotas	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Brotas	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Brota</u> : Olho d'água, nascente, lugar onde a água surge (SOUZA, 1939). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{pl}]			
Motivação	Estrutura semântica: «hidro» Taxonomia: hidrotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente			
Outras inform.	O mapa registra a nascente do rio Subaé nas adjacências do acidente.			

4.1.136 Rio do Peixe

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 136	QUA.: MCB2-F9
Entrada	Peixe, Rio do	Acidente	Físico/Rio	
Genérico	Rio	Específico	do Peixe	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Peixe</u>: Animal que vive na água com barbatanas, guelras, espinhas (SILVA, 1789b).</p> <p>Léxico toponímico: secundário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e</p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Prep + A _{sing} + S _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «ZOO»</p> <p>Taxonomia: zootopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição</p> <p>Mesomecanismo: associativa</p> <p>Micromecanismo: adjacente</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.137 Santa Ana dos Olhos de Água

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 137	QUA.: MCB2-F9
Entrada	Santa Ana dos Olhos de Água	Acidente	Humano/Arraial	
Genérico	n/e	Específico	S. ^{ta} Anna dos Olhos de água	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Santa Ana dos Olhos de Água</u>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>santa</i>, mulher santificada ou canonizada pela Igreja (SILVA, 1789b), + <i>Ana</i>, mãe de Maria, segundo os evangelhos apócrifos (MACHADO, 1981), + <i>olho de água</i>, designativo para manancial, minadouro, fonte natural, lugar nos campos ou matas onde surge uma nascente perene (SOUZA, 1939).</p> <p>Léxico toponímico: secundário: <i>Santa Ana</i> + primário: <i>olhos de água</i></p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por letra sobrescrita <S.^{ta}>; consoante geminada <nn>; vogal minúscula <a> em posição inicial de forma de palavra</p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _f [Q _{v_{sing}} + Antr _{sing} + Prep + A _{pl} + S _{pl} + Prep + S _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio + hidro»</p> <p>Taxonomia: hagiopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização</p> <p>Mesomecanismo: deslocamento</p> <p>Micromecanismo: vertical</p>			
Outras inform.	O lugar originou-se da <i>Fazenda Olhos d'Água</i> , onde foi erguida uma capela dedicada à Santa Ana por Domingos Barbosa, seu proprietário. Trata-se, portanto, de um caso de duplo deslocamento.			

4.1.138 Formigas

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 138	QUA.: MCB2-F10
Entrada	Formigas	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Fromigas	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Formiga</u>: Insetos da ordem dos <i>hymenopteros</i> (AULETE; VALENTE, 1881a). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: Formigas > Fromigas</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e Mudança fonética: transposição: metátese da consoante [r] em contexto pretônico da coda para o ataque silábico [for] > [fro]</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{pl}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «ZOO» Taxonomia: zootopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.139 Cabrestante

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 139	QUA.: MCB2-G2
Entrada	Cabrestante	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Cabrestante	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Cabrestante</u>: Instrumento ou máquina com o qual se suspende a âncora que está no fundo, colocar ou retirar do navio coisas de grande peso (CAMPOS, 1823). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: Cabrestante > Cabrestante</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: <r> em lugar de <s> Mudança fonética: transformação: rotacismo em coda silábica e contexto pretônico [s] > [h]</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _m [S _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «ergo» Taxonomia: ergotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: sociocultural</p>			
Outras inform.	O acidente está localizado nas margens do Rio Jequiriçá.			

4.1.140 Nazaré

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 140	QUA.: MCB2-G3
Entrada	Nazaré	Acidente	Humano/Freguesia ou povoação	
Genérico	n/e	Específico	Nazaré	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: Nazaré: Hagiônimo, red. de <i>Nossa Senhora de Nazaré</i> , invocação de Maria (MACHADO, 1981) Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: Nossa Senhora de Nazaré > Nazaré			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [N _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «maria» Taxonomia: mariotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: vertical			
Outras inform.	Há uma igreja dedicada a Nossa Senhora de Nazaré após a aparição da Virgem de Nazaré e a realização de constantes romarias ao local (IBGE, 1958b).			

4.1.141 Conceição

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 141	QUA.: MCB2-G3
Entrada	Conceição	Acidente	Humano/Igreja ou capela	
Genérico	n/e	Específico	Conceição	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <i>Conceição</i> : red. de <i>Nossa Senhora da Conceição</i> , invocação de Maria (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: Nossa Senhora da Conceição > Conceição			
Grafo-fonética	Grafia: <ão> para ditongo nasal [ãw] Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «maria» Taxonomia: mariotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: introdução Micromecanismo: laudatória			
Outras inform.	Há uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição (IBGE, 1958b).			

4.1.142 Santo Antônio

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 142	QUA.: MCB2-G3
Entrada	Santo Antônio	Acidente	Humano/Aldeia
Genérico	n/e	Específico	S. ^{to} Antonio
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>Santo Antônio</u>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>santo</i>, homem santificado ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789), + <i>Antônio</i>, de <i>Santo Antônio de Pádua</i>, santo natural de Lisboa (MACHADO, 1981).</p> <p>Léxico toponímico: secundário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por letra sobrescrita <S.^{to}></p> <p>Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [Qv _{sing} + Antr _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio»</p> <p>Taxonomia: hagiotopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização</p> <p>Mesomecanismo: introdução</p> <p>Micromecanismo: laudatória</p>		
Outras inform.	Aldeamento habitado pelos autóctones trazidos da Torre d'Ávila para lutar contra os Aimorés. No aldeamento foi construída uma igreja de invocação a Santo Antônio no século XVI (IBGE, 1958a).		

4.1.143 Aldeia

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 143	QUA.: MCB2-G3
Entrada	Aldeia	Acidente	Humano/Arraial
Genérico	n/e	Específico	Aldeia
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>Aldeia</u>: Povoação pequena, de poucos vizinhos, que não tem jurisdição própria (SILVA, 1789a).</p> <p>Léxico toponímico: primário</p> <p>Histórico das formas: Aldea > Aldeia</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e</p> <p>Mudança fonética: adição: ditongação na sílaba tônica, formando o ditongo decrescente [ej]</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «poli»</p> <p>Taxonomia: poliotopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição</p> <p>Mesomecanismo: associativa</p> <p>Micromecanismo: sociocultural</p>		
Outras inform.	No mapa, o acidente está localizado próximo a aldeia de Santo Antônio.		

4.1.144 São Félix

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 144	QUA.: MCB2-G6
Entrada	São Félix	Acidente	Humano/Freguesia ou povoação	
Genérico	n/e	Específico	S. Felix	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>São Félix</u>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>são</i>, o mesmo que santo, homem santificado, ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789), + <i>Félix</i>, red. <i>Felix de Cantalice</i>, primeiro frade capuchinho a ser canonizado (CARVALHO, 2014).</p> <p>Léxico toponímico: secundário</p> <p>Histórico das formas: Felix > Felix</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por siglagem simples <S.>; <s> em lugar de <x></p> <p>Mudança fonética: subtração: síncope da consoante [k] em coda silábica e contexto postônico [ks] > [s]</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [QV _{sing} + Antr _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio»</p> <p>Taxonomia: hagiotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização</p> <p>Mesomecanismo: deslocamento</p> <p>Micromecanismo: vertical</p>			
Outras inform.	Há uma igreja dedicada a São Félix no acidente (IBGE, 1958b).			

4.1.145 Outeiro Redondo

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 145	QUA.: MCB2-G6
Entrada	Outeiro Redondo	Acidente	Humano/Freguesia ou povoação	
Genérico	n/e	Específico	Oiteiro Redondo	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Outeiro redondo</u>: Junção de <i>outeiro</i>, alto de terra que se levanta de alguma planície, colina; <i>outeiro</i>, + <i>redondo</i>, que tem figura circular, esférico (PINTO, 1832).</p> <p>Léxico toponímico: primário: <i>outeiro</i> + secundário: <i>redondo</i></p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: <ô> em lugar de <d></p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [S _{sing} + Adj _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «geomorfo + morfo»</p> <p>Taxonomia: geomorfotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição + toponimização</p> <p>Mesomecanismo: associativa + deslocamento</p> <p>Micromecanismo: adjacente + horizontal</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.146 Varginha

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 146	QUA.: MCB2-G6
Entrada	Varginha	Acidente	Humano/Sítio
Genérico	n/e	Específico	Varginha
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	Étimo: <u>Varginha</u> : Junção de <i>vargem</i> , campo, planície cultivada, semeada; campo plano, sem altibaixos (SILVA, 1789b), + sufixo diminutivo <i>-inha</i> . Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e		
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{sing} [R + suf _{dim}]]		
Motivação	Estrutura semântica: «geomorfo + dimensio» Taxonomia: geomorfotopônimo		
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: local		
Outras inform.	n/e		

4.1.147 Rio Cangalheiro

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 147	QUA.: MCB2-G7
Entrada	Cangalheiro, Rio	Acidente	Físico/Rio
Genérico	R.	Específico	Cangalheiro
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	Étimo: <u>Cangalheiro</u> : relativo a <i>cangalha</i> , armação que se coloca no lombo dos animais para transportar carga (SILVA, 1789a). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e		
Grafo-fonética	Grafia: abrev. por siglagem simples <R.> Mudança fonética: n/e		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Adj _{sing}]		
Motivação	Estrutura semântica: «ergo» Taxonomia: ergotopônimo		
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: sociocultural		
Outras inform.	n/e		

4.1.148 São Gonçalo

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 148	QUA.: MCB2-G7
Entrada	São Gonçalo	Acidente	Humano/Arraial	
Genérico	n/e	Específico	S. Gonsalo	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>São Gonçalo</u>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>são</i>, o mesmo que santo, homem santificado ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789), + <i>Gonçalo</i>, de <i>São Gonçalo de Amarante</i>, santo português (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por siglagem simples <R.> e <S.>; <s> em lugar de <ç> Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [Qv _{sing} + Antr _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio» Taxonomia: hagiotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: vertical</p>			
Outras inform.	O nome do lugar se deve ao relato do aparecimento de uma imagem de São Gonçalo que motivou a construção de uma capela dedicada a São Gonçalo (IBGE, 1958b).			

4.1.149 Vila da Cachoeira

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 149	QUA.: MCB2-G7
Entrada	Cachoeira, Vila da	Acidente	Humano/Vila	
Genérico	Villa	Específico	da Cachoeira	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Cachoeira</u>: Grande torrente de água que se precipita com estrondo em cachos (SILVA, 1789a). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: <x> em lugar de <ch> Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _f [Prep + A _{sing} + S _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hidro» Taxonomia: hidrotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente</p>			
Outras inform.	A região é rica em acidentes hidrográficos (IBGE, 1958a).			

4.1.150 Buraco

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 150	QUA.: MCB2-G7
Entrada	Buraco	Acidente	Humano/Fazenda ou engenho	
Genérico	n/e	Específico	Buraco	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Buraco</u> : Furo, abertura, cova, concavidade (SILVA, 1789a). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _m [S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «geomorfo» Taxonomia: geomorfotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente			
Outras inform.	n/e			

4.1.151 Belém

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 151	QUA.: MCB2-G7
Entrada	Belém	Acidente	Humano/Freguesia ou povoação	
Genérico	n/e	Específico	Belem	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Belém</u> : Hagiônimo, red. de <i>Nossa Senhora de Belém</i> , uma das invocações de Maria (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: Nossa Senhora de Belém > Belém			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [N _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «maria» Taxonomia: mariotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: vertical			
Outras inform.	Há uma Igreja é dedicada a Nossa Senhora de Belém e os habitantes são quase todos autóctones (SAINT-ADOLPHE, 1845a).			

4.1.152 Ferradura

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 152	QUA.: MCB2-G8
Entrada	Ferradura	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Ferradura	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Ferradura</u> : Círculo de ferro que se põe por calçado às bestas e, talvez, aos bois (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «ergo» Taxonomia: ergotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: sociocultural			
Outras inform.	n/e			

4.1.153 Limoeiro

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 153	QUA.: MCB2-G8
Entrada	Limoeiro	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Limoeiro	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Limoeiro</u> : Árvore que dá limões (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _m [S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «fito» Taxonomia: fitotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente			
Outras inform.	n/e			

4.1.154 Lagoa do Peixe

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 154	QUA.: MCB2-G9
Entrada	Peixe, Lagoa do	Acidente	Físico/Lagoa	
Genérico	Lagoa	Específico	do Peixe	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Peixe</u> : Animal que vive na água com barbatanas, guelras, espinhas (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Prep + A _{sing} + S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «ZOO» Taxonomia: zootopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente			
Outras inform.	n/e			

4.1.155 Mamão

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 155	QUA.: MCB2-G9
Entrada	Mamão	Acidente	Humano/Sítio	
Genérico	n/e	Específico	Mamão	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Mamão</u> : Fruto do Brasil, amarelo, com caroços pretos por dentro e semelhante a uma mama (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: <ão> para ditongo nasal [ãw] Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _m [S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «fito» Taxonomia: fitotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente			
Outras inform.	n/e			

4.1.156 Registro

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 156	QUA.: MCB2-G9
Entrada	Registro	Acidente	Humano/Fazenda ou engenho	
Genérico	n/e	Específico	Registro	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Registro</u> : Casa onde se faz o registro (PINTO, 1832). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: Registro > Registo			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: subtração: síncope da consoante [r] em ataque silábico e contexto postônico			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _m [S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «socio» Taxonomia: sociotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: sociocultural			
Outras inform.	n/e			

4.1.157 Serrinha

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 157	QUA.: MCB2-G12
Entrada	Serrinha	Acidente	Humano/Arraial	
Genérico	n/e	Específico	Serrinha	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Serrinha</u> : Junção de <i>serra</i> , monte de penedia, com picos, e quebradas, ou boqueirões (SILVA, 1789b), + sufixo diminutivo <i>-inha</i> . Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{sing} [R + suf _{dim}]]			
Motivação	Estrutura semântica: «geomorfo + dimensio» Taxonomia: geomorfotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: local			
Outras inform.	n/e			

4.1.158 São João

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 158	QUA.: MCB2-H1
Entrada	São João	Acidente	Humano/Igreja ou capela
Genérico	n/e	Específico	S. João
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>São João</u>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>são</i>, o mesmo que santo, homem santificado ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789b), + <i>João</i>, prenome de <i>João Batista</i>, santo do hagiológico católico (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: Abrev. por siglagem simples (S.); <ão> para ditongo nasal [ãw] Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [Qv _{sing} + Antr _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio» Taxonomia: hagiotopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: introdução Micromecanismo: laudatória</p>		
Outras inform.	n/e		

4.1.159 Barra

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 159	QUA.: MCB2-H2
Entrada	Barra	Acidente	Humano/Arraial
Genérico	n/e	Específico	Barra
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>Barra</u>: Bancos ou coroa de areia e de outros sedimentos trazidos pelo rio e depositados nas suas bocas (SOUZA, 1939). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «geomorfo» Taxonomia: geomorfo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente</p>		
Outras inform.	O mapa registra uma barra próxima ao acidente.		

4.1.160 Estiva

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 160	QUA.: MCB2-H2
Entrada	Estiva	Acidente	Humano/Arraial	
Genérico	n/e	Específico	Estiva	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Estiva</u> : Primeira camada de carga de navio; lugar onde é feito o carregamento (AULETE; VALENTE, 1881a). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «socio» Taxonomia: sociotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: manufaturado			
Outras inform.	n/e			

4.1.161 Coqueiros

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 161	QUA.: MCB2-H3
Entrada	Coqueiros	Acidente	Humano/Arraial	
Genérico	n/e	Específico	Coqueiros	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: Espécie de palmeira que dá cocos (SILVA, 1789a). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _m [S _{pl}]			
Motivação	Estrutura semântica: «fito» Taxonomia: fitotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente			
Outras inform.	n/e			

4.1.162 Garcês

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 162	QUA.: MCB2-H3
Entrada	Garcês	Acidente	Humano/Arraial	
Genérico	n/e	Específico	Garçes	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: Garcês: Antropônimo português (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: <ç> em lugar de <c> Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} Ø + ^{esp} N _m [Antr _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «antropo» Taxonomia: antropotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: introdução Micromecanismo: acomodação			
Outras inform.	n/e			

4.1.163 Ilha de Santa Ana

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 163	QUA.: MCB2-H3
Entrada	Santa Ana, Ilha de	Acidente	Físico/Ilha	
Genérico	Ilha	Específico	de S. ^{ta} Anna	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Santa Ana</u> : Hagiônimo, junção do qualificativo <i>santa</i> , mulher santificada ou canonizada pela Igreja (SILVA, 1789b), + <i>Ana</i> , mãe de Maria, segundo os evangelhos apócrifos (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: <J> em lugar de <I>; abrev. por letra sobrescrita <S. ^{ta} >; consoante geminada <nn> Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} NC _f [Prep + Q _{v_sing} + Antr _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «hagio» Taxonomia: hagiopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: vertical			
Outras inform.	O GdC registra uma capela dedicada a Santa Ana no local.			

4.1.164 São Roque

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 164	QUA.: MCB2-H5
Entrada	São Roque	Acidente	Humano/Freguesia ou povoação	
Genérico	n/e	Específico	S. Roque	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>São Roque</u>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>são</i>, o mesmo que santo, homem santificado ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789b), + <i>Roque</i>, santo católico invocado contra peste e doenças contagiosas (MACHADO, 1981).</p> <p>Léxico toponímico: secundário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por siglagem simples <S.></p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [QV _{sing} + Antr _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio»</p> <p>Taxonomia: hagiopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização</p> <p>Mesomecanismo: deslocamento</p> <p>Micromecanismo: adjacente</p>			
Outras inform.	O nome é, provavelmente, um deslocamento já que as freguesias recebiam os nomes das igrejas a partir das quais se formavam.			

4.1.165 São Sebastião

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 165	QUA.: MCB2-H5
Entrada	São Sebastião	Acidente	Humano/Arraial	
Genérico	n/e	Específico	S. Sebastião	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>São Sebastião</u>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>são</i>, o mesmo que santo, homem santificado ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789b), + <i>Sebastião</i>, mártir romano que viveu no séc. III (MACHADO, 1981).</p> <p>Léxico toponímico: secundário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por siglagem simples <S.>; <ão> para ditongo nasal [ãw]</p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [QV _{sing} + Antr _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio»</p> <p>Taxonomia: hagiopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização</p> <p>Mesomecanismo: introdução</p> <p>Micromecanismo: laudatória</p>			
Outras inform.	Não há registros de uma capela dedicada a São Sebastião, portanto, o mais provável é que o nome tenha sido uma homenagem ao rei D. Sebastião, regente durante o período de ocupação do local (IBGE, 1958b).			

4.1.166 Barra do Cavalcante

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 166	QUA.: MCB2-H5
Entrada	Barra do Cavalcante	Acidente	Humano/Igreja ou capela
Genérico	n/e	Específico	Barra do Cavalc. ^{te}
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>Barra do Cavalcante</u>: Entrada para algum porto por entre dois lados de terra firme (SILVA, 1789a), + <i>Cavalcante</i>, antropônimo frequente no Brasil, do italiano <i>di Cavalcanti</i> (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: primário: <i>barra</i> + secundário: <i>Cavalcante</i> Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por letra sobrescrita <Cavalc.^{te}> Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} Ø + ^{esp} NC _f [S _{sing} + Prep + A _{sing} + Antr _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «geomorfo + antropo» Taxonomia: geomorfotopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição + toponimização Mesomecanismo: associativa + deslocamento Micromecanismo: adjacente + horizontal</p>		
Outras inform.	Há uma ilha adjacente com o mesmo nome e, provavelmente, também uma barra com o designativo <i>Cavalcante</i> .		

4.1.167 Engenho da Ponta

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 167	QUA.: MCB2-H6
Entrada	Ponte, Engenho da	Acidente	Humano/Fazenda ou engenho
Genérico	Eng. ^o	Específico	da Pont(e)
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>Ponta</u>: red. de <i>Ponta de terra</i>, porção de terra que se estende ao mar, sem elevação, e nisto difere de cabo (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por letra sobrescrita <Eng.^o>. Uso de <e> em lugar de <a>. Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} N _f [Prep + A _{sing} + S _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «geomorfo» Taxonomia: geomorfotopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: local</p>		
Outras inform.	Apesar de o mapa apresentar a grafia <Ponte>, o designativo correto é <i>Ponta</i> , motivado pela localização do engenho (AZEVEDO, 2009).		

4.1.168 Forte

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 168	QUA.: MCB2-H6
Entrada	Forte	Acidente	Humano/Forte ou destacamento	
Genérico	Forte	Específico	n/e	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Forte</u>: Obra feita de trincheiras para segurar o passo de um rio, cercar monte, que se quer conservar, e fortificar linhas e quartéis de algum sítio (SILVA, 1789b).</p> <p>Léxico toponímico: primário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e</p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} Ø			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «eco»</p> <p>Taxonomia: ecotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição</p> <p>Mesomecanismo: inerente</p> <p>Micromecanismo: designação genérica</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.169 Engenho Velho

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 169	QUA.: MCB2-H6
Entrada	Engenho Velho	Acidente	Humano/Engenho	
Genérico	Eng.	Específico	Velho	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Velho</u>: Não novo, não moderno (SILVA, 1789b).</p> <p>Léxico toponímico: secundário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por suspensão <Eng.></p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Adj _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «crono»</p> <p>Taxonomia: cronotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição</p> <p>Mesomecanismo: inerente</p> <p>Micromecanismo: referencial</p>			
Outras inform.	O uso do símbolo de capela em lugar do símbolo de engenho ou fazenda se justifica pelo fato de haver uma capela de Nossa Senhora da Penha no lugar (AZEVEDO, 2009).			

4.1.170 São Francisco

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 170	QUA.: MCB2-H6
Entrada	São Francisco	Acidente	Humano/Convento
Genérico	n/e	Específico	S. Fran. ^{co}
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>São Francisco</u>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>são</i>, o mesmo que santo, homem santificado, ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789b) + Francisco, de <i>Francisco de Assis</i>, frade católico e santo do hagiológico católico (MACHADO, 1981).</p> <p>Léxico toponímico: secundário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por siglagem simples <S.>; abrev. por letra sobrescrita <Fran.^{co}></p> <p>Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [Q _v _{sing} + Antr _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio»</p> <p>Taxonomia: hagiopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização</p> <p>Mesomecanismo: introdução</p> <p>Micromecanismo: laudatória</p>		
Outras inform.	n/e		

4.1.171 Nossa Senhora da Oliveira

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 171	QUA.: MCB2-H8
Entrada	Nossa Senhora da Oliveira	Acidente	Humano/Freguesia ou povoação
Genérico	n/e	Específico	N. Snr. ^a da Oliveira
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>Nossa Senhora da Oliveira</u>: Hagiônimo, uma das invocações de Maria (CARVALHO, 2014).</p> <p>Léxico toponímico: secundário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por siglagem simples <N.>; abrev. por letra sobrescrita <Snr.^a></p> <p>Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _f [Pron _{sing} + Q _v _{sing} + Prep + A _{sing} + S _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «maria»</p> <p>Taxonomia: mariopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização</p> <p>Mesomecanismo: deslocamento</p> <p>Micromecanismo: vertical</p>		
Outras inform.	Há uma igreja é dedicada a Nossa Senhora da Oliveira (SAINT-ADOLPHE, 1845b).		

4.1.172 Saco do Moura

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 172	QUA.: MCB2-H12
Entrada	Saco do Moura	Acidente	Humano/Sítio
Genérico	n/e	Específico	Saco do Moura
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>Saco do Moura</u>: Junção de <i>saco</i>, grande corte, em forma de meia lua ou grande círculo, que se apresenta nos paredões abruptos dos rebordos escarpados das serras e maciços dos terrenos montanhosos (SOUZA, 1939), + <i>Moura</i>, antropônimo português (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: primário: <i>saco</i> + secundário: <i>Moura</i> Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [S _{sing} + Prep + A _{sing} + Antr _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «geomorfo + antrope» Taxonomia: geomorfotopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição + toponimização Mesomecanismo: associativa + introdução Micromecanismo: adjacente + acomodação</p>		
Outras inform.	n/e		

4.1.173 Barra Falsa

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 173	QUA.: MCB2-I2
Entrada	Falsa, Barra	Acidente	Físico/Barra
Genérico	Barra	Específico	falça
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>Falsa</u>: Oposto a verdadeiro, desconforme da verdade; que imita o verdadeiro (SILVA, 1789b) Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: minúscula <g> em posição inicial de forma de palavra; <ç> em lugar de <s> Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _f [Adj _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «animo» Taxonomia: animotopônimo</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: inerente Micromecanismo: topográfica</p>		
Outras inform.	n/e		

4.1.174 Cacha Pregos

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 174	QUA.: MCB2-I3
Entrada	Cacha Pregos	Acidente	Humano/Arraial	
Genérico	n/e	Específico	Caixapregos	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Cacha Pregos</u>: Junção de <i>cachar</i>, fazer cacha, enganar, dissimular; fazer alguma coisa para induzir em erro ou engano (SILVA, 1789a), + <i>pregos</i>, red. de peixe-prego, <i>echinorhinus</i> ou <i>squalus spinosus</i> (AULETE; VALENTE, 1881b).</p> <p>Léxico toponímico: secundário</p> <p>Histórico das formas: Cacha Pregos > Caixapregos</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: <x> em lugar de <ch>; consoante minúscula <p> em posição inicial de forma de palavra; união gráfica entre formas de palavra</p> <p>Mudança fonética: adição: ditongação na sílaba tônica, formando o ditongo decrescente [aj]</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [V _{sing} + S _{pl}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «dirremato»</p> <p>Taxonomia: dirrematotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição</p> <p>Mesomecanismo: associativa</p> <p>Micromecanismo: sociocultural</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.175 Ilha dos Burgos

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 175	QUA.: MCB2-I4
Entrada	Burgos, Ilha dos	Acidente	Físico/Ilha	
Genérico	J.	Específico	dos Burgos	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Burgo</u>: Arrabalde de cidade, vila, aldeia ou mosteiro (SILVA, 1789b).</p> <p>Léxico toponímico: primário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por siglagem simples <J.></p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Prep + A _{pl} + S _{pl}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «poli»</p> <p>Taxonomia: poliotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição</p> <p>Mesomecanismo: associativa</p> <p>Micromecanismo: sociocultural</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.176 São Gonçalo

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 176	QUA.: MCB2-I4
Entrada	São Gonçalo	Acidente	Humano/Igreja ou capela
Genérico	n/e	Específico	S. Gonçalo
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>São Gonçalo</u>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>são</i>, o mesmo que santo, homem santificado ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789), + <i>Gonçalo</i>, de <i>São Gonçalo de Amarante</i>, santo português (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por siglagem simples <S.> Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [QV _{sing} + Antr _{sing}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio» Taxonomia: hagiotoponímico</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: introdução Micromecanismo: laudatória</p>		
Outras inform.	n/e		

4.1.177 Angústias

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 177	QUA.: MCB2-I4
Entrada	Angústias	Acidente	Humano/Sítio
Genérico	n/e	Específico	Angustias
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	<p>Étimo: <u>Angústias</u>: Hagiônimo, red. de Nossa Senhora das Angústias, uma das invoações de Maria (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: Nossa Senhora das Angústias > Angústias</p>		
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e Mudança fonética: n/e</p>		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{pl}]		
Motivação	<p>Estrutura semântica: «maria» Taxonomia: mariotoponímico</p>		
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: introdução Micromecanismo: laudatória</p>		
Outras inform.	n/e		

4.1.178 Ilha Cavalcante

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 178	QUA.: MCB2-I5
Entrada	Cavalcante, Ilha	Acidente	Físico/Ilha	
Genérico	J.	Específico	Cavalc ^{te}	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <i>Cavalcante</i> : Antropônimo frequente no Brasil, do italiano <i>di Cavalcanti</i> (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: abrev. por siglagem simples <J.>; <J> em lugar de <I>; abrev. por letra sobrescrita <Cavalc ^{te} > Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Antr _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «antropo» Taxonomia: antropotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: introdução Micromecanismo: acomodação			
Outras inform.	n/e			

4.1.179 Nossa Senhora da Esperança

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 179	QUA.: MCB2-I5
Entrada	Nossa Senhora da Esperança	Acidente	Humano/Igreja ou capela	
Genérico	n/e	Específico	N. S. da Esper. ^{ca}	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <i>Nossa Senhora da Esperança</i> : Hagiônimo, invocação da Virgem Maria e uma das três virtudes teologais (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: abrev. por siglagem simples <N.> e <S.>; abrev. por letra sobrescrita <Esper. ^{ca} > Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _f [Pron _{sing} + QV _{sing} + Prep + A _{sing} + S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «maria» Taxonomia: mariotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: introdução Micromecanismo: laudatória			
Outras inform.	n/e			

4.1.180 Encarnação

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 180	QUA.: MCB2-I5
Entrada	Encarnação	Acidente	Humano/Igreja ou capela	
Genérico	n/e	Específico	Encarnação	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Encarnação</u>: Hagiônimo, red. de <i>Nossa Senhora da Encarnação</i>, invocação Maria, fazendo referência à Encarnação do Verbo (MACHADO, 1981).</p> <p>Léxico toponímico: secundário</p> <p>Histórico das formas: Nossa Senhora da Encarnação > Encarnação</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: <ão> para ditongo nasal [ãw]</p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _f [S _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «maria»</p> <p>Taxonomia: mariotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização</p> <p>Mesomecanismo: introdução</p> <p>Micromecanismo: laudatória</p>			
Outras inform.	Há uma igreja dedicada a Nossa Senhora da Encarnação no lugarejo de mesmo nome, próximo ao rio Jaguaripe (SAINT-ADOLPHE, 1845a).			

4.1.181 Bom Jesus

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 181	QUA.: MCB2-I6
Entrada	Bom Jesus	Acidente	Humano/Arraial	
Genérico	n/e	Específico	Bom Jezus	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Bom Jesus</u>: Hagiônimo, um dos epítetos de Jesus Cristo (MACHADO, 1981).</p> <p>Léxico toponímico: secundário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: <z> em lugar de <s></p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [Adj _{sing} + Antr _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio»</p> <p>Taxonomia: hagiopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização</p> <p>Mesomecanismo: introdução</p> <p>Micromecanismo: laudatória</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.182 Coroas de São João

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 182	QUA.: MCI-A3
Entrada	São João, Coroas de	Acidente	Físico/Coroas	
Genérico	Coroas	Específico	de S João	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>São João</u>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>são</i>, o mesmo que santo, homem santificado ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789), + <i>João</i>, prenome de <i>João Batista</i>, santo do hagiológico católico (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por siglagem simples (S); <ão> para ditongo nasal [ãw] Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{pl}] + ^{esp} NC _m [Prep + Qv _{sing} + Antr _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio» Taxonomia: hagiotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: introdução Micromecanismo: laudatória</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.183 Rio das Salinas

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 183	QUA.: MCI-A7
Entrada	Salinas, Rio das	Acidente	Físico/Rio	
Genérico	Rio	Específico	das Salinas	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Salinas</u>: O mesmo que marinha de sal, lugar onde se ajunta água salgada pra fazer sal (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} N _f [Prep + A _{pl} + S _{pl}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «lito» Taxonomia: litotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: inerente Micromecanismo: topográfica</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.184 Rio das Contas

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 184	QUA.: MCI-A9
Entrada	Contas, Rio das	Acidente	Físico/Rio	
Genérico	Rio	Específico	das Contas	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Contas</u> : Esferas presas a um cordão ou arame que servem para rezar (SILVA, 1789a). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} N _f [Prep + A _{pl} + S _{pl}]			
Motivação	Estrutura semântica: «hieró» Taxonomia: hierotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: inerente Micromecanismo: topográfica			
Outras inform.	n/e			

4.1.185 Coroa do Morto

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 185	QUA.: MCI-B3
Entrada	Morto, Coroa do	Acidente	Físico/Coroa	
Genérico	Coroa	Específico	do Morto	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Morto</u> : que morreu, cessou de viver (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Prep + A _{sing} + S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «necro» Taxonomia: necrotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: avaliativa Micromecanismo: negativa			
Outras inform.	n/e			

4.1.186 Rio da Salsa

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 186	QUA.: MCI-C1
Entrada	Salsa, Rio da	Acidente	Físico/Rio	
Genérico	Rio	Específico	da Salça	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Salsa</u> : Hortaliça conhecida com que é usada para temperar a comida (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: <ç> em lugar de <s> Mudança fonética:			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} N _f [Prep + A _{sing} + S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «fito» Taxonomia: fitotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente			
Outras inform.	n/e			

4.1.187 Coroa do Estreito

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 187	QUA.: MCI-C2
Entrada	Estreito, Coroa do	Acidente	Físico/Coroa	
Genérico	Coroa	Específico	do Estreito	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Estreito</u> : Trecho de rio em que sua largura se reduz até um décimo ou menos (SOUZA, 1939). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Prep + A _{sing} + S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «hidro» Taxonomia: hidrotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente			
Outras inform.	n/e			

4.1.188 Boca da Cachoeira

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 188	QUA.: MCI-D1
Entrada	Cachoeira, Boca da	Acidente	Físico/Boca	
Genérico	Boca	Específico	da Caxoeira	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Cachoeira</u> : Grande torrente de água que se precipita com estrondo em cachos (SILVA, 1789a). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: <x> em lugar de <ch> Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _f [Prep + A _{sing} + S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «hidro» Taxonomia: hidrotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente			
Outras inform.	n/e			

4.1.189 Rio Pardo

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 189	QUA.: MCI-D1
Entrada	Pardo, Rio	Acidente	Físico/Rio	
Genérico	R.	Específico	Pardo	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Pardo</u> : Cor entre branco e preto, como o pardal (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: abrev. por siglagem simples <R.> Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Ad _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «cromo» Taxonomia: cromotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: inerente Micromecanismo: topográfica			
Outras inform.	n/e			

4.1.190 Rios dos Ilhéus

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 190	QUA.: MCI-D6
Entrada	Ilhéus, Rios dos	Acidente	Físico/Rio	
Genérico	Rios	Específico	dos Ilheos	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <i>Ilhéu</i> : Ilha pequena; <i>ilhéu</i> (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: <J> em lugar de <I>; <eo> para ditongo oral [ɛw] Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{pl}] + ^{esp} N _m [Prep + A _{pl} + S _{pl}]			
Motivação	Estrutura semântica: «geomorfo + dimensão» Taxonomia: geomorfotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: horizontal			
Outras inform.	O rio está próximo ao arquipélago de Ilhéus.			

4.1.191 Rio da Almada

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 191	QUA.: MCI-E7
Entrada	Almada, Rio da	Acidente	Físico/Rio	
Genérico	Rio	Específico	da Armada	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <i>Almada</i> : Vila portuguesa (SILVA, 1789a). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: da Almada > da Armada			
Grafo-fonética	Grafia: <r> em lugar de <l> Mudança fonética: transformação: rotacismo em coda silábica e contexto pretônico [l] > [h]			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} N _f [Prep + A _{sing} + N _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «coro» Taxonomia: corotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: horizontal			
Outras inform.	O rio está próximo à Vila da Almada.			

4.1.192 Vila de Olivença

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 192	QUA.: MCI-F4
Entrada	Olivença, Vila de	Acidente	Humano/Vila	
Genérico	Villa	Específico	de Olivença	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Olivença</u> : Vila portuguesa (BLUTEAU, 1728). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: consoante geminada <ll> Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _f [Prep + N _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «coro» Taxonomia: corotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: transferido			
Outras inform.	n/e			

4.1.193 Engenho de Santa Ana

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 193	QUA.: MCI-F5
Entrada	Santa Ana, Engenho de	Acidente	Humano/Fazenda ou engenho	
Genérico	Engenho	Específico	de S. ^{ta} Anna	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Santa Ana</u> : Hagiônimo, junção do qualificativo <i>santa</i> , mulher santificada ou canonizada pela Igreja (SILVA, 1789b), + <i>Ana</i> , mãe de Maria, segundo os evangelhos apócrifos (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: abrev. por letra sobrescrita <S. ^{ta} > Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} NC _f [Prep + QV _{sing} + Antr _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «hagio» Taxonomia: hagiopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: introdução Micromecanismo: laudatória			
Outras inform.	n/e			

4.1.194 São Jorge

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 194	QUA.: MCI-F6
Entrada	São Jorge	Acidente	Humano/Arraial	
Genérico	n/e	Específico	S. Jorge	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>São Jorge</u>: Hagiônimo, junção do qualificativo <i>são</i>, o mesmo que santo, homem santificado ou canonizado pela Igreja (SILVA, 1789), + <i>Jorge</i>, nome de vários santos católicos, cujo mais popular é o lendário mártir do século IV (MACHADO, 1981).</p> <p>Léxico toponímico: secundário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: abrev. por siglagem simples <S.></p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _m [QV _{sing} + Antr _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hagio»</p> <p>Taxonomia: hagiopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização</p> <p>Mesomecanismo: introdução</p> <p>Micromecanismo: laudatória</p>			
Outras inform.	O culto a São Jorge tem início ainda em 1535 com a fundação da Vila de São Jorge dos Ilhéus, cujo nome foi atribuído em homenagem ao proprietário Jorge Figueiredo Correa (SAINT-ADOLPHE, 1845a). Em seguida, foi erigida também uma capela dedicada a São Jorge, iniciado, assim, a devoção ao santo na região e a irradiação do hagiônimo na toponímia (IBGE, 1958a).			

4.1.195 Vila de Almada é de Índios

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 195	QUA.: MCI-F6
Entrada	Almada, Vila de	Acidente	Humano/Vila	
Genérico	Villa	Específico	de Armada he de Indios	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Almada</u>: Vila portuguesa (BLUTEAU, 1728).</p> <p>Léxico toponímico: secundário</p> <p>Histórico das formas: Almada > Armada</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: consoante geminada <ll>; <r> em lugar de <l>; <he> em lugar de <é>; <J> em lugar de <I></p> <p>Mudança fonética: transformação: rotacismo em coda silábica e contexto pretônico [l] > [h]</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _f [Prep + N _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «coro»</p> <p>Taxonomia: corotônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização</p> <p>Mesomecanismo: deslocamento</p> <p>Micromecanismo: transferido</p>			
Outras inform.	A estrutura “he de Indios” foi interpretada como uma nota do cartógrafo e não como parte do sintagma toponímico.			

4.1.196 Fazenda Cachoeira

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 196	QUA.: MCI-F8
Entrada	Cachoeira, Fazenda	Acidente	Humano/Fazenda ou engenho	
Genérico	Fazenda	Específico	Caxoeira	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Cachoeira</u> : Grande torrente de água que se precipita com estrondo em cachos (SILVA, 1789a). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: <x> em lugar de <ch> Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _f [S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «hidro» Taxonomia: hidrotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente			
Outras inform.	n/e			

4.1.197 Vila de Santarém é de Índios

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 197	QUA.: MCI-F10
Entrada	Santarém, Vila de	Acidente	Humano/Vila	
Genérico	Villa	Específico	de Santarém he de Indios	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Santarém</u> : Vila portuguesa, localizada a quatorze léguas de Lisboa (BLUETAU, 1728g). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: consoante geminada <ll>; <he> em lugar de <é>; <J> em lugar de <I> Mudança fonética:			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _f [Prep + N _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «coro» Taxonomia: corotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: transferido			
Outras inform.	A estrutura “he de Indios” foi interpretada como uma nota do cartógrafo e não como parte do sintagma toponímico.			

4.1.198 Vila Velha dos Índios

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 198	QUA.: MCI-G4
Entrada	Velha dos Índios, Vila	Acidente	Humano/Vila	
Genérico	Villa	Específico	Velha dos Índios	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <i>Velha dos Índios</i> : Junção de <i>Velho</i> , não novo, não moderno (SILVA, 1789b), + <i>índio</i> , designativo dos povos a América (BLUTEAU, 1728). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: consoante geminada <ll>; <J> em lugar de <I>. Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} NC _f [Adj _{sing} + Prep + A _{pl} + S _{pl}]			
Motivação	Estrutura semântica: «crono + etno» Taxonomia: cronotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição + toponimização Mesomecanismo: inerente + introdução Micromecanismo: referencial + acomodação			
Outras inform.	n/e			

4.1.199 Vila dos Ilhéus

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 199	QUA.: MCI-G6
Entrada	Ilhéus, Vila dos	Acidente	Humano/Vila	
Genérico	Villa	Específico	dos Ilheos	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <i>Ilhéio</i> : Ilha pequena; <i>ilhéu</i> (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: consoante geminada <ll>; <J> em lugar de <I>; <eo> para ditongo oral [ɛw] Mudança fonética:			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Prep + A _{pl} + S _{pl}]			
Motivação	Estrutura semântica: «geomorfo + dimensio» Taxonomia: geomorfotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: horizontal			
Outras inform.	n/e			

4.1.200 Vila de Barcelos é de Índios

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 200	QUA.: MCI-G9
Entrada	Barcelos, Vila de	Acidente	Humano/Vila	
Genérico	Villa	Específico	de Barcellos he de Jndios	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Barcelos</u>: Vila portuguesa, localizada na província de Minho (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: consoante geminada <ll>; <ç> em lugar de <c>; <he> em lugar de <é>; <J> em lugar de <I> Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _f [Prep + N _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «coro» Taxonomia: corotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: deslocamento Micromecanismo: transferido</p>			
Outras inform.	O nome pode ter derivado do topônimo ou do antropônimo português, porém, pelo fato da nomeação corotoponímica ser frequente na Comarca de Ilhéus e do acidente ser da mesma categoria do topônimo precedente, é mais provável que o nome tenha derivado do topônimo. A estrutura “he de Jndios” foi interpretada como uma nota do cartógrafo e não como parte do sintagma toponímico.			

4.1.201 Barra do Rio dos Ilhéus

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 201	QUA.: MCI-H5
Entrada	Rio dos Ilhéus, Barra do	Acidente	Físico/Barra	
Genérico	Barra	Específico	do Rio dos Ilheos	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Rio dos Ilhéus</u>: Junção de <i>rio</i>, água corrente por entre margens e em grande cópia (SILVA, 1789b), + <i>ilhéo</i>, ilha pequena; <i>ilhéu</i> (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: <J> em lugar de <I>; <eo> para ditongo oral [ɛw] Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} NC _m [Prep + A _{sing} + S _{sing} + Prep + A _{pl} + S _{pl}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hidro + geomorfo + dimensio» Taxonomia: hidrotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição + toponimização Mesomecanismo: associativa + deslocamento Micromecanismo: adjacente + horizontal</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.202 Os Ilhéus

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 202	QUA.: MCI-H6
Entrada	Os Ilhéus	Acidente	Físico/Ilhéus	
Genérico	n/e	Específico	Os Ilheos	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <i>Ilhéu</i> : Ilha pequena; <i>ilhéu</i> (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: <J> em lugar de <I>; <eo> para ditongo oral [ɛw] Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} Ø + ^{esp} N _m [A _{pl} + S _{pl}]			
Motivação	Estrutura semântica: «geomorfo + dimensão» Taxonomia: geomorfotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: inerente Micromecanismo: topográfica			
Outras inform.	n/e			

4.1.203 Vila da Barra do Rio das Contas

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 203	QUA.: MCI-H7
Entrada	Barra do Rio das Contas, Vila da	Acidente	Humano/Vila	
Genérico	Villa	Específico	da Barra do Rio das Contas	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <i>Barra do Rio das Contas</i> : Junção de <i>barra</i> , entrada para algum porto por entre dois lados de terra firme (SILVA, 1789a), + <i>rio</i> , água corrente por entre margens e em grande cópia (SILVA, 1789b), + <i>contas</i> , esferas presas a um cordão ou arame que servem para rezar (SILVA, 1789a). Léxico toponímico: primário: <i>barra</i> , <i>rio</i> + secundário: <i>contas</i> Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: consoante geminada <ll> Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} NC _f [Prep + A _{sing} + S _{sing} + Prep + A _{sing} + S _{sing} + Prep + A _{pl} + S _{pl}]			
Motivação	Estrutura semântica: «geomorfo + hidro + hiero» Taxonomia: geomorfo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição + toponimização Mesomecanismo: associativa + deslocamento Micromecanismo: adjacente + horizontal			
Outras inform.	n/e			

4.1.204 Barra do Rio das Contas

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 204	QUA.: MCI-H8
Entrada	Rio das Contas, Barra do	Acidente	Físico/Barra	
Genérico	Barra	Específico	do Rio das Contas	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Rio das Contas</u>: Junção <i>rio</i>, água corrente por entre margens e em grande cópia (SILVA, 1789b), + <i>contas</i>, esferas presas a um cordão ou arame que servem para rezar (SILVA, 1789a).</p> <p>Léxico toponímico: primário: <i>rio</i> + secundário: <i>contas</i></p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e</p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} NC _m [Prep + A _{sing} + S _{sing} + Prep + A _{pl} + S _{pl}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «hidro + hiero»</p> <p>Taxonomia: hidrotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição + toponimização</p> <p>Mesomecanismo: associativa + deslocamento</p> <p>Micromecanismo: adjacente + horizontal</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.205 Pedra

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 205	QUA.: MCI-H8
Entrada	Pedra	Acidente	Físico/Pedra	
Genérico	Pedra	Específico	n/e	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Pedra</u>: Corpo sólido, duro, que resulta de partículas térreas agregadas (SILVA, 1789b).</p> <p>Léxico toponímico: primário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e</p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} Ø			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «lito»</p> <p>Taxonomia: litotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição</p> <p>Mesomecanismo: inerente</p> <p>Micromecanismo: designação genérica</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.206 Cacha da Pólvora

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 206	QUA.: MCI-H9
Entrada	Cacha da Pólvora	Acidente	Humano/Forte ou destacamento	
Genérico	n/e	Específico	Caxa da Polvora	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Caxa da Pólvora</u>: Junção de <i>cacha</i>, ficção, dissimulação, engano; ardil na guerra (SILVA, 1789a), + <i>pólvora</i>, mistura inflamável feita de salitre, enxofre e certos carvões, usada para lançar a bala ou a munição que tem diante (SILVA, 1789b).</p> <p>Léxico toponímico: secundário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: <x> em lugar de <ch></p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} NC _f [S _{sing} + Prep + A _{sing} + S _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «dirremato»</p> <p>Taxonomia: dirrematotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição</p> <p>Mesomecanismo: inerente</p> <p>Micromecanismo: topográfica</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.207 Barra dos Carvalhos

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 207	QUA.: MCI-H10
Entrada	Carvalhos, Barra dos	Acidente	Físico/Barra	
Genérico	Barros	Específico	dos Carvalhos	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Carvalho</u>: Antropônimo português (MACHADO, 1981).</p> <p>Léxico toponímico: secundário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e</p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Prep + A _{pl} + Antr _{pl}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «antropo»</p> <p>Taxonomia: antropotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: toponimização</p> <p>Mesomecanismo: deslocamento</p> <p>Micromecanismo: horizontal</p>			
Outras inform.	O acidente está nas adjacências da fazenda de mesmo nome.			

4.1.208 Carvalhos

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 208	QUA.: MCI-H10
Entrada	Carvalhos	Acidente	Humano/Fazenda ou engenho	
Genérico	n/e	Específico	Carvalhos	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Carvalho</u> : Antropônimo português (MACHADO, 1981). Léxico toponímico: secundário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} ∅ + ^{esp} N _m [Antr _{pl}]			
Motivação	Estrutura semântica: «antropo» Taxonomia: antropotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: toponimização Mesomecanismo: introdução Micromecanismo: acomodação			
Outras inform.	n/e			

4.1.209 Povoação de Morro

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 209	QUA.: MCI-H11
Entrada	Morro, Povoação de	Acidente	Humano/Freguesia ou povoação	
Genérico	Povoacao	Específico	de Morro	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	Étimo: <u>Morro</u> : monte não muito alto (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e			
Grafo-fonética	Grafia: <c> em lugar de <ç> Mudança fonética: n/e			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Prep + S _{sing}]			
Motivação	Estrutura semântica: «geomorfo» Taxonomia: geomorfotopônimo			
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente			
Outras inform.	n/e			

4.1.210 Ponta do Curral

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 210	QUA.: MCI-H12
Entrada	Ponta do Curral	Acidente	Humano/Fazenda ou engenho	
Genérico	n/e	Específico	Ponta do Curral	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Ponta do Curral</u>: Junção de <i>ponta</i>, porção ou cotovelo de terra que se estende ao mar (SILVA, 1789b), + <i>curral</i>, cercado de paus para recolher gado e apanhar peixes (SILVA, 1789a).</p> <p>Léxico toponímico: primário</p> <p>Histórico das formas: Curral > Currar</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: <r> em lugar de <l></p> <p>Mudança fonética: transformação: rotacismo em coda silábica no final da forma de palavra e sílaba tônica [l] > [h]</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Prep + A _{sing} + S _{sing}]			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «geomorfo + ergo»</p> <p>Taxonomia: geomorfotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição + toponimização</p> <p>Mesomecanismo: associativa + deslocamento</p> <p>Micromecanismo: adjacente + horizontal</p>			
Outras inform.	n/e			

4.1.211 Forte

FICHA TOPONÍMICA			NÚM.: 211	QUA.: MCI-H12
Entrada	Forte	Acidente	Humano/Forte ou destacamento	
Genérico	Forte	Específico	n/e	
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e	
Etimologia	<p>Étimo: <u>Forte</u>: Obra feita de trincheiras para segurar o passo de um rio, cercar monte, que se quer conservar, e fortificar linhas e quartéis de algum sítio (SILVA, 1789b).</p> <p>Léxico toponímico: primário</p> <p>Histórico das formas: n/e</p>			
Grafo-fonética	<p>Grafia: n/e</p> <p>Mudança fonética: n/e</p>			
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _m [S _{sing}] + ^{esp} ∅			
Motivação	<p>Estrutura semântica: «eco»</p> <p>Taxonomia: ecotopônimo</p>			
Mecanismo	<p>Macromecanismo: descrição</p> <p>Mesomecanismo: inerente</p> <p>Micromecanismo: designação genérica</p>			
Outras inform.	n/e			

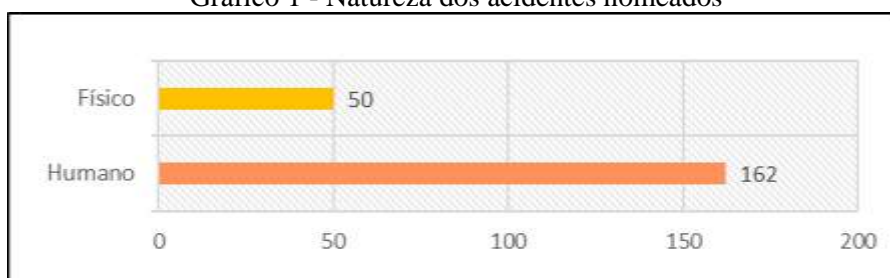
4.1.212 Barra dos Morros

FICHA TOPONÍMICA		NÚM.: 212	QUA.: MCI-112
Entrada	Morros, Barra dos	Acidente	Físico/Barra
Genérico	Barra	Específico	dos Morros
Ocorrências	n/e	QUA.:	n/e
Etimologia	Étimo: <u>Morro</u> : monte não muito alto (SILVA, 1789b). Léxico toponímico: primário Histórico das formas: n/e		
Grafo-fonética	Grafia: n/e Mudança fonética: n/e		
Morfossintaxe	Estrutura morfossintática: ^{gen} N _f [S _{sing}] + ^{esp} N _m [Prep + A _{pl} + S _{pl}]		
Motivação	Estrutura semântica: «geomorfo» Taxonomia: geomorfotopônimo		
Mecanismo	Macromecanismo: descrição Mesomecanismo: associativa Micromecanismo: adjacente		
Outras inform.	n/e		

4.2 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os três mapas contam com 411 ocorrências, correspondentes a 359 topônimos, considerando a relação entre designativo e acidente. Desses topônimos, 212 são portugueses e 147 híbridos, de estratos diversos (línguas originárias, negroafricanas), nomes não registrados³³ ou de etimologia não identificada. Com relação aos 212 topônimos de língua portuguesa, o recorte desta pesquisa, 50 (23.58%) nomeiam acidentes de natureza física e 162 (76.41%) de natureza humana (cf. gráfico 1).

Gráfico 1 - Natureza dos acidentes nomeados



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Dentre os acidentes físicos nomeados, tiveram maior frequência os nomes de rios, com 16 nomes, ou 7.54% dos dados gerais, seguido, pelos nomes de ilhas, com 10 nomes, ou 4.71%, e dos nomes de barras, com 5 nomes, ou 2.35% cada. Alguns dos genéricos desses

³³ Foram considerados como não registrado quatro fazendas que apresentavam apenas o genérico.

acidentes designam não um acidente propriamente dito, mas um coletivo, como é o caso das formas *Baixos*, *Lençóis*, *Montanhas*, enquanto os genéricos *Coroa* e *Rio* oscilam entre a forma singular e plural. O arquipélago *Os Ilheos* foi contado na categoria ilha. Na tabela 8, é possível observar a lista completa dos acidentes físicos, a quantidade, o seu percentual dentro do grupo dos acidentes físicos e o percentual no total de topônimos analisados:

Tabela 8 - Acidentes físicos

Acidente	Quantidade	% na categoria	% total
Baixos	1	2.0	0.47
Barra	5	10.0	2.35
Boca	1	2.0	0.47
Boqueirão	1	2.0	0.47
Coroa(s)	3	6.0	1.41
Ilha(s)	10	20.0	4.71
Lagoa	4	8.0	1.88
Lençóis	1	2.0	0.47
Montanhas	1	2.0	0.47
Pedra	3	6.0	1.41
Ponta	3	6.0	1.41
Ribeirão	1	2.0	0.47
Rio(s)	16	32.0	7.54

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Os acidentes humanos foram classificados ora pelo próprio acidente, e.g. sítio, armação, ora por grupos de acidentes, seguindo a simbologia dos mapas, e.g. freguesias ou povoações, fazendas ou engenhos. Esses acidentes apresentam um percentual mais expressivo no *corpus*, dentre os quais é possível destacar: os sítios, com 45 nomes, ou 21.22% do total; arraias, com 34 nomes, ou 15.56%, e as freguesias ou povoações, com 24 nomes, ou 11.32% do total. Observa-se a predominância do uso de nomes portugueses para designar acidentes humanos, em detrimento dos acidentes físicos, que tendem a conservar a toponímia das línguas originárias. Na tabela 9, é possível observar a frequência detalhada dos acidentes humanos:

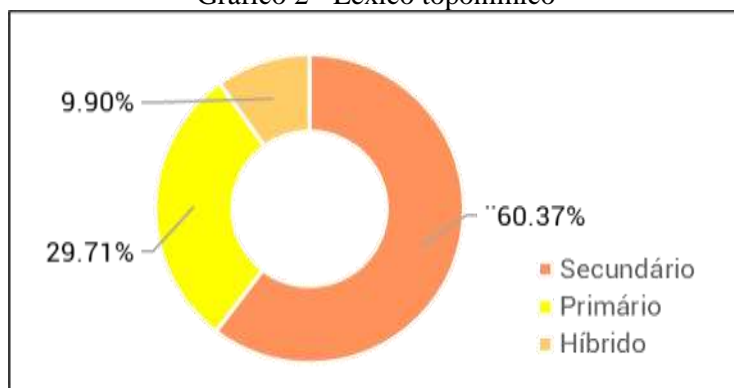
Tabela 9 - Acidentes humanos

Acidente	Quantidade	% na categoria	% total
Aldeia	2	1.23	0.94
Armação	2	1.23	0.94
Arraial	33	20.37	15.56
Convento	1	0.61	1.47
Dique	1	0.61	0.47
Fazenda ou engenho	22	13.58	10.37
Forte ou destacamento	8	4.93	3.77
Freguesia ou povoação	24	14.81	11.32
Igreja ou capela	9	5.55	4.24
Sítio	45	27.77	21.22
Vila	15	9.25	7.07

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

A toponímia analisada, considerando os acidentes físicos e humanos, é, majoritariamente, proveniente do léxico secundário, ou seja, do léxico não toponímico, que serviu de base para a nomeação de 147 topônimos, ou 69.33% dos dados. Esse número divide-se em 128, ou 60.37%, dos nomes cuja composição há apenas léxico secundário e 21, ou 9.90%, constituído por um léxico híbrido (cf. gráfico 2). Já para o léxico primário, formado por itens que funcionam como elemento genérico, foram contabilizados 84 nomes, ou 39.62%, considerando os 9.90% das formas híbridas, e um total de 63 nomes, ou 29.71%, considerando apenas os que contém o léxico primário. Os topônimos de base lexical mista apresentam maior frequência na estrutura primário + secundário, 19, ou 90.47%, dos topônimos híbridos, do que na estrutura secundário + primário, 2, ou 9.52%, das 21 formas híbridas. A preferência por um léxico secundário poderia ser pensada como uma tendência a inovação, todavia, a alta taxa de hierotopônimos, especialmente mariotopônimos e hagiopônimos, revela um perfil nominativo já existente em Portugal, motivado pela religiosidade católica.

Gráfico 2 - Léxico toponímico



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Na seleção dos étimos próximos, considerou-se aspectos sócio-históricos, culturais e físicos que poderiam ter influenciado na nomeação. Alguns dos étimos não foram encontrados em dicionários de língua do período, sendo apenas identificados em dicionários dialetais do século XIX e XX, outros estavam registrados em ambos os dicionários, porém, com acepções distintas, o que implicou na seleção do étimo mais adequado a cada contexto. É possível citar como exemplo o caso da forma *Camizão* que, segundo os dicionários de português do período, significaria «camisa grande», «vestimenta», enquanto o dicionário dialetal de Souza (1939) registra como «homem rústico», acepção mais condizente com a realidade nominativa, já que a forma designou primeiro uma aldeia e, em seguida, deslocou-se para a freguesia. Nesse sentido, o estudo toponímico que considera a nomeação desde uma perspectiva dialetal é capaz de contribuir para a identificação correta da motivação semântica, bem como para a datação das formas analisadas que, assim como *Camizão*, podem ser muito mais antigas do que registram os dicionários.

Outras formas que também apresentaram algumas divergências semânticas foram *boqueirão* e *barra*. A primeira demonstrou uma divergência semântica diatópica em que ambas as possibilidades aparecem associadas à ideia de uma «forma geológica semelhante à boca», porém significando «braço de mar entre duas porções de terra», no litoral, e «abertura nas serras por onde passam os rios», no sertão, ambos registrados em Souza (1939). Nesse caso, a distinção semântica do étimo também resultou em uma diferenciação das taxes, sendo, o primeiro caso, um hidrotopônimo, e o segundo, um geomorfotopônimo. Os dois étimos puderam ser confirmados pelas ilustrações nos mapas que representam o ambiente físico em que os acidentes se encontram (cf. figura 8).

Figura 8 - Ilustrações do ambiente físico próximo às formas *boqueirão*



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Quanto à forma *barra*, há duas possíveis interpretações: a primeira é «entrada de porto ladeada por terra firme», que é o caso das duas primeiras barras identificadas nos mapas, a barra próxima à *Ponta de Santo Antonio* e a barra do *Rio Joannes*; a segunda é «bancos de areia depositados na boca de um rio», que corresponde aos outros três acidentes com esse nome, ambos situados nas proximidades de um rio. O critério utilizado para a distinção dos étimos foi a representação do ambiente nos mapas, considerando as formas pontilhadas como correspondentes aos sedimentos deixados pelos rios (cf. figura 9).

Figura 9 - Representação do ambiente físico próximo às formas *barra*



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Alguns dos étimos necessitaram passar por um processo de reconstrução, tomando como base informações bibliográficas sobre o acidente e o próprio diassistema toponímico. Esse é o caso das formas *Candeas*, que foram interpretadas ora como coletivo de *candea* «arbusto», ora como redução de *Nossa Senhora das Candeas*, invocação de Maria, e *Brotas*, ora motivada pelo aspecto físico, no caso do sítio próximo à nascente do Rio Subaé, ora pela invocação de *Nossa Senhora de Brotas*, nas proximidades de acidentes com o mesmo nome: um convento e uma igreja. Na tabela 10 apresentam-se os topônimos que passaram por processos de redução do sintagma toponímico.

Tabela 10 - Topônimos reduzidos por acidente e taxonomia

Acidente	Taxonomia	Quant.	% total	Exemplo
Arraial	Hagiotop.	1	0.47	Senhor do Bomfim > Bonfim
	Mariotop.	2	0.94	Nossa Senhora dos Prazeres > Prazeres Nossa Senhora da Vitória > Vitória
Faz. ou engenho	Hagiotop.	1	0.47	São Miguel das Almas > Almas
	Mariotop.	2	0.94	Nossa Senhora do Rosário > Rosário Nossa Senhora da Conceição > Conceição
Forte	Mariotop.	1	0.47	Nossa Senhora de Monserrate > Monserrate
Freg. ou povoação	Mariotop.	5	2.35	Nossa Senhora da Conceição > Conceição
				Nossa Senhora da Penha > Penha
				Nossa Senhora de Brotas > Brotas
				Nossa Senhora de Nazaré > Nazaré
				Nossa Senhora de Belém > Belém
Igreja ou capela	Mariotop.	4	1.88	Nossa Senhora de Brotas > Brotas
				Nossa Senhora das Candeias > Candeias
				Nossa Senhora da Conceição > Conceição
				Nossa Senhora da Encarnação > Encarnação
Sítio	Mariotop.	3	1.41	Nossa Senhora da Conceição > Conceição
				Nossa Senhora do Rosário > Rosário
				Nossa Senhora das Angústias > Angústias
Vila	Mariotop.	1	0.94	Nossa Senhora da Abadia > Abadia

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

No que concerne à grafia, é possível descrever aspectos gráficos que não evidenciam as mudanças de ordem fonética e outros que permitem observar traços da pronúncia do escrevente. Se enquadram no primeiro caso o uso de consoantes geminadas, a função dos grafemas usados, as formas de acentuação e as abreviaturas, que revelam características da *scripta* do cartógrafo. As consoantes geminadas ocorrem nos mesmos contextos dos dicionários consultados, com exceção da forma *Matta*, recomendada apenas no dicionário de Pinto (1832). Com respeito à escolha dos grafemas, foram observadas algumas trocas grafemáticas, tomando como base os registros dos topônimos nos dicionários do período (BLUTEAU, 1728; SILVA, 1789), porém que não refletem mudanças de ordem fonética. A seguir, são apresentadas as trocas identificadas, seguidas da quantificação, exemplo e da descrição dos contextos em que ocorrem.

Tabela 11 - Características gráficas dos topônimos

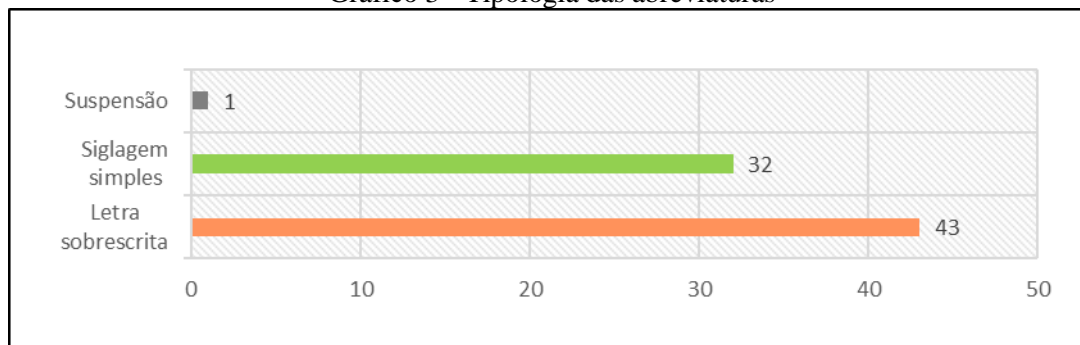
Sinal gráfico	Quant.	% total	Exemplo	Contexto
<c>	2	0.94	Povoacao	/s/ medial diante das vogais /a, o/
<ç>	6	2.83	Vicença	/s/ medial diante das vogais /a, e, i, ε/
<h>	4	1.88	Cahida	para marcar a acentuação das vogais /i, ε/
<J>	17	8.01	Jlha	/i/ inicial
<x>	5	2.35	Caxaprego	em lugar do dígrafo <ch>
<z>	8	3.77	Rozario	/z/ medial diante de /a, ε, u/ e final

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Foi encontrado no *corpus* um total de 34 ditongos, correspondentes a 16.03% dos topônimos. Desses 34 ditongos, 26, ou 76.47%, são nasais e 8, ou 23.52%, são orais. Nos topônimos, é possível notar variações nas formas de acentuação do ditongo nasal [ãw], um total de 26, que alternam entre as grafias <ão>, 20, ou 58.82%, dos ditongos, <aõ>, 2, ou 5.88%, <aó>, <áo>, <aô>, <aò>, com uma ocorrência cada, ou 2.94%. Há um total de 8 ditongos orais, os ditongos [ew], com 3 ocorrências, ou 8.82%, dos ditongos, e [εw], com 4 ocorrências, ou 11.76%, são grafados da mesma maneira <eo>, e o ditongo [ɔj], com uma ocorrência, ou 2.94%, apresenta a grafia <oe>.

Dos 212 topônimos, 62, ou 29.24%, dos nomes apresentam uma ou mais formas abreviadas, que constituem um total de 81 abreviaturas. As abreviaturas encontradas podem ser agrupadas em três tipos (cf. gráfico 3): por siglagem simples, que apresentam 44, ou 54.32%, das 81 ocorrências, por letra sobrescrita, 36 ou 44.44%, e apenas uma abreviatura por suspensão, o equivalente a 1.23%.

Gráfico 3 - Tipologia das abreviaturas



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Os topônimos com processos fonéticos representam 10.84% dos dados, com 23 ocorrências, uma parte significativa do *corpus*, se for levada em consideração a sua extensão.

Dos 23 processos, 13, ou 6.13%, são por transformação, 5, ou 2.35%, por subtração, 4, ou 1.88% por adição, e um, ou 0.47%, por transposição (cf. tabela 12).

Tabela 12 - Tipologia dos processos fonéticos

Categoria	Processo	Contexto	Quant.	% total	Exemplo
Transformação	Desnasalização	Postônico	6	2.83	Passagem > Passage
	Alteamento vocálico	Pretônico	3	1.41	Retiro > Ritiro
	Rotacismo	Pretônico	3	1.41	Cabrestante > Cabrentante
		Tônico	1	0.47	Curral > Currar
Subtração	Síncope	Postônico	2	0.94	Registro > Registo
	Elisão	Pretônico	1	0.47	de Água > d'Água
	Crise	Pretônico	1	0.47	Busca a Vida > busca Vida
	Apócope	Postônico	1	0.47	Joannes > Joanne
Adição	Ditongação	Tônico	4	1.88	Aldea > Aldeia
Transposição	Metátese	Pretônico	1	0.47	Formigas > Fromigas

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

A nível morfossintático, com relação à presença do genérico e do específico, é possível afirmar que 84, ou 39.62%, dos topônimos apresentam genérico, 201, ou 94.81%, apresentam o específico e 128, ou 60.37%, não apresentam genérico. Alguns topônimos aparecem no *corpus* apenas com o elemento genérico, sem nenhum constituinte no elemento específico. Segundo Dick (1992), alguns acidentes, por serem únicos em uma região, dispensam complementações referenciais. A esse fenômeno decidiu-se chamar de designação genérica, mecanismo de nomeação em que um elemento genérico é utilizado como nome próprio de um *designatum*, não sendo considerado como um tipo convencional de nomeação, já que a categoria genérica não é uma escolha livre do nomeador, mas se encontra orientada por parâmetros pré-estabelecidos na estrutura lexical do seu dialeto.

A designação genérica é uma espécie de nomeação espontânea que ocorre por um processo de fixação do nome a partir da referenciação contínua. A estrutura morfossintática da designação genérica é ${}^{gen}N_x [S_x] + {}^{esp}\emptyset$, podendo o gênero e o número do substantivo variarem. Nesta pesquisa, foram considerados como designação genérica apenas os casos em que o acidente é pouco comum ou quando ocorre com acidentes mais distanciados ou isolados de outros de sua categoria. Sendo assim, apenas foram desconsiderados como designações genéricas as ocorrências do genérico *Fazenda* no *corpus*, visto que ambos ocorrem no MCI,

podendo ser resultantes da falta de informação do cartógrafo. Assim, dos 212 topônimos analisados, 11, ou 5.18%, são casos de designação genérica, sendo um deles, o designativo *Dique*, muito produtivo até o dia de hoje. Abaixo apresenta-se a lista dos topônimos classificados como designação genérica:

Tabela 13 - Casos de designação genérica

Exemplo	Estrutura morfossintática	Quant.	% total
Armação	${}^{\text{gen}}N_f [S_{\text{sing}}] + {}^{\text{esp}}\emptyset$	2	0.94
Boqueirão	${}^{\text{gen}}N_m [S_{\text{sing}}] + {}^{\text{esp}}\emptyset$	1	0.47
Engenhos	${}^{\text{gen}}N_m [S_{\text{pl}}] + {}^{\text{esp}}\emptyset$	1	0.47
Engenho	${}^{\text{gen}}N_m [S_{\text{sing}}] + {}^{\text{esp}}\emptyset$	1	0.47
Dique	${}^{\text{gen}}N_m [S_{\text{sing}}] + {}^{\text{esp}}\emptyset$	1	0.47
Lançoes	${}^{\text{gen}}N_f [S_{\text{sing}}] + {}^{\text{esp}}\emptyset$	1	0.47
Ribeirão	${}^{\text{gen}}N_m [S_{\text{sing}}] + {}^{\text{esp}}\emptyset$	1	0.47
Forte	${}^{\text{gen}}N_m [S_{\text{sing}}] + {}^{\text{esp}}\emptyset$	2	0.94
Pedra	${}^{\text{gen}}N_f [S_{\text{sing}}] + {}^{\text{esp}}\emptyset$	1	0.47

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Dos casos em que há composição entre o genérico e o específico, observa-se que nas estruturas ${}^{\text{gen}}N_x [S_x] + {}^{\text{esp}}N_x [Adj_x]$ há um processo de integração semântica em que o significado do genérico é modificado pelo específico. Nesse caso, seria possível falar de topônimos de estrutura externa plena, em que o genérico e o específico tendem a permanecer unidos. No *corpus* analisado, ocorreram sete topônimos, ou 3.30%, com a estrutura ${}^{\text{gen}}N_m [S_{\text{sing}}] + {}^{\text{esp}}N_m [Adj_{\text{sing}}]$, não havendo formas no feminino e plural e uma taxa de 100% de concordância de gênero e número (cf. tabela 14).

Tabela 14 - Composição ${}^{\text{gen}}N_x [S_x] + {}^{\text{esp}}N_x [Adj_x]$

Masculinos	Quant.	% total	Femininos	Quant.	% total
Engenho Velho	2	0.94	Villa Velha dos Indios	1	0.47
Rio Real	1	0.47	Barra falça	1	0.47
Rio Velho	1	0.47	Lago Seca	1	0.47
Sítio Novo	1	0.47			
Rio Cangalheiro	1	0.47	Total Fem:	3	1.41
Rio Pardo	1	0.47	Total Masc:	7	3.30

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Os topônimos em que o específico se liga ao genérico por preposição são 60, ou 28.30% do *corpus*, dos quais 28, ou 13.20%, são formados por Prep + A_{sing}, 21, ou 9.90%, apenas e 11, ou 5.18%, por Prep + A_{pl}.

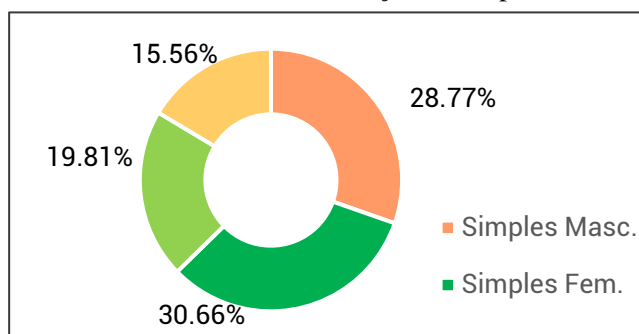
Tabela 15 - Estrutura dos específicos introduzidos por preposição

Categoria	Estrutura morfossintática	Quant.	Total	% total
Prep	Prep + QV _{sing} + Antr _{sing}	9	21	9.90
	Prep + N _{sing}	7		
	Prep + S _{sing}	2		
	Prep + Adj _{sing} + Antr _{sing}	1		
	Prep + Antr _{sing} + V _{sing}	1		
	Prep + S _{sing} + Adj _{sing}	1		
Prep + A _{sing}	Prep + A _{sing} + S _{sing}	20	28	13.20
	Prep + A _{sing} + S _{sing} + _	5		
	Prep + A _{sing} + N _{sing}	1		
	Prep + A _{sing} + Antr _{sing}	1		
	Prep + A _{sing} + QV _{sing}	1		
Prep + A _{pl}	Prep + A _{pl} + S _{pl}	9	11	5.18
	Prep + A _{pl} + QV _{pl}	1		
	Prep + A _{pl} + Antr _{pl}	1		

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Dentre os topônimos com específico, 126, ou 59.43%, apresentam estrutura simples, enquanto 75, ou 35.37%, apresentam estrutura composta. Dos 126 nomes simples, 65, ou 30.66%, são do gênero feminino e 61, ou 28.77%, do masculino, enquanto dos 75 compostos, 42, ou 19.81%, são do gênero masculino e 33, ou 15.56%, são do feminino (cf. gráfico 4).

Gráfico 4 - Classificação dos específicos



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Foram identificados 19 topônimos, 8.96% do total, ou 25.33%, dos topônimos compostos, com preposição entre as formas de palavra que integram o específico, sendo que alguns apresentam mais de uma preposição no interior do sintagma. As estruturas mais frequentes foram as formadas por preposição e artigo que introduzem substantivos, conforme mostrado na tabela 16:

Tabela 16 - Preposições na estrutura interna do topônimo

Categoria	Estrutura morfossintática	Quant.	Total	% total
Prep	Prep + S _{sing}	3	4	1.88
	Prep + Antr _{sing}	1		
Prep + A _{sing}	Prep + A _{sing} + S _{sing}	9	12	5.66
	Prep + A _{sing} + Antr _{sing}	3		
Prep + A _{pl}	Prep + A _{pl} + S _{pl}	5	5	2.35

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Quanto aos processos de sufixação, foram identificados apenas 4 no *corpus*, ou 1.88%, um ergotopônimo, *Currallinho*, 2 geomorfotopônimos, *Varginha* e *Serrinha*, e um hidrotopônimo, *Lagoinhas*. Todos são acidentes humanos e não apresentam elemento genérico. Do ponto de vista semântico, o sufixo apresenta apenas o significado de dimensão em todos os designativos analisados, «ergo + dimensio», «geomorfo + dimensio», «hidro + dimensio». Do ponto de vista morfofonológico, cabe ressaltar que apenas *currallinho* não apresenta a consoante de ligação -z.

As classes de palavra com maior frequência no *corpus* são os substantivos, com um total de 232 ocorrências, sendo 196 no singular e 36 no plural, seguidos das preposições com 82 ocorrências, dos artigos, com 57 ocorrências, e os antropônimos, com 49 ocorrências. A

alta taxa de preposições e artigos demonstra a complexidade de alguns sintagmas toponímicos, já que menos da metade do *corpus* apresenta preposição.

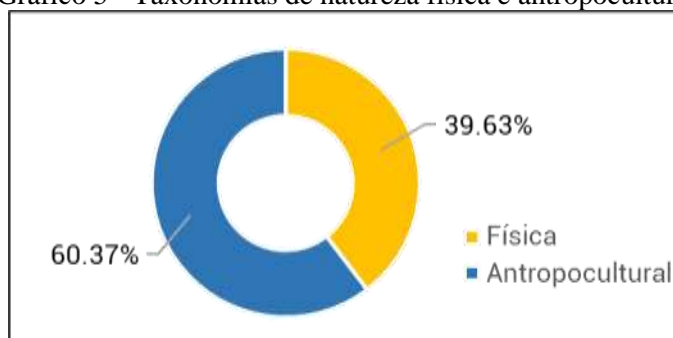
Tabela 17 - Frequência das classes de palavra

Classe	Número	Quant.
Artigo	Singular	40
	Plural	17
Adjetivo	Singular	30
	Plural	-
Advérbio	-	1
Antropônimo	Singular	47
	Plural	2
Nome	Singular	14
	Plural	-
Preposição	-	82
Pronome	Singular	4
	Plural	-
Qualificativo	Singular	39
	Plural	1
Verbo	Singular	3
	Plural	-
Substantivo	Singular	196
	Plural	36

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Predominam no *corpus* as taxes de natureza antropocultural, com 128, ou 60.37%, enquanto as de natureza física constituem 84, ou 39.63%, dos designativos (cf. gráfico 5).

Gráfico 5 - Taxonomias de natureza física e antropocultural



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Como pode ser observado a seguir (cf. tabela 18), das taxonomias de natureza antropocultural, possuem maior frequência os hierotopônimos, especificamente os hagiotopônimos, com 38 ou, 17.92%, das ocorrências, os mariotopônimos, com 25, ou 11.79%, e outros elementos da religiosidade católica, com 5, ou 2.35%, das ocorrências, como a *Cruz*, em *Cruz do Sudré*, *Vera Cruz* e *Cruz*, símbolo marcado pelo sema do ‘sagrado’ e que evoca a empreitada náutica portuguesa (ISQUERDO, 2012). O alto índice de hierotopônimos evidencia a força do discurso religioso, a partir do qual o colonizador imprimia na nomenclatura geográfica a sua ideologia e, ao mesmo tempo, demarcava o território conquistado pela Coroa portuguesa. Outro recurso também usado para esse fim era o da transferência de nomes de lugares portugueses, resultando nos sete corotopônimos identificados, 3.30% do *corpus*, que, apesar da baixa frequência, designam acidentes importantes, como as vilas, *Villa de Barçellos*, *de Santarém*, *de Abrantes*, *de Olivença*. Além disso, as demais taxes de natureza antropocultural evidenciam o processo de desenvolvimento da sociedade portuguesa, das atividades laborais e socioeconômicas.

Por outro lado, nas taxes de natureza física, predominam os geomorfotopônimos, com 31, ou 14.62%, e os hidrotopônimos, com 22, ou 10.37% dos dados, evidenciando as características do terreno que se destacaram aos olhos dos portugueses ao aportar no litoral brasileiro e, em seguida, migrar para o interior baiano. Nesse último ponto, se salienta também a percepção da fauna e da flora registrada na fitotoponímia, com 10, ou 4.71%, e zootoponímia, com 8, ou 3.77%, que apresentariam números mais expressivos, caso fossem considerados os designativos de origem Tupi. As demais taxes se encontram bem distribuídas no *corpus*, revelando uma grande diversidade designativa na toponímia baiana setecentista.

Tabela 18 - Frequência das taxonomias

Natureza	Classe	Quant.	% total
Antropocultural	Animotopônimos	4	1.88
	Antropotopônimos	7	3.30
	Axiotopônimos	2	0.94
	Corotopônimos	7	3.30
	Cronotopônimos	5	2.35
	Dirrematotopônimos	5	2.35
	Ecotopônimos	6	2.83
	Ergotopônimos	6	2.83
	Etnotopônimos	2	0.94
	Hagiotopônimos	38	17.92
	Hierotopônimos	5	2.35
	Hodotopônimos	4	1.88
	Mariotopônimos	25	11.79
	Necrotopônimos	1	0.47
	Poliotopônimos	3	1.41
Sociotopônimos	8	3.77	
Física	Cromotopônimos	1	0.47
	Estematopônimos	3	1.41
	Fitotopônimos	10	4.71
	Geomorfotopônimos	31	14.62
	Hidrotopônimos	22	10.37
	Litotopônimos	5	2.35
	Meteorotopônimos	3	1.41
	Morfotopônimos	1	0.47
	Zootopônimos	8	3.77

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Com relação aos topônimos com mais de um constituinte semântico, foram identificadas 38 dos nomes com mais de um constituinte, 17.92% do *corpus*, sendo 2, ou 0.94%, compostos por três constituintes, *Villa da Barra do Rio das Contas*, «geomorfo + hidro + hiero», e *Barra do Rio dos Ilheos*, «hidro + geomorfo + dimensio». Nota-se que predomina como primeiro constituinte do sintagma as formas de natureza física, 16, ou 7.54%, referentes à geomorfologia e 8, ou 3.77%, a aspectos hidrográficos, o que é um indício

de que os constituintes secundários vieram, em muitos contextos, por um processo de deslocamento de um nome de um acidente próximo, como ocorreu com as formas *Rio Vermelho*, que aparece em *Forte do Rio Vermelho* e *Baixos do Rio Vermelho*, ou *Os Ilheus*, que demonstra um processo de reaproveitamento cumulativo de nomes *Os Ilheus* > *Rio dos Ilheus* > *Barra do Rio dos Ilheus*. Ainda sobre o topônimo *Os Ilheus*, é relevante ressaltar que, apesar de ser um sintagma toponímico constituído apenas por uma forma de palavra de significado lexical, a escolha deste diminutivo resulta em um processo equivalente aos demais formados por processos de sufixação, e.g. *Varginha*, *Serrinha*.

Tabela 19 - Topônimos com mais de um constituinte semântico

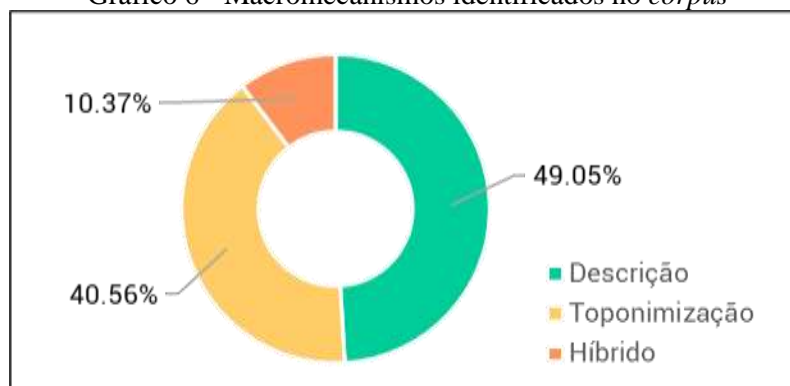
Estrutura semântica	Exemplo
«animo + estema»	Boa Vista
«animo + hiero»	Vera Cruz
«crono + etno»	Villa Velha dos Indios
«eco + antropo»	Torre d'Avila
«ergo + dimensio»	Currinho
«fito + animo»	Cana braba
«geomorfo + antropo»	Barra do Cavalcante
«geomorfo + antropo»	Saco do Moura
«geomorfo + dimensio»	Praia grande
«geomorfo + dimensio»	Monte gordo
«geomorfo + dimensio»	Varge grande
«geomorfo + dimensio»	Varginha
«geomorfo + dimensio»	Serrinha
«geomorfo + dimensio»	Rio dos Ilheus
«geomorfo + dimensio»	Villa dos Ilheus
«geomorfo + dimensio»	Os Ilheus
«geomorfo + ergo»	Ponta do Currar
«geomorfo + hidro + hiero»	Villa da Barra do Rio das Contas
«geomorfo + hiero»	Varge da Cruz
«geomorfo + morfo»	Oiteiro Redondo
«geomorfo + morfo»	Oiteiro Redonôo
«geomorfo + necro»	Cova do defunto
«hagio + etno»	Santa Anna do Camizão

«hagio + hidro»	Santa Anna dos Olhos de agua
«hidro + cromo»	Baixos do Rio Vermelho
«hidro + cromo»	Forte do Rio Vermelho
«hidro + dimensio»	Agua Funda
«hidro + dimensio»	Lagoinhas
«hidro + estema»	Vila de Aguafria
«hidro + estema»	Lagoa Seca
«hidro + geomorfo + dimensio»	Barra do Rio dos Ilheos
«hidro + hiero»	Barra do Rio das Contas
«hiero + antropo»	Cruz do Sudré
«lito + cromo»	Pedra branca
«lito + morfo»	Pedra Redonda
«maria + animo»	Ilha de Maria guarda
«maria + geomorfo»	Nossa Senhora do Monte

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

No que diz respeito aos mecanismos de nomeação, foram identificados 104, ou um percentual de 49.05%, nomes atribuídos por um processo descritivo, 86, ou 40.56%, nomes atribuídos por toponimização e 22, ou 10.37%, nomeações a partir de mecanismos híbridos. Esses dados evidenciam que as duas modalidades de nomeação possuem uma frequência significativa na toponímia colonial de base portuguesa, com uma pequena vantagem para a nomeação descritiva (cf. gráfico 6).

Gráfico 6 - Macromecanismos identificados no *corpus*



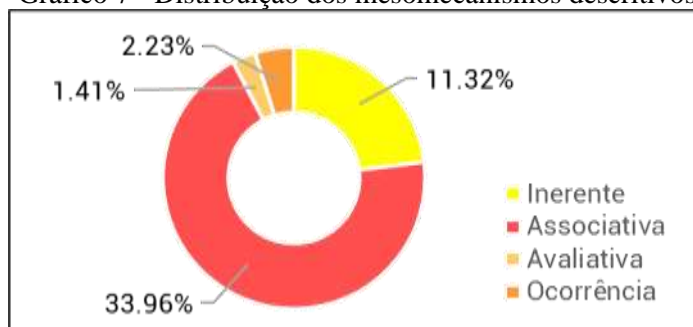
Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Os mesomecanismos descritivos, apesar de trazerem a diversidade física e antropocultural do território baiano no período colonial, aparecem concentrados em duas

modalidades de descrição, a inerente e a associativa. Uma parte considerável dos nomes descritivos se encontram nas zonas litorâneas, motivados pela sua geomorfologia, pontas, praias, barras, mas é no interior que se apresenta uma grande diversidade designativa, com mais nomes inspirados em aspectos naturais, como fitonímia, zoonímia, geomorfonímia e hidronímia, e aspectos culturais próprios da vida sertaneja, como *Currallinho*, «cercado de paus para recolher o gado», *Ritiro*, «casa dos vigias do gado hibernado», *Porteira* «cancela de um cerrado» e *Cercado* «lugar limitado por tapumes para criação de animais ou plantio».

O mesomecanismo descritivo predominante foi a descrição associativa, com 72 nomes, ou 33.96% dos dados, um percentual de 69.23% do total de topônimos descritivos, seguida da inerente, com 24, ou 11.32%, de ocorrência, com 5, ou 2.35%, e a avaliativa, com 3, ou 1.41%, (cf. gráfico 7). A descrição associativa também predomina nos mecanismos híbridos, com 20 ocorrências dos 22 designativos.

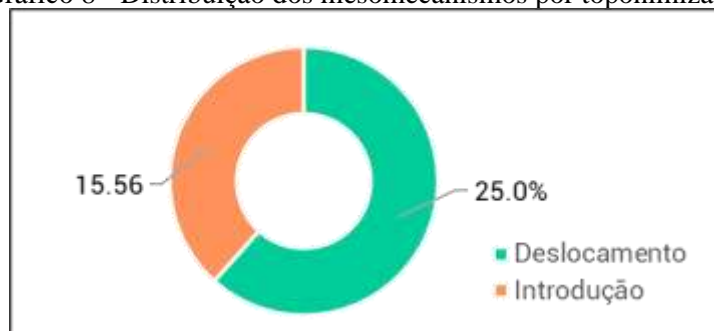
Gráfico 7 - Distribuição dos mesomecanismos descritivos



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

A toponimização, por outro lado, apresentou uma quantidade significativa de processos de nomeação, com 53, ou 25.0%, deslocamentos das camadas toponímicas precedentes e 33, ou 15.56%, de introduções de formas lexicais não provenientes da toponímia (cf. gráfico 8). Os deslocamentos também ocorrem em 19 dos 22 híbridos.

Gráfico 8 - Distribuição dos mesomecanismos por toponimização



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Com relação aos micromecanismos (cf. tabela 20), é possível observar a preferência em descrever os aspectos físicos no entorno do lugar nomeado, por meio de descrições associativas adjacentes, observando outros acidentes, e.g. *Lagoa, Barra*, que ocorreram em 59, ou 27.83%, dos nomes, ou por meio de associativas locais, que se voltam para aspectos do terreno e da própria localidade em que está o acidente, e.g., *Forte do Mar, Campinas*, observadas em 11, ou 5.18%, dos nomes. Também são recorrentes, descrições de aspectos antropoculturais, como acidentes humanos, em manufaturado, e.g. *Cercado*, com 7, ou 3.30% dos nomes, e atividades sociais e culturais, em sociocultural, e.g. *Feira*, com 14, ou 6.60%. A referência a aspectos próprios do acidente é a segunda modalidade descritiva mais frequente, com uma preferência pela designação genérica, e.g. *Dique, Armação*, com 11, ou 5.18%, e pela descrição topográfica, e.g. *Lagoa Seca, Rio das Salinas*, com 9, ou 4.24%. Foram encontrados também casos em que o acidente é observado com relação a pontos de referência temporal, e.g. *Rio Velho*, 6, ou 2.83%, e nenhum caso de nomeação estrutural. Os casos de descrições avaliativas e de ocorrência foram menos expressivos, porém cabe destacar os eventos reincidentes relacionados a eventos atmosféricos, e.g. *Terra Cahida, Lamarão, Ilha da Maré*.

Quanto aos deslocamentos, os que ocorrem dentro do próprio diassistema toponímico são predominantes, com 36, ou 16.98%, deslocamentos verticais, apresenta uma quantidade significativa de deslocamentos de nomes de igrejas ou capelas que originaram alguns núcleos de povoamento, e.g. *Villa de Santo Amaro, Vitoria*; e 30, ou 14.15%, deslocamentos horizontais, de acidentes próximos ao local, mais comum a acidentes físicos, e.g. *Salgado, Villa dos Ilheos*. Os deslocamentos por transferência constituem apenas 2.83% dos micromecanismos identificados, muitos deles relacionados, como já mencionado, aos nomes de vilas portuguesas, e.g. *Villa de Abrandes, Villa de Olivenca, Villa de Armada*.

A quantidade de introduções também foi significativa, com 12, ou 5.66%, acomodações e 24, ou 11.32% introduções laudatórias. Algumas acomodações aparecem preposicionadas e elucidam o processo espontâneo de nomeação, e.g. *Ponta do Lobato, Pedra de São Tomê*, enquanto outras, não, e.g. *Garcês, Vieira*. Há acomodações em que foram usados nomes relacionados aos proprietários do território onde está o acidente, como *Engenho do Conde e Torre d'Avila*. Com relação às introduções laudatórias, sabe-se que a nomeação hagiônica sempre pressupõe uma homenagem, todavia, considerou-se como introdução laudatória apenas os casos em que não foram identificados outros acidentes com o mesmo nome nas adjacências, tanto humanos, e.g. igrejas, capelas, quanto físicos, como é o caso do

rio *São Paulo*, localizado próximo à fazenda ou engenho de mesmo nome. Todavia, há contextos em que fica evidente a homenagem realizada, como ocorreu com o arraial *São Jorge*, cuja nomeação foi motivada pelo nome do proprietário das terras, Jorge Figueiredo Correa. Assim, mesmo havendo uma capela dedicada a São Jorge na localidade, considerou-se a função laudatória, visto que a fundação da capela foi em um período posterior ao da nomeação do local.

A seguir, são apresentados os micromecanismos identificados, contabilizando a ocorrência também nas formas híbridas, com o intuito de demonstrar a distribuição efetiva destes mecanismos de nomeação.

Tabela 20 - Distribuição dos micromecanismos

Macromecanismo	Mesomecanismo	Micromecanismo	Quant.	% total	
Descrição	Inerente	Designação genérica	11	5.18	
		Topográfica	9	4.24	
		Estrutural	-	-	
		Referencial	6	2.83	
	Associativa		Local	11	5.18
			Adjacente	59	27.83
			Manufaturado	7	3.30
			Sociocultural	14	6.60
	Avaliativa		Positiva	1	0.47
			Negativa	2	0.94
	Ocorrência		Incidente	5	2.35
			Ocasão	-	-
	Toponimização	Deslocamento	Transferido	6	2.83
			Vertical	36	16.98
Horizontal			30	14.15	
Introdução			Acomodação	12	5.66
			Laudatória	24	11.32

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por muito tempo, a linguística estrutural marginalizou o estudo dos nomes próprios no seu escopo teórico, reduzindo-os à categoria de signo opaco e sem muitos atrativos para a descrição do sistema em uso. Todavia, o aprofundamento das pesquisas em onomástica, a partir da segunda metade do século XX, fizeram com que os onomatologistas percebessem que o principal fator de interesse linguístico pelo signo onomástico não estava nas possibilidades ofertadas para a explicação da história das línguas, mas no estudo destes signos para compreender o fenômeno que os geraram. Nesse sentido, a toponomástica, na condição de disciplina onomástica, cumpre o papel de buscar descrever a emergência, a dinâmica e o desaparecimento dos nomes na sociedade para, assim, compreender as leis ou princípios que norteiam esse processo e como eles são modalizados pelo contexto histórico, social e cultural.

Descrever a realidade toponímica de uma área geográfica é uma tarefa árdua, que requer do toponimista, além de um alto grau de erudição que o permita transitar entre os conhecimentos linguísticos e não linguísticos, uma espécie de intuição para auxiliá-lo na formulação das hipóteses explicativas. Esse processo de desbravamento do léxico toponímico exige dedicação e tempo, a ser distribuído entre a descrição dos elementos de natureza linguística, que precisam ser observados nos mais variados aspectos, e a sua imersão no universo do nomeador que, muitas vezes, se alicerça em uma lógica totalmente distinta da sua. Nesse sentido, uma das maiores preocupações teórico-metodológicas que a toponomástica deve ter é a de descrever a toponímia sem buscar explicá-la com base em uma lógica particular. Porém, desviar de uma abordagem prescritiva ou projetiva de descrição não é algo que se descobre a partir da reflexão pura, e sim da própria atividade de garimpagem que o toponimista faz para descrever.

Como consequência desse verdadeiro trabalho braçal, a toponomástica expandiu seus horizontes. Ao descrever, descobriu parâmetros que possibilitaram um refinamento das descrições, avançando sempre no processo de detalhamento da complexidade da nomeação. A disciplina deixou, então, de se preocupar com as árvores, retomando as palavras de Stewart (1953), e passou a se preocupar com a floresta, ou melhor, as florestas, que se tornaram cada vez maiores. Primeiro, rompendo a barreira da análise atomística, o nome isolado e fruto de uma realidade distanciada, para pensar o nome elemento sistemático que interage, ao seu modo, com o diassistema linguístico, com a diversidade de signos, onomásticos ou não, já que é a partir dele que é formado.

Esse foi o princípio que norteou esta pesquisa e possibilitou alcançar os resultados obtidos. A análise vertical dos designativos possibilitou um olhar múltiplo acerca da toponímia setecentista, não apenas da nomeação em si, mas também dos condicionamentos recebido do ambiente físico e antropocultural, que se mostram refletidos nas categorias semânticas, e do ambiente sociolinguístico, que impacta diretamente a estrutura do significante toponímico; seja na introdução de processos fonéticos que geram formas socialmente marcadas, seja nos processos morfossintáticos, como a redução dos elementos do sintagma toponímico. Nesse quesito, o estudo da toponímia setecentista evidenciou que a pesquisa toponímica deve transcender a observação das marcas deixadas no significado e dedicar-se, cada vez mais, a descrever as nuances encontradas no significante.

Com relação ao significado, o estudo realizado demonstrou a necessidade de confronto entre os étimos, na busca por uma explicação eficaz da nomeação e não apenas da inclusão do topônimo em uma categoria. Formas como *Camizão*, *Ritiro* e *Boqueirão* evidenciam os perigos da adoção de uma leitura imediata que desconsidere questões diatópicas, diastráticas e diacrônicas no processo nominativo, conduzindo a uma interpretação homogeneizante do diassistema toponímico. A exploração do étimo próximo é a única possibilidade de adentrar no contexto sociocultural que orienta a seleção dos designativos de uma região, possibilitando a construção de uma narrativa da memória local a partir das matrizes lexicais. Esses resultados, na esteira das afirmações de Trapero (1995), reafirmam a necessidade do resgate do léxico geográfico regional, na intenção de desvelar a diversidade semântica minimizada pelas forças de convergência.

A adoção de uma abordagem mais descritiva e menos interpretativa também trouxe resultados interessantes. O componente sintagmático do topônimo, constituído do genérico e do específico, é um fato que tem sido considerado de modo parcial pelos estudos toponímicos que, tradicionalmente, tem concentrado o interesse na análise do elemento específico. Todavia, o estudo realizado demonstrou que outros processos que envolvem o elemento genérico podem ser considerados na descrição toponímica, como os casos de designação genérica, *Dique*, *Armação*, de integração semântica entre o genérico e específico, *Engenho Velho*, *Rio Velho*, que não produzem o mesmo efeito se analisados dissociadamente. Esses dados evidenciam as limitações existentes quando o assunto é sistematizar a realidade linguística em sua estrutura extremamente ramificada e repleta de sobreposições.

Na intenção de ampliar os olhares acerca da toponímia baiana, apresentou-se nesta pesquisa uma outra proposta de estruturação dos topônimos sobre a suposição de que ela

poderia aumentar o potencial descritivo da análise da motivação semântica. Como resultado, foi possível observar que os deslocamentos são significativos dentro do diassistema toponímico; que a descrição associativa foi muito mais frequente do que a inerente, havendo um maior interesse do nomeador em descrever o seu entorno do que o próprio acidente; e que mecanismos distintos podem ser usados na nomeação a partir das mesmas bases semânticas. Todavia, assim como as propostas de Stewart (1954; 1975) e Tent e Blair (2011) foram ampliadas para atender às necessidades desta pesquisa, novas realidades podem suscitar ampliações no modelo, elevando o seu potencial descritivo, como poderá ocorrer à toponímia proveniente de outros estratos.

Por fim, cabe afirmar que a análise vertical dos topônimos evidenciou que a descrição histórica da toponímia, consolidada por meio de uma abordagem filológica das fontes, conforme enfatiza García Arias (1995), possibilita uma interpretação mais segura sobre a complexidade do processo de nomeação, na busca por explicar o surgimento e as mudanças pelas quais passa um topônimo no decurso do tempo. Enquanto que a análise horizontal desses fatores revelou não só o estado dinâmico da toponímia colonial, evidenciado em suas transformações internas e as diferentes formas de irradiação, mas as tendências seguidas em cada nível.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Taxionomia de topônimos: problema sem solução? Londrina: **Signum**: Estudos da Linguagem, v. 2, n. 1, p. 125-137, 1999.
- AULETE, Francisco Júlio de; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. **Diccionario contemporaneo da lingua portugueza**. t. I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881a.
- AULETE, Francisco Júlio de; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. **Diccionario contemporaneo da lingua portugueza**. t. II. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881b.
- AZEVEDO, Esterzilda Berenstein de. **Engenhos do Recôcavo Baiano**. Brasília: Iphan/Programa Monumenta, 2009.
- BACKHEUSER, Everardo. Toponímia: Suas regas – Sua evolução. Tacubaya: **Revista Geográfica**, v. 9/10, n. 25/30, p. 163-195, 1950.
- BEHRENS, Ricardo. **Salvador e a invasão holandesa de 1624-1625**. Salvador: Editora Pontocom, 2013.
- BRANDÃO, Analidia dos S; ABBADE, Celina. M. de S. Os antropotopônimos na Bahia de Todos os Santos: uma análise social e linguística. **Revista GTLex**, v. 1, n. 2, p. 312-325, 2016.
- BARREIROS, Liliane Lemos Santana. **Vocabulário de Eulálio Motta**. Orientadora: Célia Marques Telles. 2017. 360f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, 2017.
- BARREIROS, Liliane Lemos Santana; BARREIROS, Patrício Nunes. Estudo toponímico em Bahia Humorística de Eulálio Motta. **Cadernos do CNFL (CiFEFil)**, v. 20, n. 2, p. 235-248, 2016.
- BEAUREPAIRE-ROHAN, Henrique Pedro Carlos. **Diccionario de vocabulos brasileiros**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889.
- BÍBLIA, Antigo Testamento. **Gênesis**. In: A Bíblia Sagrada contendo o velho e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo (SP): Sociedade Bíblica do Brasil; 1995.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. de; ISQUERDO, Aparecida N. **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2 ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 11-20, 2001.
- BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino**. 8 v. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 – 1728.
- CAMPOS, Mauricio da Costa. **Vocabulário do Marujo**. Rio de Janeiro: Oficina de Silva Porto, 1823.

CANTÃO, Carlos Marie. Addendum. In: **A influência africana no português do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, p. 251-255, 1935.

CARDOSO, Armando Levy. **Toponímia Brasília**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editôra, 1961.

CARVALHO, Ana Paula M. A. **Hagiotoponímia em Minas Gerais**. 2014. 822f. Orientadora: Maria Candida Trindade Costa de Seabra. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, 2014.

CARVALHO, Maria Aparecida de. A importância das fichas lexicográfico-toponímicas na elaboração do Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso. Rio de Janeiro: **Caderno Seminal Digital**, v. 19, n. esp., p. 95-110, 2019.

CARVALHO, Maria Aparecida de. **Contribuições para o Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso - mesorregião sudeste mato-grossense**. 2010. 540f. Orientadora: Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. Tese (Doutorado em Letras). Programa de pós-graduação em linguística – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CASAL, Manuel Ayres. **Corografia brazilica ou relação historico-geografica do reino do Brazil**. t. I. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1817a.

CASAL, Manuel Ayres. **Corografia brazilica ou relação historico-geografica do reino do Brazil**. t. II. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1817b.

CASTORE, Maria Elena. **A fábrica e o bairro: um estudo sobre a paisagem industrial no bairro de Plataforma em Salvador**. 2013. 321f. Orientadora: Odete Dourado. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Faculdade de Arquitetura – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

CASTRO, Yeda Pessoa de. Prefácio - Renato Mendonça e “A influência africana no português do Brasil”, um estudo pioneiro de africanias no português brasileiro. In: MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. 5 ed. Brasília: FUNAG, 2012.

CORREIA, Ana Paula Rebelo. Nossa Senhora de Brotas: um exemplo de regionalismo na iconografia mariana. **Cultura**, v. 27, p. 227-233, 2010.

CORREIA, Clese Mary Prudente. **Bahia de todos os cantos e recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia**. 2017. 248f. Orientadora: Celina Márcia de Souza Abbade. Dissertação (Mestrado Estudo de Linguagens). Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – Departamento de Ciências Humanas – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2017.

COSERIU, Eugenio. **Lições de lingüística geral**. Tradução: Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 7 ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

COUTO, Hildo Honório do. O que vem a ser ecolinguística, afinal? Brasília: **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 14, n. 1, p. 275-312, 2013.

CRYSTAL, David. **Dicionário de linguística e fonética**. 2 ed. Rio de Janeiro: Oxford Blackwell, 1985.

CUNHA, Celso. Rio de Janeiro (para a história de um topônimo). [1965]. In: CUNHA, Celso. **Sob a pele das palavras**. Organização, introdução e notas de Cilene da Cunha Pereira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Academia Brasileira de Letras, p. 193-204, 2004.

DAUZAT, Albert. **Les noms de lieux: origine et evolution**. Paris: Delagrave, 1926.

DIAS, Maria da Graça Andrade. **Memórias e existências: identidades e valores na representação social do patrimônio no Recôncavo da Bahia**. 2015. 207f. Orientador: André Guilherme Dornelles Dangelo. Coorientador: Celina Lemos Borges. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Escola de Arquitetura – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. Edições Arquivo do Estado, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A Motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxonômicos**. 1980. Orientador: Carlos Drumond. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Atlas Toponímico do Brasil: Teoria e Prática II. Paraná: **Revista Trama**, v. 3, n. 5, p. 141-111, 2007.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Fundamentos teóricos da Toponímia. Estudo de caso: o Projeto ATEMIG - Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (Org.). **O Léxico em Estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, p. 91-117, 2006a.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e antroponímia do Brasil: coletânea de estudos**. 3 ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1992.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Toponímia e Línguas Indígenas no Brasil. São Paulo: **Estudos Avançados**, v. 8, n. 22, p. 435-436, 1994.

DOREA, Luiz Eduardo. **Histórias de Salvador nos nomes das suas ruas**. Salvador: EDUFBA, 2006.

DORION, Henri; HAMELIN, Louis-Edmond. De la toponymie traditionnelle à une choronymie totale. Québec: **Cahiers de géographie du Québec**, v. 10, n. 20, p. 195-211, 1966.

DORION, Henri; POIRIER, Jean. **Lexique des termes utiles à l'étude des noms de lieux**. Québec: Les presses de l'université Laval, 1975.

DRUMOND, Carlos. **Contribuição Bororo à toponímia brasílica**. São Paulo: Editora da USP, 1965.

DRUMOND, Carlos. Prefácio. [1984]. In: DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. Edições Arquivo do Estado, p. 11-13, 1990.

DURKIN, Philip. **The Oxford Guide to Etymology**. New York: Oxford University Press, 2009.

EDELWEISS, Frederico. Prefácio à Quarta Edição. [1955]. In: SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia nacional**. 5 ed. São Paulo: Editora Nacional, p. 28-130, 1987 [1901].

ELLIS, Myriam. Aspectos da pesca da baleia no Brasil colonial (II). São Paulo: **Revista de História**, v. 16, n 33, p. 149-175, 1958.

FERREIRA, Daniela Betânia dos S. **Estudo toponímico do centro comercial de Feira de Santana-BA: línguas orais e Libras**. 2019. 186f. Orientadora: Liliâne Lemos Santana Barreiros. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

FLECHIA, Giovanni. **Nomi locali d'Italia derivati dal nome delle piante**. Torino: Stamperia Reale, 1880.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX**. 3 ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

GARCÍA ARIAS, Xosé Lluís. Toponimia: teoría e actuación. Uviéu, Academia de la Llingua Asturiana - Llibrería Llingüística, 1995.

HAVRE, Grégoire van. Cartografia do interior bahiano. Uma análise de três mapas anônimos do século XVIII. **Confins**, v. 39, n.p., 2019.

HOUGH, Carole. Introduction. In: HOUGH, Carole (Eds.). **The Oxford handbook of names and naming**. United Kingdom: Oxford University Press, p. 1-13, 2016.

IBGE. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. v. XX. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1958a.

IBGE. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. v. XXI. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1958b.

IBGE. **Vocabulário geográfico das cidades e vilas do Brasil**. Rio de Janeiro: Serviço gráfico do IBGE, 1950.

IBGE. **Vocabulário geográfico do Estado da Bahia**. Rio de Janeiro: Serviço gráfico do IBGE, 1944.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico regional e léxico toponímico: interfaces históricas e culturais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). **As Ciências do Léxico: Lexicologia, lexicografia e terminologia**. 1ed. Campo Grande - MS: Editora da UFMS, v. 4, p. 115- 140, 2012.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural**. 1996. 409 f. Orientador: Devino João Zambonim. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa), Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 1996.

JESUS, Carlos Messias A. de. **Estudo toponímico dos bairros de Feira de Santana-BA: línguas orais e Libras**. 2019. 169f. Orientadora: Liliane Lemos Santana Barreiros. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

LARA, Luis Fernando. **Curso de Lexicologia**. México D. F.: El Colegio de México, 2006.

LONGNON, Auguste. **Dictionnaire topographique du département de la Marne**. Paris: Imprimerie Nationale, 1891.

LONGNON, Auguste. **Géographie de la Gaule au VI^e siècle**. Paris: Librairie Hachette et Cie, 1878.

LYONS, John. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1981.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Do conceito de “variante” nos estudos do léxico de perspectiva histórico-variacional. São Paulo: **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 16, n. 2, 261-275, 2014.

Machado, José Pedro. **Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Horizonte, 1981.

MAIA, Antonio. **Pequeno Dicionário Católico**. Estrela do mar: Rio de Janeiro, 1966.

MARCATO, Carla. **Nomi di persona, nomi di luogo**: introduzione all’onomastica italiana. Bologna: Società editrice il Mulino, 2009.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

MOREIRA, Nicoláo Joaquim. **Diccionario de plantas medicinaes brasileiras**. Rio de Janeiro: Typ. do Correio Mercantil, 1862.

MOURA, Caetano Lopes de. Prólogo. In: SAINT-ADOLPHE, J. C. R. Milliet de. **Diccionario Geographico, historico e descriptivo, do imperio do Brazil**. t. I. Paris: J. P. Aillaud, 1945.

PIMENTEL, Gladys Santos. **Coração Suburbano**. O pulsar da cidade que a cidade não conhece. 1999. 91f. Orientador: Messias G. Bandeira. Projeto Experimental (Bacharelado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

PINHO, Wanderley. **História de um engenho do recôncavo**: Matoim, Novo Caboto, Freguesia: 1552-1944. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982.

PINTO, Alfredo Moreira. **Apontamentos para o dicionario geographico do Brazil**. t. I. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1894.

PINTO, Alfredo Moreira. **Apontamentos para o dicionario geographico do Brazil**. t. II. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1896.

PINTO, Alfredo Moreira. **Apontamentos para o dicionario geographico do Brazil**. t. III. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899.

PINTO, Alfredo Moreira. **Suplemento aos apontamentos para o dicionario geographico do Brazil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1935.

POLGUÈRE, Alain. **Lexicologia e semântica lexical**: noções fundamentais. São Paulo: Contexto, 2018.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. **Toponímia dos municípios baianos**: descrição, história e mudança. 2008. 547f. Orientadora: Suzana Alice Marcelino Cardoso. Tese (Doutorado em Língua e Cultura), Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura – Instituto de Letras – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

ROMAINE, Suzanne. *Language in Society: an introduction to sociolinguistics*. 2 ed. New York: Oxford University Press, 2000.

ROSTAING, Charles. **Les noms de lieux**. 9 ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1980 [1945].

RUBIM, Braz da Costa. **Vocabulário brasileiro**. Rio de Janeiro: Emp. Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito, 1853.

SAINT-ADOLPHE, J. C. R. Milliet de. **Diccionario Geographico, historico e descriptivo, do imperio do Brazil**. t. I. París: J. P. Aillaud, 1945a.

SAINT-ADOLPHE, J. C. R. Milliet de. **Diccionario Geographico, historico e descriptivo, do imperio do Brazil**. t. II. París: J. P. Aillaud, 1945b.

SALAZAR-QUIJADA, Adolfo. **La toponímia en Venezuela**. Universidad Central de Venezuela, Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, División de Publicaciones, 1985.

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia nacional**. 5 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987 [1901].

SANTIAGO, Iago Gusmão. **Estudo toponomástico nos textos de Eulálio Motta publicados no jornal Mundo Novo**. 2018. 79f. Orientadora: Liliâne Lemos Santana Barreiros. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Departamento de Letras e Artes – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. **A Formação e a Fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a Toponímia da Região do Carmo**. 2004. 368f. Orientadora: Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen. Tese (Doutorado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – Faculdade de Letras – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Gualacho, Mato Dentro, Outra Banda - topônimos da Região do Carmo - MG: questões léxico-históricas. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (Org.). **O Léxico em Estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, p. 137-154, 2006a.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Referência e onomástica. Uberlândia: **Múltiplas perspectivas em linguística: anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL)**, p. 1953-1960, 2006b.

SEIXAS, Angélica Amanda Campos. **Brincando na Ilha dos Frades**. 2007. 152f. Orientadora: Ilka Dias Bichara. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

SILVA, Antonio de Moraes e Silva. Dicionario da Lingua Portuguesa. 1 ed. t. I. Lisboa: M. P. de Lacerda. 1789a.

SILVA, Antonio de Moraes e Silva. Dicionario da Lingua Portuguesa. 1 ed. t. II. Lisboa: M. P. de Lacerda. 1789b.

SOUZA, Bernadino José de. **Dicionário da terra e da gente do Brasil**. 4 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

STEWART, George Rippey. A Classification of Place Names. Berkeley: **Names**, v. 2, n. 1, p. 1-13, 1954.

STEWART, George Rippey. **American Place-Names: A Concise and Selective Dictionary for the Continental United States of America**. New York: Oxford University Press, 1970.

STEWART, George Rippey. **Names on the globe**. New York: Oxford University Press, 1975.

STEWART, George Rippey. The Field of the American Name Society. Berkeley: **Names**, v. 1, n. 2, p. 73-78, 1953.

TENT, Jan; BLAIR, David. Motivations for naming: the development of a toponymic typology for australian placenames. Berkeley: **Names**, v. 59, n. 2, p. 67–89, 2011.

TRAPERO, Maximiano. **Para una teoría lingüística de la toponimia**: estudios de toponimia canaria. Las Palmas de Gran Canaria: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1995.

TRINDADE, Joilma Maria de Freitas. **Estudo toponímico nos panfletos de Eulálio Motta**. 2020. 151f. Orientadora: Liliane Lemos Santana Barreiros. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2020.

UEFS/CONSEPE. Resolução CONSEPE N° 044/2018. Aprova o Projeto de Pesquisa **Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras**, sob a coordenação da Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros, do Departamento de Letras e Artes, desta Universidade. Feira de Santana-BA: D.O.E., 13 abr. 2018.

UEFS/CONSEPE. Resolução CONSEPE N° 137/2017. Aprova o Projeto de Pesquisa **Estudos lexicais no acervo de Eulálio Motta**, sob a coordenação da Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros, do Departamento de Letras e Artes, desta Universidade. Feira de Santana-BA: D.O.E., 12 dez. 2017.

VASCONCELLOS, Simão de. **Chronica da Companhia de Jesu**. 2 ed. Lisboa: A. J. Fernandes Lopes, 1865.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2014.

VICENTE, Flávia Daianna Calcabrine. **Além e aquém de Sergipe do Conde e de Tatuapara: os topônimos no Livro Velho do Tombo**. 2013. 288f. Orientadora: Célia Marques Telles. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura). Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura – Instituto de Letras – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

WEINREICH, Uriel. Is a Structural Dialectology Possible? London: **Word**, v. 10, n. 1-2, 388-400, 1954.

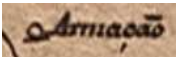
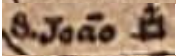
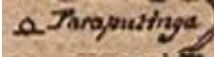
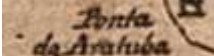
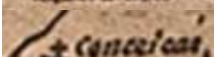

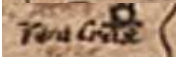
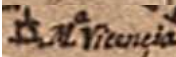



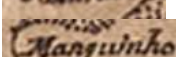
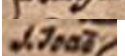
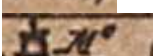
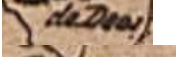

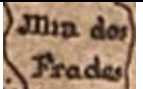
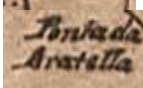
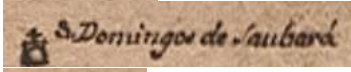
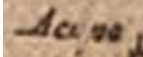
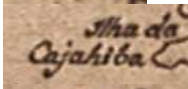
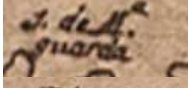
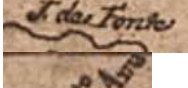
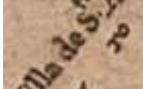

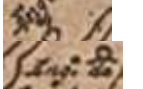
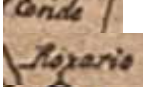
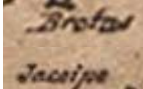
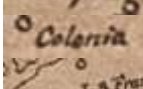
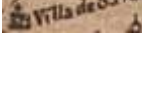

APÊNDICE A - *CORPUS TOPONYMICUM*

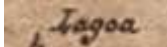
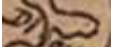

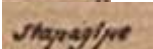
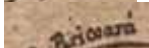
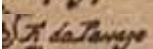
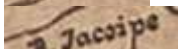
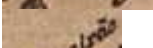
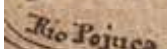
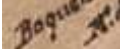
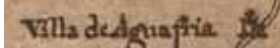

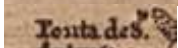
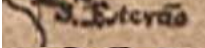
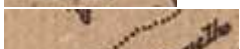
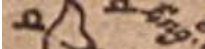
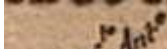




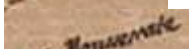

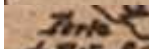
Figura 10 - MCB1 quadriculado

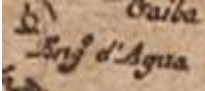
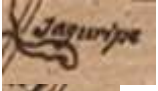
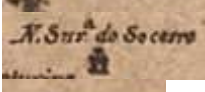
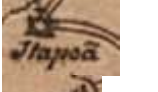
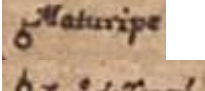
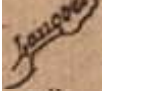
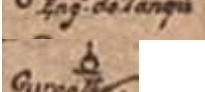

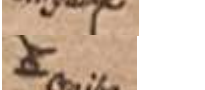
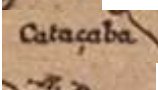
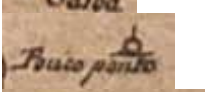
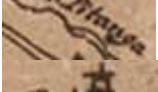
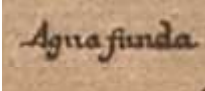
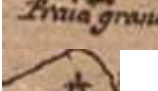
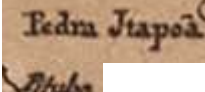
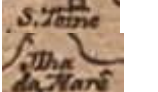

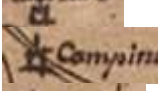
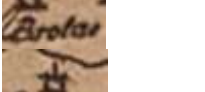
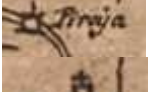

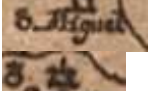
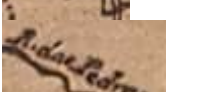
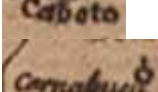
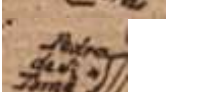
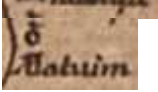






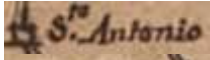

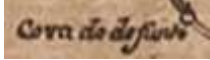
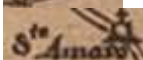
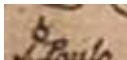
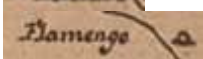
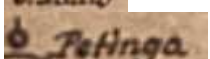
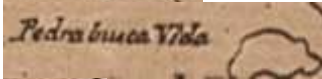
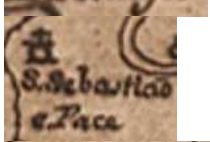

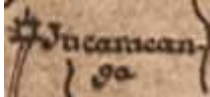
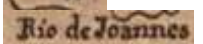
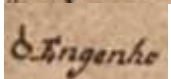
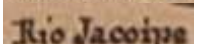
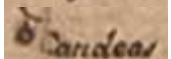
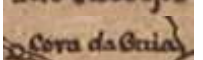
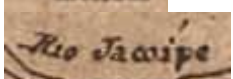
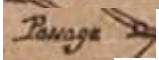
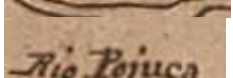




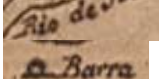
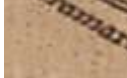
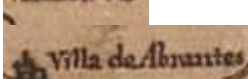
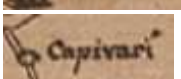
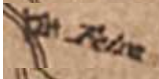
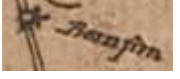
Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional.

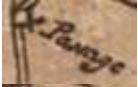
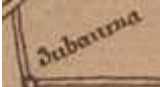
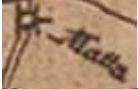

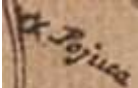
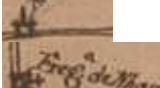
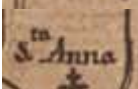


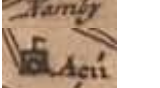
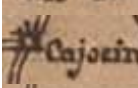
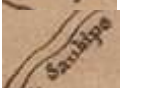
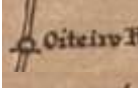
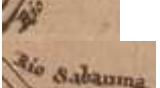


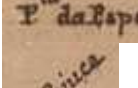
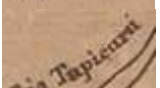
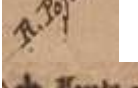
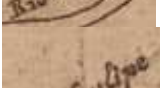
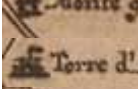
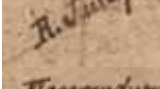
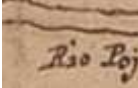
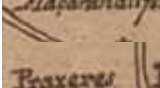
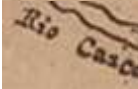
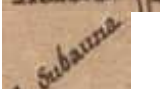

Tabela 21 - Transcrição dos topônimos do MCB1

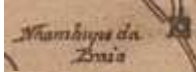



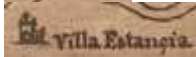
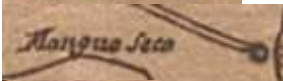

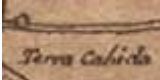


N.	Topônimo	Fac-símile	Localização
1.	Armação		Quadro A-3
2.	S. João		Quadro A-3
3.	Paraputinga		Quadro A-3
4.	Ponta da Aratuba		Quadro A-3
5.	Conceição		Quadro A-3
6.	Ilha de Taparica		Quadro A-3
7.	Vera Cruz		Quadro A-4
8.	M. ^a Vicência		Quadro A-4
9.	Penha		Quadro A-4
10.	Jaburû		Quadro A-4
11.	S. Lourenço		Quadro A-4
12.	Manguinho		Quadro A-4
13.	S. Joaõ		Quadro A-4
14.	M ^c de Deos		Quadro A-5
15.	P. ^{ta} do Lobato		Quadro A-5
16.	J. do Medo		Quadro A-5
17.	Ilha dos Frades		Quadro A-5
18.	Ponta da Aratella		Quadro A-6
19.	S. Domingos de Saubará		Quadro A-6
20.	Acupe		Quadro A-6
21.	Ilha da Cahahiba		Quadro A-6
22.	J. de M. ^a guarda		Quadro A-6
23.	J. das Fontes		Quadro A-6
24.	Villa de S. ^{to} Amaro		Quadro A-7
25.	Engenhos		Quadro A-7
26.	Eng. ^o do Conde		Quadro A-7
27.	Rozario		Quadro A-7
28.	Brotas		Quadro A-7
29.	Jacoipe		Quadro A-7
30.	Colonia		Quadro A-7
31.	Villa de S. Franc. ^o		Quadro A-7

32.	Lagoa		Quadro A-7	46.	Dique		Quadro B-4
33.	R. Subaé		Quadro A-8	47.	Itapagipe		Quadro B-4
34.	R. Pericoará		Quadro A-8	48.	F. da Passage		Quadro B-4
35.	R. Jacoipe		Quadro A-8	49.	Boqueirão		Quadro B-5
36.	Rio Pojuca		Quadro A-10	50.	M.º de Deos		Quadro B-5
37.	Villa de Aguafria		Quadro A-11	51.	S.º Estevão		Quadro B-6
38.	Ponta de S.º Antonio		Quadro B-3	52.	Engº Velho		Quadro B-6
39.	Baixos de R. Vermelho		Quadro B-3	53.	Eng.º das Almas		Quadro B-6
40.	F. de S.º Antº		Quadro B-4	54.	Parnamerim		Quadro B-6
41.	Barra		Quadro B-4				
42.	Vitoria		Quadro B-4				
43.	Forte do Mar		Quadro B-4				
44.	F. de Monsserrate		Quadro B-4	55.	N. Snrª do Monte		Quadro B-6
45.	Forte do R. Vermº		Quadro B-4				

56.	Eng ^o d'Agua		Quadro B-6	71.	Jaguripe		Quadro C-4
57.	N. Snr. ^a do Socorro		Quadro B-6	72.	Jtaoã		Quadro C-4
58.	Maturipe		Quadro B-6	73.	Lançoes		Quadro C-4
59.	Eng ^o . do Tangú		Quadro B-7	74.	Baite		Quadro C-4
60.	Gurgalha		Quadro B-7	75.	Cataçaba		Quadro C-4
61.	Gaiba		Quadro B-7	76.	R. Pitanga		Quadro C-4
62.	Pouco ponto		Quadro B-7	77.	Praia grande		Quadro C-5
63.	Agua funda		Quadro B-10	78.	S. Tome		Quadro C-5
64.	Pedra Jtaoã		Quadro C-3	79.	Ilha da Marê		Quadro C-5
65.	Pituba		Quadro C-4	80.	Campinas		Quadro C-5
66.	Brotas		Quadro C-4	81.	Pirajá		Quadro C-5
67.	S. Braz		Quadro C-4	82.	S. Miguel		Quadro C-5
68.	Armação		Quadro C-4	83.	Caboto		Quadro C-5
69.	R. das Pedras		Quadro C-4	84.	Carnabuçu		Quadro C-5
70.	Pedra de S. Tomê		Quadro C-4	85.	Matuim		Quadro C-5

86.	S. ^{to} Antonio		Quadro C-5	99.	Subauma		Quadro C-12
87.	Cova do defunto		Quadro C-5	100.	S. ^{to} Amaro		Quadro D-4
88.	S. Paulo		Quadro C-6	101.	Flamengo		Quadro D-4
89.	Petinga		Quadro C-6	102.	Pedra busca Vida		Quadro D-4
90.	S. Sebastião e Pace		Quadro C-6	103.	Porto		Quadro D-4
91.	Jucaracanga		Quadro C-6	104.	Rio de Joannes		Quadro D-4
92.	Engenho		Quadro C-6	105.	Rio Jacoipe		Quadro D-4
93.	Candeas		Quadro C-6	106.	Cova da Guia		Quadro D-5
94.	Rio Jacóipe		Quadro C-8	107.	Passage		Quadro D-5
95.	Rio Pojuca		Quadro C-8	108.	Passage		Quadro D-5
96.	Lagoinhas		Quadro C-10	109.	Rio de Joanne		Quadro D-5
97.	Aramaris		Quadro C-10	110.	Barra		Quadro D-5
98.	Subauma		Quadro C-11	111.	Villa de Abrantes		Quadro D-5
				112.	Capivari		Quadro D-5
				113.	Feira		Quadro D-7
				114.	Bomfim		Quadro D-7

115.	Passage		Quadro D-8	129.	Subauma		Quadro E-9
116.	Matta		Quadro D-8	130.	Malheiros		Quadro E-10
117.	Pojuca		Quadro D-8	131.	Freg. ^a de Nhambupe		Quadro E-10
118.	S. ^{ta} Anna		Quadro D-9	132.	Nambý		Quadro E-12
119.	Rio Catú		Quadro D-9	133.	Açú		Quadro F-6
120.	Cajoeiro		Quadro D-9	134.	Rio Sauhipe		Quadro F-7
121.	Oiteiro Redondo		Quadro D-9	135.	Rio Sabauma		Quadro F-9
122.	Nhambupe		Quadro D-12	136.	Rio Nhambupe		Quadro F-10
123.	P. ^{ta} da Espera		Quadro E-5	137.	Rio Tapicurú		Quadro F-11
124.	R. Pojuca		Quadro E-5	138.	R. Sauhipe		Quadro G-6
125.	Monte gordo		Quadro E-6	139.	Maçarandupiô		Quadro G-8
126.	Torre d'Avila		Quadro E-6	140.	Prazeres		Quadro G-9
127.	Rio Pojuca		Quadro E-7	141.	R. Subauna		Quadro H-7
128.	Rio Caicó		Quadro E-8				

142.	Nhambupe da Praia		Quadro H-8	147.	R. Tapicurû		Quadro I-9
143.	Rio Real		Quadro H-12	148.	Villa da Abadia		Quadro I-10
144.	Villa Estância		Quadro H-12	149.	Mangue Seco		Quadro I-10
145.	R. Nhãhupe		Quadro I-8	150.	Terra Cahida		Quadro I-11
146.	Maranhão		Quadro I-9	151.	Rio Real		Quadro J-11


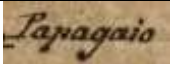
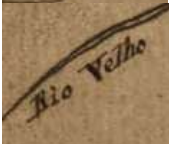


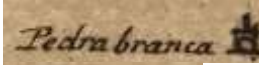
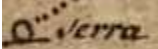
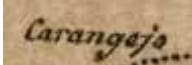
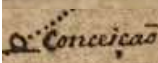
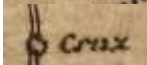
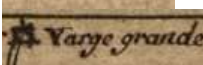
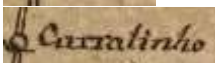

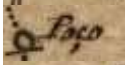
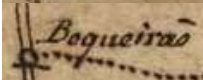
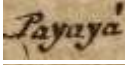
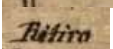
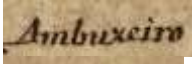
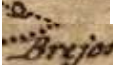

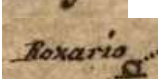

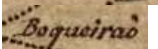
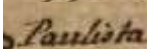
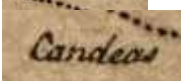
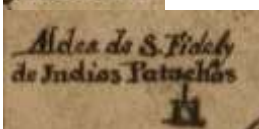
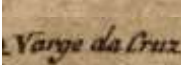
Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

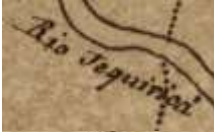
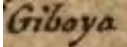
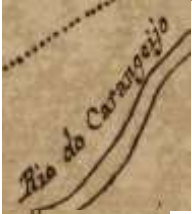
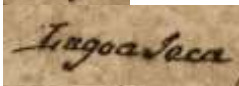
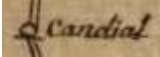
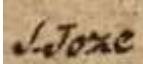
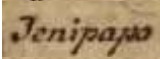
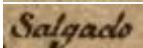
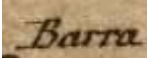
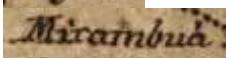
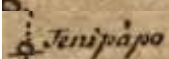
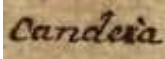
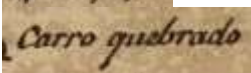
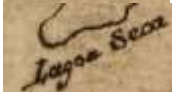
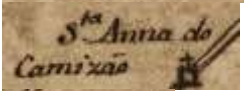
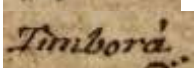

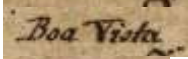
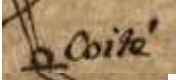
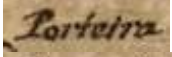
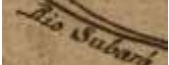
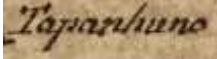
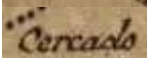
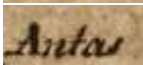
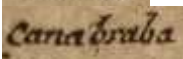
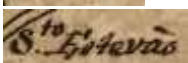
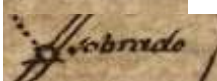
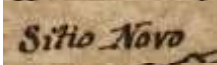
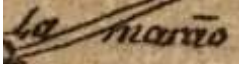
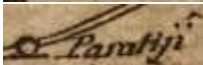
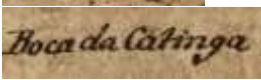
Figura 11 - MCB2 quadriculado

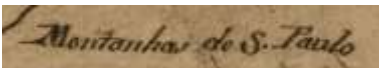
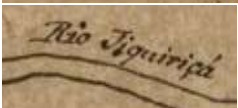
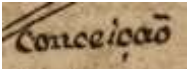
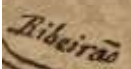
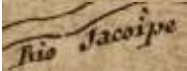



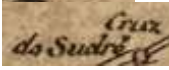
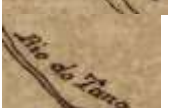
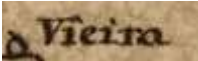
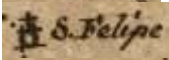
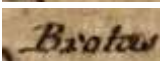
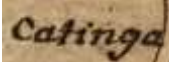
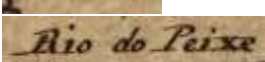
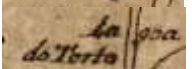
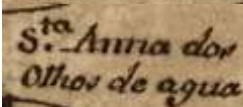
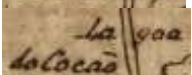
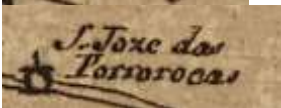
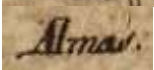
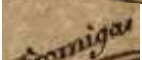
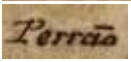

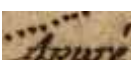
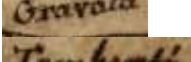

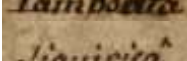

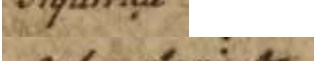
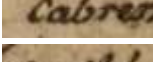


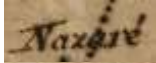
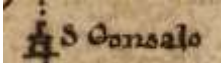
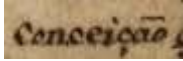

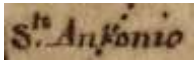
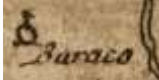
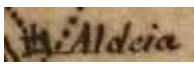
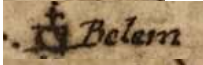
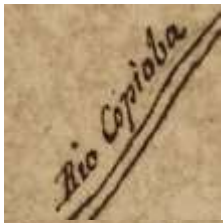
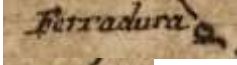


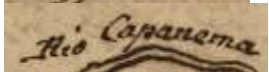
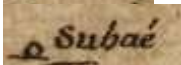

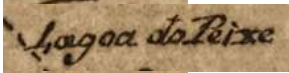
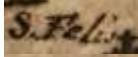
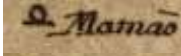

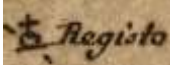
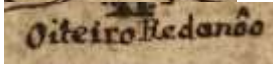
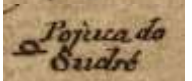
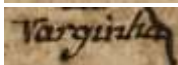

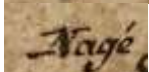
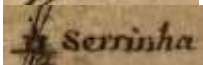
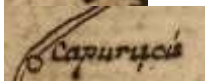
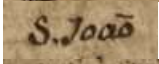


Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional.

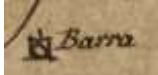
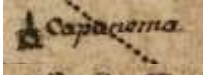
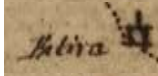
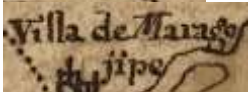
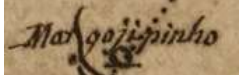



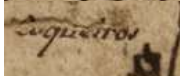
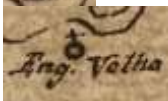
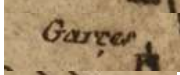


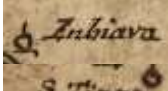
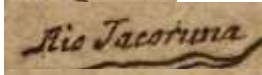
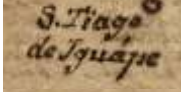
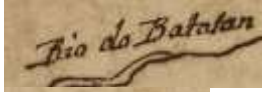
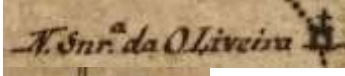
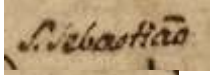
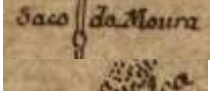
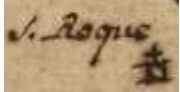

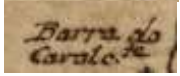
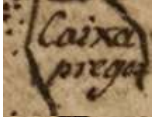
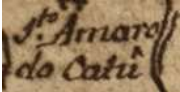
Tabela 22 - Transcrição dos topônimos do MCB2

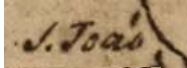
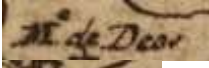
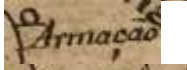


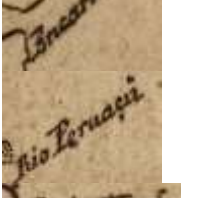
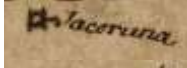
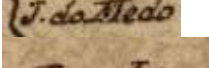
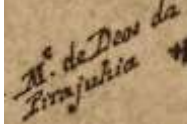
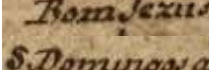
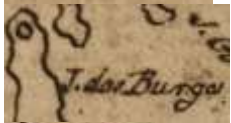

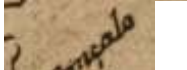
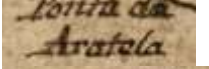
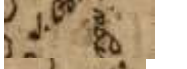
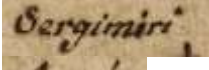
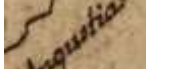
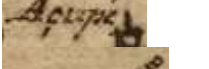
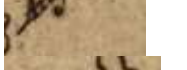
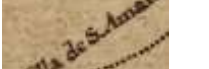
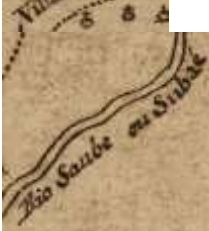
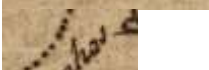
N.	Topônimo	Fac-símile	Localização				
1.	Rio do Camamû		Quadro A-1	15.	Papagaio		Quadro B-11
2.	Rio Velho		Quadro A-2	16.	Rio Jenipápo		Quadro C-3
3.	Pedra Redonda		Quadro A-6	17.	Pedra branca		Quadro C-5
4.	Serra		Quadro A-10	18.	Carangejo		Quadro C-5
5.	Conceição		Quadro A-10	19.	Cruz		Quadro C-7
6.	Varge grande		Quadro A-11	20.	Curralinho		Quadro C-7
7.	Rio do Bom Jesus		Quadro B-2	21.	Poço		Quadro C-8
8.	Boqueirão		Quadro B-7	22.	Payayá		Quadro C-8
9.	Ritiro		Quadro B-8	23.	Ambuzeiro		Quadro C-8
10.	Brejos		Quadro B-8	24.	Rio do Peixe		Quadro C-9
11.	Rozario		Quadro B-9	25.	Rio Jacohípe		Quadro C-10
12.	Boqueiraò		Quadro B-9	26.	Paulista		Quadro C-11
13.	Candeas		Quadro B-10	27.	Aldea de S. Fidely de Indios Patachós		Quadro D-1
14.	Varge da Cruz		Quadro B-11				


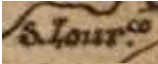

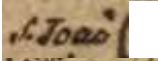
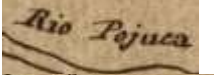
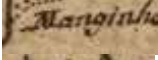
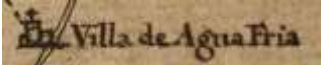
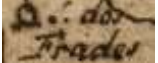
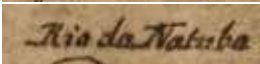
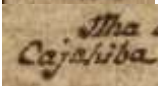
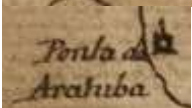

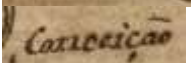
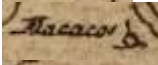
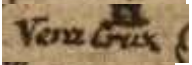
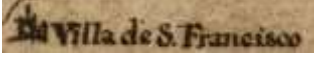
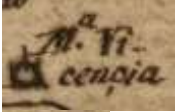
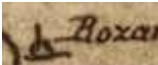

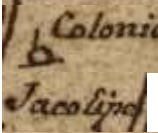
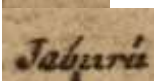

28.	Rio Jequiriçá		Quadro D-2	41.	Giboya		Quadro E-4
29.	Rio do Carangeijo		Quadro D-4	42.	Lagoa Seca		Quadro E-6
30.	Candial		Quadro D-7	43.	S. Joze		Quadro E-6
31.	Jenipapo		Quadro D-7	44.	Salgado		Quadro E-7
32.	Barra		Quadro D-7	45.	Mirambuá		Quadro E-7
33.	Jenipápo		Quadro D-8	46.	Candeia		Quadro E-7
34.	Carro quebrado		Quadro D-8	47.	Lagoa Seca		Quadro E-7
35.	S. ^{ta} Anna do Camizão		Quadro D-10	48.	Timborá		Quadro E-7
36.	Rio Paratiçá		Quadro D-10	49.	Boa Vista		Quadro E-7
37.	Coité		Quadro D-11	50.	Porteira		Quadro E-8
38.	Rio Subará		Quadro E-1	51.	Tapanhuno		Quadro E-8
39.	Cercado		Quadro E-3	52.	Antas		Quadro E-8
40.	Cana braba		Quadro E-3	53.	S. ^{to} Estevão		Quadro E-8
				54.	Sobrado		Quadro E-8
				54.	Sítio Novo		Quadro E-9
				55.	Lamarão		Quadro E-9
				56.	Paratiçá		Quadro E-9
				57.	Boca da Catinga		Quadro E-12

58.	Montanhas de S. Paulo		Quadro F-1	74.	Gandû		
59.	Rio Jiquiriçá		Quadro F-2	74.	Conceição		Quadro F-7
60.	Ribeirão		Quadro F-3	75.	Rio Jacoipe		Quadro F-8
61.	Rio Jaguaribe		Quadro F-3	76.	Jacaré		Quadro F-8
62.	Rio da Giboya		Quadro F-4	77.	Cruz do Sudré		Quadro F-8
63.	Rio do Tanque		Quadro F-4	78.	Vieira		Quadro F-8
64.	S. Felipe		Quadro F-5	79.	Brotas		Quadro F-8
65.	Catinga		Quadro F-6	80.	Rio do Peixe		Quadro F-9
66.	Lagoa do Torto		Quadro F-6	81.	S. ^{ta} Anna dos Olhos de agua		Quadro F-9
68.	Lagoa do Cocão		Quadro F-6	82.	S. Joze das Porrócas		Quadro F-10
69.	Almas		Quadro F-6	83.	Fromigã		Quadro F-10
70.	Perrão		Quadro F-6	84.	Gravatá		Quadro F-11
71.	Apuré		Quadro F-7	85.	Tamboatá		Quadro F-12
72.	Jacoipe		Quadro F-7	86.	Jequiriçá		Quadro G-2
73.	Tabuleiro de		Quadro F-7	87.	Cabrentante		Quadro G-2
				88.	Caribé		Quadro G-2

89.	Nazaré		Quadro G-3	104.	S. Gonsalo		Quadro G-7
90.	Conceição		Quadro G-3	105.	Villa da Caxoeira		Quadro G-7
91.	S. ^{to} Antonio		Quadro G-3	106.	Buraco		Quadro G-7
92.	Aldeia		Quadro G-3	107.	Belem		Quadro G-7
93.	Rio Copioba		Quadro G-4	108.	Ferradura		Quadro G-8
94.	Rio das Tijucas		Quadro G-4	109.	Limoeiro		Quadro G-8
95.	Rio Capanema		Quadro G-5	110.	Subaé		Quadro G-9
96.	Muiritiba		Quadro G-6	111.	Lagoa do Peixe		Quadro G-9
97.	S. Felis		Quadro G-6	112.	Mamão		Quadro G-9
98.	R. Cavainhava		Quadro G-6	113.	Registo		Quadro G-9
99.	Oiteiro Redonô		Quadro G-6	114.	Pojuca do Sudré		Quadro G-9
100.	Varginha		Quadro G-6	115.	Rio Pojuca		Quadro G-9
101.	Nagé		Quadro G-6	116.	Serrinha		Quadro G-12
102.	Capuruçú		Quadro G-7	117.	S. João		Quadro H-1
103.	R. Cangalheiro		Quadro G-7	118.	Rio Jequiriçá		Quadro H-1

119.	Barra		Quadro H-2	131.	Capanema		Quadro H-6
120.	Estiva		Quadro H-2	132.	Villa de Maragojipe		Quadro H-6
121.	Margojipinho		Quadro H-3	133.	Eng.º da Pont(e)		Quadro H-6
122.	Villa de Jaguaripe		Quadro H-3	134.	Forte		Quadro H-6
123.	Coqueiros		Quadro H-3	135.	Eng. Velho		Quadro H-6
124.	Garças		Quadro H-3	136.	S. Fran.º		Quadro H-6
125.	Ilha de S. ^{ta} Anna		Quadro H-3	137.	Enbiava		Quadro H-7
126.	Rio Jacoruna		Quadro H-4	138.	S. Tiago de Iguapé		Quadro H-7
127.	Rio Batatan		Quadro H-5	139.	N. Snr. ^a da Oliveira		Quadro H-8
128.	S. Sebastião		Quadro H-5	140.	Saco do Moura		Quadro H-12
129.	S. Roque		Quadro H-5	141.	Barra falça		Quadro I-2
130.	Barra do Cavalc. ^{te}		Quadro H-5	142.	Caixapregos		Quadro I-3
				143.	S. ^{to} Amaro do Catû		Quadro I-3

144.	S. João		Quadro I-3	155.	M.º de Deos		Quadro I-5
145.	Armação		Quadro I-3	156.	Encarnação		Quadro I-5
146.	Ilha de Taparica		Quadro I-3	157.	Rio Peruaçu		Quadro I-5
147.	Jacoruna		Quadro I-4	158.	J. do Medo		Quadro I-5
148.	M.º de Deos da Pirajuhia		Quadro I-4	159.	Bom Jezus		Quadro I-6
149.	J. dos Burgos		Quadro I-4	160.	S. Domingos da Saubura		Quadro I-6
150.	S. Gonçalo		Quadro I-4	161.	Ponta da Aratela		Quadro I-6
152.	Angustias		Quadro I-4	162.	Sergimiri		Quadro I-7
153.	I. Cavalc ^{te}		Quadro I-4	163.	Açupé		Quadro I-7
154.	N. S. da Esper. ^{ca}		Quadro I-4	164.	Villa de S. Amaro		Quadro I-7
				165.	Rio Soube ou Subaé		Quadro I-8
				166.	Engenhos		Quadro I-8

167.	Rio Pericoara		Quadro I-8	178.	S. Lour. ^{co}		Quadro J-4
168.	Rio Jacohipe		Quadro I-8	179.	S. Joaô		Quadro J-4
169.	Rio Pojuca		Quadro I-10	180.	Manginho		Quadro J-5
170.	Villa de Agua Fria		Quadro I-11	181.	J. dos Frades		Quadro J-5
171.	Rio do Natuba		Quadro I-12	182.	Ilha da Cahahiba		Quadro J-6
172.	Ponta da Aratuba		Quadro J-3	183.	Eng ^o do Conde		Quadro J-7
173.	Conceição		Quadro J-3	184.	Macacos		Quadro J-7
174.	Vera Cruz		Quadro J-4	185.	Villa de S. Francisco Rozario		Quadro J-7
175.	M. ^a Vicência		Quadro J-4	186.	Colonia		Quadro J-7
176.	Penha		Quadro J-4	187.	Jacohipe		Quadro J-8
177.	Jaburú		Quadro J-4	188.	Rio Pojuca		Quadro J-9

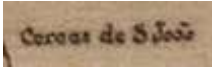

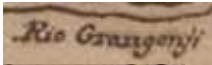
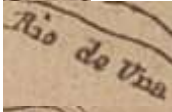
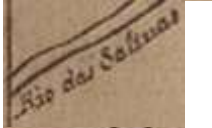
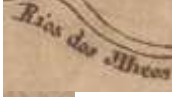
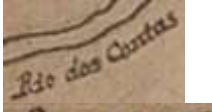

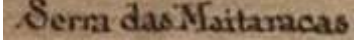
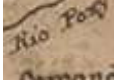
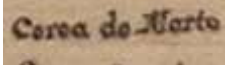
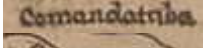
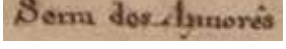

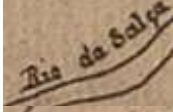
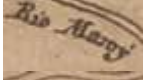
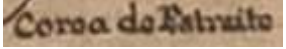
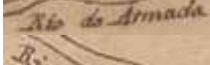
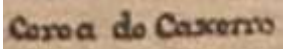

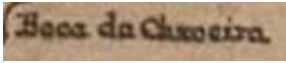


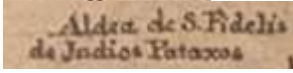
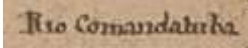
Fonte: Elaborada pelo pesquisador.


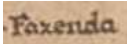
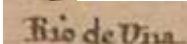
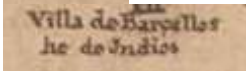
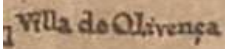
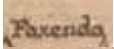
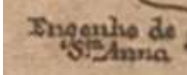
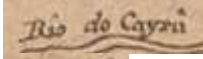
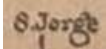
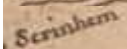
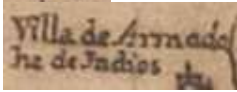
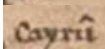
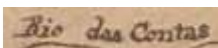
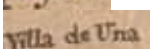
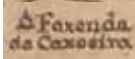
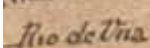
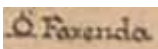
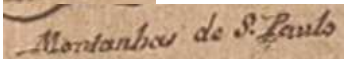
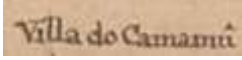
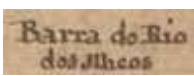

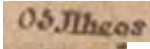

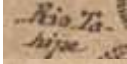
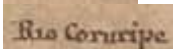
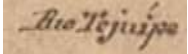
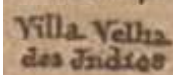
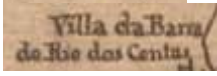
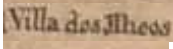
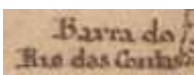
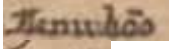
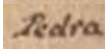
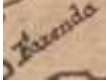
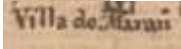
Figura 12 - MCI quadriculado

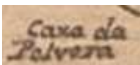
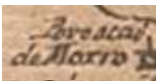
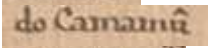

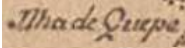
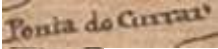
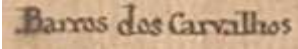
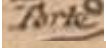
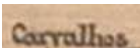
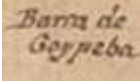
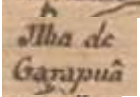
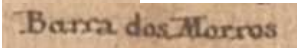
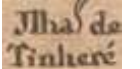


Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional.

Tabela 23 - Transcrição dos topônimos do MCI

N.	Topônimo	Fac-símile	Localização				
1.	Coroas de S João		Quadro A-3	13.	Palipe		Quadro D-1
2.	Rio Grangenji		Quadro A-6	14.	Rio de Una		Quadro D-3
3.	Rio das Salinas		Quadro A-7	15.	Rios dos Ilheos		Quadro D-6
4.	Rio das Contas		Quadro A-9	16.	Poxy		Quadro E-1
5.	Serra das Maitaracas		Quadro B-1	17.	Rio Poxý		Quadro E-1
6.	Coroa do Morto		Quadro B-3	18.	Comandatuba		Quadro E-1
7.	Serra dos Aymorês		Quadro B-4	19.	Rio Comandatuba		Quadro E-2
8.	Rio da Salça		Quadro C-1	20.	Rio Maroy		Quadro E-4
9.	Coroa do Estreito		Quadro C-2	21.	Rio da Armada		Quadro E-7
10.	Coroa do Cax(er)ro		Quadro C-3	22.	Rio do Camamû		Quadro E-9
11.	Boca da Caxoeira		Quadro D-1	23.	Rio Serinhem		Quadro E-10
12.	Rio de Poxý ou R. Pardo		Quadro D-1	24.	Aldea de S. Fidelis de Indios Pataxos		Quadro E-12
				25.	Rio Comandatuba		Quadro F-2

26.	Una		Quadro F-3	43.	Fazenda		Quadro G-8
27.	Rio de Una		Quadro F-3	44.	Villa de Barçellos he de Indios		Quadro G-9
28.	Villa de Olivença		Quadro F-4	45.	Fazenda		Quadro G-9
29.	Engenho de S. ^{ta} Anna		Quadro F-5	46.	Rio do Cayrû		Quadro G-11
30.	S. Jorge		Quadro F-6	47.	Serinhem		Quadro G-11
31.	Villa de Armada he de Indios		Quadro F-6	48.	Cayrû		Quadro G-12
32.	Rio das Contas		Quadro F-7	49.	Villa de Una		Quadro G-12
33.	Fazenda Caxoeira		Quadro F-8	50.	Rio de Una		Quadro G-12
34.	Fazenda		Quadro F-9	51.	Montanhas de S. Paulo		Quadro G-12
35.	Villa do Camamû		Quadro F-10	52.	Barra do Rio dos Ilheos		Quadro H-5
36.	Villa de Santarem he de Indios		Quadro F-11	53.	Os Ilheos		Quadro H-6
37.	Rio Saborâ		Quadro F-12	54.	Rio Tahipe		Quadro H-6
38.	Rio Coruripe		Quadro G-4	55.	Rio Tejuípe		Quadro H-7
39.	Villa Velha dos Indios		Quadro G-4	56.	Villa da Barra do Rio das Contas		Quadro H-7
40.	Villa dos Ilheos		Quadro G-6	57.	Barra do Rio das Contas		Quadro H-8
41.	Memuhão		Quadro G-6	58.	Pedra		Quadro H-8
42.	Fazenda		Quadro G-7	59.	Villa do Maraû		Quadro H-8

60.	Caxa da Polvora		Quadro H-9	67.	Povoacao de Morro		Quadro H-11
61.	do Camamû		Quadro H-10	68.	Villa do Cayrû		Quadro H-12
62.	Ilha de Quepe		Quadro H-10	69.	Ponta do Currar		Quadro H-12
63.	Barros dos Carvalhos		Quadro H-10	70.	Forte		Quadro H-12
64.	Carvalhos		Quadro H-10	71.	Barra de Goypeba		Quadro I-11
65.	Ilha de Garapuâ		Quadro H-10	72.	Barra dos Morros		Quadro I-12
66.	Ilha de Tinheré		Quadro H-11				

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.